



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

Campus de Presidente Prudente

MICHELE DE SOUSA

A PRODUÇÃO DA DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MOSSORÓ-RN

Presidente Prudente

2016



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

Campus de Presidente Prudente

MICHELE DE SOUSA

A PRODUÇÃO DA DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL EM MOSSORÓ-RN

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, Campus de Presidente Prudente, como requisito para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker.

Presidente Prudente

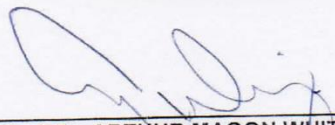
2016

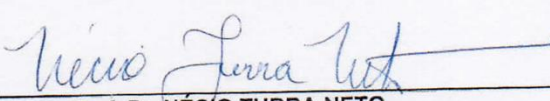
Sousa, Michele de.
S--- A produção da diferenciação socioespacial em Mossoró-RN. /
Michele de Sousa. - Presidente Prudente : [s.n], 2016
xii, 287 f. : il.

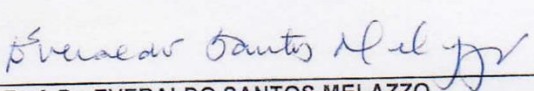
Orientador: Arthur Magon Whitacker
Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de
Ciências e Tecnologia
Inclui bibliografia

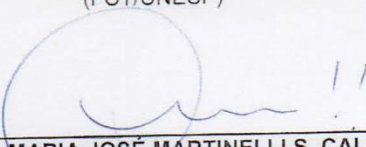
1. Produção do espaço. 2. Diferenciação socioespacial. 3.
Mossoró-RN. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de
Ciências e Tecnologia. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

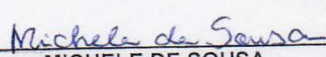

Prof. Dr. ARTHUR MAGON WHITACKER
ORIENTADOR


Prof. Dr. NÉCIO TURRA NETO
(FCT/UNESP)


Prof. Dr. EVERALDO SANTOS MELAZZO
(FCT/UNESP)


Profa. Dra. MARIA JOSÉ MARTINELLI S. CALIXTO
(UFGD)


Prof. Dr. OSCAR ALFREDO SOBARZO MIÑO
(UFS)


MICHELE DE SOUSA

Presidente Prudente (SP), 29 de janeiro de 2016.

RESULTADO: APROVADO

Aos meus pais, Milton e Rússia; aos meus irmãos, Milton Filho e Marcelo; a irmã de coração, Nara. Amor e gratidão!

Aos meus sobrinhos: Davi, você me mostrou um amor que eu não conhecia; Saulo, você está por chegar e a titia já ama muito! Vocês enchem a vida da titia do mais puro amor e da mais genuína alegria!

À minha avó Lucíola (*in memoriam*). Vó, agora sou “doutora” como a senhora queria! Mesmo sem saber, foste a primeira incentivadora e “profetiza” deste projeto. Te amo!

AGRADECIMENTOS

Alguns acontecimentos nas nossas vidas nos fazem refletir e pensar... parece mesmo que foi tudo planejado! Alguns chamam de coincidência, outros de destino, outros de sorte, mas para mim, trata-se de propósito, um plano “escrito pelo dedo de Deus”! Para que o “propósito doutorado” se cumprisse, várias foram as pessoas “usadas” e “enviadas” para a minha vida! Assim, quero expressar minha gratidão a quem tornou possível a concretização desse projeto.

Ao meu orientador, Arthur, porque desde o primeiro momento a sua preocupação não foi somente com o trabalho em si, mas com a pessoa que estava diante dele, muitas vezes cheia de dúvidas, angústias, preocupações... mas você soube lidar com toda essa espiral emocional e, então, conseguiu me ajudar a refletir sobre o trabalho. Ao final, como em um quebra-cabeças, eu consegui “encaixar as peças” e compreender muitos dos “toques”, detalhes e conselhos profissionais e para a vida, que me deu ao longo desse tempo. Em umas das suas primeiras orientações, disse-me que, ao final do trabalho, eu não tinha que ter todas as respostas, mas sim outras dúvidas que gerassem novos questionamentos e novas pesquisas. Assim, eu entendi que o doutorado é um processo que não se encerra em si mesmo, é só o início de muitas outras possibilidades.

Aos professores do PPGEIO, em especial Eda Goes e Nécio Turra pela atenção sempre que solicitada, pela leitura atenta e pelas pertinentes contribuições no exame geral de qualificação. Também aos professores que gentilmente participaram da banca de defesa, Nécio Turra, Everaldo Santos Melazzo; e os membros externos Maria José Martinelli S. Calixto e Oscar Alfredo Sobarzo Miño, pela leitura paciente e reflexiva desta tese.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação, que sempre foram atenciosos, prestativos e receptivos no intuito de colaborar com o bom andamento de todos os processos pelos quais passamos durante a pós-graduação. Um agradecimento especial a Cinthia, que foi com quem tive mais contato, a quem mais “aperriei” e, por isso, a que mais teve que exercitar a paciência comigo (risos); você foi um anjo que Deus colocou na minha vida, tenho muito, muito carinho por ti e uma enorme gratidão!

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e aos meus colegas de departamento, pois me possibilitaram cursar o doutorado liberada das atividades profissionais.

Aos ex-alunos do curso de turismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte que me ajudaram a aplicar os formulários desta pesquisa, Clara Maria, Fernanda Gabriela, Laydna Rochelle e Estevam Serafim.

Um amigo uma vez disse-me que o que marca os lugares não são necessariamente as paisagens, mas sim as pessoas! Comigo, em Prudente, foi assim! Outra amiga disse-me que Deus sempre coloca “anjos” ao meu redor, por onde quer que eu vá, e em Prudente eu tive anjos disfarçados de amigos! Muito obrigada à “família prudentina”: Aline, Carmem, Priscila, Antônio, sem vocês tudo teria sido mais difícil e sem graça! Não tenho como agradecer pelo amor, pelo cuidado, pela companhia, pelos abraços, pelas conversas e conselhos, pelas trocas acadêmicas, pelas trocas gastronômicas, por tantos momentos vivenciados e compartilhados, amo vocês! Gratidão por tudo!

Ao casal Wagner e Edna, meus irmãos na fé, que foram amizade e acolhimento sempre que precisei, que me receberam por mais de uma vez em sua casa e compartilharam comigo não apenas conhecimentos acadêmicos, esse foi apenas o canal para partilharem amor, fé e esperança! Muita, muita gratidão! Vocês estão no meu coração!

A todos os amigos que foram incentivo e me deram palavras de ânimo! Em especial às amigas Rai Marques e Ingrid Lima, que também me ajudaram, quando solicitei, a revisar a digitação; a amiga Noêmia Braga e a prima Sandra Kelma pela torcida e pelas orações; a prima Rosiane Miranda que quando me via muito “agoniada” dizia: “me entregue esse trabalho que eu vou terminar por você!”, e isso era motivo de boas risadas em momentos não tão risonhos.

À amiga Rosa Rodrigues, que partilhou amor e solidariedade, disponibilizando um tempo precioso durante o doutorado dela para ler e refletir comigo sobre a minha tese em um momento crucial e muito difícil desse processo. Suas atitudes falam quem você é Rosa! Minha eterna gratidão!

Aos primos Roseline e Fernando, pelos momentos de “recarga de bateria familiar” em Prudente, por todas as vezes que me acolheram na sua casa, eu me senti muito bem vinda, muito bem cuidada e muito amada, e isso foi fundamental em dias menos tranquilos! Sou muito, muito grata a Deus pela vida de vocês, por partilharem

perseverança, por esse laço de amor que “apertou” e nos uniu mais ainda com a chegada da minha afilhada Larinha! Amo e admiro vocês, muito!

À amiga que Deus me deu, irmã de fé, irmã de coração, Nara Azevedo. Não esqueço que, não fossem suas palavras de incentivo e chantagem (hahaha) eu não teria me inscrito para a seleção do doutorado. Não esqueço de todo apoio e suporte, de perto e de longe, durante todo o período do curso. Nunca esquecerei que experienciei, quando mais precisei, o versículo que diz “o amigo ama em todos os momentos, é um irmão na adversidade” (Pv. 17:17), pois estiveste comigo nas batalhas que enfrentei durante esse ciclo, sempre com palavras, gestos e ações de amizade e carinho, bem como vibraste e te alegraste em cada conquista e vitória! Você e sua mãe, dona Dalva, cuidaram e cuidam de mim como se da família de vocês fosse, me fazem tanto bem! Sou muito grata a Deus pela vida de vocês! Amo!

À minha família, que me apoia, incentiva e me dá mão, colo e porto seguro quando as coisas ficam difíceis. Aos meus pais, Milton e Rússia, sou grata por todo amor demonstrado em todos os gestos, pelo cuidado e suporte, por tudo que me proporcionaram, pela educação e por todas as pequenas e grandes conquistas, vocês são parte de todas elas. Aos meus irmãos, Milton Filho e Marcelo, que são meus companheiros de jornada, de vida, que foram e são parceiros e companheiros em palavras e gestos de carinho, cuidado e apoio. Às minhas cunhadas, Camila e Larissa que fizeram parte da torcida para o sucesso desta empreitada e pelas palavras ditas constantemente: calma, vai dar tudo certo! Ao meu sobrinho Davi, que trouxe muito amor e muita alegria para as nossas vidas, junto a você a titia esquece um pouco do mundo! Ao meu sobrinho Saulo, que está por chegar e traz com ele a promessa da multiplicação do amor e da alegria! Obrigada meus amores por compartilhar comigo os pequenos e grandes momentos, por vivenciarem em família as angústias e alegrias deste doutorado e desta vida, por sermos família de verdade, por partilharmos amor, boas energias e bons desejos que nos fazem crescer e florescer! Eu não teria conseguido sem vocês! Amo, amo e AMO, incondicionalmente!

A Deus, que creio, seja o autor de todos esses encontros de vida que tive em Prudente, que me possibilitaram permanecer e criar laços. Por me permitir cumprir o “propósito doutorado”, porque nenhum dos Teus planos pode ser frustrado! Muito, muito obrigada por Teu amor, por Teu cuidado na minha vida! Tenho convicção que “Tudo o que tenho, tudo o que sou e o que vier a ser, vem de Ti Senhor”.

“Um dos aspectos da desigualdade é a singularidade – isto é, não o ser este homem mais, neste ou naquele característico, que outros homens, mas o ser tão-somente diferente deles.”

(Fernando Pessoa)

RESUMO

Esta tese trata do tema da diferenciação socioespacial na cidade de Mossoró-RN, segunda maior cidade do Estado do Rio Grande do Norte, que é analisada a partir da investigação e do estudo da transformação da área urbana, engendrada pelos novos equipamentos voltados para a prática e consumo do lazer, da cultura, do turismo e do entretenimento, bem como da valorização imobiliária seletiva. Busca-se, com base nesses elementos, analisar e compreender a reprodução dessa diferenciação socioespacial. Procura-se compreender a produção desigual do espaço urbano de Mossoró e a própria construção dessa desigualdade, para, então, investigar quais áreas na cidade estão sendo valorizadas (sob vários aspectos) e quais são os agentes que estão “orquestrando” esse processo. É também nossa preocupação avaliar como a diferenciação socioespacial ocorre e se é reproduzida também por meio das práticas espaciais. Percebe-se que a diferenciação socioespacial em Mossoró se revela em seu espaço urbano por processos que foram se mantendo ao longo do tempo e por fatores de âmbito local, nacional ou até global, que se combinaram ao preexistente. Conclui-se, assim, que o processo de produção do espaço urbano de Mossoró dá-se marcado pela diferenciação socioespacial, e que esse processo caracteriza-se por uma combinação de mudanças e permanências.

Palavras-chave: Produção do espaço. Diferenciação socioespacial. Práticas espaciais. Espaço intraurbano. Mossoró-RN.

ABSTRACT

This thesis deals with the issue of socio-spatial differentiation in the city of Mossoro-RN, the second largest city of Rio Grande do Norte State. It was studied and analyzed the transformation of the urban area engendered by the new equipment designed to leisure practice and consumption, culture, tourism and entertainment, as well as, the selective real estate valuation. The analysis and understandings of reproduction of socio-spatial differentiation was based in these aspects. It was tried to understand the uneven production of urban space of Mossoro and the actual construction of this inequality, to then investigate which areas in the city would be appreciating (in many ways) and who are the agents that were "orchestrating" the process. It was also our concern assess how socio-spatial differentiation occurs and is also reproduced by means of socio-spatial practices. It is noticed that the socio-spatial differentiation in Mossoro is revealed in its urban space, in processes that have remained over time, and local, national or global level factors to combine the existing. Therefore, in conclusion, the process of urban space production in Mossoro was marked by socio-spatial differentiation, and this process was characterized by a combination of changes and stays.

Keywords: Production of space. Socio-Spatial differentiation.; Spatial practices. Intra-urban space. Mossoró.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mossoró/RN. Localização, 2013.....	63
Figura 2 -	Planta da cidade de Mossoró - 1883.....	67
Figura 3 -	Mossoró/RN. Conservatório de Música da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2014.....	68
Figura 4 -	Mossoró/RN. Sede da Prefeitura Municipal, 2012.....	69
Figura 5 -	Planta da cidade de Mossoró - 1917.....	73
Figura 6 -	Mossoró/RN. Expansão da área urbana nas décadas de 1950 e 1975.....	76
Figura 7 -	Mossoró/RN. Expansão da área urbana no período de 1940 a 2013.....	86
Figura 8 -	Mossoró/RN. Localização dos bairros Santo Antônio (trecho das vias de localização de edifícios e aglomeração subnormal), Nova Betânia (<i>shopping</i>), Centro e Avenida Rio Branco, no trecho do Corredor Cultural de Mossoró, 2015.....	95
Figura 9 -	Mossoró/RN. Condomínios verticais e horizontais no bairro Nova Betânia em março de 2011.....	98
Figura 10 -	Mossoró/RN. Avenida Presidente Dutra, bairro Alto de São Manoel, 2012.....	103
Figura 11 -	Mossoró/RN. Solicitação de alvarás para construção de imóveis multifamiliares – 1973 a 2010.....	104
Figura 12 -	Mossoró/RN. Empreendimentos multifamiliares, 2013.....	109
Figura 13 -	Mossoró/RN. Loteamentos, 2015.....	113
Figura 14 -	Mossoró/RN. Localização dos condomínios e loteamentos por bairros, 2014.....	117
Figura 15 -	Mossoró/RN. Avenida Rio Branco no trecho do Corredor Cultural de Mossoró (tracejado em vermelho), 2015.....	120
Figura 16 -	Mossoró/RN. Alguns equipamentos do Corredor Cultural de Mossoró, 2013.....	122
Figura 17 -	Mossoró/RN. Empreendimentos na Avenida Rio Branco, 2014/2015.....	125

Figura 18 -	Mossoró/RN. Uso e ocupação do solo no entorno do Corredor Cultural, 2015.....	128
Figura 19 -	Mossoró/RN. Avenida João da Escóssia, 2015.....	130
Figura 20 -	Mossoró/RN. Comércio e serviços na Avenida João da Escóssia, 2013.....	132
Figura 21 -	Mossoró/RN. Projeto Complexo Acrópole, 2008 e Projeto Shopping Center “Palácio do Sal”, 2009.....	135
Figura 22 -	Mossoró/RN. Plano amostral, 2013.....	139
Figura 23 -	Mossoró/RN. Mossoró Cidade Junina, 2008/2014.....	163
Figura 24 -	Mossoró/RN. Memorial da Resistência, 2015.....	166
Figura 25 -	Mossoró/RN. Projetos na Avenida Rio Branco, 2013.....	171
Figura 26 -	Mossoró/RN. Praça dos Esportes no Corredor Cultural, 2014.....	210
Figura 27 -	Mossoró/RN. Aluguel de brinquedos e comercialização de alimentos e bebidas no espaço público, 2014.....	211
Figura 28 -	Mossoró/RN. Consumo de Vestuário, por perfil, 2014.....	220
Figura 29 -	Mossoró/RN. Consumo de Calçados, por perfil, 2014.....	226
Figura 30 -	Mossoró/RN. Consumo de Eletrodomésticos, por perfil, 2014.....	227

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Mossoró/RN. Quadro síntese da diferenciação socioespacial e seus agentes na produção do espaço urbano de Mossoró no período do século XIX ao século XXI, 2013.....	88
Quadro 2 -	Mossoró/RN. Solicitações de alvará para construção de imóveis multifamiliares - 1973 a 2010. 2013.....	94
Quadro 3 -	Mossoró/RN. Número de unidades construídas ou em construção de habitações multifamiliares por bairro e por ano – 1991 – 2010. 2013.....	110
Quadro 4 -	Mossoró/RN. Número de ocorrências de cada classe da legenda da Figura 18.....	129
Quadro 5 -	Mossoró/RN. Distribuição de agrupamentos dos bairros pesquisados, 2013.....	138
Quadro 6 -	Mossoró/RN. Características mais lembradas acerca do centro da cidade, por agrupamento de bairros, 2013.....	186
Quadro 7 -	Mossoró/RN. Características mais lembradas acerca do <i>shopping center</i> da cidade, por agrupamento de bairros, 2013.....	201
Quadro 8 -	Mossoró/RN. Características mais lembradas acerca do Corredor Cultural, por agrupamento de bairros, 2013.....	213
Quadro 9 -	Mossoró/RN. Opinião sobre a transformação/refuncionalização da Avenida Rio Branco, 2013.....	214
Quadro 10 -	Mossoró/RN. Perfis socioeconômicos, 2013.....	219
Quadro 11 -	Mossoró/RN. Perfis que não consomem nesses espaços.....	230
Quadro 12 -	Mossoró/RN. Perfis dos usuários do <i>shopping center</i> como espaço de lazer.....	232
Quadro 13 -	Mossoró/RN. Perfis dos usuários do Corredor Cultural como espaço de lazer.....	233

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Mossoró/RN. Preço médio* dos terrenos nos bairros de Mossoró - 1995, 2000, 2005 e 2010.....	100
Tabela 2 -	Mossoró/RN. Responsável pelas respostas do formulário e sua faixa etária, por agrupamento de bairros, 2013.....	144
Tabela 3 -	Mossoró/RN. Escolaridade dos respondentes e faixa de renda do responsável pelo domicílio, por agrupamento de bairros, 2013....	146
Tabela 4 -	Mossoró/RN. Meio de transporte da família, por agrupamento de bairros, 2013.....	148
Tabela 5 -	Mossoró/RN. Meio de transporte da família e frequentadores do Corredor Cultural e <i>shopping center</i> da cidade, 2013.....	148
Tabela 6 -	Mossoró/RN. Locais que os respondentes não utilizam/ frequentam, por agrupamento de bairros, 2013.....	154
Tabela 7 -	Mossoró/RN. O que o respondente gosta na cidade de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.....	159
Tabela 8 -	Mossoró/RN. Símbolo da cidade de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.....	162
Tabela 9 -	Mossoró/RN. Insegurança urbana em Mossoró na opinião dos respondentes, por agrupamento de bairros, 2013.....	176
Tabela 10 -	Mossoró/RN. Localidade na cidade onde os respondentes foram vítimas de furto ou roubo, por agrupamento de bairros, 2013.....	176
Tabela 11 -	Mossoró/RN. Motivos dos respondentes considerarem Mossoró uma cidade perigosa, por agrupamento de bairros, 2013.....	178
Tabela 12 -	Mossoró/RN. Motivos dos respondentes não considerarem Mossoró uma cidade perigosa, por agrupamento de bairros, 2013	179
Tabela 13 -	Mossoró/RN. Frequência da família do respondente ao centro da cidade, por agrupamento de bairros, 2013.....	179
Tabela 14 -	Mossoró/RN. Objetivos da frequência da família do respondente ao centro da cidade, por agrupamento de bairros, 2013.....	180
Tabela 15 -	Mossoró/RN. O respondente considera que o centro da cidade é um local frequentado por todos os moradores de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.....	181

Tabela 16 -	Mossoró/RN. Motivos enunciados pelos respondentes para o centro da cidade ser um local frequentado por todos os moradores, por agrupamento de bairros, 2013.....	181
Tabela 17 -	Mossoró/RN. Motivos enunciados pelos respondentes para o centro da cidade não ser um local frequentado por todos os moradores, por agrupamento de bairros, 2013.....	182
Tabela 18 -	Mossoró/RN. O respondente considera que o centro da cidade é um local de consumo de pobres e ricos, por agrupamento de bairros, 2013.....	183
Tabela 19 -	Mossoró/RN. Relação das variáveis acerca da frequência do centro pelo Teste Exato de Fisher, 2013.....	183
Tabela 20 -	Mossoró/RN. Frequência da família do respondente ao <i>shopping center</i> da cidade, por agrupamento de bairros, 2013.....	189
Tabela 21 -	Mossoró/RN. Objetivos da frequência da família do respondente ao <i>shopping center</i> da cidade, por agrupamento de bairros, 2013.	189
Tabela 22 -	Mossoró/RN. Motivos mencionados pelos respondentes para o <i>Shopping Center</i> da cidade não ser um local frequentado por todos os moradores, por agrupamento de bairros, 2013.....	192
Tabela 23 -	Mossoró/RN. O respondente considera que o <i>shopping center</i> da cidade é um local frequentado por todos os moradores de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.....	192
Tabela 24 -	Mossoró/RN. O respondente considera que o <i>shopping center</i> da cidade é um local de consumo de pobres e ricos, por agrupamento de bairros, 2013.....	194
Tabela 25 -	Mossoró/RN. Motivos mencionados pelos respondentes para o <i>shopping center</i> da cidade ser um local frequentado por todos os moradores, por agrupamento de bairros, 2013.....	196
Tabela 26 -	Mossoró/RN. Relação das variáveis acerca da frequência do <i>shopping center</i> da cidade pelo Teste Exato de Fisher, 2013.....	196
Tabela 27 -	Mossoró/RN. Frequência da família do respondente ao Corredor Cultural de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.....	202
Tabela 28 -	Mossoró/RN. Objetivos da frequência da família do respondente ao Corredor Cultural de Mossoró, por agrupamento de bairros,	

	2013.....	203
Tabela 29 -	Mossoró/RN. O respondente considera que o Corredor Cultural é um local frequentado por todos os moradores de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.....	203
Tabela 30 -	Mossoró/RN. Motivos enunciados pelos respondentes para o Corredor Cultural ser um local frequentado por todos os moradores, por agrupamento de bairros, 2013.....	204
Tabela 31 -	Mossoró/RN. Motivos enunciados pelos respondentes para o Corredor Cultural não ser um local frequentado por todos os moradores, por agrupamento de bairros, 2013.....	205
Tabela 32 -	Mossoró/RN. O respondente considera que Corredor Cultural da cidade é um local de lazer de pobres e ricos, por agrupamento de bairros, 2013.....	207
Tabela 33 -	Mossoró/RN. Relação das variáveis acerca da frequência do Corredor Cultural pelo Teste Exato de Fisher, 2013.....	207

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID -	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BNH -	Banco Nacional de Habitação
CDL -	Câmara de Dirigentes Lojistas
CE -	Ceará
CEF -	Caixa Econômica Federal
CEFET -	Centro Federal de Educação Tecnológica
CIDEU -	Centro Ibero-Americano de Desenvolvimento Estratégico Urbano
COHAB -	Companhia de Habitação
CT -	Conselho Tutelar
DEHOM -	Delegacia Especializada em Homicídios
ESAM -	Escola Superior de Agricultura de Mossoró
EXPOCENTER -	Centro de Exposições e Eventos Enéas Negreiros
FMI -	Fundo Monetário Internacional
FUNDAP -	Fundação do Desenvolvimento Administrativo
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEMA -	Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente
IDH -	Índice de Desenvolvimento Humano
IFRN -	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
INOCOOP -	Instituto Nacional de Orientação às Cooperativas Habitacionais
IPHAN -	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
JOM -	Jornal Oficial do Município
MG -	Minas Gerais
NESAT -	Núcleo de Estudos Socioambientais e Territoriais
ONU -	Organização das Nações Unidas
PAR -	Programa de Arrendamento Residencial
PB -	Paraíba
PE -	Pernambuco
PETROBRAS -	Petróleo Brasileiro S/A
PM -	Polícia Militar
PMCMV -	Programa Minha Casa Minha Vida
PMM -	Prefeitura Municipal de Mossoró
PMUM -	Plano de Mobilidade Urbana de Mossoró

PNCCPM -	Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio
PND -	Plano Nacional de Desenvolvimento
PNDU -	Política Nacional de Desenvolvimento Urbano
REPAV -	Rosário Edificações e Pavimentação Ltda
REFFSA -	Rede Ferroviária Federal S.A.
RN -	Rio Grande do Norte
SERFHAU -	Serviço Federal de Habitação e Urbanismo
SINDUSCON -	Sindicato da Indústria da Construção Civil
SUDENE -	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
TCM -	TV Cabo Mossoró
TRT -	Tribunal Regional do Trabalho
UERN -	Universidade do Estado Rio Grande do Norte
UFERSA -	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
USIBRÁS -	Usina Brasileira de Óleos e Castanhas

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	20
1 INTRODUÇÃO.....	23
2 PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO URBANO E PRODUÇÃO DA DESIGUALDADE NA CIDADE.....	29
2.1 Da diferenciação como princípio explicativo à diferenciação como problemática.....	32
2.2 Produção social do espaço urbano: condição, meio e produto da desigualdade.....	37
2.3 Diferenciação, desigualdade, segregação e fragmentação.....	43
2.4 Produção do planejamento urbano e a ampliação da diferenciação socioespacial.....	47
2.5 Produção do planejamento urbano e as cidades médias.....	55
3 CONSTITUIÇÃO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE MOSSORÓ-RN: A CONSTRUÇÃO DA DESIGUALDADE.....	61
3.1 Constituição e produção do espaço urbano de Mossoró e expansão territorial urbana.....	62
3.2 Diferenciação socioespacial e os espaços de moradia e consumo em Mossoró.....	91
3.3 Os novos eixos de concentração de atividades que expressam centralidade.....	118
3.3.1 Avenida Rio Branco.....	119
3.3.2 Avenida João da Escóssia.....	129
4 PRÁTICAS ESPACIAIS E DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL.....	137
4.1 Distribuição e descrição dos bairros pesquisados e seus agrupamentos	137
4.1.1 Grupo 1.....	140
4.1.2 Grupo 2.....	140
4.1.3 Grupo 3.....	141
4.1.4 Grupo 4.....	143
4.2 Perfil dos respondentes.....	143
4.3 Práticas e usos do espaço.....	149
4.3.1 Mossoró e o sentimento de insegurança urbana.....	174

4.3.2 Centro tradicional.....	179
4.3.3. Mossoró West Shopping.....	188
4.3.4. Avenida Rio Branco/Corredor Cultural de Mossoró.....	202
4.4 Práticas de consumo e diferenciação.....	218
5 CONCLUSÃO.....	239
REFERÊNCIAS.....	248
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	255
APÊNDICE A – Procedimento metodológico.....	257
APÊNDICE B - Quadros com a categorização das respostas qualitativas dos formulários aplicados.....	267

PRÓLOGO

Ao estabelecer residência em Mossoró/RN, cidade localizada na porção Oeste do Estado do Rio Grande do Norte, no ano de 2006, vinda de Fortaleza/CE, características referentes a algumas práticas espaciais locais não puderam passar despercebidas, especialmente para quem, anteriormente, a vivência e a moradia estavam relacionadas a uma realidade metropolitana, com uma oferta maior de produtos e serviços.

O primeiro fato percebido dizia respeito ao horário de funcionamento do comércio, fechado no período das 11h30min às 13h30min, para o almoço, e encerrando suas atividades cotidianas às 17h30min. Supermercados fechavam aos domingos, exceto um, o maior da cidade. Era o único a oferecer serviço de alimentação e funcionava aos domingos até às 13horas. Além disso, o costume, comum em uma realidade metropolitana, do serviço de entrega de produtos em residências por restaurantes, lanchonetes ou farmácias era praticamente inexistente.

Os empreendimentos considerados *shopping centers* na cidade existem ainda hoje, o “*Boulevard Central Shopping*” e o “*Shopping Oasis Center*”, ambos são pequenos centros comerciais horizontais, com lojas de atacado e varejo, prestação de serviços e empresas de alimentação. A frequência à praça de alimentação do “*Boulevard Central Shopping*”, nos finais de semana, revelava que aquele era um espaço não apenas de consumo, mas também de lazer. Ainda abordando o aspecto do entretenimento, vale ressaltar que o horário de funcionamento noturno dos empreendimentos de lazer, alimentação e bebidas locais, raramente ultrapassava às 23horas.

Destarte, ao observar a dinâmica da cidade, eram perceptíveis as diferenças existentes quando se muda o recorte de uma metrópole para uma cidade com menor porte, o que evidencia, como Santos (2006, p.180) afirmou, que não existe homogeneidade no espaço, e isso se reflete, também, no tempo vivido pelas pessoas e das instituições ou, como ele expõe, na “temporalidade, considerada como uma interpretação particular do tempo social por um grupo, ou por um indivíduo.”

Santos (2006) faz, ainda, uma distinção entre estes tempos: “tempos rápidos” e “tempos lentos”. Essa noção implica que os tempos são diferentes e, portanto, vividos de forma diferenciada em localidades distintas. Podemos perceber isso quando ele afirma que “o tempo rápido não cobre a totalidade do território nem

abrange a sociedade inteira. Em cada área, são múltiplos os graus e as modalidades de combinações” (SANTOS, 2006, p.180).

Além disso, outra particularidade a ser observada nestas temporalidades é que um tempo só existe em relação ao outro, senão não seria possível identificar a mudança dessa característica nos diversos lugares. Porém, “graças à globalização e a seus efeitos locais, os tempos lentos são referidos ao tempo rápido, mesmo quando este não se exerce diretamente sobre lugares ou grupos sociais” (SANTOS, 2006, p.180).

E essa temporalidade lenta podia ser constatada em Mossoró em diversos aspectos. A paisagem da cidade era predominantemente horizontal, poucos prédios podiam ser vistos. Em quantidade restrita, não contabilizavam uma dezena. Na verdade, o padrão de moradia vigente na cidade, em 2006, ainda era o unifamiliar, ou seja, residências isoladas para uso de uma única família.

O primeiro condomínio vertical construído em Mossoró foi entregue aos proprietários no ano de 2004. O empreendimento “Jardim do Thermas” foi desenvolvido pela Caixa Econômica Federal (CEF) em parceria com a Prefeitura de Mossoró, como iniciativa para que os funcionários da prefeitura obtivessem a sonhada casa própria de forma acessível, e é composto por dez torres, totalizando 160 unidades residenciais.

“Morar em apartamento” em Mossoró, entretanto, não era uma modalidade de moradia almejada no final da década de 1990 ou no início dos anos 2000, como é nos dias atuais, especialmente pela disseminação dos sentimentos de medo e de insegurança urbana. Essa perspectiva da cidade mudou de forma intensa e rápida por meio de diversas transformações em seu espaço intraurbano. No que diz respeito à habitação, novas formas de moradia, como os loteamentos ou condomínios fechados verticais e horizontais, foram sendo incorporados à paisagem urbana por construtoras e incorporadoras locais e regionais, sendo responsáveis, inclusive, pela expansão de algumas áreas da cidade.

Percebeu-se, ainda, que mudanças estiveram associadas, no caso do comércio, à chegada de empresas de outras localidades, inclusive de organizações multinacionais, que acirraram a concorrência contribuindo para que os mercados locais mudassem suas estruturas físicas, seus horários – acompanhando os horários de funcionamento dos novos empreendimentos de comércio e de serviços.

A partir do ano de 2007, novos equipamentos trouxeram mudanças ao

entretenimento, lazer e restaurantes da cidade; surgiram novos empreendimentos para duas avenidas que se tornaram eixos com características e conteúdos de novas áreas centrais, expressando significativa centralidade na cidade.

O Mossoró *West Shopping* foi inaugurado no ano de 2007, no prolongamento da Avenida João da Escóssia. No ano seguinte, foram inauguradas as Praças da Criança, Convivência, Esportes e Memorial da Resistência ao longo da Avenida Rio Branco, na área central da cidade, complementando os equipamentos já existentes: Praças do Skate; Eventos; Estação das Artes e Teatro Dix Huit Rosado, que compõem a obra de intervenção urbana do Corredor Cultural de Mossoró. Esses novos equipamentos, novos empreendimentos e novas empresas agregavam outras organizações e pessoas em seu entorno, ocasionando mudanças de forma acelerada e dinâmica, que puderam ser observadas na estrutura da cidade, nas lógicas locacionais, nos hábitos e práticas espaciais dos cidadãos e nas ações dos comerciantes e prestadores de serviços terciários.

Assim, partindo da observação do desenvolvimento dessas mudanças na cidade, teve início a inquietação que motivou a escolha do objeto de estudo desta tese: o espaço urbano de Mossoró. Essa motivação surgiu e inquietou-me em dimensões diferentes da vida. Enquanto cidadão, que vive o cotidiano da cidade, que vivencia o novo e as novas práticas sociais, assim como na dimensão profissional, enquanto docente que quer entender a realidade que me circunda, no intuito de “dialogar” com a mesma nas atividades acadêmicas, senti-me impulsionada a esta pesquisa por entender que a cidade é um objeto de estudo complexo e que também se configura como objeto de pesquisa das mais diversas ciências sociais, pois é o local onde vive a maior parte da população.

Sendo assim, a compreensão desses processos e seus desdobramentos no espaço urbano torna-se especificamente importante para a população mossoroense e, de modo geral, para um entendimento de todos a respeito da produção do espaço urbano de Mossoró, já que tais processos foram promovidos por diversos agentes, os quais ocasionaram a constituição de uma cidade desigual e diferenciada em suas parcelas. Eis, portanto, o que se pretende desvendar com esta tese.

1 INTRODUÇÃO

Esta tese trata do tema da diferenciação socioespacial na cidade de Mossoró-RN, a partir da investigação e do estudo da transformação da área urbana engendrada pelos novos equipamentos, voltados para a prática e para o consumo do lazer, da cultura, do turismo e do entretenimento, bem como da valorização imobiliária seletiva, buscando, com base nesses elementos, analisar e compreender a reprodução dessa diferenciação socioespacial que, por seu turno, mostra permanência, continuidade e mudança.

A diferenciação socioespacial é um campo de estudo da Geografia, desde a Geografia Tradicional ou Clássica em 1870. Mas foi na Geografia Crítica, proposta a partir de 1970, que o tema ganhou relevância para os estudos do espaço urbano.

Sposito (2013) afirma que, ao longo do processo de urbanização, a diferenciação socioespacial tem se apresentado como característica das cidades, ensejada pela divisão social e espacial do trabalho. Essas diferenciações se revelam nas lógicas espaciais e econômicas e nas práticas espaciais.

Nesse sentido, a presente pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de compreender a produção do processo de diferenciação socioespacial na cidade de Mossoró, ao longo do tempo, na perspectiva da produção do espaço urbano, e mais recentemente, por meio das novas formas de moradia, novos espaços de lazer e consumo e das práticas espaciais.

Para tanto, objetivou-se especificamente discutir a produção da diferenciação socioespacial historicamente produzida em Mossoró; compreender como os agentes produtores do espaço engendram processos de diferenciação socioespacial em Mossoró; apreender a diferenciação socioespacial por meio de práticas espaciais, na medida em que retratam as relações sociais de produção e que dão significado ao espaço para os cidadãos de Mossoró.

Mossoró é a segunda maior cidade do Estado do Rio Grande do Norte, a qual polariza outras cidades da região desde o século XIX, quando, assumiu o papel de grande praça comercial com atividades de comércio e exportação, relações de abastecimento e de troca entre o sertão e o litoral, tais como as que envolvem cidades do Rio Grande do Norte, do Ceará, da Paraíba e de Pernambuco (PINHEIRO, 2006).

Desde esse período, pôde-se perceber que a produção do espaço urbano de Mossoró estava relacionada às suas atividades e às crises econômicas e que, desde a sua gênese, a produção desse espaço foi desigual. A cidade foi sendo construída, no século XVIII, estabelecendo-se o centro tradicional, o comércio e as edificações dos moradores com maior poder aquisitivo, dentre prédios públicos e praças.

No final do século XIX, a cidade tornou-se o destino de retirantes de uma grande seca que atingiu o Nordeste brasileiro, os quais foram absorvidos pela nova especialização agroindustrial e pelas refinadoras de sal, que atendiam à indústria paulista. Para continuar atendendo esse mercado, ocorreu na década de 1960 a mecanização das salinas e, em decorrência disso, uma grande massa de desempregados passou a ocupar áreas periféricas da cidade, construindo casas de taipa e, posteriormente, dando origem aos assentamentos precários e subnormais¹. Em contrapartida, os órgãos públicos, as praças e os equipamentos de uso coletivo, assim como as residências dos cidadãos com melhor poder aquisitivo, continuaram na área central.

A partir da década de 1970, com a implantação de órgãos públicos ligados principalmente à Saúde e à Educação, novas áreas começaram a se estruturar com a construção de moradias por meio de agentes financeiros. A Companhia de Habitação (COHAB) construiu conjuntos habitacionais destinados aos segmentos de baixa renda, na época, distantes da área central da cidade e dos principais serviços públicos e sem dotação de infraestrutura básica. Já a moradia dos novos funcionários públicos, dos comerciantes que deixavam suas residências no centro tradicional e dos moradores mais abastados foram financiadas pela Caixa Econômica Federal e estavam próximas à área central, áreas nas quais a infraestrutura sempre foi melhor.

Com a descoberta do petróleo no ano de 1979, com a instalação da Petróleo Brasileiro S/A (PETROBRAS) e início de suas atividades na cidade e região, na década de 1980, houve um aumento na demanda por moradia e serviços para os funcionários da empresa e das prestadoras de serviços. Com isso, aconteceu uma expansão das atividades correlatas ao mercado imobiliário, assim como houve a

¹ O IBGE denomina aglomerado subnormal o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma dessas características: irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes; carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública).

expansão do perímetro urbano, ocasionada pela instalação da sede da empresa em área então considerada rural, denominada de comunidade Bom Jesus. Nesse contexto, Elias e Pequeno (2010, p.189) afirmam que:

[...] toda essa economia do petróleo imprimiu nova lógica à cidade e à região [...] construiu-se uma nova realidade econômica, com vários desdobramentos para uma ampla área sob influência de Mossoró, sendo esse o município no qual a reestruturação urbana se processa de forma mais intensa e complexa [...].

As transformações no espaço urbano, que foram ocasionadas pelas atividades econômicas, tiveram forte conotação política. Essas ações foram promovidas pela atuação do Estado e, também, da iniciativa privada, destacando-se os promotores imobiliários. Foram mudanças expressivas e compreendidas como reestruturação da cidade, que implicaram novos usos e formas de ocupação dos espaços, tais como transformações no padrão da moradia, isto é, a sua verticalização, a implantação de condomínios horizontais e os loteamentos abertos e fechados. Essas novidades puderam ser observadas com mais intensidade a partir do ano de 2006. Além disso, sobressairam-se novos espaços de consumo como o *shopping center* e, também, novos espaços de lazer e entretenimento, sendo esses mais evidentes a partir do ano de 2007.

Neste período, que teve início no decênio 2000-2010 e se intensificou a partir de 2006, o espaço urbano de Mossoró continuou sendo produzido de forma desigual por diferentes agentes. A produção de imóveis iniciou-se com empreendimentos para o segmento de alta renda, que possuía poder de compra para adquirir tais produtos e foi impulsionada pelas novas possibilidades aos financiamentos imobiliários, cuja expansão criou condições favoráveis às novas aquisições. De igual modo, a então nova política habitacional do Governo Federal, o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), cuja primeira etapa se deu no interregno de 2009 a 2011, propiciou a edificação de imóveis para os segmentos de renda média e baixa. Esses imóveis estão localizados em áreas da cidade com relativo acesso à infraestrutura, aos serviços públicos, ao comércio etc.

Além disso, as mudanças na cidade de Mossoró apresentavam o advento de novos equipamentos voltados para a prática e consumo do lazer, da cultura, do turismo e do entretenimento, como o *shopping center* e o Corredor Cultural, os quais ocasionaram valorização imobiliária em algumas áreas da cidade devido à formação

de novos corredores direcionados para o comércio, para a prestação de serviços e para o lazer urbano.

Assim, da observação dessas mudanças que ocorreram de modo tão intenso, em um curto período de tempo, e que denotaram não apenas uma produção desigual do espaço, mas que pareceram apontar para um aprofundamento dessas desigualdades, instigou-me a inquietação que deu origem a esta pesquisa. Combinaram-se, assim, a manutenção e a permanência da desigualdade com sua amplificação, ensejada a partir dos termos da reestruturação da cidade e expressa em formas, novos usos dos espaços e novos significados.

Diante dos aspectos mencionados origina-se a nossa hipótese de que a produção do processo de diferenciação socioespacial em Mossoró vem se aprofundando por meio de novos espaços de moradia, lazer e consumo e das práticas espaciais. Trata-se de um aprofundamento, pois tal diferenciação foi sendo historicamente construída.

As mudanças ainda estão presentes nas formas, nos conteúdos, em diversas áreas da cidade. Destarte, no esforço de compreender a produção desigual do espaço urbano de Mossoró, procurou-se entender a formação socioespacial na qual se insere, para depois investigar-se quais áreas na cidade foram se valorizando e quem foram os agentes que estiveram “orquestrando” esse processo; e, para finalizar, como essa diferenciação socioespacial ocorreu e se reproduziu também por meio das práticas espaciais.

Sendo assim, estruturamos a tese em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução, que contempla o contexto que levou ao desenvolvimento desta pesquisa, assim como seus objetivos e hipótese. No segundo capítulo, intitulado “Produção social do espaço urbano e produção da desigualdade na cidade”, abordamos o referencial teórico atinente à produção do espaço urbano no capitalismo contemporâneo, evidenciando a relação com as formas e processos de diferenciação, desigualdade e fragmentação socioespaciais, segregação e autosegregação. Esses processos eram espaciais, mas também temporais porque foram construídos ao longo da constituição socioespacial de cada local e se deram na reprodução da sociedade, pois, como afirma Carlos (2007), a produção do espaço pode ser compreendida por meio da produção da vida onde um se realiza no âmbito do outro e por meio do outro, levando em conta as desigualdades, que, segundo a autora, têm base no desenvolvimento histórico da propriedade privada, no valor de troca e no valor de

uso que se dá na apropriação dos locais em diferentes escalas, no desvendar dos conteúdos desses processos socioespaciais.

Carlos (2007) propõe, ainda, níveis e escalas de análise da apropriação/produção do espaço como condição, meio e produto que podem ser apreendidos na realização da vida cotidiana, em um determinado tempo histórico, nas escalas que vão do global ao local, nos níveis econômico, político e social.

Nesta pesquisa, privilegiou-se a escala local, no âmbito das cidades médias, com um estudo centrado em Mossoró. As cidades médias, em especial a partir da década de 1970, com a amplificação da reestruturação econômica e produtiva, adquiriram papel importante na rede urbana brasileira, com novas configurações na divisão social e territorial do trabalho no período da globalização. Essas configurações foram expressas em atividades econômicas e ações políticas como a do planejamento urbano e regional, tema que também foi abordado como instrumento utilizado pelo Estado na produção da diferenciação socioespacial.

Para tanto, a escrita do capítulo foi fundamentada em autores tais como: Corrêa (2002; 2007a; 2007b); Sposito (1996; 2004; 2007; 2011; 2013); Vasconcelos (2013); Villaça (2010); Sánchez (1999; 2001; 2010), dentre outros, os quais contribuem com a discussão e auxiliam na compreensão desses processos e dinâmicas urbanas.

No terceiro capítulo, intitulado “Constituição e produção do espaço urbano de Mossoró-RN. A construção da desigualdade”, discorreu-se sobre a cidade de Mossoró e os processos que ocorreram ao longo da sua formação e que ensejaram mudanças significativas em seu espaço urbano. No primeiro subcapítulo, para a discussão da constituição e produção do espaço urbano de Mossoró e sua expansão territorial urbana, discutiu-se os autores Felipe (1982; 2001); Rocha (2005); Pinheiro (2006); Costa (2009); Pequeno; Elias (2010); Oliveira (2014), os quais desenvolveram pesquisas sobre o espaço urbano de Mossoró. O intuito foi de apreender processos de diferenciação socioespacial e a produção desigual do espaço urbano.

Para discutir a diferenciação socioespacial e os espaços de moradia e consumo em Mossoró, sua localização e seus agentes, utilizou-se o banco de dados da Prefeitura Municipal de Mossoró, concernentes aos alvarás para a construção de imóveis; realizou-se ainda entrevista com o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil (SINDUSCON). Na sequência, fez-se uso de matérias de jornais da

mídia local para ilustrar e reforçar os aspectos que foram apontados em determinadas partes do texto.

A produção do “novo” não se deu em todas as partes da cidade. Como já mencionado, algumas áreas foram privilegiadas em relação a outras, ocasionando novos eixos ou áreas de concentração de atividades de comércio e prestação de serviços, que exerciam centralidade na cidade. Assim, neste capítulo, também, foram analisadas as Avenidas Rio Branco e João da Escóssia, as quais se enquadraram neste perfil.

O quarto capítulo, “Práticas espaciais e diferenciação socioespacial,” traz a análise dos 287 formulários aplicados durante a pesquisa divididos em grupos de bairros, levando em consideração o número de habitantes de cada um deles e a renda dos chefes de família. Com o instrumento, procuramos apreender a diferenciação nas práticas e no uso dos espaços pelos cidadãos. Os espaços privilegiados para essa análise foram os do centro tradicional, do *shopping center* e do Corredor Cultural de Mossoró, cujo intuito foi investigar a manutenção e/ou o surgimento de novas práticas em relação aos espaços tradicionais e os novos espaços de consumo e lazer.

Os dados obtidos com os formulários foram organizados e tabulados, o que deu origem a um banco de dados com um conjunto significativo de variáveis². Tratam-se de variáveis relativas ao uso dos espaços, considerando como os cidadãos vivem e apreendem tais espaços, por meio de suas práticas espaciais. A análise revelou que a diferenciação socioespacial, ensejada por meio das estratégias locacionais empregadas pelos agentes produtores do espaço, também se reproduz nas e pelas práticas espaciais destes cidadãos que, por sua vez, usufruem destes espaços de forma segmentada.

E finalmente, no quinto capítulo tem-se a conclusão, onde avaliamos a execução da pesquisa, os resultados e as perspectivas para outros trabalhos.

Espera-se que esta tese possa contribuir para estudos e reflexões sobre a produção do espaço urbano e sobre a produção da diferenciação socioespacial na escala do local, em cidades médias, que possuem importante papel na rede urbana brasileira.

² Nem todas as variáveis foram analisadas nesta tese, devido à trajetória que a pesquisa percorreu. Pretende-se, portanto, utilizá-las em artigos futuros, nos quais outras correlações com os dados, ou ainda, outras perspectivas teóricas poderão ser empreendidas.

2 PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO URBANO E PRODUÇÃO DA DESIGUALDADE NA CIDADE

A cidade se configura como um objeto de pesquisa de diferentes Ciências Sociais e Humanas, sendo a área urbana, segundo dados do relatório “Perspectivas da Urbanização Mundial” da Organização das Nações Unidas (ONU) (edição 2014)³, onde vive 54% da população mundial. No Brasil, segundo dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2010, 84% da população brasileira se concentra no espaço urbano.

Um considerável incremento do processo de urbanização no Brasil aconteceu na segunda metade do século XX, tanto em seu significado de aumento da população residente nas áreas urbanas, quanto em seu conteúdo relacionado ao incremento dos chamados papéis urbanos e do próprio número de cidades. Isso se deu com acentuada participação de migrações internas, nesse caso, levando a uma concentração em grandes cidades do Sudeste brasileiro, fruto do crescimento econômico espacialmente reunido nesta porção do país, orientado pela industrialização e por uma crescente complexificação da rede urbana.

Santos (2008) analisa o crescimento da urbanização brasileira no século XX, afirmando que, entre as décadas de 1940 e 1980, houve uma significativa transformação no local de moradia da população brasileira. Ele expõe que durante aqueles quarenta anos, enquanto a população do país aumentou três vezes, a população urbana brasileira sofreu um incremento de sete vezes e meia. Relata que esse processo não aconteceu de forma homogênea “[...] uma vez que são diferentes os graus de desenvolvimento e de ocupação prévia das diversas regiões, pois estas são diferentemente alcançadas pela expansão da fronteira agrícola e pelas migrações inter-regionais” (SANTOS, 2008, p.34).

Santos (2008) afirma que essa mudança começa a ocorrer a partir da segunda metade do século XIX com a produção cafeeira na área que abrange, mesmo que de forma parcial, os Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e tem como polo principal o Estado de São Paulo. Para o desenvolvimento desta atividade, foram necessárias ações, tais como: a implantação de ferrovias, melhoria de portos e

³ Informação disponível em: <<http://www.unric.org/pt/actualidade/31537-relatorio-da-onu-mostra-populacao-mundial-cada-vez-mais-urbanizada-mais-de-metade-vive-em-zonas-urbanizadas-ao-que-se-podem-juntar-25-mil-milhoes-em-2050>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

criação de meios de comunicação, os quais conferiram ao Sudeste brasileiro uma fluidez potencial que permitiu, no século seguinte, que a região tivesse condições políticas e organizacionais para a expansão da industrialização⁴. O autor afirma que a fluidez dessa região é, também, efetivada por influência do comércio internacional, com a instalação de “formas capitalistas de produção, trabalho, intercâmbio e consumo” (SANTOS, 2008, p.29). Essa conjuntura determinou que esse fosse um espaço diferenciado no território nacional, segundo o autor:

A divisão do trabalho que se opera dentro dessa área é um fator de crescimento para todos os seus subespaços envolvidos no processo e constitui um elemento de sua crescente diferenciação em relação ao resto do território brasileiro. É com base nessa nova dinâmica que o processo de industrialização se desenvolve, atribuindo a dianteira a essa região, e sobretudo ao seu polo dinâmico, o estado de São Paulo. (SANTOS, 2008, p.29-30).

No decênio de 1980, após algumas décadas de crescimento e concentração econômica no Sudeste brasileiro, especialmente no estado de São Paulo, o Brasil, assim como outros países da América Latina, foi afetado por uma crise econômica que desacelerou a economia dos países sul-americanos, os quais estavam endividados com empréstimos feitos pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e em decorrência do aumento do preço do petróleo pelos países árabes. Percebeu-se que prejudicou a economia das nações que importavam esse produto.

De acordo com Cunha (2003), o Brasil em crise passou por uma reestruturação e desconcentração produtiva, que teve reflexo na produção industrial, principalmente em São Paulo, e teve impacto na urbanização e redistribuição espacial da população. O mesmo autor afirma que houve mudanças significativas na migração interestadual e, com isso, teria ocorrido um aumento da taxa de crescimento populacional das regiões Nordeste e Centro-Oeste em relação às da Região Sudeste. No que concerne à Região Nordeste o autor declara que:

[...] a constituição de algumas “ilhas de produtividade” (PACHECO, 1998) com o dinamismo ligado ao Pólo Petroquímico de Camaçari (no Estado da Bahia), a implantação de novas plantas industriais em Estados como Ceará, Pernambuco e Bahia, as atividades turísticas, a agricultura irrigada para

⁴ Santos (2008, p.30) adverte que “o termo industrialização não pode ser tomado [...] como criação de atividades industriais nos lugares, mas em sua mais ampla significação como processo social complexo que tanto inclui a formação de um mercado nacional, quanto os esforços de equipamento do território para torná-lo integrado, como a expansão do consumo em formas diversas, o que impulsiona a vida de relações (leia-se terceirização) e ativa o próprio processo de urbanização.”

exportação, o emprego público, etc. ampliaram e diversificaram a estrutura econômica nordestina, contribuindo tanto para a absorção de uma população que potencialmente migraria, quanto para incentivar fluxos migratórios de retorno, oriundos principalmente do Sudeste. (CUNHA, 2003, p.219).

Cunha (2003, p.221) menciona que esse processo de migração interestadual e redirecionamento dos fluxos migratórios foi influenciado pela “relativa desconcentração industrial para estados como Minas Gerais e Paraná, o crescimento da agricultura e agroindústria no Centro-Oeste e a consequente ‘urbanização da fronteira agrícola’”. O autor relata que esses fatores reduziram os fluxos originários do Nordeste e Centro-Oeste para São Paulo, aumentando a concentração populacional em cidades de porte médio e grande dos estados brasileiros.

Sposito (2007), abordando a realidade do Estado de São Paulo, coloca que os processos de reestruturação econômica que ocorreram após a década de 1970, nos quais se apresenta a coexistência do sistema de produção fordista com o sistema flexível, ocasionaram mudanças das áreas de produção e gestão das indústrias, permanecendo a administração financeira das empresas na metrópole. Esse movimento reforçou e redefiniu os papéis das cidades de porte médio, o que colaborou para se compreender a chamada desconcentração territorial no Estado de São Paulo durante as décadas seguintes: 1980, 1990, 2000, denotando um aumento na taxa geométrica de crescimento da população maior nas cidades de porte médio do que na metrópole. Esse aumento populacional teve um incremento não apenas em termos quantitativos, mas certamente qualitativos, associado à capacidade e qualidade de consumo dos cidadãos.

Conforme Cunha (2003), essa dinâmica não teria se dado apenas no Estado de São Paulo. O autor afirma que, nas décadas seguintes, as cidades de porte médio⁵ foram se tornando mais representativas na distribuição espacial da população brasileira.

Assim, em 2000, quase três quartos dos municípios brasileiros (com menos de 20 mil habitantes) respondiam por menos de 20% da população nacional, enquanto menos de 0,6% deles (aqueles com mais de 500 mil habitantes) abrigavam quase 30% dos brasileiros. Entre 1970 e 2000 o peso relativo dos municípios pequenos na população brasileira caiu de 32% para menos de 20%, enquanto o grupo que mais ganhou peso relativo foi o correspondente aos municípios médios (de 100 a 500 mil habitantes), que elevou sua participação de 14,5% para 23,4% nessas três décadas.

⁵ O termo adotado pelo autor é “municípios de porte médio”. Cf. Cunha (2003).

Tomados em conjunto, os municípios com mais de 100 mil habitantes, embora representando apenas 4% do total, abrigavam em 2000 mais de 51% dos habitantes no país. (CUNHA, 2003, p.224).

Ainda assim, o autor coloca que mesmo que essa desconcentração possa ser percebida durante aquele período no Brasil, “a rede de cidades brasileiras está muito longe de se caracterizar como ‘equilibrada’, uma vez que é patente a concentração da população nos municípios de maior tamanho” e que essa é uma característica da urbanização brasileira, a concentração espacial (CUNHA, 2003, p.224).

Como relata Cunha (2003), a concentração/desconcentração populacional está relacionada à divisão territorial do trabalho. Isso remete à produção do espaço que, em si, não é um tema novo, mas, na sociedade regida pelo capital, renova-se por meio de diversos agentes e instrumentos que produzem um espaço socialmente desigual. Portanto, isso se constitui como reflexo de uma sociedade também desigual desde a sua origem, dividida em segmentos de renda diferentes, que ensejam acesso igualmente diferenciado aos espaços da cidade em todas as suas dimensões.

Compreendemos, assim, que há uma complexificação da rede urbana brasileira que, embora possa ser lida pelo viés populacional, está, de fato, ligada à divisão territorial do trabalho. Tal quadro pode ser apreendido em todo o país e para cada recorte escolhido, associado àquilo que Santos (1979) chamou de seletividade espacial.

Tanto na dimensão da rede urbana, quanto na dimensão intraurbana os processos que eclodem culminam ou se originam da diferenciação e manifestam-se numa combinação de mudanças e permanências. Isso aquilata a discussão sobre a produção da cidade, compreendida na dimensão do tempo e do espaço, o que intentamos desenvolver nos próximos tópicos que serão dedicados à compreensão da diferenciação como elemento explicativo na Geografia, à produção social do espaço urbano e à diferenciação manifesta e/ou produzida nesta dimensão.

2.1 Da diferenciação como princípio explicativo à diferenciação como problemática

O tema da diferenciação socioespacial não é novo na Geografia. Está presente desde a Geografia Tradicional ou Clássica, que vai do íterim de 1870 – fase em que, houve o estabelecimento do estudo dessa matéria nas universidades europeias – à

década de 1950 (CORRÊA, 2000). Nessa fase, o estudo das diferenças estava voltado para a pesquisa da região, conceito que foi privilegiado na época, além da paisagem, e era visto como “capaz de promover o encontro entre as ciências da natureza e as ciências humanas, o produto-síntese de uma reflexão verdadeiramente geográfica”, ou seja, a relação do homem com o meio (GOMES, 2000, p.62).

Esses estudos estão presentes nas obras de geógrafos como Alfred Hettner e Richard Hartshorne. Um dos objetivos principais dessas pesquisas era a identificação e descrição das regiões, o estudo em profundidade de um objeto singular, o que atribuiu a essas investigações científicas a designação de empiricista e descritiva (GOMES, 2000; BESSA, 2010).

A Geografia Teórica-Quantitativa da década de 1950 estava fundamentada no raciocínio lógico-matemático, hipotético-dedutivo, cuja origem eram as ciências naturais. Diferente do período anterior, buscava generalizações, a elaboração de modelos teóricos, análises quantitativas, geométricas e econômicas do espaço, espaço este que passa a ser o principal conceito na análise geográfica. A organização espacial é compreendida de duas formas que se complementam, sob a noção de planície isotrópica e representação matricial (CORRÊA, 2000; BESSA, 2010).

A planície isotrópica parte do princípio da homogeneidade das características naturais e humanas do espaço em toda a superfície terrestre. A circulação nesta superfície é permitida em todos os sentidos, desde que os gastos sejam minimizados e os lucros maximizados. “Sobre esta planície de lugares iguais desenvolvem-se ações e mecanismos econômicos que levam à diferenciação do espaço.” Essa diferenciação socioespacial, entretanto, é concebida como uma expressão de equilíbrio espacial. O autor afirma que “diferenciação e equilíbrio não são, assim, estranhos entre si nesta concepção” (CORRÊA, 2000, p.21).

A representação matricial e topológica da organização do espaço se dava por meio de desenhos geométricos e matrizes matemáticas, em busca de generalizações e construções teóricas que explicassem os fenômenos sociais e naturais, por meio de um método único da Geografia como ciência espacial. Dois estudos se destacaram na construção de modelos teóricos: a teoria das localizações, de Johann Heinrich von Thünen, e a teoria das localidades centrais, de Walter Christaller (CORRÊA, 2000; BESSA, 2010).

A principal variável nessas teorias era a distância observada como variável independente, um dos aspectos que contribuiu para fazer com que esta concepção

tivesse uma “visão limitada de espaço”, além de uma a-historicidade dos fenômenos sociais, que não levavam em conta ou relegavam a segundo plano a dimensão das contradições, dos agentes sociais, do tempo e das transformações pelas quais passavam os espaços que estavam em condições de concorrência perfeita e de equilíbrio (CORRÊA, 2000, p.21).

Assim sendo, sobretudo por meio da distância e de variáveis econômicas, tinha-se a possibilidade de observar e interpretar a diferenciação socioespacial nesta concepção. Contudo, como esta diferenciação era compreendida “no sentido de ser o espaço um substrato que se diferencia mediante a atuação de um conjunto de variantes econômicas, [...] a natureza da explicação, nas análises teórico-quantitativas, permaneceu superficial e simplista”, o que foi alvo de críticas pelos geógrafos de inclinação marxista (BESSA, 2010, p.47). Foi esse fato que deu origem a uma revolução que culminou, na década de 1970, em uma mudança de paradigma no pensamento geográfico com a geografia crítica (CORRÊA, 2000; BESSA, 2010).

Nesse novo período, o espaço ganha *status* de conceito principal. Sua natureza e significado, além da identificação de suas categorias, são objetos de análise dos geógrafos críticos, ou seja, analisar o espaço produzido pelo capitalismo e a “reprodução das relações de produção em todos os níveis espaciais” (CORRÊA, 2000, p.25), as contradições ocasionadas pelo sistema capitalista, a complexa relação entre sociedade e espaço, que seria um produto social, “um produto concreto de relações sociais historicamente determinadas” (BESSA, 2010, p.47).

Uma das mais relevantes contribuições acerca da dimensão espacial no sistema capitalista de produção, de acordo com Soja (1993), foi formulada por Lefebvre (1972) após reler os textos de Marx sobre a cidade. A diferenciação socioespacial se revela na teoria da produção do espaço elaborada por Lefebvre, por meio das contradições e dos conflitos evidenciados pela reprodução das relações de produção, como afirma Soja (1993, p.65):

A própria sobrevivência do capitalismo, afirmou Lefebvre, estava baseada na criação de uma espacialidade cada vez mais abrangente, instrumental, e também socialmente mistificada, escondida da visão crítica sob véus espessos de ilusão e ideologia. O que distinguia o gratuito véu espacial do capitalismo das espacialidades de outros modos de produção eram sua produção e reprodução, peculiares de um desenvolvimento geograficamente desigual, através de tendências simultâneas para a homogeneização, a fragmentação e a hierarquização [...].

A teoria marxista encontrou terreno fértil no estudo do urbano, tanto na Sociologia como na Geografia, pois, o espaço urbano capitalista é o lócus da reprodução social, revelando os conflitos sociais decorrentes desta, o que pode ser observado em características como a segregação e a desigualdade, além da dimensão simbólica assumida por diferentes grupos projetados em suas formas espaciais (CORRÊA, 2002).

No contexto da geografia crítica, considerando-se a escala supraurbana, a diferenciação socioespacial é analisada por meio dos conceitos de formação socioespacial, contribuição de Milton Santos, e de desenvolvimento espacial desigual, utilizado por diversos autores e termos⁶, com origem na lei do desenvolvimento desigual e combinado de Leon Trotsky (BESSA, 2010).

De acordo com Bessa (2010, p.48), o conceito de formação socioespacial “orienta-se, primordialmente, no sentido de precisar como um dado modo de produção manifesta-se concretamente nas diversas formações sociais”, tendo em vista que a organização espacial muda dependendo do modo de produção e de suas transformações ao longo do tempo. Além do mais, observa que a compreensão da sociedade, da estrutura social, só se dá por meio da leitura do espaço produzido pelos homens em suas práticas cotidianas, assim como o espaço só é passível de entendimento por meio dessa mesma sociedade, “sendo, portanto, uma instância e um dado constitutivo.” A autora afirma que o conceito é relevante para a interpretação dos processos de diferenciação, porque leva em conta realidades concretas, particulares, determinadas no tempo e no espaço, o que revela as relações entre as determinações universais do modo de produção e as mediações das formações socioespaciais em cada contexto.

Referente ao conceito de desenvolvimento espacial desigual, Bessa (2010) coloca que é utilizado na geografia para a compreensão do desenvolvimento desigual entre regiões, nações, setores da economia, crescimento e declínio de centros urbanos, dentre outros. A dimensão espacial nesse conceito está associada a um espaço onde se verifica:

[...] a materialização das relações de produção e de reprodução da sociedade, quer dizer, onde ocorre a concretização das relações sociais,

⁶ Segundo Bessa (2010, p. 50), “desenvolvimento espacial desigual” para Doreen Massey; “desenvolvimento geográfico desigual” para David Harvey; “desenvolvimento geograficamente desigual” para Edward Soja (1983) e “desenvolvimento desigual” para Neil Smith.

revelando práticas que são essencialmente espaciais, visto que os diversos conteúdos e materialidades que compõem a existência e a reprodução de uma dada sociedade inscrevem-se num dado espaço. Nesse sentido, as relações sociais, em toda a sua multiplicidade, possuem existência real como existência espacial concreta, haja vista que a sociedade, ao produzir sua existência, reproduz, ininterruptamente, o espaço. O espaço, por sua vez, não é simplesmente uma extensão da sociedade, ao contrário, é produto, meio e condição dos múltiplos processos sociais e históricos, resultando, portanto, num espaço diverso e desigual, que, em si mesmo, realimenta os processos de variabilidade espacial. (BESSA, 2010, p.50-51).

Os dois conceitos tratam da dimensão espacial, das relações de produção e da reprodução da sociedade, levando em conta os processos sociais e históricos. Os mesmos divergem em relação à abrangência dos estudos que, na teoria do desenvolvimento desigual, contempla o âmbito universal e, na formação socioespacial, as particularidades regionais (BESSA, 2010).

Segundo Bessa (2010, p.51):

A discussão acerca do desenvolvimento, conceito que denota um conjunto de mudanças nas esferas econômicas, políticas, sociais e culturais, e da contradição entre desigualdade e combinação dirige-se para o âmbito universal - contrariamente à da formação socioespacial, cuja lógica associa-se ao particular.

Para Santos (1979, p.15):

Os componentes do espaço são os mesmos em todo o mundo e formam um *continuum* no tempo, mas variam quantitativa e qualitativamente segundo o lugar, do mesmo modo que variam as combinações entre eles e seu processo de fusão. Daí vem a diferença entre espaços.

Para Corrêa (2007b), as diferenciações socioespaciais podem ser observadas na escala da rede urbana e do espaço intraurbano. O autor adverte que a diferenciação se dá de forma distinta nas duas escalas, porém complementares, pois o que se dá em uma escala tem repercussão na outra.

Afirma que, em relação à rede urbana, a diferenciação socioespacial é explicitada por meio da hierarquização dos espaços, decorrente das especializações funcionais dos centros urbanos. Ratifica, portanto, que o processo de diferenciação nesta escala pode ser apreendido por meio dos temas: “gênese e dinâmica, funções, tamanho, interações espaciais e forma espacial” (CORRÊA, 2007b, p.65).

Por sua vez, a cidade é o espaço, por excelência, onde as relações do modo capitalista de produção se dão com mais intensidade em diversas formas e conteúdos.

Esse espaço é produzido pela sociedade em suas relações econômicas, políticas, culturais e sociais. É um produto humano, decorrente do percurso histórico da sociedade como um todo e das particularidades que os processos mais amplos assumem ao se combinarem a elementos do local.

2.2 Produção social do espaço urbano: condição, meio e produto da desigualdade

A existência da cidade está relacionada com alguns elementos, sendo eles, de acordo com Carlos (2009, p.60), a

divisão do trabalho, a divisão da sociedade em classes, a acumulação tecnológica, a produção do excedente agrícola decorrente da evolução tecnológica, o sistema de comunicação e uma certa concentração espacial das atividades não-agrícolas.

Numa perspectiva do processo de urbanização no Ocidente, a partir da Revolução Industrial, no século XVIII, nas cidades se organizou a produção. Nesse sentido, a cidade é o espaço onde a produção industrial ocorre majoritariamente, pois nela se concentram os meios de produção necessários à reprodução desta atividade.

Carlos (2008, p.21-24) argumenta que “o espaço aparecerá como condição e meio, desvanecendo-se o fato de que também é produto”, produto do trabalho e da dinâmica do homem no “processo de produção dos seus meios de subsistência”, ou seja, na “reprodução do capital e da vida humana.”

Logo, a cidade é o espaço onde habitam os consumidores e trabalhadores, sendo relevante pensar esse espaço como necessário à reprodução da vida e às condições que se fazem essenciais para viver. Achando-se essas condições diferenciadas de acordo com o segmento social dos indivíduos, surgem os conflitos e desigualdades sociais.

Ao explicar sobre esses aspectos Carlos (2008, p.22-23) afirma que:

A produção da vida, no cotidiano do indivíduo, não é só a produção de bens para satisfação de suas necessidades materiais, é também a produção de sua humanidade, através da produção de relações (sociais, econômicas, políticas, ideológicas, jurídicas etc.). Por outro lado, a articulação dessas relações tende a individualizar-se espacialmente, dando singularidade às parcelas do espaço, articuladas numa totalidade espacial (como produto histórico).

Essa singularidade, como menciona a autora, está expressa no espaço e nas relações produzidas, não apenas entre sujeitos individuais, mas também entre Estados e organizações. Logo, essas relações não são apenas circunstâncias de um contexto local, pois esse “modelo” de produção do espaço está inserido em um processo mundial, cuja dinâmica do modo de produção capitalista utiliza o espaço no sentido de potencializar ao máximo a reprodução do capital e reproduz diferenças socioespaciais de acordo com a conjuntura socioeconômica de cada local (CARLOS, 2008).

Carlos (2007) propõe que a apropriação/produção do espaço podem ser apreendidas como condição, meio e produto da realização da sociedade em um determinado tempo histórico nos níveis econômico, político e social, e essas se dão nas escalas que vão do local ao global. Significa, assim, que o espaço urbano é condição para a realização da vida, meio (inclusive material) onde a vida se faz e, portanto, um produto da sociedade. Faz-se evidente nesse pensamento – de forte influência lefebvriana, como se depreende da leitura de obras importantes deste autor (LEFEBVRE, 1991) – que a cidade é um produto social e histórico.

A desigualdade converteu-se em condição de produção da cidade, via ações de diferentes agentes e processos inseridos ou subordinados às lógicas capitalistas. A cidade é feita desigualmente, pensada desigualmente e planejada desigualmente. Uma característica da cidade do capital, a desigualdade, reverte-se, desse modo, em sua própria condição de existência. A materialidade dessa cidade, suas formas e estruturas, expressa tal desigualdade e condiciona em algum nível práticas espaciais. O produto faz-se, por conseguinte, tão desigual quanto a sociedade que historicamente gesta-o.

Assim, Carlos (2007) faz um esforço analítico no sentido de compreender a dimensão espacial relacionada à perspectiva social da diferenciação, considerando a indissociabilidade dessas esferas, acrescentando assim um atributo ao termo: diferenciação socioespacial. Essa autora afirma que se faz necessário compreender a produção do espaço através da produção da vida, em que um se realiza no âmbito do outro e por meio do outro, levando em conta as desigualdades.

Essas desigualdades têm base no desenvolvimento histórico da propriedade privada, no valor de troca e no valor de uso que se dá na apropriação dos lugares em diferentes escalas, assim como no desvendar dos conteúdos desses processos socioespaciais, que compreendem, portanto, que a “prática socioespacial é a base e

sustentação da vida”, e a divisão espacial do trabalho é o “elemento articulador/diferenciador dos lugares” (CARLOS, 2007, p.47).

Ao apresentar a distinção entre desigualdades e diferenças no nível de determinação da unicidade, Sposito (2011, p.129) argumenta que, na perspectiva de Santos (2008, p.27), é a unicidade das técnicas “que permite ‘a atual unicidade do tempo, o acontecer local sendo percebido como um elo do acontecer mundial’”. Diz que essa propensão, no intuito de estabelecer uma sociedade ocidental regida pelos mesmos valores e práticas, é conduzida no “plano ideológico”, pois não leva em consideração as diferentes formações socioespaciais e considera a:

[...] ideia de que seria possível a justiça ou busca da igualdade ou o progresso ou, ainda, a participação de todos na sociedade de consumo. Nesses termos, as diferenças se transmutam em desigualdades, enquanto as desigualdades, assim observadas, revelam as diferenças de poder de consumo ou de capacidade de decisão ou de possibilidade de apreensão do espaço. Em outras palavras, as desigualdades viram diferenças, porque uma parte da sociedade, de fato, no plano econômico, no político e no social, participa precariamente da vida urbana e da sociedade de consumo, ou participa de forma qualitativamente diferente, porque incompleta, e não apenas quantitativamente desigual (SPOSITO, 2011, p.129).

Na dimensão do espaço intraurbano, Corrêa (2007b) estabelece que a diferenciação socioespacial apresenta-se por meio da divisão econômica e da divisão social do espaço. A primeira é caracterizada por parâmetros de uso do solo e pelas estratégias relacionadas à competição por localizações rentáveis para a realização das atividades da indústria, do comércio e de serviços que definem a especialização ou a hierarquização de áreas no espaço da cidade.

Já a divisão social, afirma Corrêa (2007b), caracteriza-se pela composição das áreas sociais que são definidas por alguns parâmetros, a exemplo do perfil socioeconômico da população, dotação de infraestrutura, características culturais (língua, religião etc.), dentre outros aspectos que são complementados pela valorização seletiva na área urbana, dependendo da sua localização em relação ao centro e áreas ou setores de amenidades.

Corrêa (2007b, p.67) destaca que alguns temas podem ser observados nesta escala, a saber:

i - A localização das atividades econômicas no espaço intra-urbano e a interpretação dos padrões resultantes. ii – O processo de constituição da divisão econômica do espaço, incluindo a ação de agentes sociais e suas lógicas. iii – A identificação das áreas sociais e sua variação no tempo. iv –

O processo de constituição das áreas sociais, envolvendo os agentes sociais e os conflitos que emergiram. v – As interações espaciais vinculadas à circulação do capital, à jornada para o trabalho, à visita a parentes e amigos, ao lazer, ao templo. vi – O processo de criação da instável franja rural-urbana e sua urbanização. vii – A criação de infra-estrutura, geral ou específica, e os embates em torno de sua localização. viii – As representações sociais a respeito das diferenças socioespaciais e interpretação dessas representações. ix – Uma área da cidade, bairro ou rua, envolvendo o sentido para os seus moradores.

O autor considera que a divisão econômica e a divisão social do espaço intraurbano são interdependentes e revelam-se na articulação das relações de produção do espaço e na reprodução da sociedade. Percebe-se que alguns temas são comuns às duas escalas, a da rede urbana e a da intraurbana, a exemplo da hierarquização dos espaços, funções e interações espaciais. Corrêa (2007b) ressalta, entretanto, que cada escala tem a sua inteligibilidade e compreensão conceitual, não sendo, portanto, possível deslocar a compreensão de uma escala para a outra.

Observa-se tanto na concepção de Carlos (2007) como na de Corrêa (2007b) que a diferenciação socioespacial pode ser analisada no âmbito do espaço urbano.

Sposito (2013) afirma que, ao longo do processo de urbanização, a diferenciação socioespacial tem se apresentado como característica das cidades, ensejada pela divisão social e espacial do trabalho.

Constata-se nessa afirmação o aspecto temporal desse processo, fato que também é destacado por Vasconcelos (2013), quando expressa que os processos e as formas socioespaciais têm origem no encontro das transformações da sociedade contemporânea com as permanências do passado. Sendo assim, explica que a diferenciação socioespacial se dá em diferentes contextos decorrente de diversos processos, tais como: as mudanças na economia, as migrações, os conflitos sociais – sejam eles de origem econômica, cultural ou política –, dentre outros.

Santos (2006) também reflete acerca da inter-relação entre espaço e tempo e como esse binômio está presente e tem influência nos processos sociais. A essas permanências da divisão social e territorial do trabalho o autor denomina “rugosidades”.

Segundo Santos (2006, p.140):

Em cada qual dos seus momentos, o processo social envolve uma redistribuição dos seus fatores. E essa redistribuição não é indiferente às condições preexistentes, isto é, às formas herdadas, provenientes de momentos anteriores. As formas naturais e o meio ambiente construído

incluem-se entre essas formas herdadas.

O que na paisagem atual, representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos *rugosidade* ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas de divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho.

O autor adverte que o aspecto das realidades estudadas não podem ser desvendadas sem a interlocução entre o passado e o presente, observando a importância da articulação na perspectiva espaço-temporal para a compreensão dos processos sociais e espaciais (SANTOS, 2006).

Para o autor:

[...] As rugosidades, vistas individualmente ou nos seus padrões, revelam combinações que eram as únicas possíveis em um tempo e lugar dados.

[...] O trabalho já feito se impõe sobre o trabalho a fazer. A atual repartição territorial do trabalho repousa sobre as divisões territoriais do trabalho anteriores. E a divisão social do trabalho não pode ser explicada sem a explicação da divisão territorial do trabalho, que depende, ela própria, das formas geográficas herdadas. (SANTOS, 2006, p.141).

Esses processos ocasionam formas urbanas complexas, oriundas não apenas dos processos, mas também das práticas espaciais. Corrêa (2007b, p.68) define os processos espaciais como “um conjunto de forças atuando ao longo do tempo, viabilizando localizações, realocações, permanências de atividades e população sobre o espaço da cidade. Postos em ação pelos diversos agentes sociais da produção do espaço [...]”.

O autor salienta dois aspectos que definem os processos espaciais que são a repetição e a continuidade por um longo intervalo de tempo, tendo em vista que, também, os diferenciam das práticas espaciais, as quais

constituem ações espacialmente localizadas, engendradas por agentes sociais concretos, visando a objetivar seus projetos específicos [...] não necessariamente sistemáticas e regulares, caracterizadas por uma escala temporal limitada. (CORRÊA, 2007b, p.68).

Santos (2006, p.140) relaciona os processos e as práticas afirmando que o “processo social está sempre deixando heranças que acabam constituindo uma condição para as novas etapas.” Seja qual for essa herança, há nela uma prática, sendo, como escreve o autor, “a prática depositada nas coisas, tornada condição para novas práticas.”

Assim, compreende-se que processos e práticas estão imbricados e que a sua associação em um dado período espaço-temporal deixa permanências, chamadas por Milton Santos de rugosidades, as quais têm influência no surgimento de novos processos e novas práticas espaciais. Depreende-se, pois, que as rugosidades são marcas da produção do espaço em tempos pretéritos que contribuem para revelar as formas urbanas atuais e seus conteúdos.

Carlos (2007) entende que refletir acerca das práticas espaciais contribui para a reflexão da diferenciação socioespacial. A autora toma por base a desigualdade manifesta no espaço, entendendo que esta é proveniente da produção do espaço, espaço este que é produto não apenas das relações de produção, mas da produção da vida, chamado por ela de reprodução da sociedade.

Diante disso, Carlos (2007, p.50) compreende que pensar sobre os conteúdos das práticas espaciais, especialmente os mais recentes, contribui para entender o processo de diferenciação socioespacial, o que significa considerar:

a) a reprodução da sociedade e do espaço em seu movimento contraditório como produto da história; b) no plano espacial, a localização e realização do confronto entre necessidades e objetivos diferenciados, segundo os níveis da realidade social (segundo a classe), política ou econômica gerando, nos dias atuais, uma prática socioespacial caracterizada pela normatização e pelo controle (uma prática que caracterizaria a cidade como segregada, por exemplo); c) as novas estratégias que associam os planos do econômico e político no sentido de atuação conjunta no espaço e nos ‘negócios urbanos’ com o desenvolvimento, por exemplo, das parcerias público-privadas; d) as novas formas de contestação.

Percebe-se, no exercício de construção teórica sobre a diferenciação socioespacial dos autores citados Carlos (2007); Corrêa (2007b); Sposito (2013); Vasconcelos (2013), que a desigualdade está presente no centro das discussões sobre o tema, ou seja, as ações desenvolvidas nas esferas econômica, política e social têm rebatimentos na produção do espaço urbano e se manifestam em formas igualmente desiguais para a sociedade e no seu acesso à cidade, por meio do consumo de espaços, produtos e serviços.

2.3 Diferenciação, desigualdade, segregação e fragmentação

Na cidade de Mossoró, a produção desigual do espaço se revela em novos espaços de moradia, em novos espaços de consumo e em novos espaços de lazer, que são concebidos com base em empreendimentos que podem engendrar processos de segregação ou fragmentação em função da segmentação socioespacial. Tais processos distinguem locais diferentes para se habitar, com menos ou mais infraestrutura, ou ainda, locais diferentes para se consumir produtos, serviços e entretenimento, dependendo do poder aquisitivo do morador. Essa perspectiva vem sendo promovida por agentes públicos e privados e se revelam nas práticas espaciais dos cidadãos.

Para descrever esses processos, conceitos como segregação e fragmentação são utilizados no intuito de explicar a maneira como ocorrem e quais são suas particularidades. A necessidade de abordar esses dois conceitos se faz importante tendo em vista que resultam das desigualdades identificadas no âmbito da produção do espaço urbano.

Atinente à segregação, Sposito (2013) ressalta fatores que devem ser observados em seu uso, devido à sua adoção em filiações teóricas distintas, o que lhe atribui diferentes sentidos, além da necessidade de se analisar o processo em si, tendo em vista a realidade latino-americana e as distintas formações socioespaciais. Afirma, ainda, que a segregação tem dimensões que podem “implicar ou incluir ou ter interfaces com várias dinâmicas, mas não pode[m] ser confundida[s] com elas: diferenciação espacial, produção de desigualdades espaciais, exclusão social e/ou espacial [...]” (SPOSITO, 2013, p.63).

Com o propósito de explicitar características que sejam próprias ao processo de segregação e que possam distingui-lo teoricamente dos outros processos espaciais, a autora levanta seis pontos a serem considerados em sua construção conceitual:

[1] Nem todas as formas de diferenciação e de desigualdades são, necessariamente, formas de segregação. [...] Só cabe a aplicação do conceito de segregação quando as formas de diferenciação levam à separação espacial radical e implicam rompimento, sempre relativo, entre a parte segregada e o conjunto do espaço urbano, dificultando as relações e articulações que movem a vida urbana. (SPOSITO, 2013, p.63).

Assim como Sposito (2013), Vasconcelos (2013) também coloca a separação radical do espaço urbano como uma característica da segregação, no intuito de separar comunidades que se diferenciam pela religião, raça, sistema político e social. O autor cita como exemplos os católicos e protestantes na Irlanda, o isolamento forçado de comunidades (guetos ou bairros negros norte-americanos), bem como o Muro de Berlim, que separava a Alemanha Oriental da Ocidental.

Prosseguindo com os pontos de Sposito (2013), a autora destaca as várias faces da segregação, ou as diversas maneiras de qualificá-la.

[2] Múltiplas formas de adjetivá-la [...] social, espacial, socio-espacial, urbana, residencial, étnica [...] [motivadas pelos] modos de apropriação e uso do espaço [por se tratarem de] processos relativos aos espaços citadinos e às práticas que lhe animam a vida. [Sposito tem] preferido “segregação socioespacial”, [pois considera] que as duas dimensões mais importantes da sua constituição estão contidas nesta adjetivação.

[3] A segregação é sempre de natureza espacial [...] A segregação é, dentre todos os conceitos e noções que tratam das dinâmicas de segmentação socioespacial nas cidades, o que tem maior grau de determinação no plano espacial: sem este ela não se constitui e somente nele pode se revelar.

[4] Embora muitas vezes seja tratada como fato [...] é, na essência, um processo. Como tal, sua espacialidade só pode ser apreendida na perspectiva temporal, ou seja, considerando-se as múltiplas temporalidades que ensejam a vida urbana, desde a longa duração até os tempos curtos do cotidiano na cidade.[...] Embora ela seja espacial, sua ocorrência não é intrínseca às formas espaciais ou explicadas por elas, muito ao contrário, como todo processo ela tem forte relação com as ações [práticas, conteúdos] que a constituem e que colocam em marcha (tanto quanto representam) visões de mundo e de sociedade.

[5] A segregação se estabelece sempre como uma mescla de condicionantes e expressões objetivas e subjetivas. [...] a indissociabilidade entre objetividade e subjetividade na constituição e existência da segregação é que não sendo natural, mas, sim, social, ela revela os campos de ações e lutas que movem a sociedade, sendo esta a mais perversa entre suas faces. A segmentação socioespacial, quando se radicaliza e se expressa como segregação socioespacial, não está dada pela linha férrea, não se estabelece por si na lei, não se configura porque resulta de uma ocupação inadequada. Esses fatos só ganham significado no modo como a sociedade os lê, decodifica-os e os representa, usando-os para, em suas ações, em suas práticas e em suas visões, constituir e reproduzir a segregação. Neste movimento, há razões e emoções, normas e transgressões, explicações e crenças, o estrutural e o ideológico, há identidade e intolerância, há o concreto e o abstrato, e muito mais.

[6] A segregação vincula-se aos sujeitos sociais envolvidos no processo – os que segregam e os que estão segregados. Ela não resulta de dinâmicas da cidade em si, como se fossem resultado da competição “natural” entre diferentes grupos pelo uso do espaço. A cidade explica, apenas na medida em que revela os modos como, no âmbito de uma sociedade, as forças se estabelecem, as alianças se realizam, os conflitos emergem e se aprofundam, nos planos político, econômico e ideológico, conforme classes e segmentos de classes sociais. Ela denota, também, contradições mais amplas, as de natureza cultural, étnica e religiosa. (SPOSITO, 2013, p.64-67 [termos acrescidos]).

Além desses aspectos levantados por Sposito (2013), a autora e Vasconcelos (2013) ressaltam as novas formas de segregação socioespacial reveladas nas formas de moradia, segundo a qual sujeitos socialmente homogêneos decidem, como ratifica Vasconcelos (2013), se autossegregar. Os aspectos que estão envolvidos nesta ação, predominantemente são de caráter socioeconômico, mas não apenas, pois podem ser também étnicos, culturais, dentre outros, bem como podem estar todos relacionados. Esse processo ocasiona parcelas urbanas onde os sujeitos sociais vivem entre os seus iguais e evitam o estranhamento com os que são diferentes. A autossegregação ocorre em cidades de todos os portes, está presente no centro delas, em seu entorno e em sua periferia. Portanto, ela faz parte de diversos segmentos sociais e fica bem caracterizada pelos condomínios e loteamentos fechados.

Neste aspecto, Corrêa (2002) faz uma distinção entre a autossegregação, quando os cidadãos optam por viver entre muros, na forma de moradia que supõe separação dos diferentes, controle de acesso e qualidade de vida, e a segregação imposta, quando o indivíduo é segregado não por escolha, mas porque não detém meios materiais para habitar em outra localização próximo à área de amenidades.

Corrêa (2002, p.64) explica:

[...] a primeira referindo-se à segregação da classe dominante, e a segunda à dos grupos sociais cujas opções de como e onde morar são pequenas ou nulas. A segregação assim redimensionada aparece com um duplo papel, o de ser um meio de manutenção dos privilégios por parte [dos grupos dominantes] e o de um meio de controle social por [estes mesmos grupos] sobre os outros grupos sociais, [...]. Este controle está diretamente vinculado à necessidade de se manter grupos sociais desempenhando papéis que lhe são destinados dentro da divisão social do trabalho, [...] papéis impostos [pelos grupos dominantes que precisam] controlar um grande segmento da sociedade, não apenas no presente mas também no futuro, pois se torna necessário que se reproduzam as relações sociais de produção.

Outro conceito também utilizado quando a segmentação socioespacial está em análise, é o de fragmentação. O que diferencia o processo de segregação do processo de fragmentação socioespacial?

De acordo com Sposito (2013), a fragmentação socioespacial não anula a segregação. A fragmentação é um processo contemporâneo, não sendo possível utilizar o conceito para a cidade do início do século XX, quando surgiu o conceito de segregação, podendo, contudo, ambos serem empregados para a cidade de hoje.

A fragmentação supõe um aprofundamento das desigualdades, a dissolução das possibilidades de interação entre os diversos cidadãos nos espaços da cidade, inclusive com a restrição de uso dos espaços públicos, o que impossibilita o contato entre os diferentes. Dessa maneira, apresenta um aspecto material e outro simbólico, se dando por meio de práticas e representações que englobam as formas de moradia, como a autosegregação, mas não apenas, pois diz respeito ao uso do espaço urbano nas mais diversas atividades para a realização da vida, priorizando o convívio entre os iguais, demarcando de forma mais intensa as diferenças entre os segmentos sociais. São parcelas de cidades justapostas, heterogêneas e que não formam um “todo”, pois são segmentadas no conteúdo e no uso do espaço urbano, a cidade fragmentada que, de acordo com Vasconcelos (2013, p. 22) corresponde a “uma mistura de usos desconectados, mal articulados pelas infraestruturas de transporte. [...] produzida em parte pela ação (ou inação) do Estado, do mercado imobiliário e, sobretudo, pela ação da população pobre”.

Sposito (2013) ressalta alguns aspectos que devem ser observados para a análise do processo de fragmentação, tais como: o espaço não apenas como resultado da fragmentação, mas como determinante nesse processo; a perspectiva do tempo; a articulação entre as escalas e as mudanças nas práticas espaciais e nas representações sociais acerca das cidades. Além disso, o diálogo com estudos sobre realidades diferentes, mas sem prescindir da importância dos estudos sobre a América Latina, já que abrange a realidade brasileira. Neste aspecto, a autora destaca um estudo latino americano, de Prévôt-Schapira e Pineda, que considera a análise da fragmentação como:

Estudo de políticas públicas e novos modelos de governança nas metrópoles [...]; transformações associadas à globalização e às novas formas de ação empresarial; análise das relações entre mudança social e evolução da estrutura urbana. (SPOSITO, 2013, p.83).

Estudar os processos de diferenciação, segregação e fragmentação, como pode ser visto ao longo deste tópico, requer a análise do processo de produção e reprodução do espaço urbano, o seu uso, as formas e os conteúdos, as práticas espaciais, dentre outros aspectos importantes que estão relacionados, por exemplo, o planejamento de ações e a produção material da cidade. Para tanto, faz-se importante entender o espaço não apenas como um “componente” isolado, um receptáculo, mas

como uma dimensão determinante e relacional, a qual está presente em todos os esforços de construção teórica atinentes ao tema.

2.4 Produção do planejamento urbano e a ampliação da diferenciação socioespacial

Como apresentamos anteriormente, Carlos (2011) entende o espaço como movimento e processo que se realiza como condição, meio e produto da reprodução da sociedade. Nessa reprodução, surgem os conflitos que estão no plano da vida cotidiana, sendo possível compreender os seguintes níveis da realidade: o econômico, o político e o social.

O nível econômico provê as necessidades do capital, enquanto condição, o espaço se apresenta na relação de alguns fatores como infraestrutura, mercado de trabalho, matéria-prima. Como meio, favorece o ciclo do capital de produção-distribuição-circulação-troca-consumo. E como produto, ele é capital fixo, condição geral da produção, sendo que ele mesmo se valoriza nesse processo.

O nível político diz respeito à ação do Estado. Assim, o espaço é condição, instrumento político que é organizado e manipulado como forma de dominação e controle. Como meio, o Estado usa as políticas públicas para reforçar e promover a hierarquização dos lugares, para reorganizar as relações sociais e a produção na cidade e, como produto “evidencia-se o espaço da norma e da vigilância como forma de construção de um espaço estratégico”. Espaço esse que, nesse movimento, aprofunda as desigualdades socioespaciais (CARLOS, 2011, p.76).

O nível social é considerado pela autora como o mais importante, pois se trata da reprodução da vida humana em um determinado local e tempo, que dá visibilidade aos outros dois níveis no plano da vida cotidiana em que são expressos os conflitos devido aos objetivos e necessidades dos diferentes grupos sociais.

Carlos (2011, p.78) reflete sobre o espaço como condição, meio e produto também no nível social. Como condição afirma ser o “espaço da materialização das relações sociais”. Como meio é o espaço da circulação, da “fluidez entre o público e o privado, além de permitir também a constituição de uma história individual, necessariamente inserida em uma história que é coletiva.” E, como produto, temos o espaço enquanto valor de uso, “a atividade prática muda constantemente o espaço e os significados dos lugares, de maneira que traços novos e distintos trazem novos

valores aos lugares e re-nomeiam constantemente as atividades.”

Como afirma a autora, é possível compreender a produção do espaço por meio da reprodução da vida, pois a vida se realiza no âmbito do espaço, e o espaço se realiza por meio da reprodução da sociedade. Esta reprodução do espaço, enquanto condição, meio e produto se revela nos conflitos, nas desigualdades que se dão na escala do global da metrópole e do local, nos níveis econômico, político e social (CARLOS, 2011).

Apesar das reflexões de Carlos (2011) se pautarem na análise da metrópole, elas podem ser verificadas em escalas menores, a exemplo das cidades médias, como é o caso de Mossoró. Em Mossoró, na escala do local, no plano da vida cotidiana, essas desigualdades também se manifestam nos níveis econômico, político e social.

No nível econômico, como poderá ser observado de forma mais abrangente no capítulo dois, as atividades econômicas consistem na influência mais relevante na organização do espaço urbano de Mossoró, especialmente após a década de 1980 com a implantação da Petrobras na cidade. Elias e Pequeno (2010, p.189) afirmam que “Mossoró é um exemplo do poder de transformação promovido pela exploração do petróleo. Toda essa economia do petróleo imprimiu nova lógica à cidade e à região.”

Já no nível político, observa-se que as gestões municipais têm investido em infraestrutura em algumas áreas, contribuindo para o surgimento de novos espaços de lazer e de consumo. Essas ações ocasionam valorização de localizações, engedrando, desta forma, a hierarquização dos lugares e a ampliação das desigualdades. No nível social, verifica-se que, com os novos espaços, surgem também novas práticas espaciais, que podem ser reveladoras de desigualdade, pois os espaços, mesmo os públicos ou de acesso coletivo, como, por exemplo, o *shopping*, podem pressupor pagamento que, a depender do segmento de renda do cidadão, pode inviabilizar o uso ou frequência regular a esses espaços.

Percebe-se, portanto, que a produção do espaço se dá de forma desigual por meio dos seus agentes, de modo a atender as demandas do capital em todas as porções do globo. Se, a partir da Revolução Industrial, as cidades se organizaram para a produção, no capitalismo tardio, elas se organizaram para o consumo, sendo o espaço, ele mesmo, transformado em mercadoria.

O reflexo dessas ações se faz representar em todas as escalas, embora não ocorram da mesma maneira, estabelecendo a diferenciação do espaço, como coloca Carlos (2007). A autora assinala que:

Desse modo, a prática socioespacial, fundada na desigualdade concreta e real, propõe a realização da diferença num outro plano, contestando, de um lado, a redução do humano e da vida na cidade ao mundo da mercadoria, que produz a “cidade como negócio” (o crescimento como estratégia da reprodução espacial) e de outro, mas a ela associado, o planejamento do espaço sob a lógica do econômico posto que a condição do lugar na sua inserção à lógica global, produtora (também ela) de diferenciações, aprofunda a contradição entre espaços integrados/desintegrados à globalização, traduzida pela contradição centro-periferia [...] Portanto, a diferenciação se estabelece e se realiza, a partir do lugar, entre escalas e em cada uma delas. (CARLOS, 2007, p.49).

Contudo, essa ação no espaço é produzida não somente por agentes privados. Existe a ação do Estado, que tem em suas atribuições a organização do espaço por meio de instrumentos normativos, “[...] estabelecimento de normas de zoneamento e da criação de políticas urbanas que provocam mudanças redefinindo usos, funções e preços, provocando, com isso, a valorização/desvalorização dos lugares”, ou seja, a “ação planificadora” como coloca Carlos (2011, p.117).

Essa ação, como já mencionada pela autora, é revelada no nível político. O Estado usa o espaço como instrumento, administra, organiza o mesmo por meio de princípios expressos nas políticas públicas, que produzem espaços segmentados e socialmente desiguais. A atuação do Estado é, portanto, parte da equação nesse processo, que transforma o espaço em mercadoria.

Carlos (2011) considera que essas políticas acompanham um direcionamento do que ocorre em nível mundial e determina uma nova configuração na relação entre Estado e espaço. Para a autora:

[...] uma nova relação Estado/espaço – que aparece, por exemplo, através das políticas públicas que orientam os investimentos em determinados setores e em determinadas áreas da metrópole, com a produção de infraestruturas e ‘re-parcelamento’ do solo urbano, por meio da realização de operações urbanas e da chamada requalificação de áreas – principalmente centrais – vale-se da realização de ‘parcerias’ entre a prefeitura e os setores privados, que acabam influenciando e orientando essas políticas (CARLOS, 2011, p.86).

Na verdade, essa “parceria” que privilegia interesses na produção do espaço urbano brasileiro não é algo inédito sobre a história do planejamento urbano no Brasil, pois esse tem sido um instrumento mais ideológico do que pragmático e que, historicamente, tem servido para favorecer e legitimar o poder da classe dominante (VILLAÇA, 2010).

Para Silva (2013), há um “[...] processo social de produção do planejamento urbano.” [...]. Tomando-se esta compreensão como ponto de partida, a ação de planejar, que poderia ser lida por planos, leis, códigos e outros instrumentos urbanísticos, deve ser lida, antes de tudo, por sua dimensão política e social. As ações de planejamento são produzidas nos contextos de desigualdade social e política e, portanto, parcelares e parciais, pois: não dão conta da totalidade; porque expressam o resultado de um processo de disputa pelo poder, resultando ora em um aparente consenso, ora numa visão de mundo de parcelas da sociedade, assumindo um código de parcialidade (pois toma e expressa partido).

Segundo Villaça (2010, p.172), “o conceito dominante de planejamento urbano [...] tem como especificidade a organização do espaço urbano (embora não se possa limitar a isso) e aplica-se ao plano de uma cidade individualmente.” O autor divide em três períodos a história do planejamento urbano no Brasil: o primeiro tem início no final do século XIX, por volta de 1875 e vai até o ano de 1930. O segundo começa em 1930 e se estende por volta de 1992, ano em que se inicia o terceiro período e que perdura até o fim do século XX.

O primeiro período corresponde aos planos de “melhoramentos e embelezamento”, ou “embelezamento urbano”, que tem por base o modelo europeu disseminado na França e na Espanha, que evidencia a beleza de obras monumentais. No Brasil, a mudança da elite colonial para a elite capitalista representou a modernização do espaço urbano, fundamentado no discurso higienista que predominava na Europa.

Acerca disso, Costa (2013, p.7-8) comenta que:

A influência da linguagem médica no discurso urbano se concretiza na medicalização da sociedade e do espaço, influenciando as políticas urbanas, as formas de habitar, as práticas de higiene. [...]

O discurso higienista define a organização do espaço urbano, interfere nas políticas de urbanização das cidades europeias e é utilizado para justificar grandes intervenções urbanas. [...]

Este mesmo pensamento médico, que nasceu e se desenvolveu na Europa, se difundiu pelo mundo ocidental e mudou a forma de pensar a organização das cidades. Foi baseado nesses princípios que se promoveram intervenções urbanas radicais, das quais a mais importante e que grande influência teve sobre as obras foi a empreendida em Paris sob o comando do Barão Haussmann, entre 1853 a 1869. O modelo Haussmann de urbanização influenciaria a reforma urbana de várias cidades europeias como Viena, Berlim e Roma e inspiraria o Prefeito Francisco Pereira Passos na transformação da fisionomia urbana da capital do Brasil, o Rio de Janeiro, iniciada em 1904.

No entanto, os problemas sociais agravaram-se, pois a ação do Poder Público na busca dessa transformação da fisionomia urbana foi, na maioria das vezes, esconder ou afastar os “problemas”. A exemplo da cidade do Rio de Janeiro, ocorreu o início da ocupação dos morros e a origem das favelas devido à valorização dos terrenos no entorno do centro, após as reformas. O agravamento de aspectos urbanos, tais como saneamento, habitação e transportes, além do deslocamento de interesse do capital para obras de infraestrutura, foram os limites para os planos de embelezamento no Brasil (VILLAÇA, 2010).

Essa preocupação com os transtornos nas cidades e a com as obras de infraestrutura deram o tom da nova fase do planejamento no Brasil, que teve início na década de 1930, com a eficiência como paradigma, que ocupou o lugar da beleza na fase anterior e, conseqüentemente, o seu declínio nos anos que se seguiram. Esta fase do planejamento foi da década de 1930 à década de 1990.

Villaça (2010) chama a atenção para o fato de que é desta fase o surgimento do movimento operário e a contestação das ações públicas que favoreciam somente a classe dominante. Isso repercutiu na elaboração dos planos que, no discurso, atendiam à população em geral, “plano global” ou “plano geral”, mas na prática continuavam atendendo à classe dominante, privilegiando o transporte individual e os interesses imobiliários. Além disso, nesta fase, o plano passou a ser um produto intelectual, técnico, com base científica, realizado por especialistas fora da esfera pública, fazendo valer o que está expresso em suas páginas e não o que é, de fato, exequível. Seria o plano tecnocrata, ideologia que vai dominar o período.

É desse intervalo temporal, no Regime Militar, o surgimento do Plano Diretor, que ressurgiu em resposta aos movimentos populares pela reforma urbana, na Constituição Federal de 1988, com reivindicações por uma cidade mais igualitária, especialmente no que dizia respeito à propriedade imobiliária, sistema de transportes, moradia e gestão urbana. Surgiu a ascensão da política neoliberal, no esteio da reestruturação produtiva da globalização, com a descentralização do Estado, que teve alcance de forma mais predominante na década de 1980, com a eleição de Ronald Reagan, nos Estados Unidos e Margaret Thatcher, como Primeira-Ministra da Inglaterra, pois ambos defendiam um ideário neoliberal, o que influenciou a adoção de tais propostas em nível mundial (OTRANTO, 1999).

No Brasil, o neoliberalismo inicialmente prosperou no governo de Fernando Collor, no começo da década de 1990, representando

[...] a substituição da agenda constitucional reformista pela agenda da inserção competitiva”, com a “redução dos gastos sociais, afetando o financiamento público para a construção habitacional e para infraestrutura urbana. (COMPANS, 2005, p.16).

A descentralização do Estado, que confere responsabilidades aos estados e municípios, apresentou “o aumento da competição entre estados e municípios pela atração de investimentos, negócios e empresas”, no sentido contrário ao planejamento econômico e regional e na busca de inserir as cidades “nos circuitos espaciais da economia globalizada” (COMPANS, 2005, p.17).

Essa estratégia coincidiu com a concepção neoliberal de regulação da ordem social pelo mercado, que teve influência, igualmente, no planejamento urbano. “Um amplo leque de governos locais é seduzido por esse ‘modelo’, fazendo uma opção clara pelo chamado ‘planejamento estratégico de cidade’, cujo fundamento constrói a necessidade de transformação da cidade em mercadoria” (SÁNCHEZ, 2010, p.67).

O planejamento estratégico de cidades se mostrou como um novo modelo de política urbana no final do século passado, que, com a crise do capitalismo, a ascensão do neoliberalismo e a globalização da economia, revelou-se também como uma nova estratégia de produção e reprodução do capital. Ela pretendeu, em uma lógica de competitividade interurbana, inserir os espaços urbanos em um mercado mundial de cidades.

Harvey (1996) argumenta que, com a recessão da década de 1970, que acarretou processos de desindustrialização, desemprego, privatizações, além do processo de globalização econômica, que, por conseguinte, ocasionou o enfraquecimento dos Estados-Nação no controle da movimentação financeira em nível internacional, os governos locais ganharam protagonismo em um contexto onde houvesse maior flexibilidade de localização das empresas, e onde os agentes investissem para potencializar a atratividade dos locais. Nesse momento, ocorreu uma mudança na gestão das cidades, ou seja, do gerenciamento urbano passou para o empresariamento urbano.

Sánchez (1999) menciona que a competição decorrente desses processos não é circunscrita apenas às cidades, por meio de seus governos locais que buscam novos investimentos, além de tentar manter a todo custo os já conquistados, mas também das empresas que procuram uma melhor vantagem locacional.

No entanto, afirma ainda, haver outro fator nesta equação, visto que “esta ‘guerra’ não é apenas pela atração da produção, mas também é pela atração ampliada de consumidores.” Assim, essa disputa se dá no intuito de “captar investimentos, criar empregos, atrair turistas e financiamentos públicos” (SÁNCHEZ, 1999, p.116-117).

Independente da denominação, empresariamento urbano ou planejamento estratégico, o “novo planejamento urbano” apresenta a característica de associação entre agentes públicos e privados. Essa parceria público-privada tem por objetivo o incremento de investimentos, o desenvolvimento econômico dos locais e a integração dos mesmos no circuito do capital (HARVEY, 1996).

Borja e Castells (1996, p.158) colocam essa parceria, inclusive, como uma das condições para a eficácia desses “Projetos de Futuro”. Estabelecem que essa mobilização, no sentido de viabilizar esses projetos, propicia confiabilidade entre os agentes envolvidos no projeto de cidade, o que colabora na construção de uma concordância social, componente da formação de uma “cultura cívica e num patriotismo de cidade”, elemento que os autores consideram ser a “principal força de um planejamento estratégico.”

Além do “patriotismo de cidade”, os mesmos autores enfatizam dois outros elementos: o primeiro é a competência dos governos locais na administração das cidades, neste novo contexto e no relacionamento com agentes externos e internos; o segundo é o empenho com a imagem da cidade, ou seja, a construção ou mudança da imagem da cidade, tanto para os cidadãos, a imagem interna, quanto a imagem que é projetada no exterior. A mudança e a venda dessa nova imagem é realizada por meio do *city marketing*, a “mercadoria-cidade”.

Como analisa Sánchez (2010, p.71), a cidade é traduzida em imagem, em marca e essa é o atributo utilizado para a competição no mercado de cidades. No entanto, cidades diferentes em sua formação territorial e em sua história são vendidas de forma semelhante, posto que estão submetidas a modelos internacionais, que demandam elementos para uma cidade eficiente, “voltados sobretudo à modernização da infraestrutura de telecomunicações e transportes, à competitividade, à eficiência na gestão urbana, à construção de sustentabilidade, civismo urbano e multiculturalismo.”

Harvey (2004) também menciona a preocupação dos gestores das cidades com a imagem transmitida acerca destas localidades, e ele atribui a mesma a um cenário

no qual as localidades competem entre si, onde a arquitetura e o projeto urbano são elementos importantes, por isso propensos à espetacularização.

Para Harvey (2004, p.92):

Dar determinada imagem à cidade através da organização de espaços urbanos espetaculares se tornou um meio de atrair capital e pessoas (“do tipo certo”) num período (que começou em 1973) de competição interurbana e de empreedimentismo urbano intensificados.

Essa “modernização” dos locais, comumente está associada a obras de intervenção urbanas de impacto nas cidades, no intuito de favorecer o consumo da e na cidade, por meio de atividades como o comércio, o lazer e o turismo. Algumas das estratégias de intervenção urbana surgiram na década de 1950, e a cada período elas mudaram de acordo com os interesses e projetos dos agentes promotores dessas intervenções no espaço urbano, ganhando também outras denominações, tais como reabilitação, renovação, revitalização, requalificação ou conservação integrada (VARGAS; CASTILHOS, 2009).

As partes urbanas que têm sido alvo de investimentos nesse sentido são as áreas centrais, pericentrais e/ou aquelas que coincidem com formas espaciais que se associaram à cidade industrial ou mercantil, utilizando-se, por vezes, das áreas portuárias, ferroviárias ou industriais esvaziadas ou desativadas, que efetivamente costumam ser as áreas “vitrine” das cidades renovadas ou reinventadas (SÁNCHEZ, 2010).

Os estudos desses processos, em sua maioria, estão associados à escala metropolitana. Um marco mundial que se tornou modelo foi a cidade de Barcelona, na Espanha. As transformações tiveram início da década de 1980, inicialmente devido ao déficit de habitação e equipamentos sociais, decorrentes de uma crise econômica e fluxos migratórios. Primeiramente, tinha um apelo social. Vários fatores, tais como a adesão à Comunidade Europeia e a aprovação como sede olímpica, em 1986, além da globalização econômica, a descentralização estatal e a perspectiva de competitividade entre cidades, deram ensejo à operacionalização de projetos urbanos de impacto com a participação da iniciativa privada. Os equipamentos urbanos e culturais promovidos internacionalmente, além do investimento em tecnologia e inovação para um público heterogêneo social e economicamente, atraíram mais empresas, turismo e novos habitantes. Esse “modelo”

se difundiu, também, nas cidades latino-americanas (ABRANTES, 2010).

Segundo Sánchez (2010, p.53), o mesmo

[...] encontra na América Latina e particularmente no Brasil, canais ampliados de difusão, por meio de ações integradas entre agências multilaterais [...] [ONU, BID, Banco Mundial] e consultorias internacionais, principalmente as catalãs.

No Brasil, o marco inicial do planejamento estratégico ocorreu na década de 1990, na cidade do Rio de Janeiro. A partir de então, as estratégias de intervenção se disseminaram em outros Estados brasileiros, o que suscitou estudos sobre esses processos, a exemplo do trabalho de Compans (2005) no Rio de Janeiro, Rogério Proença Leite (2007) em Recife, Ferreira (2007) em São Paulo, Sánchez (2010) em Curitiba, para citar algumas dessas pesquisas.

Como já citado anteriormente, de acordo com Carlos (2011), a ação de planejar o espaço é de competência do Estado que, por meio das políticas públicas, hierarquiza locais, muda suas funções e usos, acompanhando a tendência do que ocorre em nível mundial. Desse modo, esses processos expressam a produção desigual do espaço, por meio de intervenções em áreas eleitas, principalmente áreas centrais, alvos do discurso de “declínio” econômico em virtude da desindustrialização, como aborda Trindade Júnior (2010).

Essas ações ensejam valorização imobiliária em virtude da melhoria de infraestrutura, “higienização” física e social nos novos espaços construídos, novas formas de usos e apropriação, novas funções e novos sentidos do espaço urbano, que passa por intervenções. A valorização dessas áreas atrai a instalação de novos espaços de consumo (*shopping centers*), novos empreendimentos associados ao lazer e setor de alimentação (bares, restaurantes, redes de *fast food*), equipamentos de serviços especializados (hotéis, hospitais e universidades privadas), bem como novas formas de ocupação (condomínios verticais e horizontais, que podem ser residenciais e corporativos). Além disso, esses fatores contribuem para a criação de novas expressões de centralidade no espaço urbano.

2.5 Produção do planejamento urbano e as cidades médias

De acordo com Silva (2013), as políticas de planejamento urbano brasileiras

são orientadas para espaços urbanos onde a concentração populacional é maior e as relações econômicas são mais dinâmicas, o que coloca em evidência as metrópoles. Entretanto, as políticas vêm tendo rebatimento, também, nas cidades médias que, ao lado das metrópoles, representam os espaços de maior complexidade na rede urbana.

Refletir acerca do papel das cidades médias e pequenas na rede urbana brasileira, suas interações no contexto regional e nacional, requer, pensar a influência do Estado na organização dos espaços, por meio de políticas públicas desenvolvimentistas, a exemplo das políticas de habitação do Governo Federal na década de 1970, que contribuíram para consolidar o nível de centralidade das mesmas na rede urbana. Abordam, outrossim, que as ações do Estado têm estreita relação com o sistema capitalista, que mediante a reestruturação produtiva “alteraram os papéis e a estrutura do Estado, com redefinição da divisão regional do trabalho” (DIAS; LOPES, 2014, p.10).

Afirmam ainda que:

Decorrente das possibilidades engendradas pelo avanço das tecnologias e desenvolvimento da técnica, mas também das políticas de isenções e incentivos econômicos e fiscais [...] o capitalismo contemporâneo adotou uma estratégia de localização espacial das empresas, assim como dos equipamentos comerciais e de serviços, marcada pela desconcentração territorial. Essa estratégia, necessária à ampliação e concentração do capital, é concretizada em maior ou menor medida, pela atuação dos agentes públicos. (DIAS; LOPES, 2014, p.10-11).

O planejamento urbano, portanto, por meio do Estado, tem ensejado mudanças no espaço das cidades, suscitando diferenciação entre áreas, bem como entre cidades de diferentes portes e funções. Isso ocorreu desde o início do planejamento urbano no Brasil, no final do século XIX.

As cidades médias, a partir do processo de reestruturação econômica e desconcentração industrial, que tiveram início da década de 1970, ocuparam relevante papel na rede urbana brasileira, apresentando novas configurações da divisão social e territorial do trabalho no período da globalização. Branco (2006) e Corrêa (2007a) fazem um esforço de investigação para compreender e explicar as cidades médias e a redefinição dos seus papéis nessa nova fase do capitalismo.

Corrêa (2007a) relata que as cidades médias surgiram no contexto da fase industrial do capitalismo, na segunda metade do século XIX, quando as cidades da Europa ocidental e do nordeste dos Estados Unidos sofreram um incremento

populacional e econômico, o que deu origem à substituição de um padrão de cidades de diversos tamanhos e pouco integradas por um parâmetro com maior articulação entre elas e, ao mesmo tempo, com funções diferenciadas, suscitando o surgimento dos centros urbanos. Este processo seria o início da moderna rede urbana e onde poderia se estabelecer, a noção de cidade média.

Branco (2006) menciona que, no Brasil, a importância dessas cidades teve um impulso no período de 1970 a 2000, com o incremento do número de centros e de seus habitantes.

Os autores também fazem um esforço de definição para essas cidades. Corrêa (2007a, p.25) argumenta que cidades médias são “um tipo de cidade caracterizado por uma particular combinação de tamanho demográfico, funções urbanas e organização de seu espaço intraurbano. [...] combinação [...] que [...] deve ser contextualizada geograficamente.”

O que não é diferente do que Branco (2006, p.246) apresenta, isto é, preocupação que consiste em não definir as cidades médias apenas pelo aspecto demográfico e, sim, por suas funções e pelo “papel que desempenham na rede urbana regional, nacional e internacional.”

As cidades médias são denominadas por Sanfeliu e Llop Torné (2004) como cidades “*intermedias*”⁷, uso que teve início nos anos 1980, nos estudos acadêmicos, para ressaltar a importância das relações estabelecidas por essas cidades e seu papel na rede urbana para além dos aspectos quantitativos, que podem advir do termo “média”, como a extensão física ou aspectos demográficos.

Em contrapartida, *intermedia* está associado à função de intermediação que essas cidades desempenham em uma escala local/regional, tais como: centros servidores de bens e serviços, mais ou menos complexos para a população dos municípios da região que exerce influência; centros de interação social, econômica e cultural; nós que articulam fluxos em diferentes níveis da rede, do local ao regional e até nacional e internacional (SAFELIU; LLOP TORNÉ, 2004).

O empenho dos autores Branco (2006) e Corrêa (2007a), na análise e definição das cidades médias, continua especialmente com as mudanças advindas do processo de globalização, com a abertura da economia e a inserção dos espaços em uma

⁷ Deve-se compreender que o termo “intermedia”, em castelhano, não seria sinônimo do termo intermediária em português. Do mesmo modo, em português o termo “média” associado à “cidade” não possui a conotação quantitativa correspondente naquele outro idioma, como descrito acima.

sociedade em rede. Esse contexto mais complexo, abrange cidades em todas as escalas, inclusive as cidades médias.

Branco (2006, p.247) traz contribuições de três autores acerca do papel dessas cidades no cenário da globalização:

Assim, [Amorim e Serra, 2001] acrescentam às características, consideradas como definidoras das cidades médias [...] três novas funções, que podem ser desempenhadas por essas cidades em decorrência do processo conhecido por 'globalização': a de articuladoras privilegiadas nos 'eixos ou corredores de desenvolvimento' (AMORIM; SERRA, 2001, p.28); a atuação que podem exercer nos sistemas de redes regionais ou nacionais; e como fator de sucesso na localização de tecnopolos. Nessa mesma época, Sposito (2001) traz nova contribuição à questão da definição de cidades médias, adotando perspectiva geográfica, enfatizando a importância do sítio e situação ou posição geográfica das relações espaciais da cidade, especialmente as que dizem respeito ao consumo, do seu papel na divisão do trabalho, das funções que desempenham e da questão da distância dos centros de maior nível hierárquico. Sposito destaca o avanço tecnológico, notadamente nas comunicações, ao permitir a dissociação entre os centros de tomada de decisão e os centros produtivos, abre novas perspectivas locais para as cidades médias. [termos acrescentados].

Percebe-se, na contribuição dos autores, destaque para o papel de articulação dessas cidades, suas relações espaciais (com ênfase para o consumo) e o avanço nas redes de comunicação, que dão a essas urbes condições de competir pela atração de empresas e indústrias, compondo um cenário de maior flexibilidade de localização desses agentes econômicos. Portanto, neste movimento, que é pertinente ao capital e que se dá em escala mundial, porém com reflexo no local, algumas ações das gestões urbanas podem ser empreendidas no intuito de atrair investimentos, empregos e consumidores para suas cidades, ações estas que podem ser geradoras de diferenciação socioespacial, na medida em que ocasionam a valorização de parcelas do espaço urbano e não a sua totalidade.

Ao examinar os estudos desenvolvidos na escala metropolitana, observa-se que as intervenções e as ações do planejamento estratégico ocorrem com o intuito de inserir essas urbes em uma lógica de competição, em um mercado mundial de cidades. No entanto, intervenções urbano-paisagísticas com características semelhantes também se dão em aglomerações urbanas não metropolitanas, a exemplo das cidades médias. Para citar dois exemplos dessas políticas urbanas sendo adotadas por gestões públicas em cidades médias, pode-se consultar as pesquisas de Ferreira (2013), na cidade de Sobral/CE e de Rodrigues (2013), em Juiz de Fora/MG.

O estudo de Ferreira (2013) aborda a intervenção na área central da cidade de Sobral, que contou com melhoria de infraestrutura, de requalificação de espaços e de construção de equipamentos culturais no entorno desta parte da cidade, que constitui o “Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Sobral”, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Essa área foi denominada de “Corredor Cultural”.

Segundo Ferreira (2013, p.139), a monumentalização “abre as portas para a requalificação de espaços no entorno da área tombada e fora dela, inserindo a cidade em um novo perfil de competitividade e desenvolvimento.” O autor associa essas ações ao modelo de planejamento estratégico de cidades, voltado para a atração de investimentos e visitantes, além de fazer menção ao *citymarketing* utilizado como instrumento de publicidade da gestão local.

Já Rodrigues (2013) tem como objeto de estudo a produção do espaço urbano da cidade de Juiz de Fora, associada a cinco importantes avenidas que compõem o que a autora denomina “Eixo de Investimentos e Valorização Imobiliária”. A autora afirma que foi elaborado para a cidade um plano estratégico com assessoria do Centro Ibero-Americano de Desenvolvimento Estratégico Urbano (CIDEU) – de Barcelona, com intuito de “criar uma imagem de cidade coesa, competitiva e moderna, pautada em modelos de planejamento eficientes” (RODRIGUES, 2013, p.194).

Rodrigues (2013) ressalta ações previstas pelo plano estratégico com a finalidade de projetar o município no cenário econômico regional e nacional, tais como: obras de requalificação e revitalização do centro; melhoria das vias de acesso à cidade, bem como fortalecer o setor terciário com o incremento do comércio; e a oferta de serviços. Destaca que houve, no entorno desses cinco eixos, concentração de novos empreendimentos de consumo (*shopping center*, supermercados, comércio varejista), empreendimentos de lazer (casas noturnas, lanchonetes, restaurantes), oferta de serviços (bancos, hospitais, hotéis e universidades), além da edificação de condomínios verticais e horizontais.

A autora afirma que a junção desses equipamentos no eixo pesquisado contribui para a criação de novas expressões de centralidade e que as características dos empreendimentos são diferenciadas, modernas e se destinam a um público com maior poder aquisitivo, o que a autora acredita contribuir para “processos de gentrificação, de criação de novas territorialidades.” Em que pese, o uso adequado do

termo gentrificação ao contexto estudado está-se frente a um processo de segmentação espacial (RODRIGUES, 2013, p.233).

Depreende-se, então, ao longo deste capítulo, que a diferenciação socioespacial é um tema de estudo desde a Geografia Clássica, quando o bojo de seus estudos estava centrado no conceito de região. Somente na década de 1970, com a mudança de paradigma da Geografia Crítica, o objeto de estudo passa a ser o espaço produzido pelo modo de produção capitalista e suas relações de produção, encontrando materialidade no espaço urbano, pois a diferenciação socioespacial é característica das cidades capitalistas (SPOSITO, 2013), revelando a divisão territorial do trabalho em suas formas e conteúdos.

Carlos (2007) argumenta que a produção social do espaço urbano pode ser apreendida nos níveis econômico, político e social e, como condição, meio e produto da produção da vida cotidiana. Nessa dinâmica, a autora afirma que as desigualdades do espaço são produzidas por diversos processos e agentes e podem ser apreendidas por meio das práticas espaciais, em suas determinações materiais e simbólicas e na perspectiva do desenvolvimento histórico da sociedade. Um dos agentes é o Estado que, por meio do planejamento e das políticas urbanas, hierarquiza os espaços, diferenciando-os e ensejando a ação de outros agentes na produção do espaço, que também o fazem com diferenciação.

Como já exposto neste capítulo, acerca do relevante papel das cidades médias na rede urbana brasileira e das mudanças e reestruturação pelas quais vêm passando essas cidades, faz-se importante estudá-las no sentido de compreender como as transformações ocorrem, isto é, em um ritmo e em uma temporalidade que não é a da escala metropolitana, apresentando singularidades em suas dinâmicas.

Destarte, este trabalho tem como objeto de estudo “o processo da produção da diferenciação socioespacial na cidade de Mossoró”. A análise contempla o espaço urbano. Logo, com o objetivo de identificar como este processo foi sendo construído ao longo da constituição da cidade, apresentar-se-á o próximo capítulo, que trata desse assunto e das transformações mais recentes no que dizem respeito às novas formas de moradia e aos novos espaços de consumo e de lazer. Nessa nova realidade, pode-se identificar o processo de diferenciação socioespacial e o seu aprofundamento em um contexto de reestruturação da cidade.

3 CONSTITUIÇÃO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE MOSSORÓ-RN: A CONSTRUÇÃO DA DESIGUALDADE

A constituição e a produção do espaço urbano de Mossoró-RN são analisadas neste capítulo, partindo-se do entendimento de que tais processos demonstram que a construção da desigualdade socioespacial foi sendo erigida em diferentes momentos, por meio de distintos processos e da ação de diversos agentes.

Observa-se que algumas cidades nordestinas, denominadas cidades médias, que é o caso de Mossoró, funcionam como centros regionais e se articulam em diferentes escalas dentro da rede urbana. Elas estão alargando e/ou reorganizando seus papéis, dependendo da ampliação de sua área de influência e da relação com outras áreas de influência no Rio Grande do Norte e mesmo em outros recortes (SANTOS, 2009).

Mossoró exerce papel significativo na região de influência em que está inserida, pois polariza o comércio (COUTO, 2011) e a prestação de serviços, principalmente os especializados como saúde e educação superior, para os municípios que estão sob a sua região de influência.

É, também, nessas cidades onde se realizam os circuitos produtivos do sal, do petróleo e da fruticultura, principais atividades econômicas de Mossoró (DUTRA, 2010), pois concentra a gestão e a logística dessas atividades, tendo repercussão na sua formação e na sua expansão territorial urbana. A articulação desses circuitos produtivos ocorre em níveis que ultrapassam a escala regional, pois se dão em escala nacional e internacional (ELIAS; PEQUENO, 2010). A dinâmica dessas atividades não ocorre sem diferenciação intraurbana.

Neste capítulo, pretende-se apresentar a constituição e a produção do espaço urbano de Mossoró, buscando identificar como foi acontecendo a diferenciação socioespacial nesta cidade, desde a sua origem, e como esse processo foi tendo continuidade por meio do estabelecimento das atividades econômicas.

Dessa forma, este capítulo auxilia na compreensão da formação e da expansão do espaço da cidade de Mossoró na apreensão dos seus vetores de expansão, na compreensão da natureza de seus agentes, bem como, na identificação de quais áreas foram valorizadas. Busca-se, sobretudo, apreender quem as usa, quem as habita e quem as produz.

3.1 Constituição e produção do espaço urbano de Mossoró e expansão territorial urbana

Mossoró está localizado no noroeste do Rio Grande do Norte (Figura 1), entre duas capitais nordestinas. Dista aproximadamente 260 quilômetros de Fortaleza/CE e 270 quilômetros de Natal/RN, a capital potiguar⁸. Segundo o censo 2010 do IBGE, possui uma população de 259.815 mil habitantes, configurando-se como o segundo município mais populoso e, também, mais importante do Estado, devido a sua dinâmica econômica.

De acordo com Elias e Pequeno (2010, p.104)

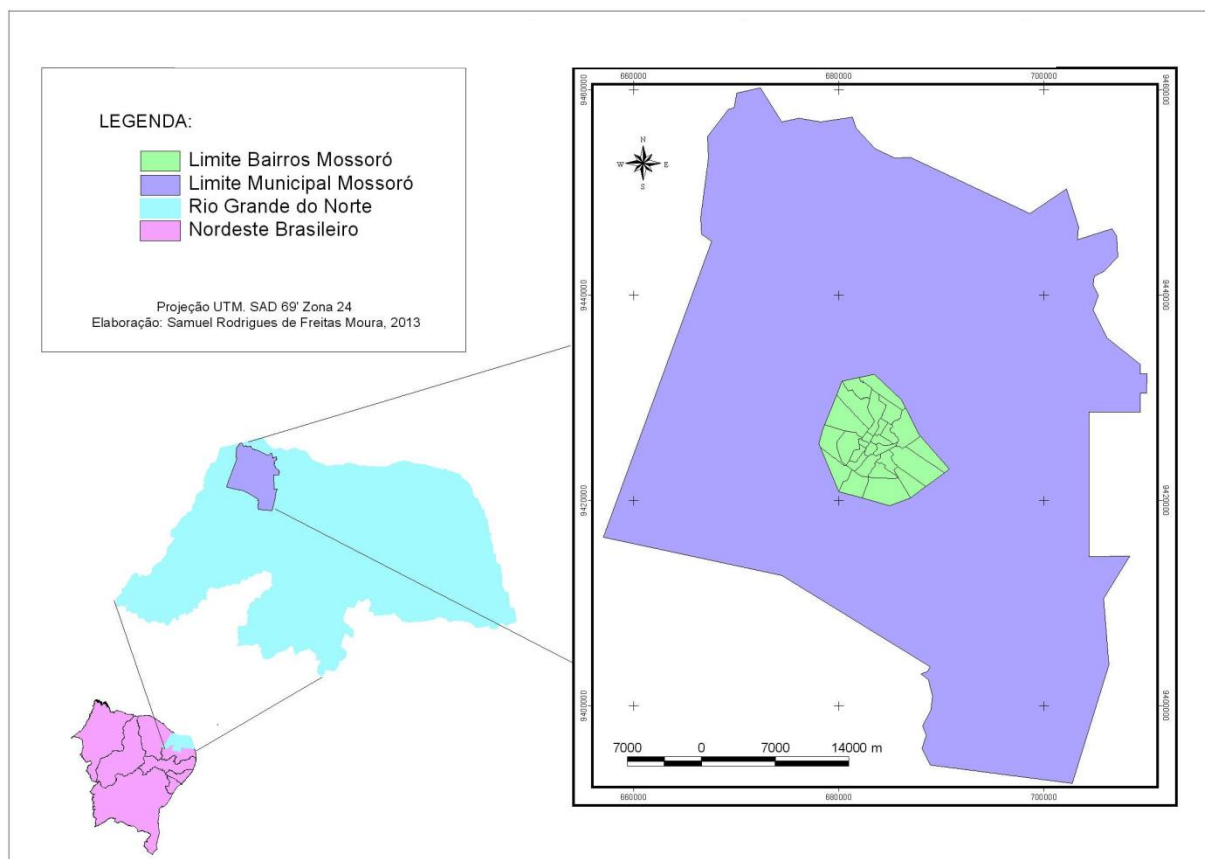
Na área de influência de Mossoró, realiza-se parte dos circuitos espaciais da produção [...] de três importantes atividades econômicas, que apresentam destacado crescimento desde a década de 1980 e juntas são responsáveis por parte do crescimento urbano desse município e por significativas outras reestruturações. Trata-se do agronegócio da fruticultura tropical (especialmente melão e banana); da exploração do petróleo e do gás natural e da extração e beneficiamento do sal.

Segundo os autores, a exploração dessas atividades deu expressão ao município, pois o melão se destacava como o principal produto brasileiro para exportação. Mossoró aparecia também como o mais importante município na extração de sal em território nacional.

No contexto temporal da pesquisa desenvolvida por Elias e Pequeno (2010), era o município mais relevante na exploração de petróleo em terra no Brasil e o segundo em volume geral (terra e mar). As atividades eram controladas por capitais nacionais e multinacionais e exigiam o incremento de tecnologia, seja na demanda material ou intelectual. Outro dado importante é que a cidade de Mossoró concentra universidades públicas e privadas, com a oferta de cursos de formação superior em todas as áreas, os quais atraem alunos das cidades que ficam sob sua área de influência. Esses aspectos contribuíram e ainda hoje contribuem para que Mossoró tenha uma dinâmica econômica expressiva, configurando-se como um importante município na economia do Estado do Rio Grande do Norte.

⁸ Gentílico, adjetivo que define o lugar de origem, atribuído aos que são nascidos, ou a extensão do território do estado do Rio Grande do Norte.

Figura 1 – Mossoró/RN. Localização de Mossoró, 2013.



A constituição das cidades do Rio Grande do Norte foi fortemente influenciada pelas atividades econômicas e por sua disposição na extensão do território potiguar, como afirma Pinheiro (2006, p.28-29).

A formação da rede urbana do Estado tem profunda ligação com a divisão territorial do trabalho, que ocorreu durante o Período Colonial e se manifestou em meados do século XVIII, no momento em que a economia açucareira do litoral potiguar proporcionou o surgimento e a expansão da pecuária no Sertão. Segundo Felipe (1982 p.21), ‘as cidades sertanejas [como Mossoró], criadas por esta divisão territorial do trabalho, têm suas funções e formas determinadas pela sua maior ou menor proximidade dos espaços de produção (o sertão), dos espaços de consumo e escoamento (o litoral).

A origem da cidade de Mossoró data do século XVIII, e está vinculada a uma fazenda de criação de gado, o sítio Santa Luzia, às margens do Rio Mossoró. Foi também denominada Arraial⁹ de Santa Luzia do Mossoró. Logo foi estabelecida uma

⁹“Quando os colonos chegaram para efetivamente ocupar a América portuguesa, eles se organizaram em torno de núcleos de povoamento, denominados de arraiais. À medida que se desenvolviam

pequena igreja e, como muitas cidades brasileiras em sua gênese, a ocupação urbana iniciou-se no entorno da capela, “com a construção da Capela de Santa Luzia, o arraial seguia os moldes de povoamento da época” (PINHEIRO, 2006, p.43).

A povoação, em seu princípio, no ano de 1772, era abastecida por Aracati-CE, que àquele período já havia sido elevada à categoria de vila e era um dos mais importantes centros comerciais do Ceará, notadamente com o comércio das carnes-secas e do couro. Essa atividade pastoril, no entanto, também se desenvolveu em Mossoró. As Oficinas de Carne Seca mossoroenses passaram a ser importantes para o abastecimento de carne da Região Nordeste (ROCHA, 2005).

Essa atividade era alvo de muita disputa, sendo suspensa em 1788 por determinação do governador de Pernambuco, Capitania a qual a povoação era subordinada administrativamente, com a justificativa de escassez de carne fresca, devido à exploração da atividade realizada pelas Oficinas, ao fornecimento de gado para a manutenção da atividade açucareira de Recife, à tração das máquinas de moer cana e ao uso de animais como meio de transporte. Tem início o que seria a primeira “crise econômica” de Mossoró, com a interrupção das Oficinas, que foi a primeira atividade econômica relevante da localidade (ROCHA, 2005; PINHEIRO, 2006).

A economia de Mossoró foi marcada por “ciclos”, quedas e ascensões de atividades econômicas que delinearam, a expansão urbana da cidade, suas formas e funções (ROCHA, 2005; PINHEIRO, 2006).

Rocha (2005, p.29) destaca o comércio de gado como importante fator para a ascensão das cidades no século XIX na região Nordeste: “com a expansão da criação do gado e algumas produções agrícolas, alguns povoados foram elevados à categoria de cidade, e é, neste período, que isso se dá também com Mossoró.” Menciona que é deste período o início da expansão urbana de Mossoró e de seu despontar enquanto

economicamente, esses núcleos ganhavam aportes populacionais e conseguiam se emancipar de outros núcleos mais antigos e desenvolvidos, assumindo gerência própria em assuntos de ordem civil, militar e religiosa. Passavam, então, à categoria de freguesias (paróquias). Com a elevação à categoria de freguesia, o povoado passava a ter um território delimitado, um cartório eclesiástico e um padre que passava a residir permanentemente na igreja (padre colado). A organização administrativa do povoado se completava ao ser elevado à categoria de vila, quando era criada e instalada a câmara municipal. Já quando a vila era elevada à categoria de cidade havia pouca ou nenhuma mudança em sua organização administrativa. A vila ou a cidade podiam ainda, dependendo de seu tamanho populacional, abarcar uma comarca, que é a divisão territorial que distribui a justiça na região. Os limites da comarca podiam coincidir com os limites de uma vila ou englobar várias vilas pequenas” (GUERRA, [s/d], p. 2).

empório comercial¹⁰, com relações comerciais mantidas com outras localidades do Ceará, Paraíba e Pernambuco, pois, até 1857, o comércio era incipiente.

Rocha (2005, p.29) explica que:

Segundo Felipe (1982, p.52), o ano de 1857 marcou o início da expansão urbana de Mossoró, '[...] quando a Cia. Pernambucana de Navegação Costeira começou a fazer escala normal no porto de Mossoró', hoje porto de Areia Branca. [...] Esse fato, aparentemente simples, provocou transformações importantes na organização da então incipiente vida urbana da área setentrional das províncias do Ceará e do Rio Grande do Norte. Tornaram-se mais frequentes as relações com a cidade de Recife, em detrimento daquelas que há muito mantinha com Aracati. [...] Mossoró tornou-se o grande empório comercial [...], o lugar da comercialização, da troca e do abastecimento entre o sertão e o litoral. (destaques do autor).

Ao mesmo tempo em que isso ocorreu, o porto de Aracati encerrava seu funcionamento. Assim, com a atividade cotidiana do porto de Mossoró, os comerciantes, inclusive vindos de Aracati, chegaram à localidade com seus estabelecimentos, intensificando o fluxo de pessoas e de mercadorias. Dentre estes comerciantes, alguns estrangeiros trabalhavam com “importação de produtos manufaturados europeus e exportação de matérias-primas locais, como o algodão, couro e sal para o mercado externo” (PINHEIRO, 2006, p.35). A autora destaca “Johan Ulrich Graff, da Casa Graff, fundada provavelmente em 1865, que tinha matriz na França e filiais no Ceará e no Rio Grande do Norte, nas cidades de Aracati, Natal e Mossoró” (PINHEIRO, 2006, p.35).

Rocha (2005) afirma que a partir de então houve uma expansão urbana expressiva de 1860 a 1870, considerada pelo historiador Câmara Cascudo a “década do expansionismo”, que deixou marcas presentes ainda hoje, como ruas largas e grande número de edifícios no centro tradicional¹¹ da cidade.

Este foi um momento importante da história de Mossoró, no qual teria início a sua condição de centro regional, como explana Pinheiro (2006, p.58-59):

Mossoró passou a assumir o papel de grande praça comercial, inclusive a nível regional. Devido a sua privilegiada geografia - ponto de comunicação entre o sertão e o litoral, Mossoró abastecia todo o oeste, parte do centro-norte e ainda o agreste potiguar. Eram ainda sua área de influência os Cariris Novos, no Ceará, e o Vale dos rios do Peixe e Piancó, na Paraíba.

¹⁰Cidades onde a principal função desenvolvida era a comercial, constituía local de troca e do escoamento do excedente de produção para os municípios que estavam sob sua área de influência.

¹¹O centro tradicional, núcleo urbano que deu origem a cidade, concentrava o comércio, a igreja, os prédios públicos, os espaços públicos e a moradia dos cidadãos com maior poder aquisitivo.

Dos sertões paraibanos, Mossoró recebia algodão, couro, queijo, manteiga, e ainda farinha, feijão, milho e arroz que também chegavam de Pernambuco e Ceará. E, em contrapartida, seguia sal, esteiras e chapéus de palha de carnaúba, velas de cera, e cereais. De Recife, Mossoró recebia produtos importados europeus, como bebidas, fumo, fazendas (tecidos), louças, e jóias. E, em contrapartida, enviava algodão, couro, queijo, cera de carnaúba, e borracha de maniçoba [...].

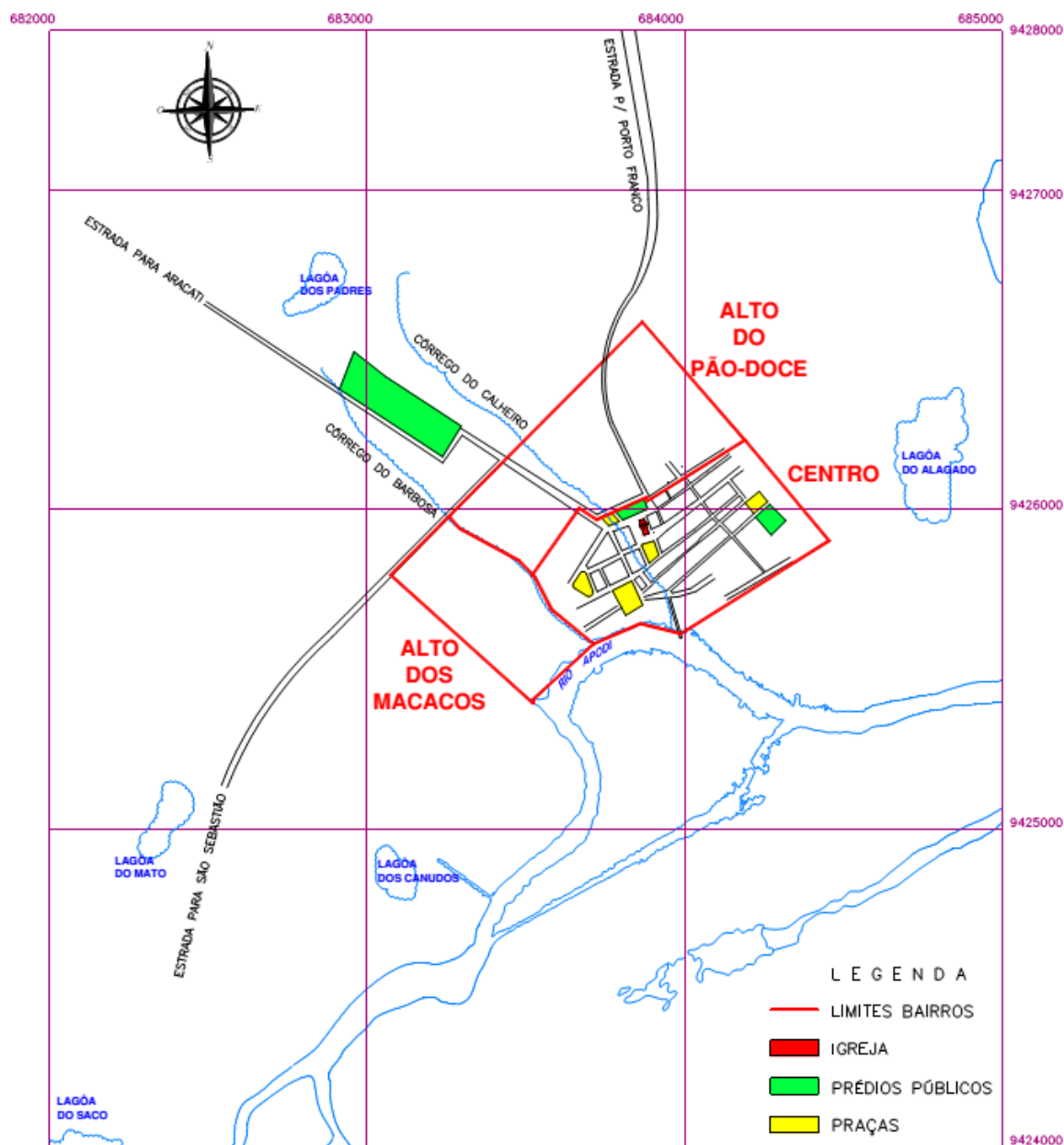
Outrossim, foi o primeiro momento em sua história em que se tornou perceptível à preocupação com o seu aspecto urbanístico. Deste período data a aprovação do primeiro Código de Posturas da Vila¹², influenciado por padrões europeus de embelezamento nas edificações particulares e nas áreas e prédios públicos. As construções e reformas foram orientadas pelo código que disciplinava diversas matérias além desta, como as atividades comerciais, os impostos, bem como as condutas e as práticas sociais (PINHEIRO, 2006).

A “elite” local, formada pelos estrangeiros, comerciantes, padres e maçons preocupou-se em promover a expansão e a organização do espaço da cidade. O poder público modificou o traçado urbano, criando e alargando ruas, para a viabilidade do comércio e à iniciativa privada, especialmente estrangeiros recém-chegados, construírem suas residências e comércios (ROCHA, 2005; COSTA, 2009).

A planta da cidade em 1883 (Figura 2) mostra a sua divisão administrativa em três partes: Centro, Alto do Pão Doce e Alto dos Macacos (hoje Alto da Conceição). Observa-se que as construções estavam localizadas na divisão que correspondia ao Centro em 1883 e contribuíram para a conformação do que hoje é o centro tradicional.

¹² Resolução 305, de 18 de Julho de 1855.

Figura 2 - Planta da cidade de Mossoró - 1883.



Fonte: Pinheiro (2006, p.60).

Costa (2009, p.17) afirma que “mesmo com esse desenvolvimento comercial, a cidade ainda era restrita ao entorno da Praça da Catedral de Santa Luzia, da Praça da Rendenção e de ruas adjacentes”. Cabe salientar que foi a partir dessa delimitação da área urbana de Mossoró, no século XIX, que hoje continua estabelecido o centro tradicional que, ao longo do tempo, foi se expandindo nas proximidades deste contorno.

No final do século XIX, porém, motivada pelo crescimento econômico, a localidade passou por transformações urbanas que romperam com a arquitetura

colonial e aderiram ao estilo eclético, que vigorava no Brasil. Essas ações deram um novo aspecto à cidade. Residências e prédios foram erigidos ou reformados, dando origem a edificações mais requintadas, pertencentes às famílias que detinham maior poder aquisitivo. São exemplos desta época os prédios do Conservatório de Música, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Figura 3), e da sede da Prefeitura Municipal de Mossoró (Figura 4), localizados nos limites do centro tradicional (COSTA, 2009).

Figura 3 - Mossoró/RN. Conservatório de Música da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2014.



Fonte: Disponível em: Disponível em:

<<http://proex.uern.br/conservatoriodemusica/default.asp?item=conservatorio-apresentacao>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

Figura 4 - Mossoró/RN. Sede da Prefeitura Municipal, 2012.



Fonte: Disponível em: < Disponível em:
<<http://www.panoramio.com/user/7116357/tags/Rio%20Grande%20do%20Norte>> Acesso em: 02
mar. 2016.

Percebe-se, pelo que foi colocado por Costa (2009), que na cidade de Mossoró já existia uma distinção entre os imóveis dos indivíduos mais abastados e os dos menos favorecidos, inclusive pela própria arquitetura das edificações.

Retomando Vasconcelos (2013), o autor destaca o aspecto temporal do processo de diferenciação socioespacial, mencionando que os processos e as formas espaciais têm início na junção das mudanças da sociedade atual com as permanências do passado, isto é, que se deram em diferentes contextos que fazem referência a aspectos de ordem econômica, migrações, conflitos sociais, dentre outros. Pode-se compreender, portanto, que na segunda metade do século XIX, o processo de diferenciação socioespacial se apresentava em Mossoró por meio da ação da elite local e do poder público, no sentido de viabilizar o comércio e a localização das moradias das famílias mais abastadas daquele período.

Observando a Figura 2, constata-se que a ocupação majoritária estava no centro tradicional, área que concentrava a igreja, os prédios públicos e as praças, cuja delimitação das ruas da cidade estava no entorno destes edifícios. Esta localização central, apesar de alterada com o tempo, permanece nos dias atuais como sendo uma das áreas mais valorizadas do espaço urbano de Mossoró.

O contorno do centro tradicional foi se modificando alguns anos depois com uma nova crise econômica, a do comércio e a da chegada de retirantes da seca do Nordeste, no seu esforço para subsistência. Como já foi escrito, a economia de Mossoró é caracterizada por ciclos e alguns fatores contribuíram para a crise do ciclo do comércio. A região nordestina foi assolada pela seca dentre os anos de 1887 a 1889. Por ser uma cidade em ascensão, Mossoró foi local de destino de retirantes¹³ em busca da sobrevivência. A mão-de-obra barata foi utilizada no comércio, nas salinas e na construção de obras públicas, como estradas e açudes (ROCHA, 2005; PINHEIRO, 2006).

No entanto, o período da seca fragilizou o comércio, pois os principais produtos ficaram escassos, a exemplo do algodão, do couro e das peles, o que ocasionou o fechamento de muitos armazéns, principalmente os dos comerciantes estrangeiros. Devido a isso, na década de 1890 surgiram outros comerciantes, os locais. Apesar da escassez dos produtos, Mossoró continuou sendo o canal por onde as matérias-primas eram escoadas para o sertão (ROCHA, 2005; PINHEIRO, 2006).

Faltavam-lhe, entretanto, melhores condições para escoar essas mercadorias, até que, no final do século XIX, com a expansão cafeeira no Estado de São Paulo, teve início a implantação das primeiras estradas de ferro do Brasil¹⁴ com esse propósito. Pinheiro (2006, p.61) explana sobre este fato:

Embora dispunha dos transportes marítimo e fluvial, através dos quais a cidade se comunicava com as demais regiões do país, Mossoró, para continuar em consonância com o capitalismo mercantil da época, carecia de ferrovias e estradas de rodagem (estradas pavimentadas) que lhe propiciassem uma melhor comunicação com o sertão. Até então, esta comunicação ainda era realizada através das antigas ‘estradas das boiadas’.

¹³ Pessoa que, durante as grandes secas, acuada pela penúria, emigra, isolada ou em grupo, para outros locais onde tenha condição de garantir sua sobrevivência.

¹⁴ “No Brasil, a primeira estrada de ferro tinha sido inaugurada em 1855. Tratou-se de um trecho de 14,5 km entre o Rio de Janeiro e Petrópolis, construído pelo empresário Irineu Evangelista de Souza (Barão de Mauá) através de uma concessão do Governo Imperial (OLIVEIRA, 2005). A partir daí, o desenvolvimento da cafeicultura na Província de São Paulo determinou a construção de diversas estradas de ferro em fins do século XIX, como condição básica para o transporte da produção. Nesse contexto, que contou com grandes investimentos do capital industrial inglês, as cidades que tinham as maiores áreas de influência comercial do Nordeste – Recife e Salvador, tornaram-se centros de difusão das ferrovias no Nordeste, comunicando-se a amplas áreas do interior nordestino, diretamente ou indiretamente, através das capitais de cada Estado. O Rio Grande do Norte, então, foi comunicado à área de influência de Pernambuco em 1883, quando parte da rede ferroviária da Great Western of Brazil Railway chegou à Nova Cruz, estabelecendo uma ligação entre o RN e os estados do Nordeste. Sua primeira ferrovia, a Estrada de Ferro do Rio Grande do Norte, foi inaugurada em 1906, ligando Natal a Ceará-Mirim” (PINHEIRO, 2006, p. 61-62).

A estrada de ferro chegou em 1915, mas “tardamente em relação a outros empórios¹⁵ nordestinos, como o de Campina Grande e os demais no restante do País. [...] Mossoró não teve como enfrentar os empórios comerciais que lhe tomaram a dianteira” (ROCHA, 2005, p.44). Dessa maneira, perdeu sua posição nesse cenário, o que ocasionou uma crise na economia local, dando origem a uma nova fase, a das agroindústrias e refinadoras de sal. Para Felipe (1982 apud Rocha, 2005, p.45):

A perda da especialização de cidade, centro de importação/exportação no contexto regional, trazia para Mossoró uma outra. Esta baseada nos capitais locais/regionais e [...] recursos locais ligados ao extrativismo [...] assim nasciam as agroindústrias [...] e as refinadoras de sal.

Apesar disso, a ferrovia foi um elemento que ocasionou modificações na estrutura urbana da cidade, pois a própria estrada de ferro (Figura 5) demandou espaço para o estabelecimento da estação, escritório, oficinas, galpões, vila ferroviária, escola etc. Além disso, atraiu para o seu entorno os prédios para administração e processamento das novas atividades econômicas (COSTA, 2009).

Segundo a autora:

As linhas de trem estabeleceram-se como eixos de crescimento na cidade, passando a competir com o centro comercial existente, atraindo para suas margens fábricas e armazéns, à semelhança do papel exercido pelo porto, anos antes [...]. Diversos armazéns e indústrias de exploração e beneficiamento de algodão e cera de carnaúba instalaram-se nas proximidades da linha férrea na Avenida Alberto Maranhão, na Praça Felipe Guerra e na Rua Felipe Camarão, o que intensificou a ocupação na área. (COSTA, 2009, p.21).

No local por onde passava a linha férrea, atualmente, está localizada uma parte da Avenida Rio Branco, via de localização central na área urbana, que interliga a cidade de nordeste a sudoeste e na qual está localizada, na parte adjacente ao centro tradicional, o Corredor Cultural de Mossoró, área que exerce centralidade comercial e de lazer. Ao longo dos últimos anos, após implantação da Estação das Artes Eliseu Ventania, em 1999, e demais equipamentos culturais na década seguinte, esse local vem passando por expressiva valorização imobiliária.

Já no século XX, com a nova especialização agroindustrial e as refinadoras de sal em Mossoró, juntamente com o estabelecimento destes armazéns e indústrias ao

¹⁵ Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa empório eram as cidades aonde concorriam muitos estrangeiros para negociar, eram importantes praças comerciais (FERREIRA, 2010).

longo da ferrovia, houve uma expansão urbana “de forma reticulada na direção nordeste-sudoeste, concentrando-se na margem esquerda do rio Mossoró” (Figura 5). Isso se deu com o surgimento dos bairros operários na segunda metade da década de 1910, após a implantação da ferrovia (ELIAS; PEQUENO, 2010, p.111).

Assim, os bairros Bom Jardim e Santo Antônio (Figura 5) foram ocupados pelos funcionários das salinas, já o Alto da Conceição (Figura 5), pelos trabalhadores das agroindústrias – algodão, cera de carnaúba, tecelagem e pelos ferroviários; O Doze Anos (Figura 5), pelos operários das ensacadoras de sal e, também, pelos ferroviários, que ocuparam ainda a Lagoa do Mato (PINHEIRO, 2006).

Observando-se ainda a Figura 5, percebe-se, em relação à Figura 2, que, além da expansão urbana com o surgimento dos bairros operários, houve uma ampliação da delimitação do Centro¹⁶. Os novos bairros permanecem na configuração atual da cidade, porém, não com os mesmos limites, sendo predominantemente residenciais. Dois espaços de consumo se destacam: Mercado Comercial do Vuco-Vuco¹⁷ e o Mercado Público Municipal do Alto da Conceição¹⁸. No bairro Bom Jardim, também funciona um mercado, porém, dos três mercados públicos municipais¹⁹ é o que a estrutura física encontra-se mais deteriorada.

¹⁶ Delimitação do bairro denominado “Centro”.

¹⁷ Feira tradicional na cidade que comercializa os mais variados produtos: *pendrives*, relógios, celulares e acessórios e etc. (descrito no subcapítulo 2.3.1).

¹⁸ Comércio de alimentos e bebidas.

¹⁹ Além do Mercado Público Municipal do Alto da Conceição e o do bairro Bom Jardim, há também o Mercado Público Municipal, localizado no centro tradicional, Mercado Central, que comercializa vestuário, calçados e outros produtos de artesãos, tais como as redes de dormir.

público e uma praça, os demais equipamentos continuam concentrados nas delimitações do centro tradicional. Esse aspecto, além da constituição de bairros socialmente homogêneos, denota a diferenciação socioespacial deles, pois essas características manifestam a produção de um espaço desigual, produto, como coloca Carlos (2007) não apenas das relações de produção, mas também da reprodução da sociedade, à medida que buscam satisfazer suas necessidades para a realização da vida.

A expansão urbana de Mossoró nas décadas seguintes, 1940 e 1950 (Figura 6), foi delineada por Rocha (2005) tendo como referencial a construção da Ponte Jerônimo Rosado. A malha urbana, neste período, se expandiu no sentido sudeste, em direção à Rodovia BR-304, que faz a ligação com a capital do Rio Grande do Norte.

Segundo Rocha (2005, p.54):

Antes da construção da Ponte Jerônimo Rosado, a Cidade ocupava apenas a margem esquerda do rio Mossoró, na região compreendida entre a Via Férrea e a várzea do rio, constituída pelos bairros²⁰ do Centro, Alto da Conceição, Paredões e Bom Jardim. Posteriormente, iniciou-se a expansão no sentido noroeste, com os bairros Santo Antônio e Doze Anos. [...]

Com a construção da Ponte Jerônimo Rosado, em 1940, tem início a ocupação da margem direita do rio, com o surgimento dos bairros de Alto de São Manoel e Santa Luzia, ambos cortados pela BR-304 na direção da capital do Estado – Natal.

Pinheiro (2006) afirma que, apesar dessa expansão, o setor principal continuava sendo o centro da cidade que detinha a moradia dos habitantes com maior poder aquisitivo, o comércio, os prédios do governo local, espaços públicos, além de equipamentos que atendiam à população, como escolas e hospitais.

Elias e Pequeno (2010) reafirmam a importância do centro tradicional enquanto área residencial e comercial, denotando uma diferenciação socioespacial. Segundo os autores:

[...] o centro tradicional, ainda que sua movimentação comercial e de serviços tenha crescido, permaneceu como área residencial dotada de

²⁰A Lei Orgânica do Município de Mossoró/RN, em seu artigo nono, Capítulo II, que trata da divisão administrativa do Município, estabelece que a mesma será realizada em bairros e distritos, como pode-se ver a seguir.

Art. 9º O Município de Mossoró poderá dividir-se, para fins exclusivamente administrativos, em bairros, distritos e vilas.

§ 1º Constituem bairros as porções contíguas do território da sede, com denominação própria, representando meras divisões geográficas desta.

espaços públicos e infraestruturas de maneira diferenciada. Evidencia-se assim a presença de espaços de segregação residencial e de segmentação social, concentrados no centro tradicional, indicando, porém, a necessidade de abertura de novas frentes de expansão para os setores mais abastados [...]. (ELIAS; PEQUENO, 2010, p.111).

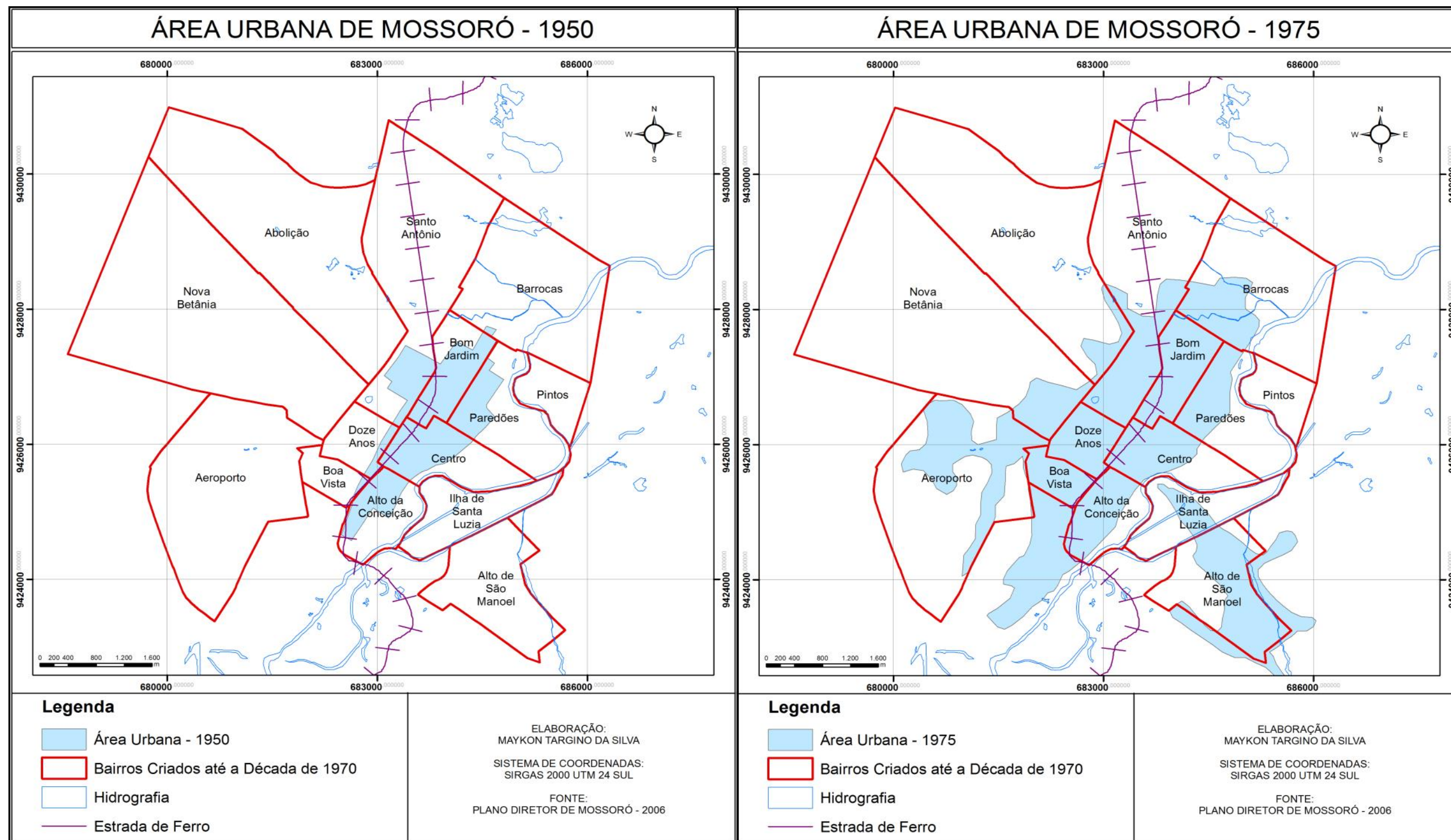
Essas novas frentes de expansão tiveram início posteriormente, quando ocorreu a mudança dos eixos de expansão da cidade após a década de 1940. A estrutura territorial urbana de Mossoró foi impulsionada por dois fatores determinantes nesse processo, a saber: a implantação da zona universitária, na direção sudeste, e a implantação da zona industrial, na direção noroeste (PINHEIRO, 2006).

Segundo Pinheiro (2006, p.106):

[...] a cidade apresentava traços de uma nova estrutura territorial, certamente impulsionada por dois fatores: a construção de importantes instituições de ensino em 1967-69 – UERN (Universidade Regional do Rio Grande do Norte) e ESAM (Escola Superior de Agricultura de Mossoró), na BR-110, saída para Areia Branca, que impulsionou a expansão da cidade na direção sudeste (saída para Natal); e a implantação do Distrito Industrial, a partir de 1970, que impulsionou a expansão da cidade na direção noroeste (saída para Fortaleza).

Assim sendo, a existência desses dois fatores, resultantes dos investimentos de políticas públicas voltadas à industrialização e à formação de mão-de-obra capacitada, aliada a uma barreira física ao crescimento – anel viário da BR 304, direcionaram a expansão da cidade no sentido sudeste-noroeste.

Figura 6 – Mossoró/RN. Expansão da área urbana nas décadas de 1950 e 1975.



Entende-se, então, que a expansão da cidade de Mossoró na margem direita do rio, a qual só se deu após a construção da ponte Jerônimo Rosado e da Avenida Presidente Dutra, na década de 1940, rompeu o padrão de expansão urbana somente na margem esquerda e no entorno da linha férrea, o que deu início à expansão da cidade na direção sudeste. O aporte dessa infraestrutura possibilitou o loteamento de grandes áreas que, posteriormente, se constituíram nos bairros Alto de São Manoel e Ilha de Santa Luzia. O processo de ocupação nessa área, entretanto, foi intensificado na década de 1960 com a “construção do primeiro conjunto habitacional de Mossoró – o conjunto da FUNDAP, posteriormente Walfredo Gurgel, com 550 casas, ampliando o bairro Alto São Manoel” (PINHEIRO, 2006, p.108).

Essa ocupação não se deu de forma contínua, o próprio rio, mesmo com a construção da ponte, representava uma barreira natural, pois o mesmo, conforme se pode observar na Figura 6, nesta porção da cidade, tem praticamente as mesmas delimitações do bairro Ilha de Santa Luzia, denominado ilha justamente por ser cercado pelas águas do rio. Além disso, como se poderá ver mais adiante neste subcapítulo, a construção de conjuntos habitacionais populares era estabelecida em localizações mais distantes, por vezes rurais, com pouca ou nenhuma infraestrutura. A ocupação teve início com os conjuntos, que posteriormente, em sua maioria, deram origem aos bairros (ROCHA, 2005).

Observando, ainda, a Figura 6, percebe-se que, durante o período que vai de 1950 a 1970, a ocupação urbana continuou se dando de forma mais intensa na margem esquerda do rio, no entorno e na continuidade dos bairros operários, no sentido nordeste-sudoeste, porque foram ocupados de forma desordenada pelos desempregados advindos da mecanização salineira, a qual teve origem no final da década de 1960, acompanhando o processo de industrialização que estava acontecendo no país²¹.

²¹ “Através do II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND, 1975-1979), o Estado articulou uma nova fase de investimentos público e privados nas indústrias de insumos básicos (siderurgia e metalurgia dos não-ferrosos, química e petroquímica, fertilizantes, cimento, celulose e papel) e bens de capital (material de transporte e máquinas e equipamentos mecânicos, elétricos e de comunicações), além de investimentos públicos em infraestrutura (energia, transportes e comunicações). O objetivo foi complementar a estrutura industrial brasileira e criar capacidade de exportação de alguns insumos básicos. Embora dificuldades de financiamento, sobretudo do investimento privado nacional, tenham comprometido a plena realização das metas, não há dúvida de que os investimentos do II PND representaram ‘um esforço de acumulação de capital e uma diversificação de estrutura industrial na direção da indústria pesada, sem precedentes na história da industrialização brasileira’[...]” (SUZIGAN, 1988, p. 9).

Também, constata-se que, com a inauguração²² do Porto Ilha, em Areia Branca, aconteceu a otimização do escoamento da produção de sal. Além da mecanização das salinas, a agroindústria mossoroense também sofreu declínio, em virtude da ausência de tecnologia, não conseguindo competir com a produção do algodão, fibras e oleaginosas da região Sudeste e Sul (ROCHA, 2005).

Pinheiro (2006, p.123) afirma que, a partir de então, na década de 1970, originou-se um novo processo no espaço urbano de Mossoró, “[...] com a formação de favelas pelo exército de desempregados das agroindústrias e das salinas, como também pela população rural assolada pelas secas.”

Interessante observar que a “formação de favelas”, exposta por Pinheiro (2006), foi um vetor de expansão dos bairros operários, os quais passaram a abrigar além dos trabalhadores, agora em sua maioria desempregados, os retirantes da seca. As áreas ocupadas passaram a se constituir a periferia da cidade àquela época, na porção que se encontrava no sentido nordeste-sudoeste. Na gênese da ocupação desses bairros, estava presente a desigualdade, manifesta na separação, na segregação do espaço de moradia destinado aos habitantes pertencentes aos segmentos de baixa renda.

Para se refletir sobre esse processo no espaço urbano de Mossoró, retomamos Sposito (2013) quando elenca alguns aspectos para a construção do conceito de segregação. A autora afirma que há, na segregação, uma natureza espacial, sem a qual a mesma não poderia existir, bem como denota uma separação radical do espaço que dificulta as relações na realização da vida cotidiana.

Embora a separação dos bairros de moradia por segmentos de renda, naquela sociedade, não fosse considerado um isolamento forçado²³, a mesma relaciona-se à segregação imposta, firmada por Corrêa (2002), na qual são mantidos os privilégios e o controle dos grupos sociais dominantes e a necessidade de manter os outros grupos sociais em seu lugar dentro da divisão social do trabalho. O local de moradia dos pobres e operários foi se “naturalizando” e, assim, se revelando nas práticas

²² “Terminal marítimo construído em 1975, uma ilha artificial em alto mar. Está localizado a 26 km a nordeste da cidade de Areia Branca – RN [Município localizado a 47km de Mossoró], ficando o Porto-Ilha cerca de 14 km distante da costa do RN, destinado única e exclusivamente para o embarque de sal marinho, que chega a este porto levado por barcas; das zonas de produção é transferido para o pátio do porto e daí por esteiras rolantes de 3 Km de extensão, até os navios. É utilizado como escoadouro de grande parte da produção das salinas de Mossoró” (ROCHA, 2005, p. 74).

²³ Como coloca Vasconcelos (2013) acerca dos negros norte-americanos e outras sociedades onde essa separação é extrema por aspectos de raça, etnia, cultura.

espaciais.

Como afirma Sposito (2013), a segregação socioespacial é um processo e, como tal, se constitui ao longo do tempo, sendo tecida por dimensões objetivas e subjetivas, as quais revelam, inclusive, um aspecto mais perverso de reprodução. Para a autora:

A segmentação socioespacial, quando se radicaliza e se expressa como segregação socioespacial, não está dada pela linha férrea, não se estabelece por si na lei, não se configura porque resulta de uma ocupação inadequada. Esses fatos só ganham significado no modo como a sociedade os lê, decodifica-os e os representa, usando-os para em suas ações, em suas práticas e em suas visões, constituir e reproduzir segregação. (SPOSITO, 2013, p.67).

Destarte, no contexto de crise em que a cidade se encontrava, atraiu ações de políticas públicas provenientes da Política Nacional de Desenvolvimento Urbano (PNDU)²⁴, de 1974, que visava reorganizar o espaço brasileiro por meio da desconcentração urbana, especialmente no Sudeste do país, e do fortalecimento de polos secundários, o que ocasionaria também descentralização econômica. O principal programa para atingir essa finalidade foi o Programa de Capitais e Cidades de Porte Médio, por meio do qual Mossoró foi beneficiado.

Silva (2013, p.186) enuncia duas ações voltadas para o planejamento urbano, que foram provenientes do Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio (PNCCPM): “O primeiro Plano Diretor de Mossoró, [...] produzido em 1974 [...], encomendado a uma consultoria privada com financiamento junto ao SERFHAU[...]. Esse plano nunca foi aprovado na Câmara Municipal Mossoroense[...]”, e o Código de Obras e Urbanismo, elaborado em 1975 que, foi por longo período o instrumento de ordenamento do espaço urbano mais atualizado. O teor mais relevante desse instrumento dizia respeito a um zoneamento que especificava os usos e os parâmetros de ocupação do solo em cada zona.

²⁴ De acordo com Silva (2013, p. 64), “essa política urbana se deu em contradição à política econômica, a qual estava subordinada o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), preocupada, por sua vez, em garantir a concentração em claro favorecimento às empresas estabelecidas no Centro-Sul do país. Melhor dizendo, a adoção de intervenções nas cidades de porte médio, é uma ideia parcialmente original, que articula o planejamento europeu com as prerrogativas desenvolvimentistas nacionais da década de 1970, importando o modelo das metrópoles de equilíbrio originadas no planejamento urbano francês, mas não deixando de reforçar as metrópoles que se encontravam em franco crescimento”.

Entretanto, Silva (2013) coloca que esse instrumento teve pouca expressão em relação à diferenciação do espaço e atribui este fato à inexpressiva produção privada de imóveis. Afirma, ainda, que a utilidade do código foi modesta, limitando-se a nortear a implantação das instalações das instituições de ensino.

Oliveira (2014) destaca outras ações provenientes do Programa de Capitais e Cidades de Porte Médio, como a construção do terminal rodoviário, a edificação de conjuntos habitacionais e a ampliação de serviços bancários e assistenciais.

Pinheiro (2006) descreve as duas últimas ações afirmando que, nesse período, se instalaram na cidade a Companhia de Habitação (COHAB), cuja atuação estava direcionada para a construção de conjuntos habitacionais destinados à população de baixa renda; a Caixa Econômica Federal, que financiava habitação para as classes média e alta e o Banco Nacional de Habitação (BNH), que financiava moradias e, também, obras de infraestrutura, como rede de esgotos e saneamento. Essas obras propiciaram a expansão das atividades do setor da construção civil para o atendimento da demanda habitacional e das obras de infraestrutura pública.

Assim, o crescimento dos bairros residenciais acompanhou o sentido da expansão da cidade. Na direção sudeste, expandiram-se os bairros Alto de São Manoel e Costa e Silva, além do Alto do Sumaré, Bom Jesus e Planalto 13 de Maio, impulsionados pela instalação da base da Petrobras. No sentido noroeste, tem origem a delimitação do bairro Nova Betânia e do Abolição. Neste último, houve a criação de conjuntos habitacionais para atender à demanda de moradia da população. A expansão no sentido noroeste, dos bairros Nova Betânia e Abolição (etapa I e II), na década de 1970, foi impulsionada pela construção do Hotel Thermas (ROCHA, 2005).

Entretanto, a apropriação dos bairros se deu de forma diferenciada com relação ao seu conteúdo social. Pinheiro (2006) destaca que o Nova Betânia, desde a sua gênese, caracterizou-se como um bairro destinado a um público com maior poder aquisitivo, por ser mais próximo ao centro da cidade, com lotes maiores e melhor infraestrutura. O bairro “Nova Betânia se expandia através da implantação de um conjunto INOCOOP²⁵ e de três novos loteamentos, destinados às classes média e alta” (PINHEIRO, 2006, p.134).

²⁵ Instituto Nacional de Orientação às Cooperativas Habitacionais.

A afirmação de Felipe (1982) corrobora com a de Pinheiro (2006) na medida em que ressalta o bairro Nova Betânia como sendo um “bairro de rico” e, também, quando salienta o aspecto da construção das 360 casas nesta área da cidade, referindo-se a elas como “mansões”.

Essa ocupação difere do Abolição, que teve origem como conjunto habitacional para segmentos de média renda. Segundo Felipe (1982), essa ocupação se deu por meio da construção de 2.076 casas, em três etapas (Abolição I, II e III).

Pinheiro (2006, p.134) coloca que esses conjuntos foram construídos pela Companhia de Habitação (COHAB), além de “sete novos loteamentos, destinados às classes operárias e, especialmente, à classe média baixa”.

Ocorre que esses conjuntos foram edificadas distantes do centro tradicional, em áreas rurais que, a partir de sua origem, davam início aos novos bairros da cidade, porém com carência de infraestrutura, tais como água encanada, iluminação pública, transporte coletivo ou vias de acesso (ROCHA, 2005).

A exposição dos autores denota que, desde a sua gênese, esses bairros se constituíram para segmentos de renda distintos, permanecendo esta diferenciação socioespacial nos dias atuais, inclusive de forma mais acentuada depois da inauguração do *shopping center*, em 2007, e do prolongamento da avenida João da Escóssia, ambos no Nova Betânia.

No eixo das instituições de ensino, a construção das universidades, da Escola Superior de Agricultura de Mossoró e da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, além do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET)²⁶, formaram o embrião do bairro Costa e Silva.

Segundo Rocha (2005) e Felipe (1982), o Costa e Silva foi ocupado principalmente por professores destas instituições, os quais se utilizaram da política de financiamento habitacional da Caixa Econômica Federal para edificação de seus imóveis. O Costa e Silva foi ampliado por meio de 150 casas do Conjunto Ulrich Graf, que hoje, além da função residencial e das universidades, abriga diversas instituições públicas da área jurídica. A extensão desse bairro é ampla, pouco verticalizado, embora venha recebendo alguns empreendimentos direcionados aos segmentos médios de renda nos últimos cinco anos. Possui a terceira maior renda de chefes de família em bairros de Mossoró, segundo os dados do Censo 2010 do IBGE.

²⁶ Atualmente, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN).

As áreas próximas às instituições de ensino continuam sendo as que possuem melhor infraestrutura, visivelmente elitizadas, edificadas em lotes extensos, reiterando, desse modo, a diferenciação socioespacial no ambiente construído. Contudo, uma parte do bairro, mais afastada dessa área, também abrange loteamentos carentes de infraestrutura e serviços públicos, como o Conjunto Geraldo Melo, que é desprovido de calçamento em algumas vias, bem como do sistema coletivo de transportes.

Diante do exposto, percebe-se que as décadas de 1960 e 1970 foram importantes na reorganização do espaço urbano de Mossoró e na conformação das delimitações da cidade, tal como ela se encontra hoje. Além disso, desde a formação dos bairros em áreas distintas da cidade, os mesmos já apresentavam características de diferenciação socioespacial desde a sua concepção.

Felipe (1982) afirma que a reorganização dessa área da cidade alterou a função de algumas parcelas urbanas, dando destaque ao centro tradicional, o qual expandiu a sua função comercial e de serviços em detrimento da função residencial, devido à valorização dos imóveis e, também, em virtude do surgimento de outras áreas de moradia para os segmentos com maior poder de renda, nos quais essas pessoas poderiam habitar. Mais uma vez ficava caracterizada a segmentação socioespacial na produção do espaço urbano de Mossoró, inclusive pela ação da política habitacional.

Como salientam Pinheiro (2006) e Felipe (1982), a área central concentrava as pequenas indústrias e o setor terciário que, na década de 1970, se fortaleceu, especialmente no que diz respeito à prestação de serviços especializados, como saúde, educação, segurança, dentre outros. Na área central, ficavam as agências bancárias, as quais haviam chegado à cidade neste período, como a Caixa Econômica Federal, Bradesco e o Econômico (hoje também Bradesco).

De acordo com essa conjuntura, Pinheiro (2006) relata ainda a importância do primeiro Plano Diretor de Organização do Espaço Urbano de Mossoró (Lei n.º 1, de 9 de junho 1975), afirmando que este instrumento consolidou o padrão de expansão da cidade no sentido sudeste, com a implantação da zona universitária e, na direção noroeste, com a presença da zona industrial, dando origem ao padrão radial-concêntrico da malha urbana de Mossoró, quando determinou no seu Art. 3:

[...] que todas as áreas habitacionais fossem integradas ao centro da cidade através de largas vias de circulação, visando à plena utilização dos equipamentos urbanos e facilitando o alcance dos locais de trabalho que, por sua vez, se localizavam predominantemente nas áreas centrais. (PINHEIRO, 2006, p.111).

Desse modo, com recursos de uma política de fomento à industrialização implementada pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)²⁷, algumas indústrias foram criadas e localizadas na zona industrial, no quadrante noroeste da cidade. Algumas permanecem até hoje, tais como a Usina Brasileira de Óleos e Castanhas (USIBRÁS), e a Fábrica de Cimento Nassau (Itapetinga Agroindustrial S/A), ambas fundadas na segunda metade da década de 1970 (ROCHA, 2005; PINHEIRO, 2006).

A implementação das políticas federais que fomentaram a criação de indústrias, o incremento da construção civil e o fortalecimento do setor terciário e da cidade como centro regional, no intuito de atenuar os efeitos da massa de desempregados oriunda da crise da mecanização das salinas e agroindústrias, não foi suficiente para absorver a mão de obra disponível. Essa situação se modificou com a descoberta do petróleo em Mossoró e na sua área de influência, no final do ano de 1979 (PINHEIRO, 2006).

Acerca da nova atividade, Elias e Pequeno (2010) afirmam que, em toda a história da cidade, sem dúvida, foi a indústria que ocasionou as maiores transformações em Mossoró. Os autores relatam:

De funcionamento mais recente e totalmente promotora de inúmeras rupturas, temos a indústria de extração de petróleo e gás natural, um verdadeiro marco para qualquer periodização que se faça sobre a cidade de Mossoró e região, dados os profundos impactos socioeconômicos e espaciais advindos com a realização da atividade, promotora de inúmeras horizontalidades e verticalidades, especialmente desde a instalação da Petróleo Brasileiro S/A (Petrobras) na cidade, no início da década de 1980, que detém o monopólio da exploração de petróleo no país. (ELIAS; PEQUENO, 2010, p.174).

Os impactos socioeconômicos a que se referem os autores, dizem respeito à instalação da PETROBRAS²⁸ e, com ela, a instalação de empresas prestadoras de

²⁷ Órgão criado pelo Governo Federal em 1959, para promover o desenvolvimento da Região Nordeste e, posteriormente da Amazônia, pois até aquele momento as políticas de promoção do desenvolvimento estavam concentradas nas regiões Sudeste e Sul. Disponível em: <[http://www.sudene.gov.br/sudene#instituicao sudene](http://www.sudene.gov.br/sudene#instituicao%20sudene)>. Acesso em: 02 mar. 2016.

²⁸ A Petróleo Brasil S/A (PETROBRAS) é uma empresa de economia mista, que tem o Governo brasileiro como acionista majoritário. A Petrobras atua nas atividades de exploração, produção, refino, comercialização e transporte de petróleo e gás natural, petroquímica, distribuição de derivados, energia elétrica, biocombustíveis, além de outras fontes energéticas renováveis. Disponível em: <<http://www.petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/areas-de-atuacao/>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

serviços e seus funcionários, o que ocasionou intensa demanda por moradia e serviços que pudessem atender a essas pessoas.

No início, a empresa se instalou em salas no centro tradicional e no bairro Alto de São Manoel, no qual a circulação pelas vias de acesso (BR-304 e RN-117) era facilitada, inclusive para o tráfego das máquinas de grande porte, peculiares da atividade de extração de petróleo, sem a necessidade de cruzar por áreas centrais da cidade. Destarte, nos bairros do entorno, foram surgindo hospedagens improvisadas e, posteriormente, a abertura de meios de hospedagem e a construção de imóveis para locação. Esse processo se deu especialmente no bairro Alto de São Manoel, contribuindo para a sua expansão (ROCHA, 2005). A autora afirma, ainda, que o bairro passou por grandes transformações pois, antes do advento da Petrobras, a infraestrutura era quase inexistente e o aspecto desta parcela da cidade era um misto de área rural e urbana.

O bairro foi se expandindo com os equipamentos de hospedagem e o comércio na avenida Presidente Dutra, o qual atendia principalmente aos funcionários da estatal e aos das empresas prestadoras de serviços. Desse jeito, foi se constituindo como um bairro residencial com um comércio diversificado em sua via principal, como permanece até os dias atuais. Foi ocupado a sudoeste por um conjunto habitacional do INOCOOP²⁹, que caracteriza a área mais elitizada do bairro, entretanto contempla, também, áreas de moradia popular em suas delimitações. É um bairro pouco verticalizado, sendo o quarto mais populoso de Mossoró, apresentando a sexta maior renda média dos chefes de família, dentre os 25 bairros da cidade, segundo dados do Censo 2010 do IBGE. De acordo com alguns corretores de imóveis³⁰, por ser uma área urbana dotada de melhor infraestrutura é local de moradia das famílias dos segmentos de renda média e alta.

De acordo com Sposito (2004, p.131), embora se referindo às novas formas de moradia nas cidades médias paulistas, na década de 1980, associadas a uma localização central, esta “melhor infraestrutura” está relacionada às “áreas que estão mais próximas ao centro de comércio e serviços”, que é o caso dos bairros mencionados.

²⁹ Os conjuntos habitacionais do INOCOOP, diferente dos conjuntos da COHAB, se caracterizavam por lotes mais extensos e para um público que pertencia aos segmentos médios de renda.

³⁰ Entrevista realizada pela autora deste trabalho no mês de dezembro de 2012, com o corretor de imóveis João Carlos, responsável pela empresa Habitat Imóveis. Foram entrevistados ainda corretores da MCF imóveis e Eduardo Souza Imóveis.

Assim, na década de 1980, a instalação da Petrobras foi um vetor de expansão do Alto de São Manoel. Em 1990, a empresa instalou-se em sede definitiva, a qual atendia a sua necessidade de espaço para a operacionalização de suas atividades. A área estava fora do perímetro urbano da cidade, nos arredores da Comunidade Bom Jesus, mas foi incorporada pela prefeitura após a instalação da Petrobras no local, dando origem aos bairros Alto do Sumaré, Bom Jesus e Planalto 13 de Maio, consistindo numa expansão a sudoeste do bairro Alto de São Manoel.

Segundo o Censo 2010 do IBGE, o Bom Jesus possuía 1.289 habitantes e a média do rendimento dos chefes de família era R\$ 664,80. Constitui-se, portanto, como um bairro com população de baixa renda que, de acordo com Castro (2012), possui água encanada e energia elétrica, serviços estes que, no entanto, não alcançam a todos os moradores. Além disso, nem todas as vias possuem pavimentação, e a comunidade sofre com a ausência de transporte coletivo.

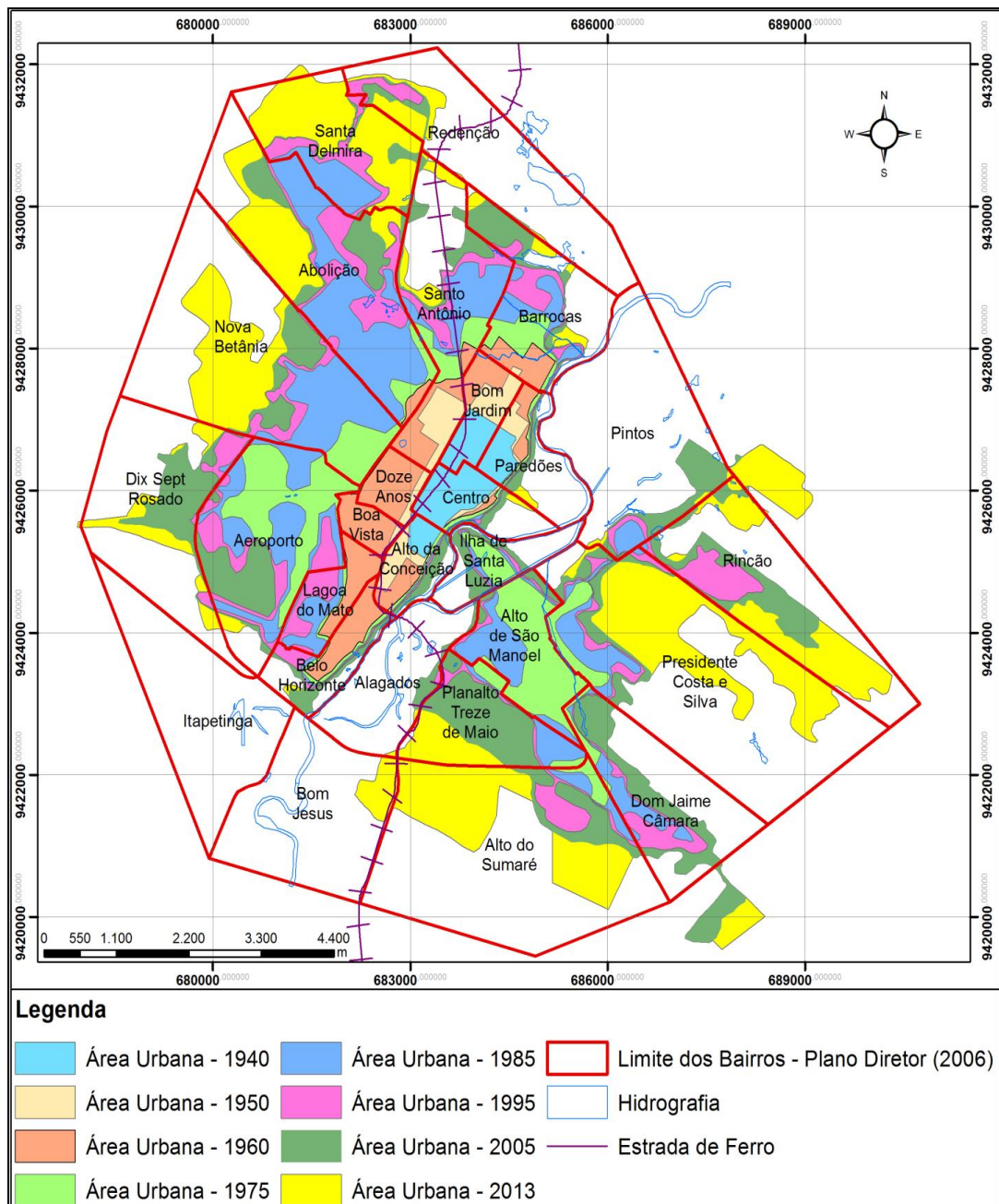
Já o Planalto 13 de Maio se expandiu inicialmente com a construção de condomínios, promovida por pessoas físicas no intuito de locar esses imóveis para os funcionários e prestadores de serviços da Petrobras. No entanto, este bairro assim como o Alto do Sumaré, a partir de 2007, foi ocupado e incorporado pelas construtoras de capital local e regional para a construção de moradias populares, ou seja, para segmentos de renda média baixa. São loteamentos abertos, casas unifamiliares ou blocos de condomínios verticais, até três andares, com apartamentos de um ou dois quartos.

Ambos são bairros homogêneos do ponto de vista social, que apresentam problemas de infraestrutura. Alguns locais não possuem calçamento, iluminação, equipamentos públicos de saúde e educação, estando situados mais distantes do centro tradicional, havendo por isso problemas com transporte coletivo. Entretanto, é a área da cidade que mais tem sido apropriada pelos incorporadores para construção de moradias para os segmentos com menor poder aquisitivo, principalmente após o ano de 2007, como poderá ser observado mais adiante neste capítulo.

A seguir, pode-se verificar na Figura 7 o alargamento da malha urbana de Mossoró no período de 1940 a 2013. Percebe-se a expansão da cidade no sentido nordeste-sudoeste, ao longo da via férrea e dos bairros do entorno, com a instalação das indústrias, galpões de armazenamento e bairros de moradia para operários. A cidade estava concentrada na margem esquerda do rio Mossoró. Após a década de 1940, iniciou-se a ocupação da margem direita do rio, motivada pela ponte Jerônimo

Rosado, como já foi dito neste capítulo e pela avenida Presidente Dutra, que interligaram o centro tradicional a esta porção da cidade (Ilha de Santa Luzia e Alto de São Manoel). Posteriormente, essa área sofreu expansão em virtude da implantação das universidades públicas locais (localizadas no bairro Costa e Silva) no final da década de 1960 e pela construção dos conjuntos habitacionais, que condicionou a expansão no sentido noroeste-sudeste.

Figura 7 - Mossoró/RN. Expansão da área urbana no período de 1940 a 2013.



Fonte: Plano Diretor de Mossoró, 2006; Núcleo de Estudos Socioambientais e Territoriais – NESAT/UERN.

A década de 1980 e 1990 foi marcada pela instalação da Petrobras em Mossoró e de sua sede local no bairro Alto do Sumaré, suscitando a expansão da malha urbana em direção à empresa. Se observado o sentido da expansão territorial urbana na Figura 7, nota-se que ela segue na direção noroeste-sudeste nos últimos dois períodos expostos (2005 e 2013).

Na direção noroeste, a expansão foi condicionada pela inauguração do único *shopping center* da cidade e pela ocupação residencial dos condomínios verticais, horizontais e loteamentos abertos e fechados. Essas novas formas de moradia estão presentes, ainda, à sudeste, especialmente nos bairros Planalto Treze de Maio, Alto do Sumaré, Costa e Silva e Rincão. Nessas áreas, espacialmente periféricas, o preço do terreno é inferior ao das áreas localizadas, sendo assim adquiridos pelos agentes imobiliários para a construção de residenciais para famílias com menor poder aquisitivo.

Com o intuito de apresentar as informações sobre a diferenciação socioespacial e seus agentes na produção do espaço urbano de Mossoró, no período que se estende do século XIX ao século XXI, apresenta-se a seguir, de forma sistematizada, o Quadro 1.

Quadro 1 - Mossoró/RN. Quadro Síntese da diferenciação socioespacial e seus agentes na produção do espaço urbano de Mossoró no período do século XIX ao século XXI, 2013.

PERÍODO	CONTEXTO SOCIOECONÔMICO MOSSOROENSE	DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL	AGENTES
Século XIX Comércio e Exportação	- Aprovação do primeiro Código de Posturas da Vila (1855); - Início da expansão urbana – “Década do expansionismo” na Vila de Mossoró (1860 – 1870), marcada pela construção de casas, armazéns e estabelecimentos comerciais; - Transformações urbanas, que romperam com a arquitetura colonial e aderiram ao estilo eclético que vigorava no Brasil (Final do Século XIX).	- Concentração de comércio, prédios públicos e habitações de pessoas com maior poder aquisitivo no centro da cidade; - Alargamento das ruas do centro tradicional para viabilizar o comércio; - Padrão europeu de embelezamento nos prédios públicos e na moradia da elite deram um novo aspecto à cidade.	- Poder Público com intervenções urbanísticas; - Elite local formada pelos estrangeiros, comerciantes, padres e maçons.
Século XX Especialização agroindustrial e as refinadoras de sal em Mossoró	- Implantação da ferrovia (1915) – elemento de modificações na estrutura urbana da cidade, atraindo fábricas, armazéns e indústrias de exploração e beneficiamento de algodão e cera de carnaúba. - Construção da Ponte Jerônimo Rosado (1940) - ocupação da margem direita do rio, com o surgimento dos bairros Alto de São Manoel e Santa Luzia, ambos na direção da capital do Estado – Natal. - Mecanização salineira ocasionando uma massa de trabalhadores desempregados. A área central da cidade continua sendo a que possui melhor infraestrutura. - Além de ser destino dos desempregados das agroindústrias e das salinas, oriundos da área rural, urbana e salineira, a cidade passa a atrair a população rural assolada pelas secas. - Quadro de desemprego conjuntural que atrai políticas públicas voltadas para cidades de porte médio. - Primeiro plano diretor (1974) que disciplina a expansão da cidade com a implantação da Zona Universitária, na direção sudeste, e da Zona Industrial, na direção noroeste com orientação para integração de áreas habitacionais ao centro da cidade, obedecendo a um padrão radial-concêntrico da malha urbana, com as principais vias da cidade convergindo para o centro tradicional.	- Surgimento dos bairros operários no entorno da linha férrea, onde habitavam os trabalhadores da ferrovia, agroindústria e salinocultora, bairros homogêneos do ponto de vista social. - Primeiro conjunto habitacional para moradia popular no bairro Alto de São Manoel (1960). - Trabalhadores desempregados constroem casas de taipa, originando bairros periféricos, como a Baixinha, Barrocas e parte dos Paredões. Os órgãos públicos, praças, equipamentos de uso coletivo e as residências das classes mais abastadas continuaram a se concentrar na área central da cidade, como ocorria desde o período colonial. - Formação de favelas. - Financiamento de moradias por meio de agentes financeiros – COHAB, Caixa Econômica Federal e BNH, atendendo extratos diferenciados de renda. Delimitação de bairros para segmentos de renda diferentes: o bairro Nova Betânia para a elite, e o Abolição para a moradia popular. - Zoneamento com especificação de usos e parâmetros de ocupação do solo em cada zona. Pouca expressão em relação à diferenciação do espaço devido à inexpressiva produção privada de imóveis.	- Proprietários dos meios de produção representados pelos donos das fábricas e indústrias. - Ação do Estado com política habitacional, e o disciplinamento no uso do solo por intermédio do Plano Diretor. - Grupos sociais excluídos que se adensaram em áreas periféricas da cidade, a exemplo dos bairros Barrocas e Paredões. - Ação da política habitacional do Governo Federal.

(Continuação)

PERÍODO	CONTEXTO SOCIOECONÔMICO MOSSOROENSE	DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL	AGENTES
Século XX Atividade petrolífera/Função terciária	- Descoberta de petróleo em Mossoró (1979). - Instalação da PETROBRAS e prestadoras de serviços em Mossoró (1980); - Ampliação do perímetro urbano por meio da Lei 44/80, incorporando áreas rurais que foram transformadas em bairros (Bom Jesus, Alto do Sumaré, Planalto 13 de Maio e Pintos). À exceção do bairro Pintos, os bairros criados estavam no local ou no entorno de onde a sede da Petrobras se instalou em Mossoró. Além desses, a lei criou mais quatro bairros (Dix-Sept Rosado, Itapetinga, Dom Jaime Câmara e Costa e Silva; - Expansão da rede de ensino e dos serviços de saúde; implantação de filiais de órgãos estaduais com função regional. Ampliação da rede bancária. Surgimento de uma ampla classe média ligada ao setor terciário, proveniente do emprego público e prestação de serviços; - Instalação de empresas no centro tradicional, ocasionando a mudança do padrão de ocupação anterior, que era a atividade industrial, especialmente com o encerramento das atividades da linha férrea.	- Aumento da demanda por moradia propicia uma expansão do mercado imobiliário e de loteamentos; - Proliferação na área central da cidade de edifícios ligados à sua nova função terciária, tais como: bancos, escritórios, clínicas, hospitais, órgãos e instituições públicas. O centro tradicional continua sendo área valorizada e diferenciada na cidade, agora, também, pela proximidade dos prestadores de serviços; - Expansão do bairro Alto de São Manoel, onde se instalou, no princípio, a Petrobras, e, posteriormente, os bairros Planalto 13 de Maio e Alto do Sumaré, no intuito de atender à demanda dos funcionários da empresa por moradia e serviços; - Edificação de novos espaços de lazer (Estação da Artes Eliseu Ventania) na área central da cidade.	- Proprietários fundiários, promotores imobiliários com ações inspiradas na valorização do solo urbano; - Estado com intervenções urbanísticas e planejamento urbano; - Proprietários dos meios de produção com a instalação de empreendimentos, especialmente de comércio e serviços.
Século XXI Expansão das atividades terciárias	- Produção do plano diretor de 2006 em conformidade com o Estatuto da Cidade; - Adensamento urbano por intermédio da instalação de habitações de diferentes padrões; diversificação e modernização de formas comerciais e de serviços; emergência de novas centralidades; verticalização da cidade.	- Produção de espaços residenciais fechados; - Edificação de novos espaços de consumo e lazer (Corredor Cultural de Mossoró, Shopping Center) que ensejam a criação de eixos que expressam centralidade.	- Proprietários fundiários, promotores imobiliários com ações inspiradas na valorização do solo urbano; - Estado com intervenções urbanísticas e planejamento urbano; - Proprietários dos meios de produção com a instalação de empreendimentos, especialmente de comércio e serviços.

Fonte: Adaptado de Rocha (2005); Pinheiro (2006); Silva (2013).

Ao observar o Quadro 1, pode-se depreender que o espaço urbano de Mossoró foi se estruturando em virtude das atividades econômicas desenvolvidas no local, desde a sua origem. A posição que a cidade ocupa como centro regional teve início no século XIX, quando a exportação e o comércio eram os propulsores de sua economia e atraíam comerciantes de outras praças, como Aracati (no Ceará) e, inclusive, estrangeiros que trabalhavam com esta atividade, os quais edificaram residências e comércios, sendo também responsáveis pela primeira expansão urbana da localidade.

No início do século XX, teve destaque no contexto econômico a agroindústria e a indústria salineira, que forneciam matérias-primas para as indústrias do eixo centro-sul do Brasil, as quais tiveram suas demandas aumentadas com a política do governo brasileiro de desenvolvimento industrial. Para escoamento dessa produção, a linha férrea foi inaugurada em 1915, na cidade de Mossoró, atraindo fábricas, armazéns e indústrias para as suas margens, bem como a implantação de bairros para a moradia dos operários em seu entorno, ou seja, nas porções adjacentes ao centro tradicional.

A expansão da área urbana em direção à capital do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, teve início com a construção da ponte Jerônimo Rosado em 1940 e, em seguida, com a presença da avenida Presidente Dutra, que liga esta área da cidade ao centro tradicional. Essa ocupação foi intensificada na década de 1970, com a implantação das universidades e conjuntos habitacionais. No entanto, a maior expansão ocorreu com a descoberta do petróleo e o estabelecimento de uma sede da Petrobras em Mossoró, que se instalou no que é hoje denominado bairro Alto do Sumaré (na ocasião localizado na zona rural), atraindo empresas prestadoras de serviços para os seus arredores e expandindo o perímetro urbano estabelecido por lei municipal.

Essas dinâmicas se deram com diferenciação socioespacial, de modo que a cidade foi sendo estruturada com áreas direcionadas aos diferentes segmentos de renda, áreas destinadas aos habitantes de maior poder aquisitivo e aos novos funcionários públicos das universidades, dos órgãos públicos e, também, dos funcionários e prestadores de serviços terceirizados da Petrobras. Foram áreas igualmente destinadas aos cidadãos, pertencentes aos segmentos de baixa renda, como ficou caracterizado pela construção dos conjuntos habitacionais, edificados distantes do centro tradicional, sem infraestrutura necessária para a realização da

vida. Além disso, a ausência de transporte coletivo nesses locais dificultava as relações e os usos cotidianos desses habitantes com a cidade como um todo. Os conjuntos eram os novos “bairros operários”, porém, desta vez, não por estarem próximos aos locais de trabalho, como aconteceu na implantação da via férrea, mas por serem locais direcionados pela política habitacional para a moradia dos cidadãos menos favorecidos, já apresentando assim elementos de segregação socioespacial.

As transformações no espaço urbano ocasionadas pelas atividades econômicas ao longo do tempo continuam nos dias atuais. No entanto, motivadas pela ação do Estado e pelos promotores imobiliários, consistindo em mudanças expressivas, resultantes das novas configurações que se estabeleceram na cidade e no uso dos espaços, tais como: mudanças no padrão de moradia, com a verticalização, condomínios horizontais e loteamentos abertos e fechados; novos espaços de consumo como o *shopping center* e novos espaços de lazer e entretenimento.

As mudanças no padrão de moradia vigente são explícitas e tiveram início a partir do ano de 2006 com o incremento do número de solicitações para edificação de condomínios. Assistiu-se a um processo de verticalização intenso, especialmente no bairro Nova Betânia, cujos imóveis foram direcionados a um público com poder aquisitivo mais alto. As construtoras, entretanto, também produziram imóveis destinados à população com rendas mais baixas. Estes, todavia, ficavam localizados em bairros periféricos, onde o preço da terra seria mais acessível, o que reduzia o valor final do imóvel. A expansão imobiliária nessas áreas foi responsável pelo seu adensamento, especialmente com a construção de condomínios verticais e de residências unifamiliares. Além disso, o advento de novos equipamentos voltados para a prática e para o consumo do lazer, da cultura e do entretenimento também ocasionaram valorização imobiliária e formação de novos corredores, voltados, portanto, para essas atividades em algumas áreas da cidade.

3.2 Diferenciação socioespacial e os espaços de moradia e consumo em Mossoró

Nos últimos anos, mais precisamente a partir do ano de 2008, observou-se na cidade de Mossoró um processo de mudança no padrão de moradia habitual. Uma cidade cuja forma urbana era predominantemente horizontal e composta por residências unifamiliares, nesse interregno, foi adensada por loteamentos fechados e

condomínios horizontais³¹ e verticais.

Pelos dados de construção que obtivemos junto à Gerência Executiva do Desenvolvimento Urbanístico (Quadro 2 e Quadro 3), pertencente à Secretaria Municipal do Desenvolvimento Territorial e Ambiental, da Prefeitura Municipal de Mossoró (PMM), pôde-se depreender que os pedidos para alvará de construção dos primeiros condomínios datavam de 1973. Contudo, eram construções de particulares, dois apenas, com quatro e seis unidades.

Os dados, entretanto, mostravam uma mudança significativa no número de pedidos de alvarás de construção para edificação de imóveis multifamiliares³² no Município. O Quadro 2 expõe que, durante 32 anos (de 1973 a 2005), foram solicitados 31 alvarás, todavia somente nos dois anos seguintes (2006 e 2007), esse número foi superado, pois foram 34 solicitações. Nota-se também, o incremento do número de unidades, especialmente no período de 2008 a 2010, ultrapassando 1.000 unidades por ano. Esses números correspondem a condomínios horizontais, verticais e loteamentos fechados.

Ainda em relação ao número de unidades, observou-se no Quadro 2, que as construções a partir de 10 unidades, caracterizadas por pequenos condomínios horizontais e verticais, tiveram início na década de 1980, o que correspondeu ao período de instalação da Petrobras em Mossoró e das empresas prestadoras de serviços para a indústria petrolífera. Isso suscitou o aumento da demanda por moradia para os funcionários dessas empresas, bem como para empregados associados às novas funções no setor de serviços especializados, tais como: saúde, setor bancário, órgãos e instituições públicas.

Com base no Quadro 2, observamos que as construções se localizavam em sua maioria no bairro Santo Antônio, cujos alvarás foram majoritariamente expedidos durante as décadas de 1980 e 1990. Tal ação se justificou porque uma parte do bairro Santo Antônio era adjacente à área central da cidade, onde estavam localizados escritórios, bancos, órgãos públicos, clínicas e hospitais, havendo, portanto, demanda para moradia desses funcionários.

³¹ Alguns fatores distinguem loteamentos fechados e condomínios horizontais. No condomínio horizontal, o que é comercializado são as casas com a fração do terreno em que elas estão localizadas, inclusive área para jardim, e o proprietário tem direito ainda a uma fração ideal das áreas comuns relativas às ruas, praças e espaços livres. No caso dos loteamentos fechados um lote é subdividido em terrenos numerados, sendo estes comercializados individualmente. Suas praças, ruas e espaços públicos são de responsabilidade do poder público local. Neste caso, o que ocorre para que o lote possa ser fechado é uma concessão de uso para os residentes (SOBARZO; SPOSITO, 2003).

³² Condomínios com imóveis a partir de duas unidades.

Além disso, vale salientar que, apesar de o Município possuir um código de obras desde 1975 (atualizado em 2010), que exigia a solicitação dos alvarás de construção, havia, tanto por parte dos incorporadores quanto da prefeitura, uma inércia em relação aos registros e à fiscalização, o que contribuiu para que algumas obras fossem realizadas sem o documento. Fato este que foi, inclusive, abordado pelo presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil (SINDUSCON), em entrevista realizada no mês de setembro de 2013³³. Ele compreendeu que essa pouca formalidade na legalização e no registro das obras foi devido à parca experiência, tanto por parte dos empreendedores, como do Poder Público.

O incremento da solicitação dos alvarás ocorreu com a aprovação do Plano Diretor do Município, em dezembro de 2006, e com a rápida ampliação do número de condomínios verticais e horizontais, a partir do mesmo ano, como pode ser constatado no Quadro 2.

³³ Entrevista realizada com o Presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil (SINDUSCON), em setembro de 2013, nas dependências da empresa administrada pelo empresário mossoroense.

Quadro 2 - Mossoró/RN. Solicitações de alvará para construção de imóveis multifamiliares - 1973 a 2010. 2013.

PERÍODO	NÚMERO DE SOLICITAÇÕES	UNIDADES (QUANTIDADE NO ANO)	BAIRROS PREDOMINANTES
1973	2	10	Bom Jardim
1975	1	2	Centro
1976	2	15	Doze Anos, Santo Antônio
1977	1	8	Doze Anos
1978	1	5	Alto da Conceição
1988	1	12	Costa e Silva
1991	1	14	Santo Antônio
1994	1	70	Santo Antônio
1995	2	4	Santo Antônio
1999	2	46	Nova Betânia, Centro
2000	1	12	Centro
2001	1	10	Nova Betânia
2002	1	3	Nova Betânia
2003	3	256	Santo Antônio
2004	7	131	Nova Betânia, Centro
2005	4	35	Nova Betânia, Costa e Silva
2006	9	116, 224 lotes	Nova Betânia, Centro, Santa Delmira, Doze Anos, Aeroporto, Rincão (Loteamento Fechado)
2007	25	731, 160 lotes	Alto de São Manoel, Abolição, Nova Betânia (Loteamento Fechado), Alto do Sumaré, Doze anos, Costa e Silva, Santo Antônio, Aeroporto
2008	35	1.123	Abolição, Santo Antônio, Nova Betânia, Doze Anos, Planalto 13 de Maio, Abolição, Alto de São Manoel, Costa e Silva, Santa Delmira
2009	27	1.119	Nova Betânia, Santo Antônio, Abolição, Alto de São Manoel, Costa e Silva, Alto do Sumaré, Ilha de Santa Luzia, Planalto 13 de Maio
2010	32	998	Nova Betânia, Planalto 13 de Maio, Abolição, Costa e Silva, Santo Antônio, Aeroporto, Alto do Sumaré

Fonte: Adaptado de Dados da Gerência Executiva do Desenvolvimento Urbanístico pertencente à Secretaria Municipal do Desenvolvimento Territorial e Ambiental da Prefeitura Municipal de Mossoró.

Observando o Quadro 2, constata-se a predominância de construção em alguns bairros, como o Santo Antônio e o Nova Betânia (Figura 8). O Santo Antônio é um bairro extenso, sendo uma parte dele adjacente ao centro, no entorno da Avenida Rio

constatado em matéria do jornal Correio da Tarde.

Segundo o Jornal Correio da Tarde (2011, *on line*):

As reformas empreendidas ao longo da avenida [Rio Branco] mudaram o cenário da Estrada da Raiz, até então rotulada como foco de ações violentas praticadas por criminosos. Some-se a isso a já existente tendência de crescimento de imóveis, verificada desde a inauguração das unidades residenciais do condomínio Jardim do Thermas. Hoje são contabilizados, além das dez torres do condomínio Jardim do Thermas, um total de nove edifícios concluídos e três programados para a construção, distribuídos nos eixos das avenidas Rio Branco e Lauro Monte, englobando a Rua Chico de Clara. [...] As vendas tiveram saldo positivo segundo balanço constatado pela construtora Repav³⁵. Por ser populoso e configurar um dos mais extensos bairros de Mossoró, o Santo Antônio é um exemplo de contraste social, pois, se por um lado apresenta uma área comercial e habitacional privilegiada, por outro concentra um espaço de escassa infraestrutura. Decorrendo daí o rótulo atribuído ao bairro como área de pouca segurança pública, os proprietários de imóveis situados nas regiões mais nobres do Santo Antônio temem a desvalorização comercial das unidades habitacionais, defendendo como uma possível solução para tal ameaça, o desmembramento do bairro e a criação de um outro.

Vale salientar, que o recurso apontado na matéria para solucionar o problema da desvalorização dos imóveis não resolveria, de fato, o problema. O “simples” desmembramento do bairro não extinguiria os problemas sociais que continuariam presentes em seu entorno. Trata-se de hierarquizar o local, como afirma Carlos (2011, p.79).

No plano da forma espacial, a imbricação desses níveis [econômico, político e social] declara-se numa morfologia estratificada [...]. Na cidade aparece sob a forma de segregação na justaposição morfologia social/morfologia espacial produzindo a cidade como segregação com seu sentido estratégico: a separação das práticas sócio-espaciais visando à reprodução social, que, ao delimitar um lugar para cada um – “criando áreas homogêneas apoiadas em identidades de classe e, pretensamente, apartadas do todo social e da cidade”, escamoteia o conflito.

Essa hierarquização dos espaços no urbano e a tentativa de escamotear o conflito levam apenas à separação dos segmentos sociais de suas práticas espaciais, porém o “indesejado” continua, mesmo que não esteja ao alcance da visão ou do convívio. No caso do bairro Santo Antônio, a “nova delimitação” continuaria próxima da área estigmatizada pela naturalização do espaço do medo e da

³⁵ A REPAV- Rosário Edificações e Pavimentação Ltda, construtora local, surge no ano de 2003 nos registros analisados (Quadro 4), quando recebeu alvará para construir o “Residencial Jardim do Thermas”, no bairro Santo Antônio, sendo um prolongamento da Avenida Rio Branco.

precariedade, constantemente reforçados pela mídia.

Magrini (2013), em estudo sobre o imaginário das cidades inseguras e a fragmentação socioespacial em espaços urbanos não metropolitanos, informa que a propagação da insegurança na produção e apropriação do espaço enseja as divisões socioespaciais, os estigmas sociais em relação aos pobres, mesmo em cidades onde os índices de violência não fundamentem esta representação de insegurança acerca destes locais. Dessa forma, a autora afirma que as diferenças sociais vão sendo relacionadas aos espaços, o que ocasiona a produção de obstáculos, “barreiras – materiais e simbólicas” que refletem na produção do espaço, nas formas de moradia e nas relações de sociabilidade, que impulsionam os moradores a quererem viver e conviver somente com seus iguais, se esquivando do contato com os diferentes. Os “espaços dos diferentes”, dos estigmatizados, sofrem a desvalorização por terem as possíveis amenidades, relacionadas ao local, desconstruídas, sendo, portanto, um aspecto subjetivo que reproduz segmentação socioespacial (MAGRINI, 2013, p.3).

Ainda em relação à predominância e início de construções de condomínios na cidade, no bairro Santo Antônio, o presidente do Sinduscon³⁶, apontou um elemento que era fundamental para a edificação destes empreendimentos no local:

Quando começou-se a incorporação em Mossoró, começou-se no bairro Santo Antônio, **em uma parte que é Santo Antônio, mas perto do colégio Diocesano**, por quê? Porque lá tinha saneamento. [...] Depois a prefeita da época, que era Rosalba Ciarlini [...], investiu muito em obra de saneamento, e Mossoró hoje é bem servido de saneamento [...]. Quando chegou a rede de esgotamento no **Nova Betânia, que era o bairro nobre da cidade, sempre foi, dos bacanas de Mossoró morarem [...]**, começou-se a verticalizar por lá e com essa verticalização mais valorização (grifo nosso).

O empresário estabeleceu sua construtora no mercado mossoroense no ano de 1989. Inicialmente, a empresa de capital local, operava com obras públicas. A partir da década de 1990, começou a atuar na incorporação imobiliária, no entanto, aparece nos registros da Prefeitura de Mossoró (Quadro 2) somente no ano de 2003, quando recebeu alvará para construir o “Residencial Jardim do Thermas”, no bairro Santo Antônio. Depreende-se da fala do empresário, mais especificamente nos grifos, que o agente imobiliário especificou claramente a diferenciação socioespacial em algumas

³⁶ Entrevista realizada com o Presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil (SINDUSCON), em setembro de 2013, nas dependências da empresa administrada pelo empresário mossoroense.

áreas da cidade, quando reproduziu a representação acerca do Santo Antônio, enquanto bairro inseguro e, “naturalmente”, destacou que a parte utilizada no Santo Antônio para as edificações era a área próxima ao centro da cidade, corroborando o estigma de algumas parcelas deste bairro.

Além disso, ressaltou o bairro Nova Betânia, onde também predominavam as construções no Quadro 2, como o bairro de moradia da elite mossoroense. Salientou na sua fala que essa lógica não era nova na estruturação urbana de Mossoró, pois, em suas palavras: o “Nova Betânia, que era o bairro nobre da cidade, sempre foi dos bacanas de Mossoró morarem”, o que denota a segmentação socioespacial desta parcela da cidade e corrobora com Felipe (1982) e Pinheiro (2006), quando colocam que, desde a sua gênese, o Nova Betânia se caracterizou como um bairro destinado a um público com maior poder aquisitivo.

Recente nesse processo é a construção e a adesão dos segmentos médios e altos de renda às novas formas de moradia, fechadas, vigiadas e com restrição de acesso, as quais ensejam maior valorização e maior concentração das pessoas com o mesmo padrão de renda coabitando em condomínios, que assim que possível, devido ao saneamento, foram concebidos pelos agentes imobiliários para a moradia da elite. Dessa forma, o bairro atualmente configura-se como o espaço mais utilizado para a construção de loteamentos e condomínios (Figura 9), ambos fechados.

Figura 9 – Mossoró/RN. Condomínios verticais e horizontais no bairro Nova Betânia em março de 2011.



Fonte: Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1336585>.> Acesso em: 02 mar. 2016.

Esse predomínio de moradores pôde ser associado à inauguração do “Mossoró *West Shopping*”³⁷ e da Universidade Potiguar³⁸, no prolongamento da Avenida João da Escóssia, no ano de 2007. O terreno do *shopping* foi uma concessão da prefeitura municipal, assim como o prolongamento da via também foi uma ação municipal. Nessa área se instalaram, no ano de 2008, uma loja “Atacadão”³⁹ e alguns loteamentos fechados de alto padrão, a exemplo do Alphaville (579 lotes) e o Quintas do Lago (313 lotes). Sobre essa valorização, a matéria do Jornal de Fato (2011, *on line*) revela que:

Naquela redondeza já se instalaram empresas e até loteamento, isso porque os grandes terrenos, ainda não ocupados, têm despertado os olhos da construção civil. Segundo estimativa dos corretores, a valorização média da área é de aproximadamente 50% acima da inflação. Em 2001, por exemplo, a inflação foi de 40%, o que representa que alguns imóveis chegaram a dobrar de valor. Lotes que antes eram vendidos a 4 mil reais agora estão girando em torno de 50 mil reais.

Quando o jornal aborda a questão da valorização desta área, está se referindo a uma parcela da cidade que recebeu investimentos públicos e, devido a isso, ocorreu a instalação de empreendimentos comerciais e residenciais (condomínios e loteamentos). O trecho no qual estão localizados o *shopping* e os hipermercados de atacarejo⁴⁰ está bem próximo à BR-304, rodovia que dá acesso ao município.

Essa escolha locacional, de acordo com Elias e Pequeno (2010), é uma lógica que ocorre em outras cidades médias, no intuito de facilitar o acesso do público dos municípios que estão sob sua influência. Essa valorização, portanto, está relacionada às escolhas da gestão pública sobre quais áreas recebem investimentos, o que pode ocasionar, como neste contexto, a diferenciação socioespacial pela via da valorização fundiária e imobiliária, beneficiando alguns proprietários locais.

Para observar a valorização dos terrenos citados na notícia do Jornal de Fato, apresenta-se a Tabela 1, que expõe o preço médio dos terrenos nos bairros em

³⁷ O “Mossoró *West Shopping*” foi comprado por uma empresa de investimento imobiliário sediada em São Paulo, a Partage Empreendimentos e Participações, sendo hoje o “*Partage Shopping Mossoró*”. A empresa é proprietária de edifícios comerciais de alto padrão na capital paulista e, desde 2009, passou a investir no segmento de *shopping centers*, administrando seis unidades, duas no Rio Grande do Norte (Natal e Mossoró), uma na Paraíba (Campina Grande), uma no Pará (Pauzebas), uma em Minas Gerais (Divinópolis) e uma no Rio de Janeiro (São Gonçalo).

³⁸ Instituição privada de ensino superior, com sede em Natal.

³⁹ Empresa do segmento de atacado do grupo francês *Carrefour*, que atua por meio de lojas de autosserviço ou atacado de distribuição (televentas e representantes diretos).

⁴⁰ Lojas que vendem produtos para os segmentos de atacado e varejo.

Mossoró para os anos 1995, 2000, 2005 e 2010. Em um intervalo de 10 anos (2000 a 2010), os terrenos no Nova Betânia tiveram uma valorização de 308,9%. Não apenas neste bairro pôde ser verificada a majoração no preço da terra, pois, se observada a Tabela 1, constata-se que outras localizações na cidade também foram valorizadas em um percentual, inclusive, maior que o de Nova Betânia.

Tabela 1 – Mossoró/RN. Preço médio* dos terrenos nos bairros de Mossoró - 1995, 2000, 2005 e 2010.

Bairros	Preço Médio	Preço Médio	Preço Médio	Preço Médio	Valorização	
	m ² (R\$)	m ² (R\$)	m ² (R\$)	m ² (R\$)	Anos	%**
Ano	1995	2000	2005	2010		
Abolição	--	--	41,48	105,19	5	1.547,98
Alto do Sumaré	12,40	--	13,05	204,35	15	1.861,56
Alto São de Manoel	--	43,13	--	846,02	10	1.861,56
Aeroporto	25,85	--	--	27,10	10	867, 12
Centro	--	--	169,71	--	--	--
Nova Betânia	35,57	61,14	118,66	250,00	15	602,84
Pres. Costa e Silva	18,21	--	45,97	119,27	15	554,97
Santa Delmira	20,67	15,51	--	163,20	15	689,55
Santo Antônio	100,37	--	--	294,12	15	193,03

Fonte: Ofertas dos Classificados do Jornal O Mossoroense (apud COIMBRA, 2013, p.57).

Legenda:

* Valores deflacionados para o último ano da série histórica de dados (dez/2010).

**Fórmula= [(Valor final do terreno/valor inicial do terreno) – 1] *100.

Como já foi colocado e pode ser constatado no Quadro 2, o Santo Antônio foi, na primeira metade da década de 1990, a localização eleita para a construção de “espaços residenciais fechados”⁴¹. O bairro, na área mais próxima ao centro, concentrava principalmente serviços de saúde (hospitais, clínicas e laboratórios). O bairro surgiu nos registros novamente, a partir de 2003 e depois de 2007 a 2010, com a solicitação de construção de condomínios, principalmente nas adjacências do Hotel Thermas. A matéria do jornal Correio da Tarde descreveu o início do processo de mudança nesta área, com a construção de um condomínio para o segmento de baixa renda, bem como quais foram os agentes responsáveis pelo início da verticalização neste bairro:

[...] [teve início em 2004], quando a Caixa Econômica Federal (CEF)

⁴¹ Termo utilizado pelas autoras Sposito e Góes (2013).

entregou 160 unidades residenciais do condomínio Jardim do Themas, o primeiro do Programa de Arrendamento Residencial (PAR) em Mossoró. Na oportunidade, foram investidos R\$ 4,1 milhões. O Programa de Arrendamento Residencial foi desenvolvido pela Caixa em parceria com a prefeitura de Mossoró, que ficava responsável pela infraestrutura e dispensava alguns impostos municipais (CORREIO DA TARDE, 2011).

A valorização deste bairro é bem menor se comparada a outros, inclusive em localização periférica, como o Alto do Sumaré, que começou a aparecer nos registros (Quadro 2) no ano de 2007 e foi incorporado pelos agentes imobiliários para a construção de moradia para famílias com menor poder aquisitivo. Segundo o presidente do Sinduscon, o bairro é um “fenômeno” em Mossoró:

Tem um fenômeno [...] e a gente tem contribuído um pouco com esse fenômeno, é no Alto do Sumaré [...]. Se vocês passarem três meses sem andar lá, quando você for lá já é outra história [...] Se o *Google Earth* fosse atualizado mês a mês, a gente ia ver a mudança que tem ocorrido lá. Lá está se construindo um bairro[...].

A incorporação dessa área, para a construção de residências unifamiliares e condomínios, tem sido de fato um vetor de valorização para esse bairro. Entretanto, os empreendimentos direcionam-se a um segmento de baixa renda, pois se trata de loteamentos abertos, condomínios fechados horizontais e verticais que mimetizam características associadas à moradia dos segmentos de média e alta renda. A expansão do bairro ocorre pela ação do mercado imobiliário, que opera mesmo com a insuficiência de equipamentos e serviços públicos, bem como apesar da distância do local ao centro tradicional.

Dessa forma, o Alto do Sumaré é um exemplo de que, no espaço urbano de Mossoró, a valorização no preço do metro quadrado dos terrenos (Tabela 1) não ocorre apenas nas áreas com melhor infraestrutura na cidade, mas também em outras áreas que foram sendo absorvidas pelo mercado imobiliário. Quanto a isso Sposito (1996, p.80) afirma que:

As novas formas de habitat urbano têm relação direta com as práticas deliberadas pelos interesses fundiários e imobiliários. O aparecimento de grandes conjuntos habitacionais, bem como de condomínios fechados, responde igualmente aos interesses de ‘valorização’ de territórios afastados do tecido urbano compacto e densamente ocupado, através da definição prévia (no caso dos conjuntos habitacionais e de condomínios nos quais já houve a incorporação imobiliária) ou potencial (nos caso dos loteamentos fechados) de conteúdo funcional e social aos novos espaços. Essa ‘valorização’ se dá através da mercantilização dos signos que a esses imóveis se associam.

Alguns signos associados ao *marketing* destes imóveis dizem respeito, grosso modo, a “qualidade de vida”, viver “próximo à natureza”, ter boa infraestrutura para lazer e prática de esportes (conceito de residencial clube), além, é claro, da propagada segurança. A localização também está presente neste *mix*, assim, quando o empreendimento está mais afastado da área central é denominado “bairro planejado”, por ter agregado alguns serviços e comércio.

A combinação de todos estes fatores leva a *slogans* como “seja dono da sua felicidade” ou “seus maiores sonhos agora são realidade”, sempre fazendo menção ao “bem-estar” relacionado à compra do imóvel. Esses atributos associados aos produtos conferem aos mesmos valorização, como também, em muitos casos, valorização da área em que estão localizados. Portanto, ser proprietário ou apenas habitar em uma dessas unidades, nesses empreendimentos, confere *status* aos seus moradores.

Outros bairros que tiveram valorização acentuada, especialmente nos últimos cinco anos, como se pode constatar na Tabela 1, foram Alto de São Manoel, Aeroporto, Presidente Costa e Silva e Santa Delmira. O Alto de São Manoel, além do Nova Betânia são os bairros de preferência para a habitação dos indivíduos com maior poder aquisitivo de Mossoró. O primeiro é próximo às universidades públicas, aos órgãos públicos do Poder Judiciário e ao centro tradicional, embora tenha comércio e prestação de serviços nele para atender à população. Conserva características relacionadas à manutenção das relações de vizinhança, fortalecidas pelo hábito cotidiano de colocar cadeiras na porta de casa, para conversar com parentes e vizinhos. No Nova Betânia, destacam-se a melhor infraestrutura, a proximidade ao *shopping center*, a bares e a restaurantes, além do aspecto moderno do bairro.

Apesar do Alto de São Manoel não ser tão elitizado e pouco verticalizado, em comparação com o Nova Betânia, concentra o quarto maior número de habitantes da cidade (18.336), amplificado pelos moradores dos bairros adjacentes e pelos dos bairros localizados no seu prolongamento, no sentido Sul (Planalto 13 de Maio e Alto do Sumaré) e Sudeste (Dom Jaime Câmara e Presidente Costa e Silva), além da Ilha de Santa Luzia ao Norte, o que contabiliza aproximadamente 34 mil habitantes.

Atribui-se a isso a atração, principalmente nos últimos três anos, de uma rede de comércio e de serviços dos mais diversos setores para a avenida Presidente Dutra (via principal do bairro – Figura 10), tais como supermercados, farmácias, restaurantes, além da abertura de agências bancárias, a exemplo, Banco Itaú, Caixa

Econômica Federal e Banco do Brasil, que já estavam localizados em outras áreas de Mossoró, como no centro tradicional e no próprio Nova Betânia. Ademais, atribui-se ainda à dispersão desses estabelecimentos para esta área a dificuldade de estacionamento no centro tradicional⁴², facilitando assim o acesso aos consumidores.

Figura 10 - Mossoró/RN. Avenida Presidente Dutra, bairro Alto de São Manoel, 2012.



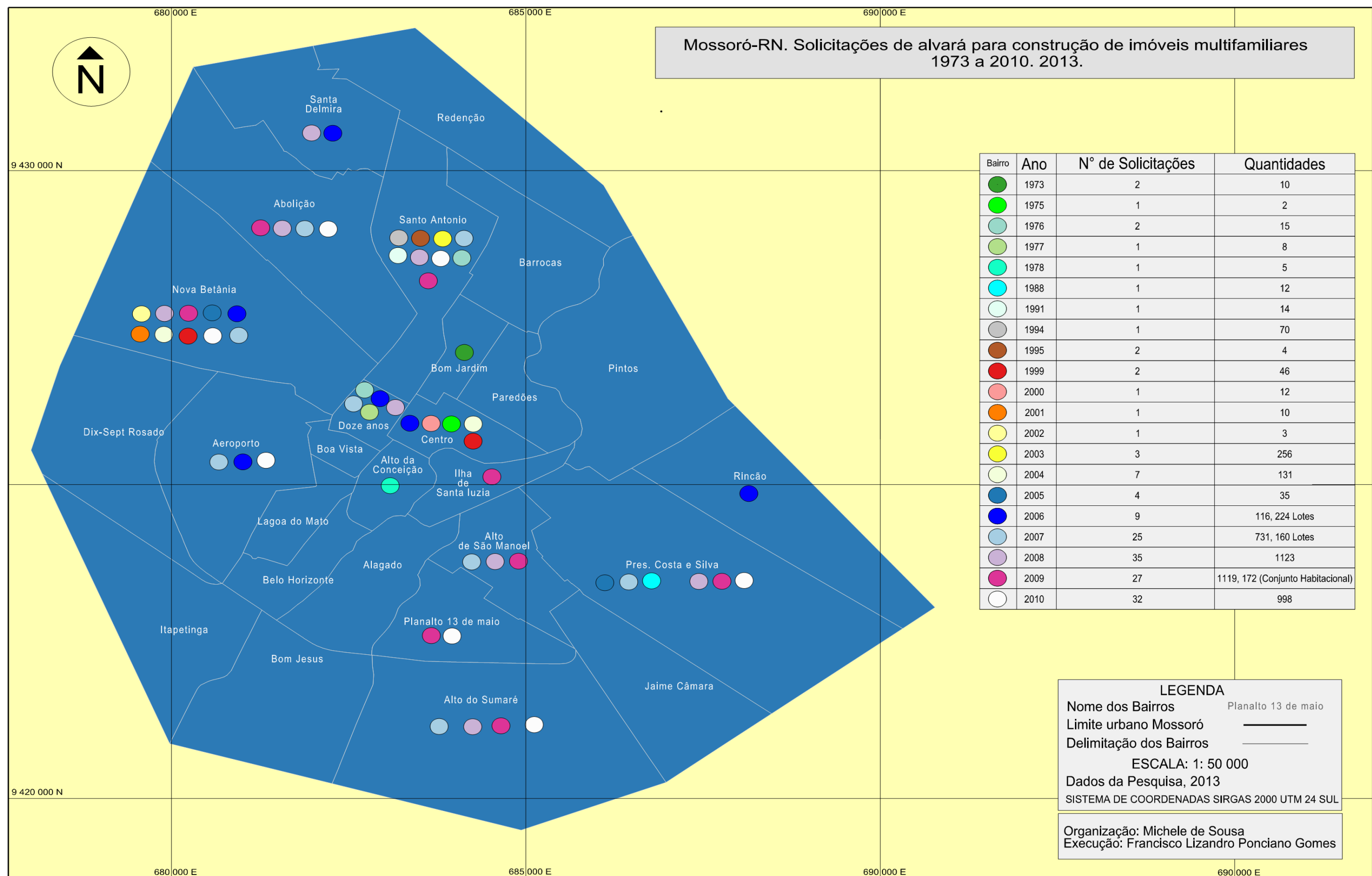
Fonte: Disponível em: <<http://www.defato.com/noticias/1456/mossoro-vista-da-avenida-presidente-dutra-bairro-alto-sao-manuel>> Acesso em: 02 mar. 2016.

Outro bairro que sofreu valorização acentuada (Tabela 1) foi o Presidente Costa e Silva, que abriga o eixo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN). Vem sendo apropriado principalmente para a construção de condomínios horizontais, embora, nos últimos dois anos, tenham sido entregues três empreendimentos verticais, além do lançamento de outros projetos, tal como um condomínio comercial, na Avenida Jorge Coelho de Andrade, onde se concentram os órgãos da justiça.

Os dados da Tabela 1 podem ser relacionados com o Quadro 3, onde se percebe que os bairros que tiveram majoração foram os que tiveram maior número de construção de condomínios (Figura 11).

⁴² Fato que será abordado no capítulo 3.

Figura 11 – Mossoró/RN. Solicitação de alvarás para construção de imóveis multifamiliares - 1973 a 2010.



O período de maior valorização corresponde aos períodos em que foram construídas grande quantidade de unidades habitacionais, de 2005 a 2010. O início da edificação dos espaços residenciais fechados foi atribuído a alguns fatores, que foram apontados pelo presidente do Sinduscon ⁴³ em uma explanação acerca desse cenário na cidade:

Mossoró começou a ter a possibilidade de verticalizar e concentrar, através de condomínios verticais [quando a cidade passou a ter] saneamento básico, pavimentação, os bairros estruturados e os serviços perto [...] um fator que começou a entrar também na questão foi o da segurança [...] que hoje está muito mais acentuado, absurdamente acentuado [...] [Minha construtora] começou a investir e incorporar, lançando dois condomínios de uma vez, um de apartamentos e outro de casas [2004]. O mercado já era um mercado consumidor [...] já tinha uma demanda reprimida boa, porque havia outros colegas que tinham lançado primeiro e tinham quebrado a questão cultural [...] porque a primeira dificuldade de uma cidade, que não tem ainda a cultura de condomínio, é a pessoa não admitir sair da casa dele e morar em um condomínio, dividindo coisa, restringindo alguns direitos que na casa dele, ele certamente supunha que tinha, [embora residir em uma casa também pressupõe] algumas regras [...] porém em condomínio isso fica mais claro [...]. [A demanda existente naquele período era] das pessoas [preocupadas] por questões de segurança [...], não muito pelas questões locais, mas pelo que se ouvia falar de outras cidades, capitais, que era mais seguro morar em condomínio que morar em uma casa isolada. Hoje isso está muito claro.

Verifica-se que o empreendedor mencionou alguns elementos que possibilitaram o investimento em condomínios. *A priori*, a implantação de infraestrutura e a oferta de serviços foram para atender moradores dos bairros. Não obstante, essa melhoria foi mais evidente em localizações centrais, pois, mesmo que houvesse investimento em áreas ou bairros voltados para o público de baixa renda, essas áreas continuavam carentes de serviços e equipamentos públicos, pavimentação, sistema público de transporte, dentre outros aspectos.

O empresário falou, em seguida, a respeito da questão de segurança, mesmo que em princípio essa não estivesse relacionada aos índices de violência de Mossoró. Ele relatou sobre os paradigmas que já estavam postos em outras cidades, principalmente nas capitais, onde morar em um espaço residencial fechado, com portaria, é mais seguro devido à insegurança urbana.

⁴³Entrevista realizada com o Presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil (SINDUSCON), em setembro de 2013, nas dependências da empresa administrada pelo empresário mossoroense.

Retomando o estudo de Magrini (2013, p.4), a autora considera que o imaginário sobre a insegurança nas cidades, embora não esteja fundamentado em dados ou que os mesmos não justifiquem, ocasiona e alimenta “o impulso de retirar-se da complexidade (cidade aberta insegura) para o abrigo da uniformidade (espaços fechados, de acesso controlado e com vigilância constante).” Menciona que esse é um comportamento que atinge a toda sociedade, portanto, o que difere e influencia nas diferenças locais são os “meios e recursos que os agentes dispõem”.

E, por fim, o presidente do Sinduscon citou a mudança no público consumidor, que passou a demandar espaços residenciais fechados, sendo esse um fator que impulsionou a mudança da forma de moradia em Mossoró. O empresário relatou que as construtoras, em princípio, produziam imóveis para a elite, porque era o mercado consumidor que tinha condições de endividamento, embora existisse déficit habitacional e demanda em outros segmentos de renda. Porém, esses segmentos não tinham condições de consumir devido à conjuntura socioeconômica do país, quadro que se modificou⁴⁴ e possibilitou o aquecimento do mercado imobiliário com a instituição do programa habitacional do Governo Federal, Programa Minha Casa Minha Vida⁴⁵, o qual tornou a demanda do segmento de baixa renda solvável.

Uma coisa que veio nos últimos três anos [entrevista realizada em 2013] para cada vez acrescentar mais, não só em Mossoró, mas no Brasil como um todo foi o Programa Minha Casa Minha Vida [...] desde o Governo Collor quando extinguiu o BNH que o Brasil não tinha política habitacional, nada, não se tinha mais nada. Acabou o BNH, a Caixa assumiu os funcionários, mas ficou como gestor de obras públicas, saneamento, infraestrutura e habitação, mas nós não tínhamos muitas condições. Os juros muito altos, a capacidade de endividamento da população baixa, os salários achatados, a inflação não ajudava [...] tínhamos e temos ainda um déficit habitacional⁴⁶ alto, os empresários, construtores, doidos para construir, para vender, mas o ambiente econômico era desfavorável e tinha essa demanda reprimida extraordinária, querendo comprar, mas sem poder. [...] [As construtoras] trabalhavam [com um produto direcionado para a] elite, onde as pessoas tinham condições, mas o ambiente econômico, não [era favorável como o de] hoje,

⁴⁴ Contexto dos anos 2000, em que o Brasil, após estagnação econômica dos anos 1980 e 1990, passou por uma retomada na economia, que gerou entre outros acontecimentos, recuperação no mercado formal de trabalho, melhoria nos rendimentos dos trabalhadores e expansão do crédito ao consumo (QUADROS; GIMENEZ; ANTUNES, 2013).

⁴⁵ O Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), do Governo Federal, teve início em 2009. O objetivo consiste em subsidiar a aquisição da casa própria e reduzir o déficit habitacional no Brasil. Na área urbana contempla famílias cuja renda mensal esteja em uma das faixas atendidas pelo programa, que são: até R\$ 1.600 (faixa 1), até R\$ 3.275 (faixa 2) e até R\$ 5 mil (faixa 3).

⁴⁶ Pode-se associar esse déficit habitacional, além dos fatores macroeconômicos já citados, também ao aumento populacional do município, o que demanda mais habitações. Segundo dados do IBGE entre 1991 e 2000, a população aumentou 11,22% (192.267 para 213.841 habitantes) e de 2000 a 2010, houve um incremento de 21,50% (213.841 para 259.815 habitantes).

na minha avaliação. [Hoje] nós temos juros relativamente baixos [...] tivemos ganho real de salário, isso é fato, então essas pessoas que não tinham apartamento, não tinham casa, algumas entraram no mercado consumidor através do Minha Casa Minha Vida.

Essa mudança no cenário econômico e a implementação do programa de financiamento habitacional do Governo Federal têm ocasionado o investimento em empreendimentos para outras faixas de renda e em algumas localizações na cidade, as quais estão em bairros mais afastados da área central e mais próximas às vias de acesso à cidade de Mossoró, nas quais a disponibilidade de terrenos é maior com menor custo.

Couto (2014, p.3-4) faz uma exposição sobre o posicionamento dos imóveis do Programa Minha Casa Minha Vida na cidade:

[...] a maior parte dos empreendimentos em [...] Mossoró está localizada em áreas periféricas da cidade, exceto alguns empreendimentos das faixas 2 e 3 [que estão] localizados em áreas de expansão urbana ou vetores de valorização imobiliária [...]. Em contrapartida, no que diz respeito aos empreendimentos destinados às habitações de interesse social (faixa 1), muitos estão localizados distantes das áreas centrais, com precariedade de infraestrutura e serviços (equipamentos de saúde, escolas e creches, transporte coletivo etc.) e, em alguns casos, estão desarticulados da malha urbana das cidades, com pouca ou nenhuma contiguidade espacial.

A oferta de serviços e equipamentos públicos em áreas periféricas é precária, incompatível com a demanda já existente. A gestão pública não acompanha o ritmo do mercado imobiliário nem as demandas criadas com o incremento desses novos imóveis nessas porções mais afastadas da área central. A população que passa a residir nessas áreas, de fato, sofre com a carência de serviços públicos e privados que possam atender às suas necessidades cotidianas, mesmo assim, a oferta e a demanda desses imóveis sofreram acréscimo nos últimos anos, como pode-se observar na matéria sobre o financiamento desses empreendimentos do Jornal De Fato, em edição de janeiro de 2013.

Só no ano passado, na cidade, de acordo com a Caixa Econômica Federal (CEF), foram R\$ 189 milhões em financiamentos – crescimento de 73% em valor em comparação a 2011, quando foram investidos R\$ 110 milhões. [...] As construções se espalham pelos quatro cantos do município. [...] De acordo com Aldemir Fonseca, gerente local da CEF, a demanda em Mossoró é alta, principalmente por causa do déficit habitacional, um dos maiores problemas do RN. [...] Para a primeira faixa do programa, destinada a pessoas com renda até R\$ 1,6 mil, há aproximadamente 24 mil pessoas, segundo dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbanístico. Número muito maior que a oferta de imóveis. [...] para a faixa

2 – destinada a quem ganha entre R\$ 1.600,00 e R\$ 5.200,00 – está prevista a entrega de ‘apenas’ 1.700 residências neste ano, e essa é a faixa mais visada pelos construtores, cuja oferta é tida, de longe, como a de maior alcance (JORNAL DE FATO, 2013a).

Compreende-se que a oferta de imóveis (Figura 12) produzidos pelas construtoras, inicialmente para os segmentos médio e alto de renda e, posteriormente, para os segmentos com menor poder aquisitivo, subsidiados pelo Governo Federal, ocasionaram, em poucos anos, um novo padrão de moradia e a expansão imobiliária em alguns bairros da cidade, fato que pode ser verificado pelo incremento do número de construções de habitações multifamiliares entre os anos de 1991 e 2010 (Quadro 3).

Figura 12 – Mossoró/RN. Empreendimentos multifamiliares, 2013.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Legenda:

No detalhe: 1 – Placa indicando os empreendimentos no Alto do Sumaré. 2 – Condomínio horizontal *Bella Residence*, Alto do Sumaré. 3 – Área do projeto *Cidade Jardim*, Alto do Sumaré. 4 – *Casas Jardim* (Loteamento Aberto), Alto do Sumaré. 5 – Residencial *Mont Blanc*, Aeroporto (adjacente ao Nova Betânia, comercializado como Nova Betânia). 6 – Residencial Otávio Ferreira, Aeroporto. 7 – Residencial *Jardim do Thomas*, Santo Antônio (primeiro condomínio vertical de Mossoró). 8 – Residencial *Terra da Liberdade*, Santo Antônio. 9 – Residencial *Alameda Planalto*, Planalto 13 de Maio. 2013.

Quadro 3 – Mossoró/RN. Número de unidades construídas ou em construção de habitações multifamiliares por bairro e por ano - 1991-2010. 2013.

Bairros	Anos	1991	1994	1995	1999	Total	2001	2002	2003	2004	2005	Total	2006	2007	2008	2009	2010	Total
Abolição		-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	0	-	50	36	58	42	186
Aeroporto		-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	432	432
Alto São Manoel		-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	0	-	108	48	60	-	216
Alto do Sumaré		-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	0	-	12	-	144	121	277
Centro		-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	0	14	-	-	-	-	14
Doze Anos		-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	0	28	102	49	12	-	191
Ilha de Santa Luzia		-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	0	-	-	-	186	-	186
Nova Betânia		-	-	-	14	14	10	03	-	85	18	116	38	127	528	62	161	916
														160 ¹				160¹
Planalto 13 de Maio		-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	0	-	-	09	419	92	520
Pres Costa e Silva		-	-	-	-	0					17	17		206	157	12	07	382
Rincão		-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	0	224 ¹	-	-	-	-	224¹
Santo Antônio		14	70	04	-	88	-	-	238	-	-	238	-	94	162	133	128	517

Fonte: Adaptado de Dados da Gerência Executiva do Desenvolvimento Urbanístico pertencente à Secretaria Municipal do Desenvolvimento Territorial e Ambiental da Prefeitura Municipal de Mossoró.

Legenda:

¹ Lotes.

Observando o Quadro 3, pode-se perceber a expansão imobiliária no bairro Nova Betânia, como já exposto, houve um adensamento com mais unidades construídas, o que modificou a paisagem do bairro, uma vez que essas novas unidades foram edificadas, em boa medida, no formato de condomínios verticais, caracterizando o lucro reproduzido do valor do terreno na área elitizada da cidade. Nesse bairro, continuam havendo investimentos em empreendimentos verticalizados e voltados a um segmento socioeconômico com poder aquisitivo elevado. Em entrevista⁴⁷ com um corretor de imóveis na cidade, ele salientou que, desde 2010, 70% dos novos empreendimentos imobiliários foram localizados neste bairro, alavancados, principalmente, pela presença do *shopping* e pela Universidade Potiguar.

No Quadro 3, verifica-se que os bairros citados se destacam pela maior densidade de unidades construídas, tais como: o Aeroporto, Planalto 13 de Maio e Santo Antônio. Cabe esclarecer que o Aeroporto é contíguo ao Nova Betânia e, nesta delimitação do bairro, há empreendimentos com o padrão construtivo voltado ao público-alvo do bairro limítrofe, diferente do praticado no interior do bairro em si (Figura 12, parte 5). Já no Planalto 13 de Maio, foram construídos residenciais direcionados a uma demanda com menor poder aquisitivo e financiados pelo Programa Minha Casa Minha Vida (Figura 12, parte 9).

A oferta de loteamentos fechados foi outro produto, além dos condomínios horizontais e verticais, que surgiu em 2006, no mercado imobiliário de Mossoró. Nesse mesmo ano, foi concedido alvará para o loteamento “Ecoville” (224 lotes), localizado no trecho urbano da BR-110 em Mossoró, denominado Avenida Francisco Motta, estrada que vai para o município de Areia Branca, no bairro do Rincão.

Essa rodovia possui um projeto de duplicação da via, canteiro central, passarelas, acostamentos e vias marginais, além da abertura de vias para fazer a ligação com a BR-304. Pode ser considerada uma área de expansão imobiliária, já que, após o “Ecoville”, nas suas adjacências, surgiram mais dois empreendimentos: o loteamento fechado “Ninho Residencial” (1.569 lotes) e, no final de 2011, o loteamento aberto “Alto das Brisas” (aproximadamente 1.600 lotes) (Figura 13).

⁴⁷ Entrevista realizada pela autora deste trabalho no mês de dezembro de 2012, com o corretor de imóveis João Carlos, responsável pela empresa Habitat Imóveis. Foram entrevistados ainda corretores da MCF imóveis e Eduardo Souza Imóveis.

A partir do ano de 2007, começaram a surgir na cidade outros loteamentos voltados aos segmentos de média e alta renda, tais como o “Residencial *Sunville*” (149 lotes), no prolongamento da Avenida João da Escóssia, próximo ao *shopping* e o “Condomínio Veronique” (493 lotes), localizado nas imediações da BR 304. (Figura 13). A expansão imobiliária nessa área da cidade motivou a criação de um novo bairro, como pode-se observar na matéria do Jornal de Fato:

Com o crescimento da cidade, tornou-se necessária a expansão de novas áreas que absorvam os novos instrumentos urbanos que têm chegado à cidade. [Foi] assim com a criação do novo bairro, o Alto da Bela Vista, que compreende a área que transpassa a BR 304, entre o terminal rodoviário, área do Mossoró *West Shopping* e a continuação do Abolição IV. [...] A lei⁴⁸ que cria o novo bairro (Alto da Bela Vista) já foi encaminhada à Câmara dos Vereadores de Mossoró e deve ser votada logo em breve. [...] O bairro será o trigésimo de Mossoró e vai incorporar parte do Nova Betânia e uma segunda parte do Dix-Sept Rosado. Para ser mais claro, o Alto da Bela Vista vai contemplar a região da Universidade Potiguar, o *shopping*, os novos condomínios e residenciais que começam a ocupar aquela parte da zona sul da cidade (JORNAL DE FATO, 2011).

Observa-se que as parcelas da malha urbana de localização central, próximas às áreas principais de comércio e serviços estão sendo produzidas por meio de investimento público em infraestrutura e do mercado imobiliário, com imóveis para os segmentos de renda alta e média, possibilitando o processo acelerado de verticalização em Mossoró. Seu início deu-se partir do ano de 2006. Além disso, os loteamentos fechados, também direcionados aos segmentos de média e alta renda, estão na franja urbana, onde se encontra maior disponibilidade de terras.

Para o público com menor poder de renda são produzidos imóveis com algumas características que se identificam com os imóveis do público com maior poder aquisitivo. Porém, são executadas de forma mais modesta, em localizações geograficamente periféricas, que apresentam maior disponibilidade de terras a preços mais acessíveis. Isso acontece apenas inicialmente, porque também sofrem valorização, como já mencionado anteriormente, neste mesmo capítulo.

Todavia, esses imóveis terminam por apresentar diversos tipos de problemas relacionados à infraestrutura, sistema de transporte, equipamentos e serviços públicos, além da distância destas áreas para as que ofertam produtos e serviços.

⁴⁸ O bairro Bela Vista foi criado pela Lei Municipal N° 2.774, de 4 de novembro de 2011. O bairro Bela Vista não está contemplado nos mapas e amostra deste trabalho, porque os dados tomaram como base o Censo Demográfico do IBGE, em 2010 e, nesta ocasião o bairro ainda não existia. Compreende a região da Universidade Potiguar, o *shopping*, novos condomínios residenciais, hipermercados e *flat*, que ocupam aquela área da cidade.

Figura 13 – Mossoró/RN. Loteamentos, 2015.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Legenda:

No detalhe: 1 – Sunville (Loteamento fechado alto padrão, Nova Betânia). 2 – Condomínio Veronique (Loteamento fechado alto padrão, Dix Sept Rosado). 3 – Ecoville (Loteamento fechado, Rincão). 4 – Alto das Brisas (Loteamento Aberto, Rincão). 5 – Ninho Residencial (Loteamento fechado, Rincão). 2014.

Diante do exposto nesse subcapítulo, cabe uma reflexão sobre a localização dos condomínios e loteamentos em cidades.

Caldeira (2000, p.211) afirma que:

A não ser que a oposição centro-periferia seja revista e a maneira pela qual se concebe a desigualdade social no espaço urbano seja modificada, não será possível entender os principais desafios da cidade [acessibilidade, livre circulação, caráter e participação no/do espaço público].

O padrão centro-periferia, estudado por Caldeira (2000), na cidade de São Paulo, diz respeito a uma cidade dispersa, onde os segmentos de média e alta renda se concentravam nas áreas centrais com acesso aos equipamentos, e os pobres, na periferia destituídos dos mesmos, por vezes em ocupações ilegais. Essa ocupação periférica era incentivada pelo governo e pelo discurso das elites, embora os segmentos de baixa renda não recebessem nenhum incentivo para a construção de suas casas.

Segundo a mesma autora e referindo-se a São Paulo, na década de 1980 e 1990, motivado pelos movimentos sociais e governos municipais, os terrenos na periferia foram legalizados e houve uma melhoria da infraestrutura nestes locais. No entanto, com a crise econômica da década de 1980, houve uma perda do poder aquisitivo dos segmentos de média e baixa renda. Estes fatores ocasionaram uma mudança dos moradores de média renda para a periferia, neste momento mais valorizada, entretanto, para os “enclaves fortificados”. Essa mudança também foi possível graças à mobilidade que esses segmentos ganharam com a melhoria da infraestrutura e a possibilidade de reduzir o tempo dos trajetos com o uso do automóvel (CALDEIRA, 2000).

Este tipo de mudança ocorreu igualmente, nas metrópoles latino-americanas, como aponta Prévôt-Schapira (2001) em relação à mudança do segmento de média renda para a periferia, a exemplo do que ocorreu em Buenos Aires, também motivada pela crise econômica da década de 1980.

Sposito (2007), em estudo realizado sobre loteamentos fechados em cidades médias do interior paulista, observa que, com a transição do sistema fordista ao sistema flexível de produção, as áreas de comando e a produção industrial puderam ser separadas. Isso ocasionou desconcentração territorial no Estado de São Paulo e aumento da população em cidades médias a partir da década de 1980.

A autora evidencia alguns aspectos sobre esses loteamentos nessas cidades em comparação às metrópoles, que são: o preço das terras urbanas (maior estoque de terras e preços mais baixos); o menor custo de vida, o que implica menor custo de manutenção dos imóveis, possibilitando aos segmentos de média renda o acesso a esse tipo de empreendimento; em cidades médias, as extensões territoriais percorridas e o fluxo de automóveis são menores, fator que facilita o deslocamento dos moradores desses loteamentos em localização periférica com o uso do automóvel; e, por último, a proximidade do poder público, loteadores e moradores

que articulados conseguem viabilizar os empreendimentos, mesmo que haja interesses contraditórios a esse tipo de produto imobiliário (SPOSITO, 2007).

Sposito (2007) apresenta estudos que convergem para o argumento apontado pela autora, no qual o surgimento dos loteamentos fechados contribui para alterar as relações entre o centro e a periferia nas cidades médias. O principal argumento diz respeito à multiplicação de áreas de concentração comercial, diferente da estrutura monocêntrica apresentada nessas cidades até a década de 1980, quando era articulada em torno de um centro principal. Esses espaços de consumo de bens e serviços surgem para complementar e atender a esses empreendimentos residenciais fechados, incluindo a diversificação das atividades comerciais baseada nos diferentes padrões de consumo.

Em Mossoró, os loteamentos fechados de alto padrão estão localizados a Noroeste e a Leste da cidade. Todavia, a estrutura urbana pertinente às duas áreas é bem diferente. A Noroeste, próximo aos loteamentos fechados, estão o *shopping center* e os supermercados de atacado e varejo. Já, a Leste, cercado por bairros cujos moradores auferem rendimentos até dois salários mínimos, os empreendimentos comerciais não se estabeleceram no entorno dos loteamentos, pelo menos não durante o período desta pesquisa. Nas áreas periféricas ao Sul e ao Norte, entretanto, as áreas foram incorporadas para loteamentos abertos e condomínios fechados de padrão popular.

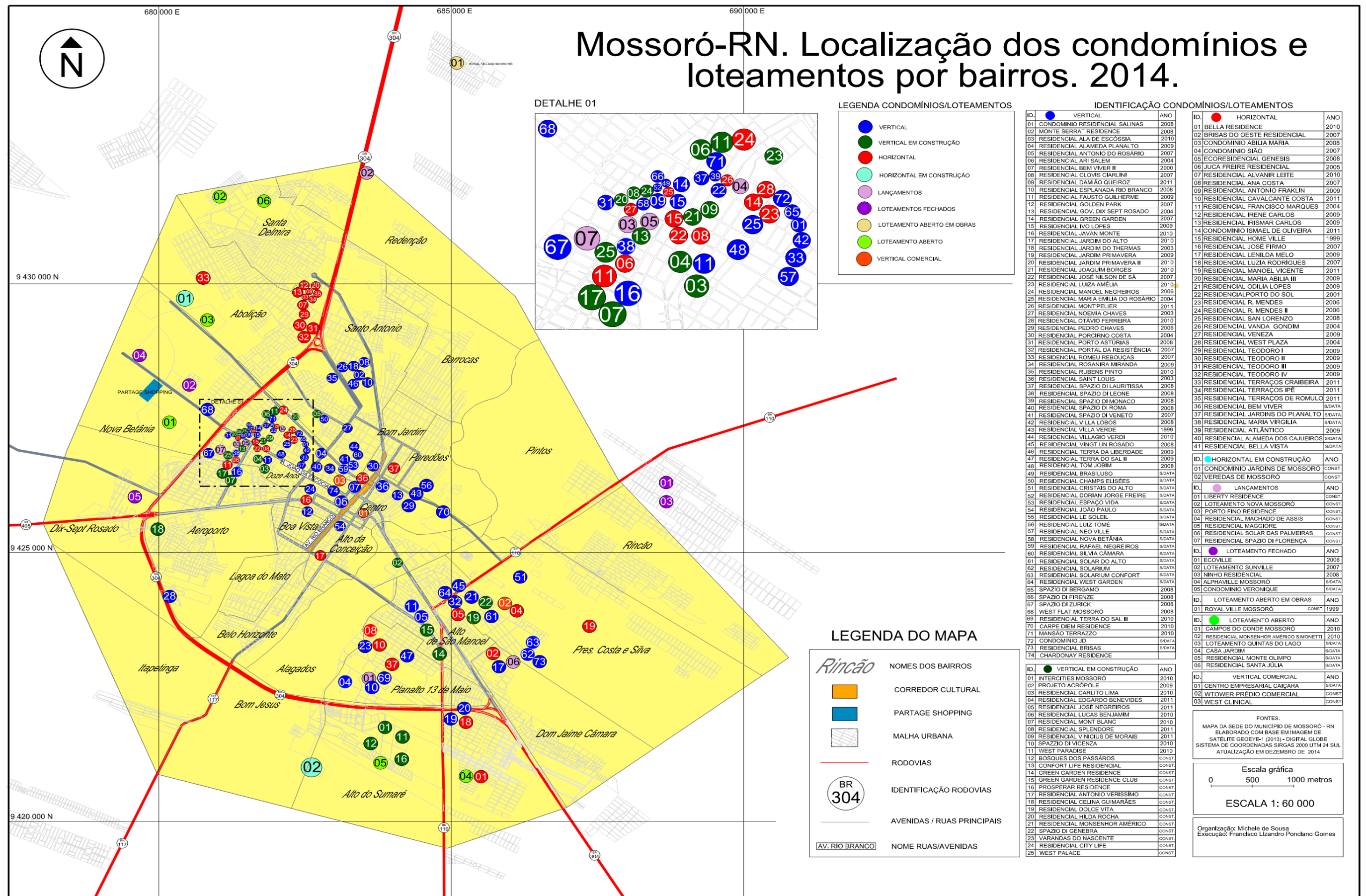
Neste sentido, concorda-se com Sposito (2007) quando afirma que, nas formas de produção e apropriação do espaço urbano nas últimas décadas, podemos afirmar que nem tudo é periferia e, ao mesmo tempo, que a periferia é plural. Plural devido à diversidade de contextos e práticas espaciais, espaços que se articulam ou não a outros na cidade, na medida em que há uma modernização e acesso aos meios de transportes e comunicação.

Em Mossoró, os espaços residenciais fechados, especialmente os condomínios verticais e horizontais, destinados ao público-alvo dos segmentos de renda média e alta, estão localizados nos bairros dotados com melhor infraestrutura, localizados na área central ou com fácil acesso à mesma, nos quais a chegada aos principais equipamentos e espaços de consumo é facilitada. A exceção são os loteamentos fechados, produto imobiliário que surgiu mais recentemente na cidade e que estão localizados em áreas periféricas, devido à extensão e à oferta maior de terrenos nessas áreas. Também nas áreas periféricas, ocorre a produção de moradias

populares, especialmente no sentido Norte-Sul, áreas que apresentam maior dificuldade de acesso às áreas centrais, no que tange principalmente às vias e ao transporte coletivo.

Para uma melhor compreensão da expansão imobiliária na área urbana de Mossoró, por meio da implantação de loteamentos fechados e abertos, além de condomínios verticais e horizontais, com finalidades residencial e comercial e, além disso, por meio da expansão da área urbana, com a implantação de loteamentos fora do perímetro urbano, segue a Figura 14.

Figura 14 – Mossoró/RN. Localização dos condomínios e loteamentos por bairros, 2014.



Observando esse processo de expansão urbana acelerado de Mossoró, pode-se perceber que o Poder Público, enquanto agente produtor do espaço urbano, apostou em uma concessão de terreno para o estabelecimento de um *shopping center* no município, além da urbanização de vias, o que acabou por valorizar algumas áreas da cidade, atraindo construtoras de capital regional (Paraíba e Ceará) para investirem em empreendimentos para os segmentos de renda com maior poder aquisitivo.

Os vazios urbanos, que também estão presentes no espaço urbano de Mossoró, são definidos como “reserva de valor”, como terrenos aguardando valorização ou que serão utilizados ou negociados com as construtoras para a edificação de novos empreendimentos. Percebe-se que o mercado imobiliário, enquanto agente produtor do espaço, tem influência significativa na mudança da forma e da estrutura urbana mossoroense, refletindo nos espaços de residência, comércio e serviços.

Entende-se, portanto, que as ações desenvolvidas em Mossoró pelos produtores do espaço urbano vêm produzindo uma cidade onde a diferenciação socioespacial se amplifica em um intervalo de tempo relativamente curto. Espaços de moradia segregados por muros, que fazem a separação dos moradores e do seu entorno, espaços de moradia carentes de equipamentos, principalmente públicos, que atendam às suas demandas cotidianas, bem como a valorização de novas áreas pela implantação de equipamentos de lazer e de consumo, ocasionando concentração de atividades que expressam centralidade, são características dessa produção desigual promovida pelos donos dos meios de produção, por agentes do mercado imobiliário e pelo poder público. Tudo isso demonstra a continuidade da desigualdade e, ao mesmo tempo, as novas modalidades de sua reprodução. Esse assunto, expresso pela análise dos novos eixos de concentração de atividades comerciais e de serviços na cidade, será o tema do próximo subcapítulo.

3.3 Os novos eixos de concentração de atividades que expressam centralidade

As redefinições espaciais em Mossoró não estão apenas nas formas de habitar, mas em algumas áreas que concentram atividades, sejam elas comércio ou prestação de serviços. A proporção de uma ou outra atividade é mais intensa em algumas áreas, onde se pode observar a concentração de ramos de atividades específicas. Verifica-se esse processo nas avenidas Rio Branco, João da Escóssia e Presidente Dutra.

3.3.1 Avenida Rio Branco

A Avenida Rio Branco⁴⁹ (Figura 15) é um logradouro que atravessa a cidade de Norte a Sudoeste passando por seis bairros: Santo Antônio, Bom Jardim, Centro, Boa Vista e Lagoa do Mato. Na área que compreende as ruas Rodrigues Alves e Coelho Neto, a via é composta por duas mãos e uma extensão em seu eixo central, no qual foram implementados praças, museu e espaços de consumo. Entre as ruas Rodrigues Alves e Campos Sales, a prefeitura administra o Mercado Comercial do Vuco-Vuco⁵⁰, uma feira tradicional na cidade que comercializa os mais variados produtos (pendrives, relógios, celulares e acessórios etc.) até mesmo bens duráveis. A negociação, troca ou venda, ocorre nos boxes do mercado e, também, nas calçadas, onde alguns comerciantes informais colocam suas bancas.

Mas foi entre as ruas Prudente de Moraes e Nísia Floresta que ocorreu o desenvolvimento do Projeto Avenida Rio Branco, que posteriormente, embora não de forma oficial, foi adotado inclusive em divulgação dos eventos naqueles espaços pela prefeitura e pela mídia, como o Corredor Cultural de Mossoró.

⁴⁹ “É pela Avenida Rio Branco que passava um importante trecho da estrada de ferro ligando Mossoró a Sousa, na Paraíba. O projeto original, datado da segunda metade do século XIX e idealizado pelos comerciantes locais, propunha que a estrada de ferro partisse das proximidades da barra do rio Apodi-Mossoró até Boa Vista, nas margens do São Francisco, na Bahia. No entanto, em virtude das circunstâncias, o projeto foi modificado, reduzindo a linha a apenas a 195 km, trecho Mossoró (RN) - Sousa (PB). Neste ínterim, haveria o entroncamento com a Rede de Viação Cearense. Esse projeto foi efetivado no início do século XX e constituiu um meio de acelerar o fluxo de mercadorias entre Mossoró e cidades adjacentes. Essa Avenida abrigava uma variedade de equipamentos importantes, que se integravam à linha férrea, como os trilhos, a estação (que consistia como sendo a maior entre as que faziam parte desse sistema), armazéns, lojas e outros objetos. [...] Esses objetos tinham a função de promover com maior possibilidade a mobilidade de pessoas, informações e mercadorias e, durante anos, foram imprescindíveis para manutenção de Mossoró como importante centro econômico do Estado. Apesar da relevância dessas formas espaciais, com o processo de decadência da ferrovia e sua consequente desativação, em meados da década de 1990, elas perdem seu sentido primário. Isso se dá pelas mudanças das forças e relações de produção tanto no âmbito local quanto no âmbito mundial” (NASCIMENTO; BESERRA, 2011).

⁵⁰ “Fica a cargo da [...] Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Gerência da Indústria, Comércio e Turismo, da Prefeitura Municipal de Mossoró, órgão responsável pela segurança e pela limpeza da área. Atualmente, o Mercado do Vuco-Vuco possui 65 boxes cadastrados junto à prefeitura e tem uma área de aproximadamente 6.000m² [...]”. (COUTO, 2011, p. 157).

A referida lei previa a preservação ambiental, a reconstituição e a renovação urbanas relacionadas aos elementos arquitetônicos, artísticos e decorativos presentes e a serem construídos na zona criada. Assim, foram selecionados 58 imóveis entre igrejas; instituições artísticas, culturais e históricas; bancos; instituições socioeducacionais e emissoras de rádio⁵¹. Ainda em 1983, foi sancionado pelo Município o Decreto N° 345/1983, que dispunha sobre o projeto Corredor Cultural e criava uma comissão especial responsável pela programação do referido corredor, relativa às comemorações do Centenário da Abolição.

Apesar da intenção do Poder Público em converter a zona especial em área com funcionalidade cultural, a ação não logrou êxito. O projeto ficou esquecido durante dez anos, quando, somente em 1993, por meio de um recurso do Ministério da Cultura, foram colocadas placas de identificação nos imóveis do Corredor Cultural. No entanto, nenhum deles foi tombado. Essas edificações eram, em sua maioria, de propriedade privada. Os proprietários desses edifícios passaram a ver o projeto do corredor como um obstáculo às modificações e à venda dos seus imóveis sendo, portanto, ao longo do tempo, vendidos, modificados ou demolidos.

O projeto “Corredor Cultural” ganhou força novamente somente no segundo mandato da prefeita Rosalba Ciarlini Rosado (1997/2000), motivado pelo sucesso de outros projetos de corredores culturais no país. Desta vez, entretanto, a localização eleita para o projeto foi a Avenida Rio Branco, cujo espaço era de propriedade do poder público municipal, haja vista que os imóveis do projeto anterior eram de propriedade privada, fato que dificultou sua exequibilidade (CÂMARA, 2008).

Outros elementos contribuíram para a escolha do local, tais como: relevância histórica; acessibilidade; visibilidade – pois a maioria dos cidadãos transpõe a avenida nos seus deslocamentos. Isto posto, em setembro de 1999, ocorreu a inauguração da Estação das Artes Elizeu Ventania, prédio da antiga Estação Ferroviária Mossoró-Souza/PB, passando a abrigar o Museu do Petróleo e a ser o espaço de realização dos eventos mais expressivos da cidade, como o Mossoró Cidade Junina e o Auto da Liberdade.

⁵¹ Este projeto é similar ao que ocorreu no projeto do Corredor Cultural em Sobral-CE, entretanto lá os imóveis foram tombados.

Dessa maneira, sucessivamente nos anos seguintes, foram entregues aos cidadãos a Praça do Skate, em 2002; o Teatro Municipal Dix-Huit Rosado, tendo em anexo a Praça Cícero Dias, em 2004; a Praça de Eventos, em 2007 e as praças da Criança, da Convivência, dos Esportes e o Memorial da Resistência, em 2008 (Figura 16), estando previstos ainda a construção do Parque das Oiticicas e da Praça das Fontes, além de obras viárias, que completariam o projeto arquitetônico-urbanístico da Avenida Rio Branco.

Figura 16 – Mossoró/RN. Alguns equipamentos do Corredor Cultural de Mossoró, 2013.



Fonte: Prefeitura Municipal de Mossoró.

Legenda:

Foto acima lado esquerdo – Teatro Municipal Dix-Huit Rosado; Foto acima lado direito - Estação das Artes Eliseu Ventania (espaço para realização dos grandes eventos da cidade); Foto abaixo lado esquerdo - Praça da Criança (Parque de diversões infantil); Foto abaixo lado direito - Praça da Convivência (complexo de bares, restaurantes, lanchonetes).

Em entrevista⁵² realizada com os arquitetos da prefeitura de Mossoró, os mesmos fizeram algumas considerações acerca do projeto:

Na verdade, o que se está convencionado a chamar de Corredor Cultural, na verdade, é uma área específica dentro do projeto da avenida Rio Branco, que é um logradouro, sem dúvida nenhuma, que ocupa um lugar muito importante na cidade, do ponto de vista da sua malha viária. Então, pela [...] natureza física e formal desse trecho central da avenida Rio Branco,

⁵² Entrevista realizada em maio de 2015 com dois arquitetos da prefeitura na sede da Secretaria Municipal do Desenvolvimento Territorial e Ambiental da Prefeitura Municipal de Mossoró.

vários equipamentos foram se instalando, em função [...] da **proposta urbanística de uma gestão**, na época, a prefeita era a Dra. Rosalba, e, juntamente com a sua equipe técnica, nós vislumbramos a possibilidade de instalar aqueles equipamentos de forma [...] temática [...] e como forma, realmente, de **dinamizar a vida sociocultural da cidade**. [...] a avenida Rio Branco já existia com um formato que foi definido pela antiga RFFSA⁵³, que tinha seus trilhos ali, [...] as faixas de domínio [...] muito largas [...] [possibilitaram] o uso do canteiro central [...], que pelas suas dimensões pôde configurar-se como sendo áreas de praças. [...] Com a **desativação da estação ferroviária, esse espaço ficou subutilizado**, e aí o primeiro equipamento instalado na avenida Rio Branco foi exatamente a Estação das Artes, um pensamento muito bom da administração pública. Transformou aquilo ali em um espaço cultural e daí foi o passo inicial para a consolidação dessa urbanização da avenida Rio Branco, porque foi, a partir dela, [...] que o espaço se consolidou rapidamente e vislumbrou-se ocupar o restante da via como um **espaço de uso múltiplo, de cultura, de lazer** [...] e, por isso, claro, foram feitas não só intervenções urbanísticas, como também desenho urbano; foram abertas algumas ruas, foram feitas realmente intervenções para possibilitar que esse tráfego fluísse de forma eficiente e que esse conjunto de obras pudesse ter uma configuração única e de interligação [...], dentro dessas intervenções já foi feita a ligação com o Santa Delmira, a intenção era interligar a cidade no sentido Norte-Sul, o projeto inicial que nós tínhamos é um projeto que vai continuar, independente das administrações, porque é um projeto consolidado, igualmente vai existir interligação com o eixo sul [...] que irá até a avenida do Contorno. A gente sempre costuma salientar o aspecto de importância da avenida Rio Branco, na malha do sistema viário da cidade, como forma de ser uma avenida de penetração, que acabou por desafogar o impacto do trânsito em outros logradouros da cidade (grifo nosso).

Percebe-se, na fala dos arquitetos, que o projeto da avenida Rio Branco é maior que o trecho onde estão as praças e equipamentos culturais, e, por ser uma avenida de localização estratégica e com a possibilidade de interligação de zonas da cidade, outras intervenções vêm sendo feitas ao longo do logradouro para este fim e para a fluidez do trânsito. Nesta tese, entretanto, quando nos referirmos a essa avenida, trata-se do trecho que passou por intervenção urbano-paisagística, ou seja, do conjunto de obras que se convencionou denominar “Corredor Cultural de Mossoró”.

Verifica-se, nos pontos em destaque da citação, características de projetos que se coadunam com o planejamento estratégico de cidades, como: a proposta ser caracterizada como de uma gestão política específica; o discurso de declínio de alguns espaços desativados, a exemplo de ferrovias e portos, tidos como áreas sem função ou subutilizadas, e o aproveitamento do espaço para dar origem a espaços de uso múltiplo, com ênfase para o consumo cultural e de entretenimento (TRINDADE JÚNIOR, 2010).

⁵³ Rede Ferroviária Federal S.A.

Outro aspecto comum a esses projetos é que, com a valorização e dinamização dessas áreas, o espaço do entorno termina por ser ocupado com empreendimentos de uso residencial e comercial. Em Mossoró, na extensão da avenida Rio Branco, que compreende o Corredor Cultural, localizam-se lojas de móveis projetados⁵⁴, lojas⁵⁵, escritórios⁵⁶, clínicas médicas e, em maior número, bares, restaurantes e lanchonetes (Figura 17).

Os usos e os horários de utilização da avenida são distintos, ou seja, a avenida exerce diferentes centralidades no decorrer do dia, que podem se configurar como lúdicas e econômicas. No período matutino, por observação, ocorre a utilização das praças para prática de esportes, principalmente caminhadas. Especificamente na Praça dos Esportes, composta por quadras de futebol, vôlei, basquete e tênis, constata-se alguns jogos no período matutino, desenvolvidos por educadores físicos de escolas municipais que não possuem espaço próprio para a prática desportiva. Essas quadras não são cobertas, bem como as praças são ao ar livre, atribuindo-se a isso o uso em horas em que as temperaturas estão menos elevadas, entre às 6h e 9h.

Escritórios e clínicas funcionam em horário comercial. Lojas abrem entre 8h e 10h e fecham entre 18h e 19h. As que iniciam suas atividades às 10h justificam afirmando que, antes desse horário, o movimento comercial na via é incipiente e fecham após às 19h, pois possibilitam aos clientes o consumo após o horário comercial, quando os mesmos saem de seus trabalhos.

⁵⁴ Atualmente são três, mas já foram quatro: Dell Ano, Criare, Itálínea e Favorita (abriu em 2013 e fechou em 2014, não se deslocou para outro endereço na cidade).

⁵⁵ Sapatos, vinhos, variedades, agência de viagens, lavanderia.

⁵⁶ Contabilidade e advocacia, pois a sede do Fórum Municipal Desembargador Silveira Martins se localizava na Avenida Rio Branco.

Figura 17 – Mossoró/RN. Empreendimentos na avenida Rio Branco, 2014/2015.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Legenda:

Duas fotos superiores: Lojas de móveis alto padrão e Clínica odontológica. Duas fotos centrais: Restaurante e loja de variedades e utilidades domésticas. Duas fotos inferiores: Loja de acessórios femininos, franquia cujo público-alvo são segmentos de média e alta renda. Ao seu lado, frente de loja amarela, casa de vinhos. Foto da direita, *Shopping Popular*.

Bares, lanchonetes e restaurantes apresentam horário diferenciado. Alguns abrem para almoço, tais como “*Subway*” e “*Chopp Brahma Street*” (Bar da Brahma). Outros, porém, acompanham o horário de funcionamento da Praça da Convivência⁵⁷, que inicia suas atividades comerciais após às 18h. Os dois estabelecimentos citados são franquias, para as quais são realizados estudos de mercado antes de sua instalação. Em entrevista ao estagiário do Bar da Brahma e à gerente do *Subway*, foi perguntado o motivo para a escolha da localização dessas empresas na Avenida Rio Branco. Para o primeiro, a proximidade do centro, o público em potencial dos escritórios e os órgãos públicos do entorno. Além disso, o fluxo de pessoas proporcionado pelos equipamentos do Corredor Cultural foram as razões determinantes na escolha locacional.

Para a segunda, gerente de uma marca que também possui uma filial no *Partage Shopping*⁵⁸, a distância do *shopping center* e do bairro Alto de São Manoel (lados opostos da cidade) é um dos fatores. Estar no centro da cidade significa expansão e divulgação da marca. Pois, estando na avenida Rio Branco, a maior parcela dos cidadãos que ainda não conhecia a loja e o produto, e que tem dificuldade de acesso ao *shopping*, tem acesso a essa loja por estar mais próxima de outros bairros da cidade, tanto nos períodos diurno quanto, noturno. Outro fator é o de estar próximo do fluxo de pessoas que circula nos equipamentos e eventos do Corredor Cultural.

Foram entrevistados, além dos citados, gerentes e funcionários de uma loja de móveis, de uma casa de vinhos, de uma loja de acessórios femininos, de loja de variedades e de utilidades domésticas. A escolha locacional foi atribuída à localização central da avenida (também distante do *shopping center*) e ao fluxo constante, o que ocasiona maior visibilidade às marcas e aos produtos. Para tanto, consideram que a avenida Rio Branco tem se tornado uma via comercial com o surgimento e o incremento de lojas que comercializam diversos tipos de produtos, o que dinamiza o comércio no local. No primeiro semestre de 2015, foi inaugurado o *Shopping Popular*, um centro comercial com 460 lojas, tendo uma loja âncora, de empreendedor local (ramo de construção e decoração). As demais são direcionadas a pequenos comerciantes, bem como à prestação de serviços e à praça de alimentação.

⁵⁷ Praça onde as lojas são utilizadas para a comercialização de alimentos, bebidas e artesanato local.

⁵⁸ Único *shopping center* da cidade.

Compreende-se, então, que a avenida Rio Branco, que no passado concentrou algumas agroindústrias e beneficiadoras de sal, na atualidade, no trecho do Corredor Cultural, vem tomando forma com o comércio de bens e de serviços em alguns empreendimentos, destinados a um público com poder aquisitivo mais elevado, como pode ser verificado na Figura 17.

Para se ter uma melhor compreensão do uso e da ocupação do solo no entorno do Corredor Cultural de Mossoró, segue a Figura 18. No canteiro central, estão distribuídos os equipamentos de lazer: Praça do Skate, Praça da Criança, Praça de Eventos, Estação das Artes, Teatro Dix-Huit Rosado, Memorial da Resistência, Praça da Convivência, Largo Francisco Heronildes da Silva e Praça dos Esportes.

Observa-se que o uso residencial ainda é elevado (Quadro 4), havendo residências (moradores que residem há décadas no local) e dois prédios. Algumas residências estão à venda, bem como alguns terrenos, nos quais as edificações que os ocupavam foram demolidas. Há, também, alguns imóveis fechados, sem uso e em estado de deterioração.

Os empreendimentos de alimentação estão concentrados mais no entorno do trecho que fica entre o teatro e a Praça da Convivência, até por que essa praça em si é destinada a este fim, o que atraiu vários outros negócios do mesmo ramo para suas adjacências.

Os serviços de saúde estão concentrados entre a Estação das Artes e a Praça do Skate. Isso se dá porque nessa área, em rua paralela, já encontravam-se maternidade e hospital, denominada, popularmente, Praça dos Hospitais, portanto as clínicas foram surgindo em suas proximidades.

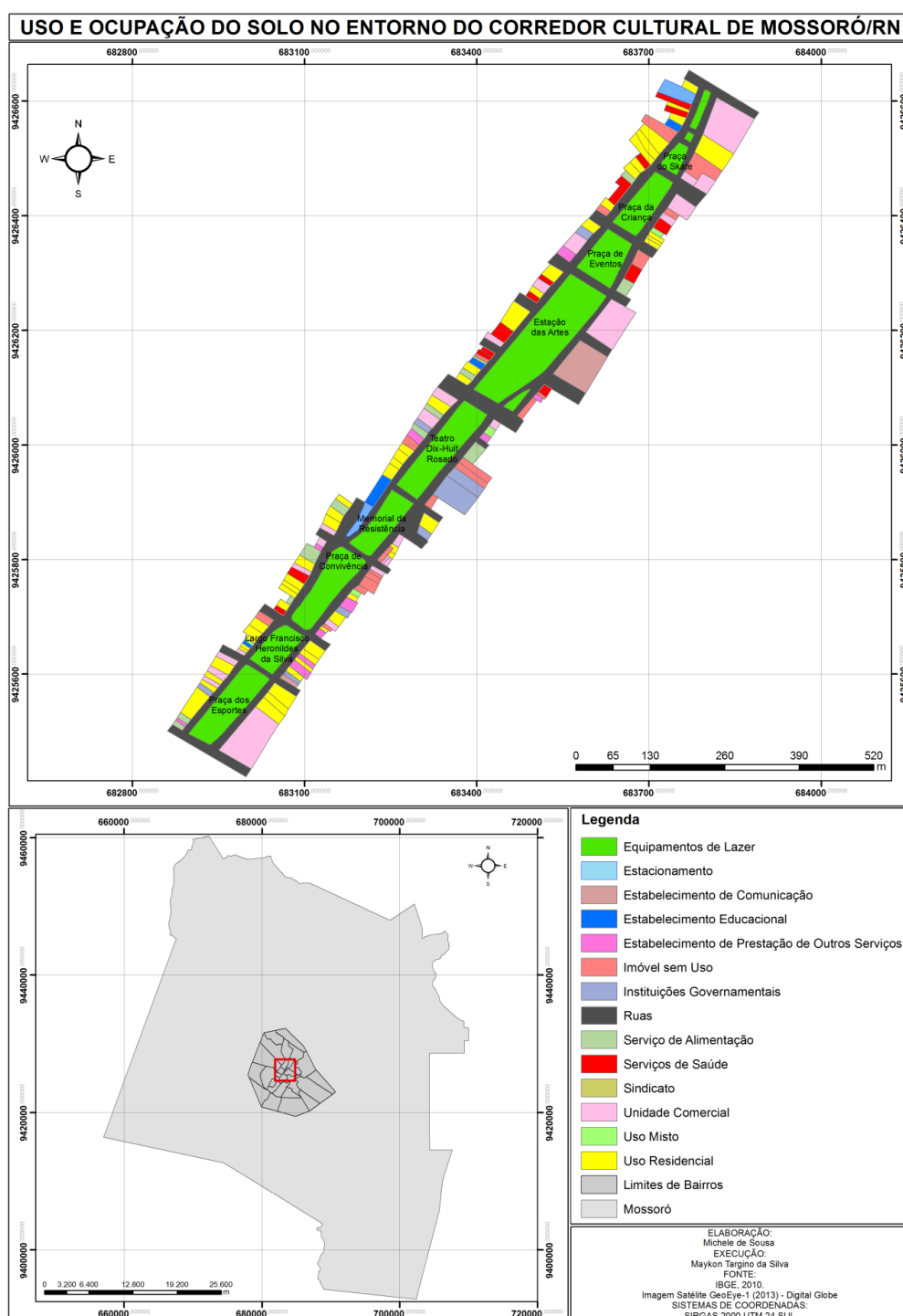
Os imóveis de uso misto são constituídos comumente por residências, em edificações com andar superior destinado a habitação e o inferior para uso comercial.

Os estabelecimentos para prestação de outros serviços referem-se à agência de viagens, às corretoras de imóveis, à lavanderia, aos escritórios de contabilidade e de advocacia. Há, também, algumas instituições governamentais: Tribunal Regional do Trabalho (TRT), Conselho Tutelar (CT), Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente (IDEMA).

Os estabelecimentos educacionais referem-se a instituições que oferecem cursos, tais como: a Associação de Apoio aos Surdos e à Escola da Magistratura. Existem, ainda, a sede de periódico local e a central de dados da operadora de telefonia “Oi”, que foram classificados como estabelecimentos de comunicação.

A diversidade de empreendimentos e finalidades na Avenida Rio Branco denota o que já havia sido colocado, múltiplos usos em diferentes períodos ao longo do dia e, a concentração de alguns tipos de serviços em áreas diferentes do logradouro. Apesar dessa lógica, o uso residencial prevalece inclusive em residências unifamiliares, que pela arquitetura são imóveis antigos, diferenciando-se dos surgidos ultimamente, predominantemente comerciais e de aspecto contemporâneo.

Figura 18 – Mossoró/RN. Uso e ocupação do solo no entorno do Corredor Cultural, 2015.



Quadro 4 – Mossoró/RN. Número de ocorrências de cada classe da legenda da Figura 18.

Uso e Ocupação	Número de Ocorrências
Comercial	25
Comunicação	2
Educação	4
Estacionamento	2
Imóvel sem uso	19
Instituição governamental	8
Empreendimentos prestadores de outros serviços	10
Serviços saúde	14
Serviço alimentação	11
Sindicato	1
Uso misto	4
Uso residencial	54

Fonte: Dados da pesquisa.

3.3.2 Avenida João da Escóssia

A Avenida João da Escóssia (Figura 19) é um eixo em Mossoró que tem se consolidado como novo eixo comercial, especialmente a partir do prolongamento da via e da inauguração do *shopping center*, da universidade privada, dos hipermercados e dos condomínios horizontais de alto padrão, a exemplo do Alphaville Mossoró. O trecho da via onde estão localizados esses empreendimentos, após a BR 304, antes das intervenções, era uma área de lotes de propriedade privada com baixa valorização, pois não existia nenhuma edificação ou organização comercial que agregasse valor aos terrenos. Na sua extensão o logradouro atravessa dois bairros: Doze Anos e Nova Betânia.

shopping com a avenida Rio Branco, mas existia, a partir de uma via consolidada essa interligação. (Arquiteto 1).

No meu ponto de vista, é porque nós não participamos dessa escolha [...] possivelmente eu teria sugerido por aí mesmo. [...] Por que do lado de cá? Para começo de conversa, por que não do lado de lá? [...] O *shopping* poderia ser do lado do Alto de São Manoel, nos Pintos? Poderia! Poderia porque a zona urbana é gigante, de Mossoró, e poderia ser. [Porém] Eu não teria sugerido em absoluto construir para esse lado [Nordeste/Sudeste] por conta da infraestrutura, começa por aí. A infraestrutura melhor da cidade é da Rio Branco para lá [Noroeste], é do lado Oeste do rio [Mossoró], sempre foi. Por quê? Porque sempre foi, não foram escolhas de urbanistas, sempre foi uma escolha natural em função dos serviços. Desse lado de cá [Noroeste], estão os hospitais, estão as escolas, a melhor infraestrutura está aí. [...] Qualquer rua, qualquer avenida que tivesse sido escolhida do lado de lá ou do lado de cá, daria na Rio Branco. Eu não creio que a escolha da João da Escóssia tenha sido estrategicamente planejada, agora, acredito que ela tenha sido escolhida pelas características [...]. Qual outra avenida tinha as características da João da Escóssia na Nova Betânia? Nenhuma! [...] tem que lembrar, que realmente o município fez esses investimentos, da BR para a frente, e isso, com certeza, possibilitou uma supervalorização das áreas de lá, inclusive a instalação de condomínios de grande porte [...] No meu ponto de vista [...] porque nós não participamos [da escolha da localização do *shopping center*] [...] com certeza a escolha seria para o lado de cá [Noroeste] pela infraestrutura. (Arquiteto 2).

O prolongamento da avenida João da Escóssia, bem como da Rio Branco, e a duplicação de outras vias é um fator determinante para o progresso do mercado imobiliário na cidade (NASCIMENTO, 2013). Segundo o autor:

As transformações implementadas no espaço urbano de Mossoró, decorrentes das políticas desenvolvidas dentro do modelo de empreendedorismo urbano, se estendem igualmente ao conjunto de avenidas centrais, que desempenham um papel sobremodo relevante na articulação do tecido urbano do município. Assim, avenidas como a Abel Coelho, a Rio Branco e a João da Escóssia foram prolongadas, enquanto outras como a Antônio Campos e a Lauro Monte foram duplicadas recebendo uma série de melhorias estruturais. Com a realização das obras de duplicação e prolongamento dessas vias, as áreas paralelas a elas passam por um processo de valorização substancial e são inseridas na nova dinâmica do mercado imobiliário. (NASCIMENTO, 2013, p.108).

Essa dinâmica imobiliária na João da Escóssia suscitou não apenas empreendimentos nos arredores do *shopping center*, mas em toda a via, que adquiriu aspecto comercial com a implementação de lojas e escritórios nos mais diversos segmentos de comércio e serviços, tais como: lojas de móveis planejados, agências de viagens, corretoras de imóveis, agência de publicidade, clínicas médicas, restaurantes, dentre outros. (Figura 20).

Como colocado por Nascimento (2013), as áreas paralelas também sofreram valorização e foram ocupadas, principalmente, para a edificação de condomínios verticais. O uso comercial, entretanto, também já é observado, como na via principal, em diversos segmentos.

Figura 20 – Mossoró/RN. Comércio e serviços na avenida João da Escóssia, 2013.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Para Whitacker (2003, p.137) pela gênese das palavras e por reconstrução conceitual “os termos centralização e descentralização traduzem dinâmicas que concentram ou não atividades de gestão, comércio e serviços”, assim, “descentralizar é tirar do centro”. Percebe-se esse processo de descentralização na concentração de atividades de comércio e serviços na João da Escóssia, voltados para um público com maior poder aquisitivo como noticiou a mídia local, demonstrando a produção da cidade de forma segmentada social e economicamente.

Segundo reportagem do Jornal de Fato (2014a):

[...] sem dúvida, há em Mossoró um novo espaço comercial, mais elitizado e em franca expansão. Entre 2011 e 2013, as lojas não pararam de abrir. De restaurantes, passando por agências de viagens, lojas de móveis a clínicas médicas. As casas, antes predominantes, praticamente sumiram das margens da via. O futuro é promissor e, segundo a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Mossoró, a avenida recebe uma ‘ajuda’ da falta de estrutura do Centro. Na zona ao redor da Catedral de Santa Luzia, onde Mossoró se formou, faltam vagas de estacionamento e a aglomeração de

veículos e pessoas causa engarrafamento, barulho e estresse. ‘Essa transferência [de investimentos] tem ocorrido com certeza, há uma discussão em torno disso. Quem quer colocar uma loja no Centro vê logo o problema do estacionamento’, argumenta Alexandrino Lima, presidente da CDL de Mossoró.

Segundo ele, um dos maiores pesos do Centro, que serve como contrapartida a suas deficiências estruturais, é o fato de ele ter a esmagadora maioria das instituições bancárias. ‘Todos os bancos estão lá, aglomera muita gente, um perto do outro’. Mas Lima acredita que, no futuro, haverá uma desconcentração também nesse setor, que deve passar a investir tanto no Nova Betânia como em outros bairros promissores, como o Alto de São Manoel.

O processo de expansão das instituições financeiras, citado pelo presidente do CDL, já está em marcha. Agências de três organizações bancárias já estão localizadas na avenida Presidente Dutra, no bairro Alto de São Manoel. Redes de farmácia, que antes só eram encontradas no centro, hoje estão na João da Escóssia, no Nova Betânia e, também, na Presidente Dutra. Desta forma, pode-se apreender que a lógica de localização na cidade de Mossoró tem sido modificada pelo incremento de infraestrutura, pelas intervenções urbanas promovidas pela gestão municipal, bem como pelos investimentos privados - instalação de grandes equipamentos comerciais - e pela ação dos promotores imobiliários, ocasionando em alguns eixos da cidade novas centralidades, que são determinadas por alguns elementos que são mencionados por Whitacker (2003).

Segundo o autor:

Para se compreender a constituição da centralidade, são os fluxos os elementos determinantes, muito mais que a localização. Esses fluxos são incrementados pelas comunicações e telecomunicações, que são traduzidas em trocas, decisões, gestão, controle e irradiação de valores. A dinâmica de concentração e dispersão cria e recria centralidades que irão ocupar e valorar diferentemente e diferencialmente territórios no tecido urbano e se traduzem em segmentação de usos e não usos e na fragmentação socioespacial. Por isso, compreendemos o caráter processual da centralidade, em complementação ao centro, expressão territorial. Ou ainda, que a centralidade diz respeito aos “*fluxos, a fluidez*” e o centro é a “*perenidade*”, ou seja, a centralidade é expressão da dinâmica de definição/redefinição das áreas centrais e dos fluxos no interior da cidade. (WHITACKER, 2003, p.137).

A dinâmica de concentração e dispersão citadas por Whitacker (2003) tem ocorrido em Mossoró, bem como a criação de centralidades, sejam elas segmentadas ou não. No caso da avenida Rio Branco, por exemplo, além das atividades comerciais e de serviços, fica muito clara a construção de um espaço voltado para o lazer e o

entretenimento. Na João da Escóssia, a centralidade é econômica e está voltada para o comércio e para os serviços e, neste caso, a segmentação não é de uso, mas de renda, referente a um público com maior poder aquisitivo. Nessas avenidas, o fluxo de pessoas e veículos é intenso, são vias estratégicas, importantes na malha viária para o fluxo intraurbano, bem como para o acesso à cidade pelo fluxo interurbano, pois estão interligadas com a BR 304.

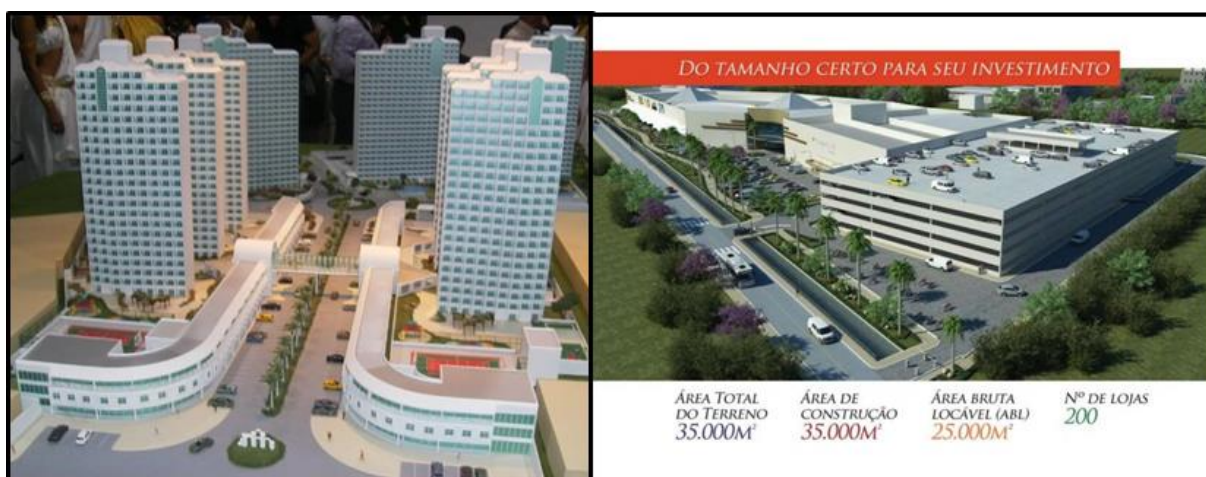
As avenidas Rio Branco e João da Escóssia são consideradas eixos de nova centralidade em Mossoró pelos estudos de Oliveira (2011), Melo (2013) e Nascimento (2013), levando em consideração alguns fatores como a expansão da cidade, o aumento da capacidade de consumo de produtos e serviços, a concentração diferenciada de atividades no espaço urbano e o fluxo em diferentes escalas. Ou seja, a “expressão da dinâmica de definição/redefinição das áreas centrais e dos fluxos no interior da cidade” (WHITACKER, 2003, p.137).

Apesar de não fazer exposição específica nesta seção sobre a avenida Presidente Dutra, como para as outras duas, cabe salientar que esta via atende a um número de habitantes significativo da cidade, das regiões Sul e Sudeste. Ela tem recebido empreendimentos dos diversos segmentos de comércio e serviços, tais como rede de supermercado local, além das instituições bancárias⁶⁰. Nessa avenida, está o Projeto “Complexo Acrópole” (Figura 21). Trata-se de uma parceria entre investidores mossoroenses, que dará origem a um empreendimento constituído por 820 unidades, entre residenciais e comerciais, que foi vendido como um “bairro projetado na melhor área da cidade, um verdadeiro complexo no ‘centro’ de Mossoró”, localizado no bairro Ilha de Santa Luzia.

⁶⁰ Neste aspecto, vale frisar que o Banco do Brasil instalou uma agência *estilo* nesta avenida, a única no Rio Grande do Norte fora da capital, Natal. A agência *estilo* tem um conceito de atendimento diferenciado e personalizado para atender pessoas físicas do segmento de alta renda.

Além disso, está em tramitação na prefeitura um processo para construção de um *shopping center*⁶¹ (Figura 21) nesta área, que se concretizado, agregará um *business center* e um residencial vertical, bem próximo à Presidente Dutra e próximo aos *campi* das universidades federal e estadual, o que caracterizaria o binômio *shopping/universidade*, que, como já observado em outras áreas de estudo e na própria avenida João da Escóssia em Mossoró, costuma atrair alguns investimentos. Sendo assim, essa área da cidade, bem como a avenida Presidente Dutra, merecem futuras observações com relação à expressão de centralidade na cidade.

Figura 21 – Mossoró/RN. Projeto Complexo Acrópole, 2008 e Projeto Shopping Center “Palácio do Sal”, 2009.



Fonte: Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=30615930>>; e <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1642298>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

Apesar dessas novas lógicas, Melo (2013) afirma que o centro tradicional não perdeu sua expressão, pois apresenta a característica de ser um ponto de referência na cidade, de convergência de pessoas.

⁶¹“A Secretaria Municipal de Meio Ambiente recebeu pedido de licença ambiental prévia do Palácio do Sal Shopping Center Ltda. para a construção de um empreendimento na Avenida Francisco Mota. A publicação foi veiculada no Jornal Oficial do Município (JOM) no dia 24 passado [24/10/2014]. Segundo o secretário-adjunto, da Secretaria de Meio Ambiente, Francidauli Amorim, o pedido não autoriza ainda a construção deste empreendimento e precisará passar por alguns passos até a finalização”.

‘Primeiro, este pedido não autoriza a construção. A empresa necessita desenvolver um projeto executivo. O segundo passo diz respeito à solicitação da licença ambiental, onde o órgão vai verificar o projeto apresentado, observando se as regras ambientais estão sendo respeitadas, e em seguida autorizará a instalação da obra. O último passo será a licitação de operação. O órgão vai verificar se está de acordo com os projetos aprovados’, disse.

[...] A área escolhida para a possível construção do *shopping* tem cerca de 50 mil metros quadrados e está localizada na Avenida Francisco Mota, no bairro Alto de São Manoel, próximo à Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), do lado direito, saída para Areia Branca”. (JORNAL DE FATO, 2014b).

O centro, como afirma Whitacker (2003), é a “perenidade”. Os dados obtidos com os formulários desta pesquisa confirmam essa afirmação e serão tratados no próximo capítulo.

Ao longo deste capítulo, foram expostas a estruturação e reestruturação da cidade de Mossoró, as lógicas, as estratégias locacionais, os agentes e as transformações urbanas. No entanto, esses processos ocasionam diferenciação socioespacial no espaço urbano com a produção de uma cidade segmentada pela ação das atividades produtivas ao longo do tempo. Em período recente, observa-se a influência do mercado imobiliário nas novas formas e nos novos espaços de moradia, contribuindo para a expansão da malha urbana, porém, produzindo simultaneamente espaços que aprofundam as desigualdades socioespaciais.

O investimento público de forma diferenciada em áreas da cidade produz e estrutura espaços para a iniciativa privada produzir locais onde o acesso também é segmentado pela renda. Além da fala desses agentes produtores do espaço, considera-se importante a compreensão dos habitantes a respeito da produção dessa cidade, pois são estes que vivem e convivem cotidianamente com as transformações urbanas e com a diferenciação no espaço.

Como é discutido por Carlos (2008), a produção do espaço está expressa nas relações (sociais, econômicas, políticas, ideológicas, jurídicas etc.) entre Estados, organizações e na materialização da vida cotidiana dos indivíduos. Levando em consideração este aspecto, o assunto que será tratado no próximo capítulo considerará as transformações urbanas recentes em Mossoró e a relação dos cidadãos com esses novos espaços.

4 PRÁTICAS ESPACIAIS E DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL

No capítulo anterior, pôde-se compreender a produção da diferenciação socioespacial em Mossoró, em seus espaços de moradia e consumo. Neste capítulo, apresentamos a discussão dos dados obtidos por meio da aplicação de formulários, segundo procedimentos explicados logo a seguir, no subcapítulo 4.1. Os dados obtidos são referentes às práticas espaciais e ao uso que se faz do espaço, os quais foram compreendidos como um elemento revelador da diferenciação socioespacial. A partir dessas práticas dos cidadãos, constroem-se leituras acerca desse espaço, as quais podem interferir no uso e apropriação da cidade de forma segmentada.

4.1 Distribuição e descrição dos bairros pesquisados e seus agrupamentos

Com a metodologia utilizada para elaborar o plano amostral, no intuito de ter uma amostra representativa da população mossoroense como um todo, dividimos o número de formulários a serem aplicados em grupos de bairros (Quadro 5), levando em consideração à renda dos chefes de família e o número de habitantes de cada um deles (Figura 22).

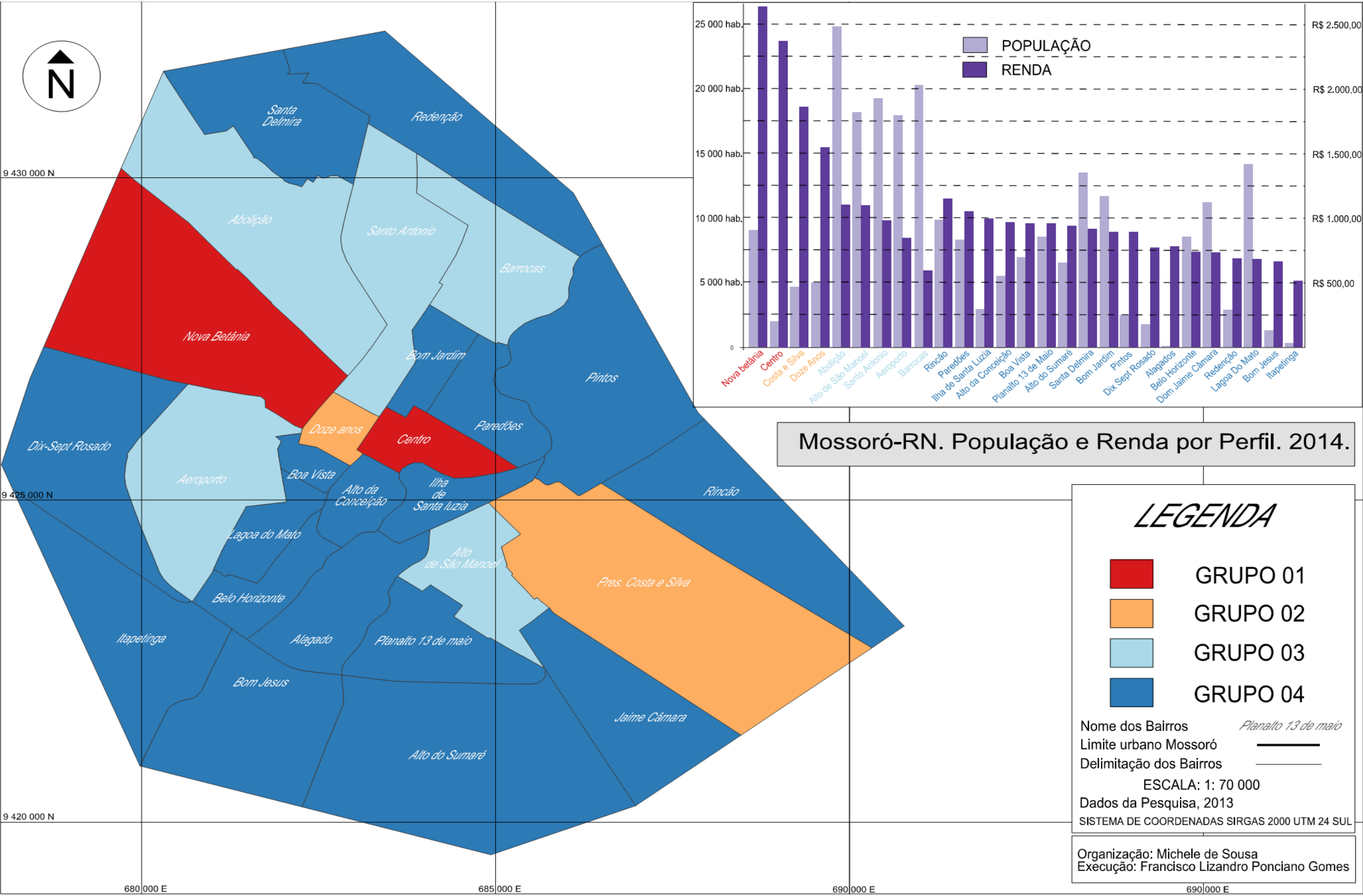
Far-se-á a descrição dos bairros da cidade, não com o objetivo de realizar uma comparação, mas de destacar algumas características que podem ser consideradas relevantes nessas localidades, que as diferenciam uns dos outros.

Quadro 5 – Mossoró/RN. Distribuição de agrupamentos dos bairros pesquisados, 2013.

Agrupamentos	Bairros	Formulários
GRUPO 1	Nova Betânia	12
	Centro	03
GRUPO 2	Costa e Silva	07
	Doze Anos	06
GRUPO 3	Abolição	29
	Barrocas	23
	Alto de São Manoel	21
	Santo Antônio	21
	Aeroporto	21
GRUPO 4	Lagoa do Mato	16
	Santa Delmira	15
	Bom Jardim	14
	Dom Jaime Câmara	13
	Rincão	13
	Belo Horizonte	12
	Planalto 13 de Maio	12
	Paredões	10
	Alto do Sumaré	09
	Boa Vista	09
	Alto da Conceição	07
	Ilha de Santa Luzia	04
	Pintos	04
	Redenção	03
	Dix Sept Rosado	02
	Bom Jesus	01
TOTAL		287

Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 22 – Mossoró/RN. Plano amostral, 2013.



4.1.1 Grupo 1

O Grupo 1 compreende os bairros Nova Betânia e o Centro. São bairros com localização valorizada pelo mercado imobiliário. O Nova Betânia é o bairro de moradia da população de alta renda da cidade, que recebeu a maior parte dos empreendimentos verticais, especialmente os condomínios voltados para um segmento com maior poder aquisitivo. Com a inauguração do *shopping center* e o prolongamento da avenida João da Escóssia, também neste bairro, diversas empresas optaram por esta localização, especialmente as imobiliárias da cidade.

O Centro concentra o comércio e os serviços, residências mais antigas, percebidas pelo estilo arquitetônico, alguns prédios residenciais, outros institucionais, além de empreendimentos de alimentos e bebidas e equipamentos voltados ao entretenimento, concentrados em sua maioria na Avenida Rio Branco. Esta é conhecida como o Corredor Cultural de Mossoró, via que passou por intervenção urbana com a construção de praças e edificações para lazer e entretenimento. Como os bairros foram agrupados por similaridade entre renda do chefe de família e população e, embora a população dos dois não seja numericamente semelhante, este grupo detém a maior renda média dentre os demais, ou seja, R\$ 2.513,42, não havendo nenhum outro bairro na cidade cuja renda média estivesse em torno de quatro salários mínimos vigentes. O Grupo 1, portanto, não corresponde aos bairros mais populosos, mas àqueles cujos chefes de família detém a maior renda e moram em áreas valorizadas na cidade.

4.1.2 Grupo 2

O Grupo 2 agregou populações e faixa de renda média semelhantes. O Costa e Silva é o bairro onde estão localizados os *campi* das universidades federal e estadual. Além disso, ele detém o Centro de Exposições e Eventos Enéas Negreiros (EXPOCENTER) e instituições do judiciário, como o novo fórum da cidade, a sede da Justiça Federal e o Tribunal Regional do Trabalho. Estas instituições do judiciário impulsionaram o surgimento de escritórios de advocacia próximos a essas entidades. É um bairro de ocupação residencial predominantemente horizontal, constituído por residências unifamiliares e condomínios horizontais, embora, nos últimos anos, já se possa observar a edificação de alguns condomínios verticais. Entretanto, não na

mesma intensidade e velocidade como ocorreu no bairro Nova Betânia. O bairro é extenso, possui áreas de residências de alto padrão e conjuntos habitacionais populares, como o Geraldo Melo. Este está distante do centro da cidade, desprovido de infraestrutura, equipamentos e serviços. Foram aplicados formulários também nesse conjunto para que houvesse uma representação do bairro como um todo.

O Doze Anos é um dos bairros mais antigos da cidade. Fica próximo ao centro e compreende uma parte da avenida João da Escóssia (via que conduz ao *shopping*). É um bairro horizontal e predominantemente residencial, mesmo que, em algumas ruas do bairro, em eixos de maior fluxo, estejam presentes estabelecimentos de comércio e de serviços.

4.1.3 Grupo 3

O Grupo 3 é o grupo que concentra os bairros mais populosos de Mossoró. O bairro Abolição é o mais populoso da cidade. Compreende um conjunto habitacional construído em quatro etapas: Abolição I, II, III e IV. Uma parte dele, as etapas III e IV, está localizada após a BR 304, que, em trecho urbano, recebe a denominação de Avenida Wilson Rosado de Sá. Essas áreas, por estarem mais distantes do centro tradicional, possuem um maior número de comércios e serviços para provimento dos habitantes do entorno.

O Alto de São Manoel foi um bairro que se expandiu com a chegada da Petrobras em Mossoró. O bairro está localizado próximo ao centro tradicional. Na extensão da sua via principal, Avenida Presidente Dutra, concentram-se vários tipos de comércios e de serviços (hotéis, farmácias, comércio de pneus, concessionária de veículos, restaurantes, lanchonetes, entre outros).

Cabe ressaltar que, entre os anos de 2012 e 2014, alguns empreendimentos presentes em outras áreas da cidade abriram filiais nessa avenida, a exemplo de um estabelecimento de uma rede de supermercados, bancos e redes de farmácias. A população residente nessa área, pelos dados do Censo de 2010 do IBGE, é a quarta colocada dentre os bairros de Mossoró. Considerando-se a população dos bairros circunvizinhos e a expansão da cidade para a zona Sul, com a edificação de condomínios horizontais e verticais, temos um fator motivador para a expansão dos empreendimentos do setor terciário.

Outro bairro que compõe esse grupo é o Santo Antônio, bairro populoso e que detém o estigma de ser o bairro mais violento da cidade. Por ser bastante extenso, possui áreas na zona mais consolidada da cidade, bem como em áreas periféricas, a exemplo da favela Santa Helena. Um convênio firmado entre a Prefeitura e o Governo do Estado sobre segurança pública instalou, em agosto de 2013, de forma experimental, uma Base Integrada Cidadã-BIC, comparada na mídia local a uma unidade pacificadora (Rio de Janeiro), a fim de reduzir os índices de violência e tráfico de drogas no bairro. No Santo Antônio, funciona uma Unidade de Pronto Atendimento, que atende aos bairros na região Norte da cidade. O primeiro condomínio vertical de Mossoró foi construído nesse bairro, o Residencial Jardim do Thermas.

O bairro do Aeroporto foi construído em duas etapas, conhecidas pela população como Aeroporto I e II. Nesse bairro, está localizado o aeroporto da cidade, desativado para voos comerciais e noturnos por não atender a critérios de segurança. Funciona também o Centro Administrativo da Prefeitura Municipal, onde estão sediadas quatro secretarias municipais. Além disso, há a Faculdade de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e o Hospital Regional Tarcísio Maia, que atende à toda a cidade e a região. É um bairro que fica no prosseguimento do Nova Betânia a Sudoeste, mas não foi incorporado da mesma forma que o bairro vizinho pelo mercado imobiliário, pois se trata de um bairro antigo, horizontal e residencial. Uma das favelas identificadas pelo último Censo do IBGE, 2010, encontra-se nessa localidade, a favela Ouro Negro.

Dos bairros de Mossoró, o das Barrocas é o segundo maior em população e o segundo com a menor renda média. No entanto, se levarmos em consideração o primeiro, Itapetinga, que tem apenas 318 habitantes, proporcionalmente, o Barrocas seria a população com menor renda média dos chefes de família mossoroenses. Visivelmente, percebem-se problemas de infraestrutura, sujeira nas ruas, espaços públicos deteriorados. Possui um comércio e serviços locais compostos por supermercados, padaria, lojas de vestuário que atendem à população do bairro.

4.1.4 Grupo 4

O Grupo 4 reuniu dezoito bairros, com populações entre 14.223 a 318 habitantes e rendas dos chefes de família entre R\$ 1.150,56 e R\$ 510,49. Neles estão bairros próximos ao centro tradicional e afastados, estes últimos, portanto, periféricos. Como são dezoito, sempre que necessário e for pertinente à análise, serão apresentadas as características dos bairros deste grupo. Da mesma forma, isso também poderá ocorrer para os bairros dos outros três agrupamentos.

4.2 Perfil dos respondentes

A primeira parte do formulário (ver Apêndice A) corresponde a um perfil socioeconômico, levando em consideração que, para as questões compreendidas na análise, tais como o consumo de bens e serviços, bem como do espaço urbano, o grau de escolaridade, renda e faixa etária são fatores que podem influenciar nas práticas espaciais.

Como se pode observar na Tabela 2, os formulários foram respondidos por membros da família das residências pesquisadas, sendo 50,2% dos respondentes chefes de família⁶², 16,4% cônjuges, 27,5% filhos, ou seja, 94,1% dos pesquisados correspondem ao núcleo primário da família. Ocorreram algumas situações que não eram extraordinárias: filhos que, após constituir família, permaneceram na casa dos pais; netos que foram criados pelos avós; sobrinhos e irmãos que moravam em outras localidades e passaram a residir com parentes em Mossoró com o objetivo de estudo e/ou trabalho. Essas situações deram origem a componentes que corresponderam aos demais respondentes.

A faixa etária dos pesquisados correspondeu, pelas porcentagens predominantes, a 33,8% de jovens adultos (22 a 35 anos), 22,3% adultos (36 a 49) e 22,7% de adultos em uma fase pré-aposentadoria (50 a 63 anos). Essa heterogeneidade se mostrou positiva, pois se teve uma imagem dos usos, novos usos, mudanças no espaço urbano e o que representaram de acordo com as vivências e idade de cada um dos pesquisados.

⁶²Considera-se chefe de família, independentemente do gênero ou posição na família, a pessoa que é considerada responsável pelo domicílio e pela provisão familiar, segundo o IBGE.

Tabela 2 – Mossoró/RN. Responsável pelas respostas do formulário e sua faixa etária, por agrupamento de bairros, 2013.

Variável	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Responsável pelas respostas					
Chefe de família	33,3	69,2	49,6	50,7	50,2
Filho (a)	26,7	23,1	28,7	27,1	27,5
Esposa	20,0	7,7	15,7	17,4	16,4
Sobrinho (a)	6,7	-	2,6	1,4	2,1
Neto	6,7	-	-	2,1	1,4
Irmão (ã)	-	-	0,9	1,4	1,0
Nora	6,7	-	0,9	-	0,7
Avô	-	-	0,9	-	0,3
Mãe	-	-	0,9	-	0,3
Faixa etária					
15 a 21	6,7	7,7	13,0	4,2	8,0
22 a 28	26,7	15,4	15,7	20,1	18,5
29 a 35	13,3	15,4	16,5	14,6	15,3
36 a 42	20,0	-	6,1	9,7	8,4
43 a 49	-	23,1	13,0	15,3	13,9
50 a 56	6,7	7,7	11,3	13,9	12,2
57 a 63	13,3	7,7	9,6	11,1	10,5
64 a 70	6,7	15,4	7,8	6,9	7,7
71 a 77	-	7,7	7,0	2,8	4,5
78 a 84	-	-	-	0,7	0,3
85 a 91	6,7	-	-	0,7	0,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Embora os índices de escolaridade/faixa etária tenham melhorado nas últimas duas décadas, segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) Municipal de Mossoró/2013⁶³, se levarmos em consideração os dados da amostra, identificamos indivíduos com anos de atraso escolar⁶⁴ em todos os grupos, embora no Grupo 1 a porcentagem seja menos expressiva do que nos demais (Tabela 3). Observa-se

⁶³ No município, a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola é de 96,60%, em 2010. No mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental é de 87,18%; a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 57,96%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 45,68%. Entre 1991 e 2010, essas proporções aumentaram, respectivamente, em 42,58 pontos percentuais, 53,75 pontos percentuais, 42,13 pontos percentuais e 36,22 pontos percentuais. (PORTAL ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO).

⁶⁴ Os respondentes mais jovens da amostra estão na faixa etária entre 15 e 21 anos, o que corresponde a 8% dos formulários aplicados. Nesta idade todos, em uma situação ideal, deveriam estar cursando, no mínimo, o ensino médio. Porém, somando as porcentagens referentes aos respondentes relacionados às variáveis “sem escolaridade”, “alfabetizado” e “ensino fundamental”, totaliza-se 39,1%, o que já caracteriza mais de 1/3 dos indivíduos da amostra com anos de atraso escolar.

também que, apesar do incremento do acesso ao nível superior no Brasil, segundo dados do Censo 2010 do IBGE, na amostra ainda é pequena a porcentagem dos que estão cursando ou possuem nível superior completo, correspondendo a 22,3% sobre o total. Se observarmos os agrupamentos de bairros, o maior número de anos de estudo está presente nos respondentes do Grupo 1, agrupamento com a maior renda da amostra, no qual 80,1% dos pesquisados possuem nível superior completo, ou em andamento ou, ainda, pós-graduação. A menor expressão de nível de escolaridade encontra-se no Grupo 4, com apenas 16,7% dos respondentes, grupo que concentra as menores rendas.

No Grupo 1, é onde estão as maiores faixas de renda (Tabela 3), proporcionalmente, e no Grupo 4, as menores. A maior porcentagem de chefes de família que estão sem rendimento ou recebem até um salário mínimo está no Grupo 4. Na faixa de renda média da amostra, de 5 a 10 salários mínimos, a maior proporção está no Grupo 1. Nas faixas salariais de 10 a 20 salários mínimos e acima de 20, os maiores índices encontram-se nos grupos 1 e 2. Os dados encontrados correspondem aos dados do Censo 2010 do IBGE, em que as maiores faixas de renda estão nos rendimentos dos chefes de família dos grupos 1 e 2, que correspondem aos bairros próximos à área central, os quais, no capítulo 2, estavam associados à localização da moradia dos segmentos de alta renda. Nos grupos 3 e 4, estão as menores rendas. Principalmente no Grupo 4, estão os bairros associados à produção de moradia popular, como o Alto do Sumaré, Santa Delmira e Planalto 13 de Maio. Nos grupos 3 e 4, também estão alguns bairros estigmatizados pela insegurança e pela existência de favelas, como o Santo Antônio e o Belo Horizonte.

Tabela 3 – Mossoró/RN. Escolaridade dos respondentes e faixa de renda do responsável pelo domicílio, por agrupamento de bairros, 2013.

Variável	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Escolaridade					
Sem escolaridade	-	-	3,5	4,2	3,5
Alfabetizado	6,7	-	4,3	2,8	3,5
Ensino Fundamental*	-	46,2	26,1	38,9	32,1
Ensino Médio*	13,3	15,4	33,9	37,5	33,8
Ensino Superior Incompleto	46,7	15,4	11,3	9,0	12,2
Ensino Superior Completo	26,7	7,7	13,0	6,3	10,1
Pós-Graduação	6,7	15,4	7,8	1,4	4,8
Renda					
Sem rendimento	-	-	-	2,8	1,4
Até R\$ 339,00	-	-	0,9	4,2	2,4
De R\$ 339,01 a R\$ 678,00	6,7	23,1	24,3	30,6	26,5
De R\$ 678,01 a R\$ 1.356,00	13,3	38,5	33,0	32,6	32,1
De R\$ 1.356,01 a R\$ 3.390,00	13,3	7,7	27,0	21,5	22,6
De R\$ 3.390,01 a R\$ 6.780,00	46,7	7,7	7,0	5,6	8,4
De 6.780,01 a R\$ 13.560,00	6,7	7,7	3,5	2,1	3,1
Acima de R\$ 13.560,00	13,3	7,7	0,9	0,7	1,7
Sem declaração	-	7,7	3,5	-	1,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

*Completo e incompleto.

Os formulários foram aplicados, em sua maioria, 95,8% em residências. Poucos foram os instrumentos aplicados em condomínios horizontais, loteamentos fechados (0,7%) ou apartamentos (3,5%), pois o acesso aos espaços residenciais fechados é dificultado por outras barreiras além dos muros. Para compor o perfil dos respondentes, questionou-se acerca da propriedade dos imóveis, 82,2% dos questionados afirmaram residir em imóveis próprios. Esse percentual ficou bem equilibrado entre os quatro grupos.

Em virtude dos novos equipamentos urbanos e empreendimentos que surgiram na cidade e pela valorização de algumas áreas, foi perguntado se havia interesse por parte dos questionados em mudar de bairro. Mesmo nos bairros periféricos, que apresentam problemas de infraestrutura, ausência de transporte coletivo, a maioria dos respondentes, 87,1%, afirmou que não gostaria de efetuar nenhuma mudança. Dentre os aspectos apontados para a falta de motivação, de modo geral, estão: o

tempo de moradia (muitos nasceram no bairro); hábito; bom relacionamento com a vizinhança (apesar da violência propagandeada, para quem mora é seguro); boa localização; dentre outros fatores.

Infere-se, dessa forma que, apesar do surgimento de novos equipamentos e de empreendimentos que são singulares na cidade, como o *shopping center* e as praças, e equipamentos da avenida Rio Branco, bem como a verticalização do bairro Nova Betânia, os quais ocasionam valorização e diferenciação dessas áreas da cidade, esses não se constituem em critérios obrigatórios para a escolha e a manutenção do local de moradia. Isso ocorre por aspectos objetivos, como a renda auferida pelos chefes de família, que inviabiliza a troca de seus imóveis por outros em localização mais valorizada pela oferta de comércio, pelos serviços e por melhor infraestrutura, ou mesmo por aspectos subjetivos, como a preservação dos laços de vizinhança presentes no cotidiano dos pesquisados.

Como já colocado por Sposito (2007), os percursos nas cidades médias são menores e facilitados pelo uso do automóvel, mesmo que os cidadãos morem em áreas mais afastadas. Contudo, os segmentos de renda baixa também estão em desvantagem em relação aos deslocamentos e meios de transporte. Em todos os grupos e no total geral, as famílias ouvidas se locomovem em Mossoró, preferencialmente, de carro próprio ou moto.

Considerando, porém, que os grupos foram reunidos segundo critérios de similaridade, isto é, relacionados ao local de moradia e renda do chefe de família, nos quais nos grupos 1 e 2 estão as maiores rendas, e nos grupos 3 e 4, as menores, observa-se que a porcentagem de carros próprios é diretamente proporcional à renda, sendo maior no Grupo 1 e menor no Grupo 4. Para as motos e para o transporte coletivo, a porcentagem é inversamente proporcional à renda, estando a maior no Grupo 4 e a menor no Grupo 1 (Tabela 4).

Em locais públicos, é perceptível somente pela observação, que a moto é realmente um meio de transporte bastante utilizado na cidade, e a quantidade deste tipo de condução no trânsito e nos locais destinados a estacionamentos é expressiva. É comum que o primeiro meio de transporte de habitantes de cidades interioranas do Nordeste seja a motocicleta ou motoneta, por ter um valor de compra mais acessível.

Em Mossoró, esse fato também ocorre, especialmente para os habitantes que não têm poder aquisitivo para adquirir um automóvel e moram em áreas periféricas, onde, muitas vezes, o transporte coletivo não chega, como em alguns bairros do

Grupo 4, e onde estão concentrados os bairros periféricos, sendo a moto, a motoneta, ou mesmo a bicicleta a única alternativa para locomoção da família.

Tabela 4 – Mossoró/RN. Meio de transporte da família, por agrupamento de bairros, 2013.

Locomoção ¹	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Carro próprio	86,7	61,5	55,7	42,4	50,9
Moto	13,3	30,8	46,1	52,1	46,7
Ônibus	6,7	7,7	18,3	33,3	24,7
A pé	6,7	7,7	13,9	23,6	18,1
Bicicleta	13,3	7,7	18,3	18,8	17,8
Moto táxi	-	15,4	6,1	9,0	7,7
Táxi	-	7,7	7,8	6,9	7,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

¹Informações de múltiplas respostas, ultrapassa 100%⁶⁵.

Ao realizar cruzamentos de dados entre os respondentes que frequentam o Corredor Cultural e o *shopping center* da cidade com os meios de locomoção das famílias (Tabela 5), observa-se que a maioria dos frequentadores possui moto e/ou carro⁶⁶ para realizar os seus deslocamentos cotidianos.

Tabela 5 - Mossoró/RN. Meio de transporte da família e frequentadores do Corredor Cultural e *shopping center* da cidade, 2013.

Locomoção ¹	Shopping Center	Corredor Cultural
	%	%
Carro próprio	41,8	29,9
Moto	40,4	24,0
Ônibus	17,4	14,2
A pé	17,0	10,1
Bicicleta	14,3	10,8
Moto táxi	5,9	5,2
Táxi	5,2	5,5

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

⁶⁵ Na Tabela 4, assim como em outras tabelas que serão expostas neste trabalho, o formulário (Apêndice A) possibilitava ao respondente múltiplas respostas. Devido a isso, o total parcial dos grupos, bem como o total geral, será equivalente a mais que 100%. A intenção é de demonstrar os resultados de uma forma mais clara e mais abrangente, o que facilita a leitura e interpretação dos dados.

⁶⁶ Levando em consideração que a pergunta dava a possibilidade de escolher mais de uma alternativa de resposta.

¹ Informações de múltiplas respostas, ultrapassam 100%.

Após traçar o perfil socioeconômico dos respondentes, pretende-se apreender as práticas, usos e leituras do espaço urbano de Mossoró, no intuito de interpretar como esses habitantes concebem os novos espaços públicos e de uso público. No entanto, para compreender a dimensão desses espaços, principalmente na cidade contemporânea, apresentar-se-á no próximo subcapítulo uma breve discussão teórica que abordará esse assunto, para, em seguida, prosseguir-se a análise dos dados dos formulários.

4.3 Práticas e usos do espaço

Carlos (2008) compreende o espaço em sua relação com o homem como sendo produto das relações sociais historicamente determinadas. As relações humanas são contraditórias, contradições estas que, segundo a autora, têm origem na propriedade privada. No bojo da sociedade capitalista, que se reproduz de modo desigual essas contradições engendram conflitos que se evidenciam no plano da vida cotidiana.

Para Carlos (2011), é nesse plano que os conflitos podem ser compreendidos em níveis e escalas que estão inter-relacionados e podem ser analisados como condição, meio e produto da produção do espaço urbano. Os níveis são o econômico, o político e o social. As escalas são a global, da metrópole e a local, que já foram explicitadas no capítulo um. Resumidamente, o nível econômico compreende as necessidades do capital, o nível político é concernente às ações do Estado e o nível social é apreendido pela autora como essencial à análise do espaço urbano, tendo em vista que está relacionado à reprodução social em um espaço e tempo determinados historicamente. Tais parâmetros dão visibilidade aos outros níveis por meio das práticas que estão circunscritas à vida cotidiana.

Carlos (2011, p.78) explica melhor esse contexto:

Assim, a atividade prática muda constantemente o espaço e os significados dos lugares, de maneira que traços novos e distintos trazem novos valores aos lugares e re-nomeiam constantemente as atividades. O plano do habitar revela o plano da imediatez que dá conteúdo ao vivido enquanto realidade prático-sensível, enquanto prática sócio-espacial, e, nesta dimensão, as experiências vividas revelam o usador. Desse modo, os lugares da vida se distinguem e se diferenciam, posto que são marcados por um emprego de tempo que se evidencia num uso específico, que se circunscreve na vida cotidiana aos níveis das atividades de trabalho, lazer e da vida privada, envolvendo, portanto, momentos produtivos e improdutivos. No plano da vida cotidiana, essa produção expõe os conflitos

provenientes das contradições entre os níveis. É nesse sentido que o espaço aparece enquanto condição, meio e produto da reprodução social, declarando-se numa prática que é sócio-espacial.

Consequentemente, entende-se que a cidade é apropriada de diferentes maneiras pelos seus habitantes. O mesmo espaço pode ser utilizado para usos distintos em virtude das contradições do sistema capitalista, reveladas na divisão social e territorial do trabalho. Portanto, adquire a cidade diferentes significados para cada um dos sujeitos, permeados por resistência ou adesão às mudanças que ocorrem no bojo do crescimento econômico.

Acerca dessa apropriação do espaço da cidade no processo de reprodução da vida, Carlos (2013, p.3) menciona que ela ocorre em dois planos:

[...] o individual (que se revela, em sua plenitude, no ato de habitar-ligando-se aos conteúdos e sentidos do espaço privado) e o coletivo (plano da realização da sociedade, realizando-se na cidade - ligando-se aos conteúdos e sentidos do espaço público). O lugar apropriado visa a realização dos desejos do cidadão que se realizam através do uso, cujo conteúdo ultrapassa aquele do mero consumo produtivo dos lugares da cidade. Essa relação ganha sentido objetivo e subjetivo na cidade.

Outrossim, a autora concebe pensar o espaço não apenas em seu sentido mais objetivo, em sua forma, ou ainda como local onde se dão os fenômenos, mas, por meio das relações sociais estabelecidas ao longo do tempo que, similarmente, atribuem sentido ao espaço urbano.

Carlos (2013) afirma ainda que, quando o foco está nas práticas, o espaço pode ser compreendido por meio das contradições vividas pelos indivíduos em uma sociedade desigual e na apropriação dos espaços públicos e privados.

Gomes (2002), no esforço de explicar o espaço público, afirma ser o espaço da alteridade o que proporciona o convívio, o encontro dos diferentes que estão submetidos a regras de convivência e ao respeito mútuo. Argumenta que o espaço público não é simplesmente o espaço que não é privado, ou seja, o que tem livre acesso, mas é esta característica que o prescinde, o não-impedimento de acesso e de participação de toda e qualquer pessoa, um espaço comum a todos. Afirma, desse maneira, que esse espaço é material e imaterial.

Segundo Gomes (2002, p.164-165):

[...] O lugar físico orienta as práticas, guia os comportamentos, e estes por sua vez reafirmam o estatuto público desse espaço; e dessa dinâmica surge uma forma-conteúdo, núcleo de uma sociabilidade normatizada: o espaço

público.

Como essas práticas são relacionais, pois se desenvolvem sob um espaço comum, sua interpretação depende do contexto no qual se inscrevem. Igualmente, elas são orientadas segundo a localização; todavia, ao mesmo tempo em que esses lugares modificam o sentido das práticas, eles são simultaneamente transformados por elas. Eis aí toda a complexidade desse espaço e talvez todo o desafio no qual ele se constitui para a análise das ciências sociais.

Essa complexidade passa pela reflexão colocada por Serpa (2007, p.36) quando observa o comportamento das pessoas e suas relações no espaço público, tendo como exemplo a privatização do mesmo pela própria população, de forma material, por meio de muros e de cercas ou mesmo simbólica, com a instituição de uma territorialidade exercida por grupos específicos, transformando dessa forma o espaço público em uma “justaposição de espaços privatizados [...] que não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos.”

É o que Gomes (2002) chama de recuo da cidadania. O recuo da cidadania seria esse processo de mudança gradual no modo de vida coletivo, que vem modificando a essência da convivência e das práticas socioespaciais na cidade contemporânea.

Gomes (2002, p.173) define a cidadania como um “pacto social” e argumenta sobre a subversão desse pacto nos espaços públicos, caracterizando o seu rompimento. Segundo o autor:

[...] um pacto social estabelecido simultaneamente como uma relação de pertencimento a um grupo e de pertencimento a um território. Esse pacto associativo é formal e pretende assegurar os direitos e deveres de cada indivíduo. A coabitação desses indivíduos ocorre sobre um espaço que é também objeto de um pacto formal, que instaura limites, indica usos, estabelece parâmetros e sinaliza as interdições. Esse tipo de espaço normatizado é a matriz do espaço público e o principal *locus* de reprodução da vida coletiva. Toda ação social que pretenda subverter a existência desse espaço, ou transformar seu estatuto, é necessariamente redefinidora dos termos e corresponde a um recuo do contrato inicial que funda a cidadania, recuo, que é tanto da institucionalização das práticas sociais que compõem um quadro de vida democrático e cidadão, quanto físico, do arranjo material que limita e qualifica as ações (GOMES, 2002, p.173-174).

Segundo o autor, esse recuo pode ser relacionado às mudanças que podem ser percebidas na cidade contemporânea, a cidade fragmentada, com a incidência cada vez maior de espaços coletivos, mas não públicos, com habitantes dispostos a se esquivar do espaço público e realizar suas práticas em locais onde possam conviver

com seus iguais (GOMES, 2002).

Vê-se, como exemplo, os modelos de locais de moradia e de lazer, como os condomínios e loteamentos fechados e os *shopping centers*, modelos estes que também se reproduzem em Mossoró, como já exposto no capítulo 2.

Como igualmente apresentado no capítulo anterior, a cidade de Mossoró passou por transformações urbanas recentes que modificaram suas formas e suas lógicas locacionais, que denotaram reestruturação da cidade.

De acordo com Sposito (2007, p.2), o processo de reestruturação da cidade leva em conta mudanças significativas na sua estrutura interna, ou seja, compreende “dinâmicas e processos que ocorrem na escala intra-urbana”, diferente do processo de reestruturação urbana, que seriam “as dinâmicas e processos atinentes aos espaços regionais e/ou ocorridos no âmbito das redes urbanas.”

No entanto, como foi exposto, o conteúdo e as práticas espaciais deram vida e significado a essas formas. Lefebvre (2006) argumenta que o espaço é revelado nas práticas e em suas representações. A partir deste ponto, apresentar-se-á os dados referentes à aplicação dos formulários, que foram realizados no intuito de apreender a compreensão do espaço urbano de Mossoró e a diferenciação socioespacial por meio das práticas espaciais, pois dependendo do local de moradia, da renda e da possibilidade de acesso aos locais da cidade, os residentes usufruem do espaço urbano de forma diferenciada. Como esse espaço está imbuído, também, de representações, os formulários abordam os usos e o significado de alguns locais especificamente, a saber: o centro tradicional, o *shopping center* e o Corredor Cultural de Mossoró.

O critério de escolha dos espaços eleitos para análise levou em consideração a recente implantação de equipamentos que, apresentam elementos que expressam centralidade, tais como fluxos e fixos e identidades associadas aos locais e aos seus usos, mediante mudança e intervenções nessas localidades (OLIVEIRA, 2011; MELO, 2013; NASCIMENTO, 2013).

O centro está relacionado ao núcleo tradicional da cidade, que concentra diversos usos e funções, espaço de consumo, comércio, serviços públicos e privados, sendo, portanto, abordado no intuito de contrapor a ideia do “velho” ao “novo”. Antes das transformações que ocorreram na cidade, o centro tradicional era, por excelência, o espaço de consumo, de lazer, pois era o local de encontro onde estava localizada a igreja matriz, praças, cinema e, além disso, era o local com melhor

acessibilidade para os habitantes de todos os outros bairros. Essa característica foi estabelecida pelo Plano Diretor de 1975, que preconizou o padrão radial-concêntrico da malha urbana, determinando que todas as áreas habitacionais fossem integradas ao centro da cidade. Hoje outros locais, a exemplo do *shopping center* e do Corredor Cultural na avenida Rio Branco, são utilizados, também, para fins de comércio e atividades de entretenimento.

Além da sondagem acerca dos locais mencionados, outros aspectos relacionados à imagem e às características vinculadas aos bairros ou à cidade em si foram abordados com o propósito de apreender qual era a relação dos habitantes com algumas localizações, e de que maneira estas se apresentam no imaginário coletivo. Por conseguinte, foi questionado aos respondentes quais locais na cidade eles e seus familiares não frequentariam e por qual motivo. A maioria (54,4%) declarou que não havia restrição a nenhuma localidade, seja no bairro em que moram ou na cidade como um todo. Esse percentual ficou equilibrado em todos os grupos (Tabela 6).

Dentre as pessoas abordadas na pesquisa e que manifestaram restrição (45,6%), alguns espaços foram citados com maior frequência: bairros ou localizações consideradas inseguras, por estarem constantemente na mídia em função de eventos relacionados à “violência” (14,6%); praças dos bairros (7,3%) e favelas (4,9%). Todos relataram a mesma motivação: medo da “violência”.

Em relação aos bairros ou às localizações consideradas inseguras, geralmente estão associados à existência de moradias subnormais, às áreas com infraestrutura precária e àquelas nas quais a mídia noticia que ocorrem homicídios com maior frequência. Como exemplos, foram citados: Santo Antônio (Favela Santa Helena), Abolição IV (Favela do Fio), Belo Horizonte (Carnaubal), Aeroporto (Macarrão), Rincão (Alto da Pelonha).

Percebe-se dessa forma, que esses são locais estigmatizados pela insegurança urbana e, como já expressado no capítulo 2, constituem-se estereótipos que associam os espaços aos seus moradores, estabelecendo evitamento social e espacial, que ocasionará segregação. No entanto, a homogeneização desses estigmas é uma visão parcial do todo, pois o cotidiano dessas localidades é plural, bem como o uso, a apropriação e as práticas desenvolvidas pelos habitantes nessas parcelas da cidade. Alguns dos bairros citados, como o Aeroporto e o Santo Antônio, foram dois dos que mais se valorizaram nos últimos anos, como visto no capítulo 2.

Tabela 6 - Mossoró/RN. Locais que os respondentes não utilizam/frequentam, por agrupamento de bairros, 2013.

Local	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Não há	53,3	53,8	51,3	56,9	54,4
Locais perigosos	26,7	7,7	16,5	12,5	14,6
Praças dos bairros	-	-	6,1	9,7	7,3
Favelas	-	15,4	5,2	4,2	4,9
Bares	-	7,7	3,5	2,8	3,1
Espaços elitizados	6,7	-	1,7	2,8	2,4
Estação da Artes	13,3	-	3,5	-	2,1
Cidade como um todo	-	-	3,5	0,7	1,7
Hospitais	-	-	0,9	2,8	1,7
Bairros	-	-	1,7	1,4	1,4
Locais de alimentação abertos	-	-	0,9	1,4	1,0
Igrejas	-	7,7	0,9	-	0,7
Posto de saúde	-	-	-	1,4	0,7
Vizinhança	-	-	0,9	0,7	0,7
Beco das frutas	-	-	0,9	-	0,3
Beira do rio	-	-	-	0,7	0,3
Centro	-	-	-	0,7	0,3
Mercado público	-	-	0,9	-	0,3
Outros	-	7,7	1,7	1,4	1,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

As praças dos bairros também apareceram nas respostas e na justificativa apresentada pelos respondentes para a não-utilização desses espaços, devido à sensação de vulnerabilidade e de insegurança, que acreditam decorrer da falta de segurança pública e da apropriação desses espaços pelo tráfico de drogas e pelas gangues.

Cabe salientar que esta compreensão das pessoas que responderam aos formulários não está associado a todos os locais, evidenciando-se em alguns bairros, a exemplo do Santo Antônio, Barrocas, Paredões. Entretanto, isso não significa que as praças não estejam sendo utilizadas, pois, por observação direta, verificou-se, ao longo da pesquisa, o uso de várias praças de bairros para prática de exercícios físicos, passeios com crianças e comércio informal (venda de alimentos e bebidas, aluguel de brinquedos). Portanto, o que se pode inferir é que mais uma vez ficam

manifestos os estigmas sociais associados a alguns bairros periféricos da cidade, frequentemente vinculados na mídia local a episódios de tráfico, assalto e homicídios.

Retomando Magrini (2013) as diferenças sociais refletem na produção do espaço e nas relações de sociabilidade, sendo o espaço estigmatizado depreciado em relação a outros na cidade, sendo uma perspectiva subjetiva, por conseguinte, que reproduz segmentação socioespacial.

Em relação ao uso dessas praças pela população, há um projeto da Prefeitura Municipal, lançado no ano de 2014, que tem como um de seus objetivos fomentar o uso desses espaços, o “Programa Viva a Vida”⁶⁷, idealizado pela Secretária de Educação e Desporto, Ieda Maria Freitas, a exemplo de outros projetos que a mesma observou em cidades da região Sul do Brasil. O “Viva a Vida” tem como objetivo “proporcionar saúde e bem-estar à população, conduzindo-a para um estilo de vida saudável e melhorando a convivência social”. O projeto destaca outros objetivos estratégicos: ampliar as oportunidades de práticas de esportes e atividades de lazer e cultura; utilizar com zelo os equipamentos públicos por meio de atividades que promovam a melhoria da qualidade de vida das pessoas em diferentes faixas etárias; propiciar a participação de diferentes atores (educadores físicos, recreadores, médicos, músicos etc.) no processo de socialização e de convivência social; potencializar o uso dos espaços públicos, dando-lhes significação para o sentido de pertencimento pela sociedade que, de fato, os mantém.

Esse projeto, em princípio, foi implementado em dois bairros: Santo Antônio e Abolição (quarta etapa). Compreende-se, portanto, que o mesmo vem sendo desenvolvido em áreas segregadas, onde os habitantes haviam mencionado a questão da sensação de vulnerabilidade no uso dos espaços públicos. Na sua execução, além das diversas atividades desenvolvidas⁶⁸, o programa conta com agentes da guarda civil, que têm a função de auxiliar na segurança dos participantes do projeto e no combate ao uso de drogas.

Continuando a observar a Tabela 6, outro espaço citado foi o da Estação das

⁶⁷Informações de cópia do projeto que foi disponibilizado por ocasião da entrevista à secretária municipal de educação e desporto, em janeiro de 2014.

⁶⁸ Práticas esportivas para jovens e idosos, acesso à internet, à biblioteca itinerante, aos jogos educativos, a orientações sobre alimentação saudável, à aferição de pressão arterial, à verificação de peso, a aulas de dança e de aeróbica, além da existência de oficinas de arte e de aulas de teatro, especialmente voltadas para a criança (VALE, 2014).

Artes Eliseu Ventania, espaço que integra o Corredor Cultural de Mossoró. A estação foi mencionada pelos grupos 1 e 3. Os *shows* da Festa Junina⁶⁹ da cidade ocorrem nesse local, as referências – principalmente porque os formulários foram aplicados no período junino – faziam menção à festa como explicação da restrição à área: aglomeração de pessoas, falta de segurança no local e no seu trajeto, além do medo da violência. Essa perspectiva do sentimento de insegurança urbana comparece nas respostas, mesmo para o espaço que tem um sistema diferenciado de segurança pública, no período das festas juninas, a qual é divulgada pela mídia local, falada, televisionada e impressa, vide matéria da Gazeta do Oeste, de junho de 2013:

A partir de hoje, Mossoró ganha um sistema diferenciado de segurança para reforçar o policiamento durante o Mossoró Cidade Junina. Segundo informações do comandante do 2º Batalhão de Polícia Militar, tenente-coronel Francisco Alvibá, a PM local ganha um reforço de 200 policiais a mais para atuar até o dia 29 deste mês, quando se encerrarão os festejos juninos na cidade.

Para garantir a segurança em toda a extensão do evento, no Corredor Cultural, a Polícia Militar terá que desenvolver um esquema denominado de ‘Cinturão de Segurança’, um trabalho que constará de policiamento ostensivo, reforçado na área do evento e nos trechos próximos, pontos de ônibus, táxis e moto táxis, assim como nos trechos considerados de maior incidência de violência.

Essa matéria nos faz observar que, sendo o espaço público de responsabilidade da gestão pública e que, durante o Mossoró Cidade Junina, principal evento festivo do Município, a imagem da cidade e da gestão está em evidência na Estação das Artes e demais praças adjacentes do Corredor Cultural, onde ocorre a festa, percebe-se que o controle é exercido de forma mais enfática, no intuito de preservar ambos, pois, além da população, há a presença de visitantes. Nesse sentido, Sobarzo (2006, p.5) ressalta que:

A ideia do poder municipal como zelador dos interesses coletivos deve ser assumida como um ideal não cumprido ou, pelo menos, não cumprido totalmente. Em geral, a ação do poder municipal mostra uma mistura de interesses públicos e privados – que pode ir dos interesses próprios do prefeito até os interesses de grupos locais dominantes.

Em Mossoró, pode-se considerar que, neste caso, as relações entre os interesses públicos e privados foram evidenciadas desde que o Corredor Cultural,

⁶⁹ Comemoração da Igreja Católica que acontece no mês de junho em homenagem a três santos: Santo Antônio (dia 13), São João (dia 24) e São Pedro (dia 29). A festa faz parte da cultura brasileira, mas é mais arraigada na Região Nordeste. A festa está associada a danças e comidas típicas, especialmente as que são feitas com milho.

seus equipamentos e diversos empreendimentos, dispostos em seu entorno, passaram a ser o espaço de convergência da festa na cidade. Há todo um movimento incrementado durante a festividade que conta, portanto, com o controle público da segurança nesses espaços, com a presença do policiamento para esvanecer o sentimento de insegurança.

A respeito disso, verificamos que a Festa Junina tem sido o principal atrativo turístico mossoroense e o alvo de interesse dos empresários do *trade* turístico, que integram o *convention bureau*⁷⁰ local no intuito de trazer as pessoas à cidade e torná-la conhecida, especialmente em nível regional, como “porta de entrada” de um roteiro turístico estadual, o Polo Costa Branca⁷¹.

Outra questão abordada no formulário aplicado diz respeito às preferências dos cidadãos em relação a Mossoró, o que eles mais gostam na cidade. Esse questionamento foi feito no intuito de averiguar a inserção dos novos espaços no cotidiano dos habitantes (Tabela 7).

Em todos os grupos, destacou-se que os pesquisados gostam de tudo na cidade ou dela como um todo. Somente no Grupo 1, as relações pessoais, ou seja, os laços familiares e de amizade superam a cidade em si. Observa-se que, nos grupos 1 e 2, as menções dizem respeito a aspectos mais subjetivos, como as relações pessoais, hospitalidade do povo, segurança, como ser uma cidade boa para se viver. Há a ocorrência de menções ao *shopping center* e ao centro, mas nenhuma aos espaços do Corredor Cultural, pois todas as referências, nesse caso, foram feitas pelos grupos 3 e 4.

Aqui se pode levantar uma contradição, como poderá ser vista mais adiante. Os espaços do Corredor Cultural não são considerados espaços de uso por todos os moradores da cidade, resposta de 39,4% (Tabela 29) da amostra, que atribui esse fato, principalmente, à representação de um local elitizado e à falta de condições financeiras dos não-usuários. Entretanto, esses espaços não foram citados pelos Grupos 1 e 2, onde a renda dos chefes de família é maior do que nos outros bairros do agrupamento. Ou seja, a questão está associada a um contexto mais amplo, os

⁷⁰ Instituição privada sem fins lucrativos que visa ao desenvolvimento do turismo de eventos. Atua junto aos segmentos que operam na atividade turística. Seus membros pertencem ao *trade* turístico do local.

⁷¹ Pólo turístico situado na região Oeste do Estado do Rio Grande do Norte, composto por 19 municípios com atrativos naturais e culturais.

indivíduos dos Grupos 1 e 2 denotam a preferência pelo espaço privado⁷² como espaço de lazer, sendo este evitamento do espaço público um indício do processo de fragmentação, como colocado por Gomes (2002).

Os dados da Tabela 7 mostram que foram feitas referências diretas e indiretas aos “novos espaços” abordados neste trabalho. Individualmente não são porcentagens expressivas, como os 2,8% do *shopping center*, ou os 3,1% dos espaços do Corredor Cultural. No entanto, eles estão presentes nas categorias “espaços de lazer/alimentação”, “cultura e espaços culturais”, bem como em “opções de lazer”, quando as respostas que compõem essas categorias mencionaram atrativos culturais, museus, teatro, incremento das opções de lazer na cidade. Inclui-se aí os espaços de alimentação, que se encontram no *shopping center*, no Corredor Cultural e no seu entorno, uma concentração de estabelecimentos de prestação de serviços, de alimentos e de bebidas.

Nessas outras categorias que se está considerando, mesmo que a menção não seja direta ao *shopping center*, ao Corredor Cultural e aos estabelecimentos que os constituem, levando em consideração as referências indiretas, percebe-se que a porcentagem das menções a estes espaços seriam maiores. No caso do Corredor Cultural, em torno de 16,6%⁷³ dos pesquisados o colocaria em segundo lugar na sua preferência sobre o que mais gostam na cidade. Partindo do pressuposto que, para se gostar de algo é preciso ter algum nível de conhecimento ou relação com o objeto, entende-se que os respondentes que afirmaram gostar dos espaços em alguma dimensão, seja de lazer ou cultural, podem ser usuários e ter identificação com esse lócus da cidade em alguma medida.

⁷² Apesar de também terem mencionado o centro, como poderá ser constatado em sub-capítulo 3.2.2, este local está associado a representação de um espaço de consumo de bens e serviços ou ao local de trabalho, mas não como espaço de lazer.

⁷³ Soma das porcentagens das categorias “espaços do Corredor Cultural”, “espaços de lazer/alimentação”, “cultura e espaços culturais” e “opções de lazer”. Essas categorias foram consideradas pelas respostas que as compõem, porque, mais adiante no trabalho, em tabelas que tratam especificamente do Corredor Cultural, poder-se-á verificar que a cultura e as opções de lazer e alimentação são características que estão associadas ao equipamento.

Tabela 7 – Mossoró/RN. O que o respondente gosta na cidade de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.

Motivo ¹	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Cidade como um todo/tudo	20	23,1	15,7	21,5	19,2
Eventos	20	-	10,4	8,3	9,4
Cultura/espços culturais	-	-	8,7	9	8
Relações pessoais	26,7	-	4,3	5,6	5,9
Segurança/tranquilidade	-	7,7	6,1	4,9	5,2
Empregos	6,7	-	7,8	2,8	4,9
Hospitalidade do povo	-	7,7	6,1	4,2	4,9
Acessibilidade/mobilidade	-	7,7	4,3	3,5	4,2
Centro	-	7,7	1,7	4,9	3,5
Espços de lazer/alimentação	-	-	4,3	2,8	3,1
Mossoró Cidade Junina	-	-	2,6	4,2	3,1
Espços do Corredor Cultural	-	-	4,1	3,5	3,1
Cidade boa para morar	-	7,7	1,7	3,5	2,8
Shopping	6,7	-	3,5	2,1	2,8
Igrejas/religiosidade	-	7,7	2,6	2,1	2,4
Bairro/rua de moradia	-	-	1,7	2,1	1,7
Residência	-	7,7	0,9	2,1	1,7
Aspectos naturais	-	7,7	0,9	1,4	1,4
Esporte	-	-	1,7	1,4	1,4
Limpeza	-	-	0,9	2,1	1,4
Opções de lazer	-	-	1,7	1,4	1,4
Atendimento da saúde	-	-	1,7	-	0,7
Bairros da cidade	-	-	-	1,4	0,7
História	6,7	-	0,9	-	0,7
Oportunidade de estudo	-	-	1,7	-	0,7
Outros	-	-	5,2	5,6	4,9
Não sabe/não respondeu	6,7	15,4	7,8	10,4	9,4

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

¹ Informações de múltiplas respostas, ultrapassam 100%.

A Tabela 7 mostra claramente a proporção que os eventos alcançam junto à população, pois eles estão em segundo lugar no total geral, com 9,4%, mais a porcentagem de 3,1% dos que citam, especificamente, o Mossoró Cidade Junina. Os eventos são reeditados anualmente pela gestão municipal e divulgados na mídia como ícones da cultura e de orgulho local, como podemos ler em matéria da mídia local,

“O Mossoró Cidade Junina já é um patrimônio dos mossoroenses, pela sua grandiosidade e importância cultural e econômica” (GAZETA DO OESTE, 2014a).

Nesse sentido, Costa (2009) chama a atenção para as três principais festas do calendário de eventos local, Mossoró Cidade Junina, Auto da Liberdade e Festa de Santa Luzia, com sua personificação atrelada à imagem da cidade. Para a autora:

Esses eventos, baseados em fatos históricos, que são apropriados e recriados pelo poder público municipal, recontam a história e reafirmam os símbolos que constroem a imagem da cidade, como *Baluarto da Resistência a Lampião*, *Terra da Liberdade*, *Cidade de Santa Luzia*. Mais do que isso, os eventos acabam por se tornar ocorrências autônomas, plenos de sentido por eles mesmos. O evento é mais lembrado do que o fato histórico. (COSTA, 2009, p.67).

Não por acaso, e evidenciando a força destas festas, a comemoração junina foi citada pela maioria dos respondentes, quando perguntados qual seria o símbolo da cidade de Mossoró. Nas cidades, alguns elementos são apropriados como referências, como características da sua história, da sua arquitetura e da sua cultura. São fatos que possuem identidade com o lugar, os quais são apreendidos pela população e, com frequência, pela elite e pelos governantes, com a finalidade de fortalecer mitos, ideais, partidos e governos no imaginário popular.

Assim, foi perguntado aos questionados o que, na sua concepção, representava a cidade de Mossoró, algo que tivesse relação somente com a cidade e não com outro local, algo que para o respondente fosse o símbolo da cidade (Tabela 8). Foi informado que poderia ser um lugar, um bairro, um personagem histórico, um aspecto cultural ou econômico. O objetivo desta pergunta foi saber em que medida a população associa espaços urbanos, a exemplo dos espaços do Corredor Cultural, enquanto elementos que carregam uma representação da cidade.

Ao observar a Tabela 8, pode-se perceber que as características que foram lembradas, em sua maioria, dizem respeito ao patrimônio material e imaterial de Mossoró, além de suas atividades econômicas. Nos quatro agrupamentos, os elementos mencionados com maior percentual foram praticamente os mesmos, entretanto, verifica-se que a porcentagem relacionada à particularidade religiosa é quase nula nos grupos 1 e 2. Contudo, as falas denotam maior expressão quanto às atividades econômicas locais ao apontar o sal e o petróleo como símbolos da cidade. O elemento mais citado pelos respondentes a essa pergunta, não obstante, compõe o patrimônio imaterial, o Mossoró Cidade Junina/Festas Juninas (Figura 23), declarado

por 13,9% das pessoas. Neste aspecto, cabe lembrar que os formulários foram aplicados no período junino, o que pode ter influenciado as respostas, embora a Festa Junina seja um elemento que faz parte da identidade cultural, principalmente da região Nordeste, e está presente em Mossoró, o que pode ser verificado no texto a seguir.

De acordo com Bezerra (2006, p.124):

Em Mossoró, antes da centralização da festa na Estação das Artes e, conseqüentemente, da ampliação dos dias de comemoração, os festejos já ocorriam na cidade. [...] as comemorações eram feitas nas residências, normalmente nos dias dos santos homenageados. Na festa, a fogueira e um cantador de viola eram as atrações mais comuns.

A força dessa tradição cultural no Brasil e, especificamente, na Região Nordeste, onde ela foi absorvida pela cultura regional, está relacionada ainda a outros aspectos, como a religiosidade, a música e a gastronomia nordestinas, fazendo parte do calendário de eventos das cidades dessa região. Em algumas cidades, esses eventos são o principal produto turístico, ocasionando expressiva atratividade de visitantes. As festas, como é o caso de Mossoró, vêm passando por processos de espetacularização. Por isso, elas ensejam a criação de espaços para a realização desse espetáculo, espaços que podem ocasionar a valorização das áreas do entorno onde serão instalados.

Tabela 8 – Mossoró/RN. Símbolo da cidade de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.

Local	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Mossoró Cidade Junina/Festas Juninas	6,7	15,4	8,7	18,8	13,9
Lampião e Maria Bonita	6,7	7,7	13,9	9,0	10,8
Estação das Artes	13,3	7,7	8,7	7,6	8,4
Sal (Terra do Sal, Salinas)	13,3	7,7	7,0	7,6	7,7
Festa de Santa Luzia	-	-	5,2	5,6	4,9
Catedral de Santa Luzia	-	-	1,7	6,9	4,2
Corredor Cultural	6,7	7,7	3,5	3,5	3,8
Memorial da Resistência	-	-	4,3	2,1	2,8
Petróleo	13,3	-	2,6	2,1	2,8
Santa Luzia	6,7	7,7	3,5	1,4	2,8
Teatro Dix Huit Rosado	-	-	3,5	2,8	2,8
Igreja de São Vicente	-	-	3,5	2,1	2,4
Chuva de Bala no País de Mossoró	-	-	1,7	2,8	2,1
Violência	-	7,7	2,6	1,4	2,1
Centro	-	-	-	3,5	1,7
Clima	-	-	3,5	0,7	1,7
Cultura	6,7	7,7	1,7	1,4	1,7
Museu	-	-	1,7	1,4	1,7
Rio Mossoró	-	-	1,7	2,1	1,7
Empregos	-	-	-	2,1	1,0
Liberdade/libertação dos escravos	6,7	-	0,9	0,7	1,0
<i>Shopping</i>	-	7,7	0,9	1,4	1,0
Mulher (primeira a votar)	-	-	0,9	-	0,7
Praça da Convivência	-	-	1,7	-	0,7
Símbolo da prefeitura/coração	-	23,1	-	1,4	0,7
Outro	13,3	-	10,5	9,0	10,4
Não sabe	6,7		6,1	2,8	4,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 23 - Mossoró/RN. Mossoró Cidade Junina, 2008/2014.



Fonte: Disponível em: <<http://www.prefeiturademossoro.com.br/blog/cultura/746>>; <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1525978>> Acesso em: 02 mar. 2015.

Legenda:

Duas fotos superiores: à direita - Pingo da Mei Dia, evento que abre oficialmente o Mossoró Cidade Junina. À esquerda - Festa com as atrações musicais principais na Estação das Artes. Duas fotos inferiores: à direita – encenação do espetáculo Chuva de Bala no País de Mossoró. À esquerda – apresentação no festival de quadrilhas na Arena Deodete Dias.

Em Mossoró, a Festa Junina tradicional já existia antes do Mossoró Cidade Junina, festa espetacularizada pela gestão pública. A festa acontecia nos bairros, em dias diferentes para que possibilitasse a participação de pessoas de todas as partes da cidade. A Festa Junina foi institucionalizada pela prefeitura municipal e passou a acontecer inicialmente na Estação das Artes Eliseu Ventania. Mas, como a festa é um conjunto de subprojetos⁷⁴, hoje na Estação das Artes fica o palco principal e nas outras praças do Corredor Cultural são desenvolvidas outras atividades, bem como na própria avenida Rio Branco. De acordo com os arquitetos da prefeitura⁷⁵, foi com base na aceitação desse local pela população que surgiu o projeto para a intervenção

⁷⁴ “Pingo da Mei Dia” (evento de abertura); festival de quadrilhas; Cidadela (caracterização de uma pequena cidade que a cada edição do evento tem um tema); espetáculo teatral Chuva de Bala no País de Mossoró; Fórmula Jogue (corrida de jegues); Burro Táxi; espaço cultural com a apresentação de repentistas, show de humor, venda de comidas típicas e de artesanato, dentre outras atividades.

⁷⁵ Entrevista realizada em maio de 2015 com dois arquitetos da prefeitura na sede da Secretaria Municipal do Desenvolvimento Territorial e Ambiental da Prefeitura Municipal de Mossoró.

urbana da avenida Rio Branco.

Bezerra (2008, p.15) expressa que houve aceitação, “[...] identificação com essa forma hegemônica de pensar a festa [...]” e resistência, pois a “[...] institucionalização do tempo e do espaço festivo acabou produzindo um esvaziamento das comemorações que ocorriam em outros lugares da cidade [...]”. Houve aceitação dos mais jovens, por exemplo, porque aumentou o período da festa (mês de junho), já os mais idosos se ressentem que a mudança tenha retirado da festa a sua tradição).

Nesse sentido, cabe observar que foi a festa o patrimônio imaterial que compareceu como símbolo mais citado pelos respondentes. Isso pode ser melhor compreendido, pois as festas têm sido utilizadas no intuito de obter coesão social, “[...] construir uma unidade e (re)significar a identidade de grupos subalternizados historicamente [...]”. Essa produção da identidade seria o objetivo mais importante, pois, segundo a autora, “[...] a festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, simbólicos [...]” (BEZERRA, 2008, p.9-10).

O segundo aspecto mais mencionado foi Lampião ou Lampião e Maria Bonita⁷⁶ (10,8%). Esses personagens históricos estão associados a uma perspectiva do imaginário popular, a de que o povo mossoroense é “bravo e resistente”. Fato histórico controverso, questionado por alguns historiadores em relação à forma como se deu a invasão do bando de Lampião a Mossoró e a expulsão deste pelos habitantes, liderados pelo então prefeito Rodolfo Fernandes.

Esse acontecimento é ensinado nas escolas, repetido pelos moradores, contado em poemas e em cordéis, encenado todos os anos, em eventos teatrais promovidos pela prefeitura municipal, nos espetáculos “Auto da Liberdade” e “Chuva de Bala no País de Mossoró”. Tal fato reforça duas ideias no imaginário popular, a primeira é a da “resistência”, que se tornou por herança característica de um “povo”, e a segunda é a do pioneirismo, por ter sido a primeira cidade a expulsar o cangaceiro de seu território. Esse pioneirismo é reforçado em outros fatos históricos: abolição dos

⁷⁶ “O cangaço foi um movimento que esteve presente em quase todos os períodos da formação histórica do ‘Nordeste sertanejo’ brasileiro, tendo o seu momento de apogeu e declínio entre os anos de 1900 a 1940. Inúmeros homens e mulheres se destacaram nas malhas do cangaceirismo, mas a figura de maior notoriedade foi Virgolino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião, que se tornou “Governador do Sertão”. Ele foi proclamado no ano de 1926, sendo esse um “governador às avessas”, já que era um “fora-da-lei”, que se contrapôs ao sistema político e social instituído.” (DUTRA, 2009).

escravos antes da promulgação da Lei Áurea (mesmo não tendo sido a primeira e única), primeiro voto feminino no Brasil e Motim das Mulheres⁷⁷.

Felipe (2001) argumenta que a elite e o poder político local consolidam essas permanências, gravando na cidade essas referências de sua história e memória. Comenta o autor:

Essa geografia, expressa nas formas da cidade, se completa com o nome dos heróis, os fundadores da cidade, os comerciantes sua primeira elite, os abolicionistas, aqueles que retomaram o ‘sonho cosmopolitano’ e os que resistiram ao bando do Lampião. Um lugar mitológico que escreve suas ‘lendas’ que, como lendas, requer uma narrativa que conte, através de tudo que está grafado no território da cidade, essa história de liberdade, bravura e resistência. (FELIPE, 2001, p.158).

Essa história também está expressa no “Memorial da Resistência” (Figura 24), no Corredor Cultural da cidade, uma estrutura com exposição permanente de fotos e textos que retratam a cidade de Mossoró na década de 1920, período em que a cidade foi atacada. Na história, a bravura ressaltada é a de Rodolfo Fernandes, o prefeito de Mossoró à época do combate, e dos homens que resistiram ao bando do cangaceiro. Entretanto, quem é lembrado pelo povo como símbolo é o “bandido” Lampião, que é retratado nos espetáculos como uma figura cruel e sanguinária. No próprio Memorial da Resistência, além da foto dos resistentes, tem destaque as principais figuras do cangaço, inclusive o próprio Lampião e sua companheira Maria Bonita. A ideia da “resistência” parece ser mais forte, no imaginário coletivo, relacionada ao “inimigo”, ao orgulho de tê-lo vencido, do que a dos “resistentes”. A imagem de Lampião se sobrepõe, simbolicamente, a dos “resistentes”.

⁷⁷ Movimento liderado por Ana Floriano, ao lado de Maria Filgueira e Joaquina Maria Góis, com a participação de aproximadamente 300 mulheres, que impediram o alistamento militar de seus maridos e filhos em setembro de 1875. Foi um fato em protesto à Lei nº 5881 (Lei do Alistamento), de 27 de fevereiro de 1875. (CRISPINIANO NETO, 2005).

Figura 24 – Mossoró/ RN. Memorial da Resistência, 2015.



Fonte: Portal Canindé Soares. Disponível em: <<http://canindesoares.com/memorial-da-resistencia-em-mossoro>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

A Estação das Artes Eliseu Ventania foi o terceiro símbolo mais apontado pelos respondentes (8,4%). É onde fica localizado o palco principal do Mossoró Cidade Junina, logo pode ter sofrido influência no período da aplicação dos formulários. Entretanto, não apenas uma parte dos festejos juninos se dá nessa área, mas muitas das comemorações do calendário de eventos da cidade.

Além disso, historicamente o espaço está relacionado à antiga estação da linha férrea Mossoró-Sousa (Sousa no Estado da Paraíba). Essa linha foi criada no ano de 1915 e desativada em 1980, e é no espaço de seus trilhos removidos que foram instalados os equipamentos do Corredor Cultural de Mossoró, isto é, ao longo da avenida Rio Branco. A Estação foi o primeiro deles, abrigando salas e funcionando como museu. Em anexo, está o “Museu do Petróleo”, que retrata uma das principais atividades econômicas da cidade e entorno (PORTAL ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL, 2015, *on line*).

Outro ponto que cabe destaque foi a menção ao Corredor Cultural, aos equipamentos culturais ou às praças que o constituem como símbolo da cidade, ao

tudo 18,5%. A categoria Corredor Cultural foi apontada por 3,8% das pessoas; o Teatro Dix Huit Rosado por 2,8%; a Praça da Convivência também aparece com 0,7% das respostas dadas. Foram mencionadas, ainda, a Estação das Artes (8,4%) e o Memorial da Resistência (2,8%), que já foram citados anteriormente. Foi recorrente os respondentes associarem o corredor/equipamentos ao espaço “bonito” da cidade, relacioná-lo ao lazer, à cultura, às festas e ao turismo e identificá-los com a “cultura local”.

A Avenida Rio Branco, de fato, foi apropriada para diversos usos. Acontece nela desde a prática de esportes, a realização de eventos diversos, promovidos pela prefeitura ou por empresas do ramo, bem como apresentações culturais, aulas de violão ao ar livre⁷⁸, dentre outras atividades que o torna um espaço de lazer para crianças e adultos. Alguns respondentes destacaram que a transformação daquela área foi positiva por dar à cidade um espaço de lazer que antes não existia. Em entrevista realizada junto aos arquitetos que pensaram esses espaços para a avenida Rio Branco, foi perguntado como surgiu essa ideia.

Existia uma área, que era uma área de grande importância no sentido norte-sul, uma área larga possibilitada pela ausência da linha férrea, começou-se a pensar nesse espaço. (Arquiteto 1).

[...] do ponto de vista urbanístico, nós tínhamos consciência da importância da avenida Rio Branco. Agora nós tínhamos uma oportunidade de fazer uma escolha, de optar por essa ocupação ou por aquela, Carlinhos falou e falou muito corretamente que o “pontapé inicial” foi a Estação das Artes. (Arquiteto 2).

A partir da consolidação daquela área, surgiram todas as outras, porque viu-se a importância que o **aspecto cultural** daria e como era importante aquele espaço para a cidade (Arquiteto 1).

Como a cidade era carente, não é? (Arquiteto 2).

Como a cidade era muito carente, exatamente, você não tinha o lazer, você não tinha o esporte, então isso possibilitou a gente vislumbrar tudo isso, não é? [...] a gente já sabia das necessidades do Município (Arquiteto 1).

[...] a gente poderia ocupar aquilo dali de diversas formas, simplesmente tratar como uma praça qualquer, com banquinhos, não é? Só que a gente percebia, nós somos cidadãos, nós somos daqui [...], a gente conhece muito bem essa realidade [...] muitas vezes ter que se deslocar nos finais de semana para outra cidade para se divertir, porque não tinha um espaço, não tinha o que fazer [...] essas escolhas, obviamente, são fundamentadas até pelas necessidades próprias, nossas de cada um [...] (Arquiteto 2).

⁷⁸Essas aulas são promovidas pelo Grupo Ecoarte no Memorial da Resistência semanalmente, desde 2008, são gratuitas e se dividem em turmas para iniciantes, adolescentes e adultos.

Eu queria acrescentar uma coisa, que eu acho que é importante também, ressaltar que pela importância dessa área, que é uma **área central**, a qualidade das obras também é fundamental. Por quê? Porque quando você dá **qualidade às obras**, passa a frequentar **não só aquela pessoa de uma classe menos favorecida, mas todas as classes da cidade**, elas estão ali, né? Na caminhada, no esporte, você está entendendo? No teatro, na estação das artes, então é interessante também destacar isso, sabe? É que você tem um espaço muito presente, mas também um espaço de qualidade, né? Que possibilita você ter tudo isso junto [...] Sempre foi o grande objetivo, proporcionar essa interação social [...] (Arquiteto 1).

Percebe-se, na fala dos arquitetos, a preocupação com o projeto para uma área que é central na cidade e que tem visibilidade, porque a avenida é um eixo viário que liga a porção Norte de Mossoró ao centro. Além disso, essa avenida, devido à sua localização, faz parte do trajeto cotidiano para muitos destinos rotineiros dos habitantes. A preocupação mencionada com a “qualidade das obras” contribuiria para a adesão de todos os segmentos de renda e para a valorização do “aspecto cultural”, ou seja, para a instalação de outros equipamentos e atividades voltadas ao consumo do espaço, da cultura e do entretenimento.

Esse aspecto cultural é criticado por Arantes (1998), cuja reflexão recai sobre uma “ideologia” da cultura na nova fase do capitalismo, que está presente nos discursos, na promoção de estilos de vida e de “identidade” para os cidadãos, no uso do simbólico como mercadoria. Para a autora:

A ideologia foi passando do discurso para as próprias coisas, transformadas numa rede infinita de significações intercambiáveis, a ‘animar’ um mercado cada vez mais exigente e diferenciado. [...] a cultura parece ter se transformado num ingrediente indispensável da governabilidade (que nada tem a ver com cidadania ou legitimidade democrática), numa nova modalidade de falso gasto público [...] O cultural como ‘animação’ sem alma por certo, tornou-se o grande fetiche dos nossos dias. Sabemos faz tempo que nada está fora do alcance da febre do consumo, muito menos a cultura e seu prestígio, mas agora o próprio ato de consumir se apresenta sob a aparência de um gesto cultural legitimador, na forma de bens simbólicos como se disse à exaustão: de imagens e simulacros. É a forma-mercadoria no seu estágio mais avançado, como forma publicitária. O que se consome é um estilo de vida e nada escapa a essa imaterialização que tomou conta do social (ARANTES, 1998, p.153, grifo da autora).

O consumo da cultura, tal como a promoção de um estilo de vida, está direcionado a uma camada da sociedade nesses projetos, ou seja, à população dos segmentos de renda média. A preocupação dos autores do projeto de intervenção urbanística da avenida Rio Branco foi pensar que tal espaço seria para o uso de todos. Entretanto, percebe-se a adesão a este local por uma camada da população

com maior poder aquisitivo, camada esta que comumente utiliza os espaços fechados para o consumo e prática do lazer. Esse aspecto coincide com os estudos de Sánchez (2010) acerca dos projetos de planejamento estratégico de cidades e seu público-alvo.

Sánchez (2010) argumenta sobre a importância das “camadas médias” nesses projetos, pois o estilo de vida dessa parcela social, que possui poder de compra/consumo e para a qual as classes menos abastadas querem ascender, estabelece um “padrão” de aceitação dos novos espaços, um ambiente onde se encontra o consenso, onde as divergências são apaziguadas, camufladas, onde “todos” podem estar/usufruir uma “aparente unanimidade” ou a “ideia do socialmente pleno usufruto dos novos espaços”. A autora ratifica, que pelas pesquisas realizadas sobre esses projetos de cidade, há uma identificação destes com as camadas médias.

[...] estudos acerca do uso social dos espaços públicos de renovação em Curitiba mostram uma forte afluência das camadas médias e uma composição social bastante seletiva nos novos espaços, particularmente nos culturais (Sánchez, F., 1997). Frequentemente, as formas de uso desses espaços podem ser lidas como sínteses do novo padrão de vida coletiva veiculada pelo *city marketing*, respondem a valores culturais fortemente associados ao estilo de vida das camadas médias. A capacidade de ‘capturar’ esse setor da sociedade reside na evidente adequação entre os significados dos novos espaços e o conjunto de representações dos cidadãos, seus consumidores. O espaço é consumido como outro produto qualquer e, para intensificar esse consumo, os governos municipais, por meio do marketing, se utilizam de mecanismos de sedução associados à oferta do produto/espaço. Com efeito, as imagens dos novos espaços produzem maior ressonância junto àqueles aos quais implicitamente se dirigem. As camadas médias nelas se identificam, se refletem [...]. (SÁNCHEZ, 2010, p.423,424).

No caso do Corredor Cultural de Mossoró, observam-se usos espontâneos, desenvolvidos pela população, e usos promovidos pela gestão municipal. Em setembro de 2013, a prefeitura lançou o projeto “Viva a Rio Branco”, um nome que carrega dois sentidos, o de festejar e um convite a viver aquele espaço da cidade. O projeto consiste na interdição de parte da avenida aos domingos, entre às 16h e às 20h, para a prática de esportes, como citado na matéria do Jornal de Fato.

Que tal ter a Avenida Rio Branco, todinha para passear com a família, andar de bicicleta ou se confraternizar com os amigos? Pois essa é a proposta da Prefeitura de Mossoró através do projeto “Viva a Rio Branco”. A iniciativa que é sucesso na Via Costeira de Natal, na praia de Ponta Verde, em Maceió e na Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro, será lançada em Mossoró neste domingo, a partir das 16h, com a presença da prefeita

Cláudia Regina.

Pelo que prevê o projeto, um trecho da avenida Rio Branco – entre o Teatro Municipal Dix-Huit Rosado e a Praça dos Esportes – será interditado, para uso por parte apenas de pedestres, ciclistas e skatistas. No entorno do trecho, diversas atividades artísticas, físicas e infantis serão realizadas, promovendo a convivência entre crianças, jovens, adultos e idosos.

O foco na família é uma das marcas das ações da prefeita Cláudia Regina, entusiasta e idealizadora do projeto “Viva a Rio Branco”. “Temos um espaço privilegiado para a prática de atividades físicas e também para a convivência familiar, por isso decidimos iniciar esse projeto como forma de estimular o uso da avenida Rio Branco pelos mossoroenses”, disse a prefeita. Com a interdição do trecho, a avenida ficará mais livre para a circulação de crianças em bicicletas, patins e skates, além da prática de caminhadas. (JORNAL DE FATO, 2013b).

Algumas secretarias municipais participam com outras atividades, como a Secretaria de Saúde, que faz acompanhamento de peso, verifica pressão arterial e índice de massa corporal de algumas pessoas que se exercitam no local, sendo atendidas por enfermeira, nutricionista e uma assistente social⁷⁹.

O projeto⁸⁰, inicialmente, era uma cópia do projeto “Ciclo Faixas de Lazer” da cidade de São Paulo e visava a um espaço para a prática do ciclismo, já que não existiam outros ambientes para a prática dessa modalidade esportiva na área urbana de Mossoró. Entretanto, ganhou novos contornos, pois foi apropriado não apenas pelos ciclistas, mas para a prática de outras modalidades esportivas e de lazer, facilitado pela interdição da passagem de veículos e da vigilância do local pelos agentes de segurança pública.

Dessa forma, o projeto passou a ser apresentado como um espaço voltado às famílias para a prática de atividades físicas, entretenimento e promoção da qualidade de vida. Também previa despertar o sentimento de pertencimento, levando em consideração que o uso das praças seria a melhor forma de torná-las seguras e conservadas.

Aos domingos, percebe-se que o projeto “Viva a Rio Branco” ganhou a

⁷⁹Esse serviço é o único que tem registro dos usuários para acompanhar a evolução dos participantes. Observando os registros de novembro de 2013 a novembro de 2014 foram realizados 938 atendimentos, uma média de 78 atendimentos/mês. O máximo de atendimentos em um dia foram 159 e o mínimo de 10. Essa desproporção ocorre porque em alguns dias a bancada de atendimento tem que se deslocar do seu local frequente para outros pontos ocasionais devido a chuvas ou eventos. Além disso, Mossoró tem um período sazonal em que os munícipes praticam o veraneio durante as férias, ocorrendo um esvaziamento das atividades na cidade. Cabe ainda lembrar que nem todas as pessoas que participam do projeto utilizam o referido atendimento. Contudo, constitui-se fonte oficial onde se pode ter uma ideia do número de pessoas que participam do projeto aos domingos.

⁸⁰Informações fornecidas pelo autor do projeto, em entrevista concedida nas dependências da Secretaria de Esporte e Lazer da Prefeitura de Mossoró.

simpatia dos mossoroenses e, por observação, é significativo o número de usuários no local desenvolvendo diversas práticas esportivas, caminhadas, bicicletas, patins, *skate*, *kangoo jumps*⁸¹, além de atividades aeróbicas, tais como aulas de *jump* e *zumba*, promovidas pela prefeitura. Estas contam com a adesão, segundo o autor do projeto, de um número entre 100 e 200 pessoas por aula. Outras práticas são promovidas por academias para promoção de atividades ao ar livre e para divulgação destas empresas, como *muay thay* e judô. As atividades são desenvolvidas também durante a semana, mas internamente nas praças, sem a interdição de vias (Figura 25).

Outras modalidades esportivas, menos convencionais, também vêm sendo desenvolvidas no espaço, como o *slackline*⁸². O esporte vinha sendo praticado de maneira informal, mas para evitar a ocorrência de acidentes, a prefeitura instalou as bases para a prática do esporte, que são removíveis e só funcionam aos domingos no intervalo do projeto.

Figura 25 – Mossoró/RN. Projetos na Avenida Rio Branco, 2013.



Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

Da esquerda para a direita. Atendimento de acompanhamento de pressão e peso dos frequentadores do projeto Viva a Rio Branco. Ciclistas. “Aulão” de aeróbica. Abaixo, da esquerda para a direita: Placa com percurso do projeto Viva a Rio Branco e placa com a identificação do equipamento e atividades desenvolvidas no espaço. Aula de judô. Entretenimento para crianças.

⁸¹ Patins com amortecedores de borracha no lugar das rodas.

⁸² Fita elástica esticada entre dois pontos fixos, o que permite ao praticante andar e fazer manobras por cima.

Segundo autor do projeto, o “Viva a Rio Branco” está consolidado, sendo alvo de preocupação intensiva da gestão municipal, pois, quando o projeto não ocorre – por conta de feriados⁸³ – a prefeitura é alvo de críticas intensas nas redes sociais por parte da população. Cabe destacar que a avenida passou a ser cenário ou parte dele em manifestações populares, reivindicações e protestos com motivações distintas e de públicos heterogêneos. O local destinado às manifestações na cidade, anteriormente, tinham início na Praça do Pax, no centro tradicional, e elas continuavam ao longo da avenida Presidente Dutra, o que é conhecido popularmente na cidade como “subir” ou “descer” o alto.

Hoje essa tradição permanece, porém, a avenida Rio Branco passou a ser o início, percurso ou final dos trajetos, ou seja, passou a ser também um espaço de manifestação política na cidade. O local parece funcionar como vitrine, de fato, para os mais diversos fins, tais como política, lazer, cultura e entretenimento, além do comércio de bens e de serviços.

Devido aos aspectos mencionados, mesmo que nos formulários os respondentes afirmem não frequentar os espaços do corredor (41,5%) ou considerem que não é um espaço frequentado por todos (39,4%), ainda assim citam-no como símbolo devido aos diversos usos e à sua amplitude, à proporção da imagem que o espaço acabou por ter para os habitantes da cidade. No caso, uma imagem-síntese, a qual sintetiza a modernidade, a cultura local, um estilo de vida e de consumo e a sua “aparente unanimidade”.

Identificamos, então, a produção do espaço do Corredor Cultural nos níveis econômico, político e social. No nível econômico esse local tem sido condição, enquanto área privilegiada em investimentos públicos e dotação de infraestrutura. Isso tem atraído a implantação de diversas empresas de diferentes setores, ensejando expressões de novas centralidades e favorecendo a circulação (sendo, nesse sentido, importante via de interligação na cidade), bem como o consumo, o que estabelece o espaço como meio e, também, como produto, já que isso tem ocasionado uma valorização de sua localização e das áreas em suas adjacências (CARLOS, 2007).

No nível político, é possível perceber o espaço enquanto condição, instrumento político produzido e organizado pela ação do poder público com o

⁸³ Os funcionários que organizam o projeto são servidores municipais; quando feriados nacionais ou locais coincidem com o domingo, não há aulas e outros serviços promovidos pela prefeitura, há apenas a interdição das ruas para tráfego de veículos.

intuito de promover usos e, ao mesmo tempo, exercer controle e dominação desse espaço de uso múltiplo. Espaço este que passa a ser a imagem-síntese da cidade e de sua modernização, ocasionando diferenciação socioespacial, pois promove a hierarquização das localizações na área urbana, bem como a segmentação de seus usos. Esses processos o caracterizam, também, como meio e como produto, pois passa a ser um espaço estratégico para a cidade, recebendo mais investimentos e mais segurança, em detrimento de outros espaços em Mossoró.

No nível social, o espaço do Corredor Cultural, enquanto espaço público, espaço da alteridade, como colocado por Gomes (2002), apresenta-se como condição - *locus* onde são estabelecidas relações sociais, por meio de práticas espaciais diversas, pagas ou gratuitas, promovidas pelo poder público ou espontâneas, neste último caso, por cidadãos de diferentes segmentos socioeconômicos. O espaço, enquanto forma, orienta essas práticas, mas pode ser modificado por elas, quando estas dão sentidos diferenciados. Para tal, dependerá do contexto das relações estabelecidas pelos cidadãos, as quais lhe atribuirão conteúdo. É assim que ele se apresenta como meio, espaço de intermediação entre o público e o privado, porque adquire conotações diversas, dependendo do referencial pelo qual se está olhando e de quem está olhando.

Dessa forma, pode-se identificar o Corredor Cultural como espaço político, espaço de lazer, espaço de consumo de bens e de serviços, espaço cultural e simbólico. Deve-se compreender, ainda, que nem todos os habitantes da cidade se apropriam dessas praças e equipamentos culturais da mesma maneira, os motivos são diversos: moradia distante, insuficiência de condições financeiras, pouco tempo livre, ausência de meios de locomoção públicos ou privados. Existem, também, outros aspectos que têm em seu bojo questões materiais e imateriais, estas estão associadas a concepção destes locais para o uso por outros segmentos de renda.

Todos esses elementos são constitutivos dessa apropriação desigual. Logo, as diferentes práticas atribuem diferentes significados aos lugares, que se modificam ao longo do tempo, mudam também seus agentes e, nesse movimento, atribuem valor aos lugares, dando-lhe valor de uso, o que o caracteriza como produto, lógica que comparece no Corredor Cultural de Mossoró.

4.3.1 Mossoró e o sentimento de insegurança urbana

Como está posto na imprensa e de acordo com os dados desta pesquisa, insegurança é um sentimento acentuado entre os moradores de Mossoró. Devido a isso, e como se pode observar em alguns estudos, como o de Magrini (2013), este sentimento pode ser determinante na escolha da forma de moradia e nas estruturas de proteção das residências, o que resulta por influenciar novos aspectos na paisagem urbana. Por isso, decidiu-se abordar essa dimensão da cidade de Mossoró, a fim de avaliar se a sensação de insegurança urbana determina a mudança nos padrões de moradia local, assim como o uso dos espaços públicos, em especial do Corredor Cultural.

Na Tabela 9, pode-se observar os dados resultantes dos formulários aplicados em relação ao tema da sensação de insegurança pelos respondentes na cidade de Mossoró. Foi questionado se os respondentes ou algum familiar de sua residência sofreu algum furto ou roubo a partir do ano de 2006 até o mês de junho de 2013 (mês de aplicação dos formulários). O ano de 2006 foi utilizado como marco temporal pois foi, partir desta data, que as mudanças mais significativas em relação às transformações urbanas em estudo neste trabalho tiveram início, tais como a verticalização de forma mais significativa, a implantação de equipamentos do Corredor Cultural e a chegada de novas empresas.

Segundo dados do Jornal O Mossoroense, em matéria do mês de abril de 2013, de acordo com dados dos registros dos órgãos de segurança pública:

[...] o município de Mossoró vive o momento mais violento de sua história, onde o número de crimes, assaltos, furtos/roubos de veículos e residências têm crescido assustadoramente não só na zona urbana, mas também na área rural. [Além disso] Com relação ao número de pessoas vítimas fatais de disparos de armas de fogo (homicídios), segundo a segurança pública, os três primeiros meses deste ano, somados mais 14 dias de abril, é o período mais violento já vivenciado na história local, superando os dois anos anteriores (2011 e 2012), que, até então, liderava as estatísticas.

Esses fatos repercutiram não somente na mídia impressa, mas na televisiva também, em programas cujo tema é a violência local⁸⁴. Ademais, ainda existem

⁸⁴ Programa Roda Policial, veiculado pela TV Cabo Mossoró (TCM), canal local com programação que mostra o que acontece em Mossoró e região circunvizinha.

alguns *blogs*⁸⁵ para a divulgação deste tipo de notícia policial. A veiculação dessas notícias associadas às estatísticas devem ser os componentes da equação da sensação de insegurança presente nos habitantes da cidade, pois, se analisarmos a Tabela 9, 49,5% dos respondentes ou familiares sofreram furto ou roubo nos últimos oito anos, e esse percentual é equilibrado em todos os grupos. Entretanto, quando perguntados se consideram Mossoró uma cidade perigosa, 92% da amostra respondeu afirmativamente, mesmo os que não foram vítimas de violência. Esse dado também independe do grupo pesquisado, ou seja, está presente em todos os bairros, faixas etárias e faixas de renda. Dos 49,5% dos respondentes que afirmaram ter sofrido furto ou roubo, o percentual mais expressivo demonstra que as vítimas foram alvo desta violência no entorno de onde residem, no seu bairro de moradia (33,1%) ou até mesmo em suas próprias residências (31%) (Tabela 10). Destes respondentes, especificamente, somente 6,34% gostariam de mudar de bairro e 14,08% gostariam de mudar o tipo de moradia para espaços residenciais fechados.

Levando em consideração o que foi dito pelo presidente do Sinduscon, foi essa sensação de insegurança um dos componentes que possibilitou o aquecimento do mercado em relação à construção de residenciais fechados em Mossoró. Entende-se que faz essa mudança quem tem acesso a crédito para financiamento de imóveis. Há ainda outros fatores que são levados em consideração para os que optam por não mudar, além das condições financeiras, tais como: as relações de vizinhança e os hábitos cotidianos que estabelecem por meio de relação de pertencimento ao local. Isso vai para além do sentimento de insegurança que dizem ter em relação à cidade.

Apesar de a insegurança ter sido uma característica lembrada em relação ao centro da cidade, como poderá ser verificado posteriormente no Quadro 6, observa-se que em relação às demais localidades presentes na Tabela 10, o percentual do centro não é o mais significativo.

⁸⁵ Disponível em: <<http://www.passandonahora.com.br>; ocamera.com.br; www.ocamera2.com.br; <http://www.ocamera3.blogspot.com>; www.nasgarrasdapolicia.com.br>

Tabela 9 – Mossoró/RN. Insegurança urbana em Mossoró na opinião dos respondentes, por agrupamento de bairros, 2013.

Variável	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Sofreu algum furto ou roubo do ano de 2006 até hoje:					
Sim	46,7	46,2	53,0	47,2	49,5
Não	53,3	46,2	47,0	52,8	50,2
Não respondeu	-	7,7	-	-	0,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Considera Mossoró uma cidade perigosa:					
Sim	93,3	92,3	92,2	91,7	92,0
Não	-	7,7	6,1	4,2	4,9
Mais ou menos	-	-	1,7	2,8	2,1
Não respondeu	6,7	-	-	1,4	1,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 10 - Mossoró/RN. Localidade na cidade onde os respondentes foram vítimas de furto ou roubo, por agrupamento de bairros, 2013.

Local ¹	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Bairro de moradia	71,4	33,3	36,1	26,5	33,1
Residência	14,3	33,3	31,1	32,4	31,0
Outras áreas da cidade	-	16,7	13,1	19,1	15,5
Centro	14,3	-	9,8	17,6	13,4
Local de trabalho	-	-	6,6	2,9	4,9
Trânsito	-	16,7	-	1,5	1,4
Não respondeu	-	-	4,9	4,4	4,2

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

¹ Informações de múltiplas respostas, ultrapassa 100%.

Obs.: Localidade na cidade onde os 49,5% dos respondentes da Tabela 9 sofreram furto ou roubo. O percentual relacionado à categoria “outras áreas da cidade”, significa que as pessoas foram vitimadas em bairros que não sejam os de sua moradia, centro tradicional ou local de trabalho.

Os motivos pelos quais os inquiridos consideram Mossoró uma cidade perigosa podem ser conferidos na Tabela 11. Assaltos (69,3%) e homicídios (30,4%) foram os motivos mais citados. Ausência de segurança pública (8,1%) e ausência de investimento na educação (0,7%) também foram apontadas como fatores que repercutem nesses índices de criminalidade e estão associados ao domínio do poder

público. O consumo de drogas (5,2%), mesmo que em menor percentual, foi igualmente mencionado pelos questionados, especialmente relacionado à rivalidade de gangues. Esse é um aspecto que aparece na mídia relacionado à principal causa dos homicídios que ocorrem na cidade.

Em matéria publicada no Jornal O Mossoroense (2013):

O delegado Denys Carvalho da Ponte, titular da Delegacia Regional de Polícia Civil de Mossoró, considera essa crescência na violência, sendo devida, entre outros fatores, ao tráfico de drogas. ‘A droga tem sido motivo de muitas mortes em Mossoró. Se formos analisar friamente os motivos dos crimes, mais da metade está direta ou indiretamente ligado aos entorpecentes’, destacou o delegado.

As declarações de Denys Carvalho são respaldadas no trabalho desenvolvido pela equipe do delegado Roberto Moura, titular da Delegacia Especializada em Homicídios (DEHOM), responsável exclusivamente por investigar os crimes. As mortes já elucidadas por Roberto Moura e sua equipe apontam que, na maioria dos casos, a droga desponta como principal motivo dos homicídios. ‘É um problema muito sério a presença da droga na sociedade, não só de Mossoró, mas em todo o Brasil. Para ter acesso à droga o sujeito mata, rouba, furta, sequestra, engana, dá calote. Aí termina em morte, pois o traficante costuma cobrar suas dívidas, matando o desafeto’, disse Roberto Moura.

Outro item citado pelos respondentes foi a “restrição da liberdade”, que se trata da liberdade que as pessoas deixam de ter para realizarem ações corriqueiras do cotidiano, como o uso das calçadas residenciais, nos finais de tarde, para o convívio familiar e com a vizinhança, ou ainda, passar a restringir os horários de chegada e saída de suas casas nos períodos do dia ou da noite nos quais há um fluxo menor de pessoas, pois a pouca movimentação pode suscitar ações de violência com menores riscos de reação.

Por esse motivo, os dados estão associados a outro fator mencionado, o “aspecto temporal”, que diz respeito a outro tempo em que as pessoas viveram na cidade, quando não sentiam medo da criminalidade e não precisavam restringir a sua liberdade de ir e vir. Tal restrição, inspirada na violência, condiciona práticas espaciais de proteção frente aos perigos, à insegurança crescente da cidade, sendo uma delas direcionada ao sentido do habitar. No espaço urbano, isso se materializa na tendência à valorização e à multiplicação de espaços residenciais fechados, o que representa para a cidade, mais uma expressão de fragmentação do seu espaço.

Ainda na Tabela 11, a categoria “Outros” (8,4%) está associada às respostas que foram citadas de forma menos significativa, mas que juntas expressam um percentual que requer explicação por ser representativo na tabela. Em “Outros”

foram agregados: sequestro, acidentes, armas de fogo/tiroteio, referência a crimes sexuais, aumento da violência após o estabelecimento do presídio federal na cidade, e referência à localização – alguns locais/bairros são mais perigosos que outros na cidade.

A Tabela 12 corresponde aos 4,9% que não consideram Mossoró uma cidade perigosa. Destes, somente a metade citou o motivo. Foram os mais mencionados a ‘tranquilidade relativa’ (que a cidade não é nem perigosa nem pacata), a ‘ausência de ocorrências’ e a ‘referência à localização’, que já foi justificada no parágrafo anterior.

Tabela 11 – Mossoró/RN. Motivos dos respondentes considerarem Mossoró uma cidade perigosa, por agrupamento de bairros, 2013.

Motivo ¹	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Assaltos	57,1	83,3	63,9	69,9	69,3
Homicídios	35,7	50,0	25,0	32,4	30,4
Ausência de segurança pública	7,1	-	10,2	7,4	8,1
Consumo de drogas	-	8,3	4,6	5,9	5,2
Restrição da liberdade	7,1	-	2,8	0,7	1,9
Outras manifestações de violência	14,3	-	0,9	0,7	1,5
Aspecto temporal	-	-	1,9	-	0,7
Ausência de investimento na educação	-	-	0,9	0,7	0,7
Favelização	-	-	1,9	-	0,7
Outros	21,4	-	8,3	5,9	7,4
Não respondeu	-	-	1,9	1,5	1,5

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

¹Informações de múltiplas respostas, ultrapassam 100%.

Tabela 12 - Mossoró/RN. Motivos dos respondentes não considerarem Mossoró uma cidade perigosa, por agrupamento de bairros, 2013.

Local	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
Tranquilidade relativa	--	100,0	--	50,0	28,60
Ausência de ocorrências	--	--	14,3	16,7	14,30
Referência a localização	--	--	--	16,7	7,10
Não respondeu	--	--	85,7	16,7	50,0
Total	--	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

4.3.2 Centro tradicional

Neste ponto, trataremos dos dados da pesquisa que dizem respeito ao centro tradicional da cidade de Mossoró, sua frequência e características associadas a esse espaço. Faz-se necessário compreender se esse espaço habitual de consumo sofre declínio com o estabelecimento de novas áreas que expressam centralidade.

A análise dos dados empreendidos pelo trabalho de campo denota que a população de Mossoró, independente do bairro de moradia e da faixa de renda, frequenta o centro da cidade, 98,3%, como pode ser visto na Tabela 13. Os motivos mais citados para essa frequência tão significativa em termos percentuais foram: compras e serviços, seguidos de longe por trabalho e lazer (Tabela 14).

Tabela 13 – Mossoró/RN. Frequência da família do respondente ao centro da cidade, por agrupamento de bairros, 2013.

Resposta	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Sim	93,3	100,0	97,4	99,3	98,3
Não	6,7	-	2,6	0,7	1,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 14 - Mossoró/RN. Objetivos da frequência da família do respondente ao centro da cidade, por agrupamento de bairros, 2013.

Motivo ¹	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Compras	73,3	84,6	84,3	86,1	84,7
Serviços	53,3	-	60,9	49,3	57,5
Trabalho	33,3	7,7	18,3	21,5	20,2
Lazer	6,7	15,4	13,0	13,9	13,2
Alimentação	13,3	-	0,9	3,5	2,8
Médicos/hospitais	-	-	1,7	1,4	1,4
Pagamentos	-	-	0,9	2,1	1,4
Outros	13,3	7,7	-	2,8	2,4
Não respondeu	-	-	-	0,7	0,3

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

¹Informações de múltiplas respostas, ultrapassam 100%.

Mesmo com a implantação do *shopping center* na cidade, o centro continua sendo o espaço de consumo da maioria dos habitantes. Como se pode observar mais adiante, na Tabela 21, a motivação dos respondentes para a frequência ao *shopping center* é bem dividida entre consumo e lazer. No caso do centro da cidade, a motivação é, sobremaneira, o consumo e a prestação de serviços ofertados no local.

A pesquisa por nós empreendida nos permite inferir que alguns fatores contribuem para isso, tais como a localização do centro ser de fácil acesso; a tradição/o hábito estabelecidos, pois as pessoas estão acostumadas a consumir no centro da cidade e em algumas lojas; além disso, somente no centro são ofertados alguns serviços, a exemplo dos cartórios e algumas agências bancárias, o que propicia que os consumidores, estando no local, realizem outras atividades, inclusive compras.

Algumas dessas afirmações são expressas na Tabela 15, com os percentuais bem equilibrados entre os quatro grupos definidos. Quando perguntados por que acham que todos os moradores frequentam o centro de Mossoró, as respostas mais citadas foram a “exclusividade/variedade de serviços”; espaço que detém uma “concentração de lojas e produtos” e “onde se resolve tudo”, fazendo menção às atividades que podem ser realizadas no centro em relação ao consumo de bens e de serviços, inclusive públicos. (Tabela 16). Observa-se que a maior parte dos órgãos da prefeitura também está localizada no centro.

Tabela 15 - Mossoró/RN. O respondente considera que o centro da cidade é um local frequentado por todos os moradores de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.

Resposta	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Sim	86,7	84,6	87,8	95,1	91,3
Não	13,3	15,4	12,2	4,9	8,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 16 - Mossoró/RN. Motivos enunciados pelos respondentes para o centro da cidade ser um local frequentado por todos os moradores, por agrupamento de bairros, 2013.

Motivo ¹	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Exclusividade/variedade de serviços	33,3	46,2	52,2	51,4	50,5
Concentração de lojas e produtos	40,0	46,2	54,8	47,9	50,2
Onde se resolve tudo	20,0	23,1	21,7	29,9	25,8
Fácil acesso	-	7,7	6,1	5,6	5,6
Consumo	6,7	-	4,3	2,1	3,1
Local de trabalho	-	-	2,6	2,1	2,1
Frequência/perfil dos usuários	6,7	-	1,7	1,4	1,7
Fluxo de pessoas	6,7	-	1,7	0,7	1,4
Tradição/hábito	-	-	3,5	-	1,4
Outros	6,7	15,4	3,5	2,8	3,8
Não sabe/não respondeu	6,7	7,7	-	2,1	3,1

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

¹Informações de múltiplas respostas, ultrapassam 100%.

Os respondentes (8,7%), que afirmaram que nem todos os moradores frequentam o centro de Mossoró, apontam como principais argumentos o difícil acesso ao local (36%); pessoas que não vão ao centro por apresentarem alguma restrição de locomoção, tais como idosos e cadeirantes (20%); a descentralização do comércio (16%); e a falta de condições financeiras (12%) (Tabela 17).

Tabela 17 - Mossoró/RN. Motivos enunciados pelos respondentes para o centro da cidade não ser um local frequentado por todos os moradores, por agrupamento de bairros, 2013.

Motivo	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Difícil acesso	-	50,0	35,7	42,9	36,0
Pessoas que não vão ao centro	-	-	35,7	-	20,0
Descentralização do comércio	100,0	-	7,1	14,3	16,0
Falta de condições financeiras	-	-	7,1	28,6	12,0
Violência	-	-	-	14,3	4,0
Não sabe/Não respondeu	-	50,0	14,3	-	12,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

O difícil acesso pode estar associado ao estacionamento e ao trânsito, que foram duas características lembradas de forma recorrente, no que diz respeito àquele espaço e, ainda, ao transporte coletivo, pois alguns bairros e localidades na cidade não têm acesso a ele, ou tem, mas de forma insuficiente, como pode ser lido na matéria do Jornal O Mossoroense (2015a):

Mais de quatro anos após a aprovação do Plano de Mobilidade Urbana de Mossoró (PMUM), o município está ainda muito aquém de cumprir as projeções para o ano de 2015. Ao contrário do que previa o Plano, a cidade chegou a apresentar piora em relação à disponibilidade de ônibus e linhas após a redução da atuação da empresa Cidade do Sol. Hoje, os mossoroenses dispõem de somente 18 ônibus, o que equivale a 37,5% dos 48 veículos propostos para este ano.

De acordo com a Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana (Semob), atualmente há nove linhas em circulação na cidade, deixando muitas áreas sem o serviço de transporte público, sobretudo as periferias. No PMUM, o cenário proposto para o ano de 2015 era de que houvesse 17 linhas em circulação, incluindo rotas como a Universitária e via *Shopping*. [...]

Na contramão do que previa o Plano e da crescente população urbana, o número de linhas e ônibus da cidade foi reduzido sem que houvesse qualquer consulta à população, penalidade imposta à Cidade do Sol. O motivo da falta de controle da Prefeitura Municipal de Mossoró (PMM) em relação ao transporte público na cidade se deve ao fato de não haver contrato formalizado com nenhuma das empresas que atuam no município.

A PMM chegou a lançar duas licitações para contratação de empresas de transportes para atuarem na cidade. No entanto, em ambos os processos, nenhuma companhia demonstrou interesse em circular no município. Hoje, a administração prepara uma terceira licitação, que deve ser lançada em agosto deste ano. [...].

Apesar dos motivos apontados pelos respondentes, que dificultam a frequência da população ao centro tradicional, 93,7% considera que é um local de consumo de todas as classes sociais, e que isso se confirma pelas características das pessoas que

são vistas circulando no local (Tabela 18).

O teste exato de Fisher analisa se duas variáveis se comportam de maneira semelhante e se possui dependência entre elas. Neste caso, existe relação entre as afirmações testadas (Tabela 19), podendo inferir-se que o centro é um local de consumo de pobres e ricos, que é visto como um espaço onde todos podem ter acesso, pois as famílias dos respondentes, independente de faixa de renda, frequentam o centro da cidade e costumam identificar usuários que, a seu ver, pertencem a todas as classes sociais.

Tabela 18 - Mossoró/RN. O respondente considera que o centro da cidade é um local de consumo de pobres e ricos, por agrupamento de bairros, 2013.

Variável	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Local de consumo de pobres e ricos					
Sim	86,7	100,0	91,3	95,8	93,7
Não	6,7	-	8,7	3,5	5,6
Não respondeu	6,7	-	-	0,7	0,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Costuma vê-los por lá?					
Sim	100,0	100,0	97,1	99,3	98,5
Não	-	-	2,9	0,7	1,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 19 - Mossoró/RN. Relação das variáveis acerca da frequência do centro pelo Teste Exato de Fisher, 2013.

Local de consumo de pobres e ricos	Frequenta o Centro		Valor de p ¹
	Sim	Não	
Sim	93,3%	1,1%	0,207
Não	5,3%	0,4%	0,207

¹ Teste Exato de Fisher. Existe relação entre as afirmações.

A partir de evocação feita aos respondentes sobre quais características os mesmos associavam ao centro, de imediato, identificam-se algumas características que aparecem nos quatro grupos: clima, estacionamento, trânsito, insegurança, pagamentos/recebimentos e consumo (Quadro 6).

O clima está associado à temperatura elevada, que já é característica da própria cidade. “[...] o município de Mossoró apresenta clima quente e seco durante todo o ano, situação que é assinalada por estar sob influência do clima tropical semiárido da região Nordeste do Brasil e pela proximidade da linha do Equador” (GRIGIO; DIODATO, 2011).

Em pesquisa publicada sobre o clima urbano de Mossoró, onde as coletas de dados de temperatura foram realizadas em seis horários distintos e em 14 pontos, dentre os quais três localizados no centro da cidade, registraram as maiores temperaturas em quatro horários. Os autores associam o resultado a alguns fatores específicos.

Segundo Saraiva, Vale e Grigio (2011):

Os pontos P 12, P 13 e P 14, são praças localizadas no centro da cidade, construída com matérias como concreto, cerâmicas e granito, com pouca vegetação e cercadas por ruas asfaltadas e por construções circunvizinhas com mais de três andares, com grande fluxo de pessoas e veículos automotores (motocicletas e automóveis) no período diurno. [...] Na região semi-árida, essa configuração torna-se ainda mais acentuada, pois a grande incidência de radiação solar provoca em suas cidades temperaturas bastante elevadas. [...] [outro elemento que influencia são] os modelos de construção empregados nessa cidade, principalmente pelo poder público, que utiliza materiais de alto padrão de beleza, como granito, mármore e cerâmica em obras, mas que não condizem com as características climáticas do semi-árido.

O estacionamento, outro dado mencionado na pesquisa, é um ponto crítico, o que influencia no trânsito, pois os condutores de veículos, como não encontram vagas para estacionar, ficam dando voltas no entorno do centro, o que aumenta o fluxo de veículos. O problema não é recente e as alternativas começam a surgir. Ao caminhar no centro, percebe-se que algumas residências estão sendo demolidas para dar lugar a estacionamentos privados. O assunto foi matéria do Jornal de Fato (2014c):

Os flanelinhas são, há muito, os ‘donos’ das vagas de estacionamento do Centro de Mossoró, mas ganharam, em anos recentes, uma concorrência de peso: os estabelecimentos privados na área. Apesar de cobrar caro pelo serviço, esse tipo de mercado cresce a passos largos, apoiado na precária infraestrutura do município.

A matéria identifica, pelo menos, quatro empreendimentos deste tipo e traz a satisfação de alguns usuários por não ter que passar de 10 a 20 minutos procurando uma vaga para estacionar. Relatam também a insatisfação de outros usuários pelo

preço que se paga para se ter maior comodidade. Destarte, uma ação que já era esperada por parte da Prefeitura há algum tempo, com o intuito de atenuar essa questão, ocorreu no dia 11 de fevereiro de 2014, como relata a matéria do Jornal Gazeta do Oeste (2014b):

Entra em vigor hoje a medida do Poder Executivo Municipal que põe fim aos estacionamentos oficiais no Centro de Mossoró. O estacionamento dos servidores públicos da Câmara Municipal de Mossoró, Promotorias e Secretaria da Fazenda, por exemplo, passarão a se tornar hoje estacionamento comum. Ao todo serão geradas 84 novas vagas no Centro da cidade. Segundo o subsecretário de Trânsito e Transporte, Charlejandro Marcelino [...] ‘Um dos objetivos é amenizar o problema relacionado à falta de estacionamentos no Centro de Mossoró e contribuir para a melhoria do trânsito na localidade, sendo este um dos principais resultados’.

Como se pode verificar, não por acaso, o estacionamento e o trânsito são características mencionadas em relação ao espaço do centro tradicional de Mossoró, e é um fator que dificulta o acesso dos usuários que se deslocam em veículos individuais ao local. Em referência às características mais citadas pelos respondentes, alguns fatores são preponderantes na constituição desta representação. O centro tradicional agrega agências de todas as instituições financeiras existentes em Mossoró. Além dessas, existem agências lotéricas, por isso, é compreensível que as pessoas lembrem-se de “recebimentos e pagamentos” neste local. Além disso, algumas lojas possuem formas de financiamento próprio, nas quais os clientes têm que se dirigir a uma loja física para efetuar a quitação de suas dívidas.

Outro aspecto mencionado diz respeito à insegurança. Como já foi discutido, há uma sensação de medo e insegurança urbana em relação a todos os espaços e não é diferente em relação ao centro. Em um momento da aplicação do formulário era perguntado um local que o respondente considerasse seguro na cidade e a resposta mais recorrente foi “nenhum”.

No tocante ao centro, algumas pessoas afirmavam que “quando pensavam no centro, lembravam logo de assalto”. Era perceptível o receio destas pessoas às abordagens que causem prejuízo ou violência no local, embora, em observação assistemática *in loco*, não se tenha percebido ocorrências ou atitudes dos usuários no intuito de se protegerem de assaltos. A atitude mais recorrente verifica-se em pessoas do sexo feminino, que caminham segurando suas bolsas à frente do seu corpo.

Segundo os dados dos formulários, 13,4% das pessoas que sofreram violência foram vítimas no centro da cidade. Levando em consideração os dados da pesquisa,

como parâmetro, percebe-se que o índice de ocorrências no centro não é relevante a ponto de determinar sua associação a um local inseguro. Destarte, alguns respondentes consideram o centro um local seguro, característica que apareceu nos grupos 1 e 4, demonstrando a diversidade de opiniões, mesmo em grupos distintos na localização e faixa de renda.

Quadro 6 - Mossoró/RN. Características mais lembradas acerca do centro da cidade, por agrupamento de bairros, 2013.

Grupos	Características	Grupos	Características
GRUPO 1	- Atendimento / consumo - Clima - Estacionamento - Fluxo de pessoas - Insegurança - Pagamentos/recebimentos - Prédios/espacos de uso público - Segurança - Trânsito	GRUPO 2	- Clima - Concentração de comércio e serviços - Consumo - Estacionamento - Insegurança - Lazer - Pagamentos/recebimentos - Sensação de desordem/descuido - Trânsito
GRUPO 3	- Atendimento - Clima - Concentração de comércio e serviços - Consumo - Estacionamento - Expansão do Centro - Fluxo de pessoas - Insegurança - Lazer - Local de trabalho - Pagamentos/recebimentos - Pontos turísticos - Prédios/espacos de uso público - Restrição de fluxo - Sensação de bem-estar - Sensação de desordem/descuido - Trânsito - Transporte público - Vendedores ambulantes	GRUPO 4	- Alimentação - Clima - Concentração de comércio e serviços - Consumo - Difícil acesso - Estacionamento - Fluxo de pessoas - Insegurança - Lazer - Local de trabalho - Pagamentos/recebimentos - Prédios/espacos de uso público - Restrição de fluxo - Segurança - Sensação de bem-estar - Sensação de desordem/descuido - Trânsito - Transporte público

Fonte: Dados da pesquisa.

Algumas características aparecem simultaneamente nos grupos 1, 3 e 4, tal como o “fluxo de pessoas”. Esses grupos fazem menção ao número elevado de pessoas indo e vindo, filas e aglomerações, assim como se refere à categoria “prédios/espços de uso público”, em que foram citados a catedral, os espços do Corredor Cultural e o mercado público (Quadro 6).

Nos grupos 2, 3 e 4, os respondentes apontaram como atributo do centro a “sensação de desordem/descuido”, dando destaque ao ruído, à desorganização, ao desconforto, à sujeira e ao estresse; bem como à “concentração de comércio e de serviços” e ao “lazer”. Percebe-se, nessa questão, que as características, em sua maioria, parecem não depender da localização dos bairros ou da faixa de renda, pois as que já foram comentadas apareceram em todos os agrupamentos ou, no mínimo, em três deles. O que se pode inferir é que alguns atributos do centro são pertinentes a todos os usuários, como clima, pagamentos/recebimentos, consumo, dentre outros.

Outros atributos, entretanto, podem ter relação com os agrupamentos, tal como “difícil acesso”, que foi citado apenas no Grupo 4, e pode ser justificado porque esses são os bairros mais afastados do centro. O “transporte público” e o “local de trabalho” foram mencionados nos grupos 3 e 4 que, pela faixa de renda, devem ser compostos pelas pessoas que mais utilizam o transporte coletivo e, possivelmente, trabalhem no comércio ou em outras atividades às quais mantêm suas sedes no centro da cidade.

Essa e outras perguntas do formulário se mostraram instigantes por não estarem delineadas no entendimento prévio dos respondentes. Em muitos casos, foi necessário reformular a questão para obter algum retorno. Devido a isso, em alguns questionamentos, tal como sobre as características do centro, acredita-se na possibilidade de que a quantidade de formulários aplicados, com um número maior de pessoas nos grupos 3 e 4, tenha dado origem à menção de um número maior de características nestes agrupamentos, independente da localização dos bairros ou faixa de renda.

Ao verificar-se os dados da pesquisa nas tabelas desta seção, que têm relação com o centro da cidade, observa-se que o espço é identificado pela população como um local de consumo de produtos e de serviços, independente de renda ou classe social. Constata-se isso pelo padrão de respostas majoritárias que surgiram e que estiveram associadas ao consumo, bem como à pouca expressão das respostas do centro como local de lazer, quando o Corredor Cultural de Mossoró, que concentra

número significativo de empreendimentos voltados ao lazer noturno, está localizado nesta porção da cidade.

A Catedral de Santa Luzia também está localizada no centro e, apesar da expressão da santa padroeira para os devotos, o centro não está associado de forma emblemática com o patrimônio material ou imaterial.

Um aspecto que é relevante destacar é a relação que os respondentes fazem do centro com características e com elementos negativos, tais como sujeira, desordem, caos. A mesma associação não aparece para o espaço privado do *shopping center*, como será trabalhado na próxima seção deste capítulo.

Na perspectiva da diferenciação socioespacial, observamos que o centro tradicional assume um importante papel na produção do espaço urbano. Mesmo diante do surgimento de outras centralidades, em Mossoró, sobretudo relacionadas ao comércio, observa-se uma centralidade que expressa permanência no centro tradicional, mantendo-o como importante espaço no contexto urbano. Contudo, se por um lado se consolida como espaço de integração da cidade, para onde convergem os fluxos em razão da concentração de comércio e de serviços, por outro, vem apresentando uma perda de atratividade justificada, dentre outros aspectos, pela insegurança, precariedade ou ausência de estacionamento e sensação de desordem/descuido. Aliada a isso está a emergência de outros espaços de consumo, que dá ao centro tradicional uma característica de diferenciação no âmbito da cidade. Nesse sentido, a diferenciação evidencia-se como expressão da dinâmica do modo de produção capitalista, fazendo uso do espaço no sentido de potencializar a reprodução do capital, engendrando as diferenças socioespaciais, materializadas em diversas formas de valorização e, por extensão, de apropriação do espaço urbano.

4.3.3. Mossoró West Shopping

Quando comparadas as respostas do centro da cidade com as relacionadas ao *shopping center* pôde-se perceber diferenças em como as pessoas apreendem os dois espaços.

As diferenças começam em relação à frequência (Tabela 20), embora seja relevante o percentual das pessoas (70,4%) que afirmaram que as famílias frequentam o *shopping Center*. O índice dos que não frequentam (29,6%) é pelo

menos três vezes maior em relação ao centro (8,7%) e cabe destacar um fato com o qual nos deparamos durante a aplicação dos formulários: alguns respondentes, mesmo dentre os que são usuários do *shopping center*, afirmaram que algum membro da família nunca teria ido ao local.

Tabela 20 - Mossoró/RN. Frequência da família do respondente ao *shopping center* da cidade, por agrupamento de bairros, 2013.

Resposta	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Sim	86,7	76,9	75,7	63,9	70,4
Não	13,3	23,1	24,3	36,1	29,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

As razões que explicam este dado podem começar pela motivação que leva os consumidores ao *shopping* (Tabela 21), porque é visto como um local de consumo, mas do consumo de lazer (82,7%), maior que o consumo de produtos (70,8%). Somente no Grupo 2, os objetivos para a frequência ao *shopping* tiveram a mesma porcentagem para compras e lazer. Nos demais grupos, a maior porcentagem estava sempre relacionada ao lazer.

Tabela 21 - Mossoró/RN. Objetivos da frequência da família do respondente ao *shopping center* da cidade, por agrupamento de bairros, 2013.

Motivo ¹	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Lazer	92,3	80,0	79,3	73,9	82,7
Compras	69,2	80,0	73,6	67,4	70,8
Alimentação	61,5	30,0	29,9	27,2	28,7
Serviços	-	10,0	3,4	5,4	4,5
Não respondeu	-	-	3,4	2,2	2,5

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

¹Informações de múltiplas respostas, ultrapassam 100%.

Na verdade, antes do estabelecimento do *shopping*, eram restritas as opções de lazer, e o único cinema em funcionamento, porque estava em condições inadequadas, havia encerrado suas atividades em janeiro do ano de 2008. Com o seu fechamento, a expectativa estava na abertura das salas do novo *shopping center*, como afirmou o

antigo proprietário do Cine Pax, Luiz Pinto (PEIXOTO, 2008, *on line*):

Com o Cine Pax fechado, Mossoró ficará sem salas de cinema até a inauguração do complexo multiplex, no Mossoró *West Shopping*, ainda sem data prevista para conclusão.

‘O Pax era parte da cultura da cidade. Espero que as novas salas sejam inauguradas logo, para que o público não fique por muito tempo com esta lacuna’, diz Luiz Pinto.

Essa, aliás, não é uma prerrogativa de Mossoró. Segundo Roger Tonidandel, diretor comercial da Tenco *Shopping Centers*, empresa que desenvolve empreendimentos em polos regionais em crescimento no Brasil, responsável pelo gerenciamento do projeto do Mossoró *West Shopping*⁸⁶, essas cidades polos teriam uma demanda reprimida por lazer e entretenimento.

Em matéria no PORTAL PESSOA COMUNICAÇÃO E RELACIONAMENTO (2012, *on line*):

Interiorização é oportunidade de negócio. As vantagens para a região em que o *shopping* está sendo implantado são inúmeras. ‘Primeiramente, o crescimento econômico para a cidade. A chegada de um grande empreendimento, como um *shopping*, gera grandes benefícios para a população, como a geração de empregos, desenvolvimento do comércio, valorização imobiliária, além de atrair novos investimentos. Outro ponto importante, que deve mudar nas cidades, são as novas opções de lazer e gastronomia. Na maioria das vezes, essas médias cidades não possuem diversificadas opções de lazer, como boliche, brinquedos e cinema ou ainda redes de *fast food* e restaurantes. Com o primeiro ou segundo *shopping*, as alternativas são ampliadas, modificando os hábitos de consumo e entretenimento”, explica o diretor comercial.

Como foi apontado na entrevista e pelos dados da pesquisa, o *shopping* foi, de fato, incorporado como uma alternativa de lazer e entretenimento, bem como sendo um local para alimentação, motivação de 28,7% dos respondentes. A praça de alimentação foi constituída inicialmente por empreendimentos locais e regionais, entretanto, com o decorrer do tempo, as redes de *fast food* foram inauguradas. Dentre elas, cita-se Bobs, *Mc Donald’s* e *Subway*, esta última já possuía filial no Corredor Cultural, no centro da cidade e na avenida Francisco Mota, no bairro Alto de São Manoel. Além disso, algumas lojas de departamentos que não existiam na cidade se estabeleceram no *shopping* em Mossoró, a exemplo das Lojas Marisa e Lojas Americanas.

⁸⁶ Atualmente *Partage Shopping Mossoró*.

Observados os percentuais dos agrupamentos, percebe-se que o Grupo 1 apresenta a maior porcentagem de frequência (86,7%), e o Grupo 4, de não-usuários (36,1%) (Tabela 20). Cabe destacar que o Grupo 1 é o de maior faixa de renda e abrange o Nova Betânia, que é o bairro vizinho ao Bela Vista⁸⁷, bairro do *shopping center*. Os bairros do Grupo 4 são bairros com menor faixa de renda e estão distantes do *shopping*.

Uma das razões mais significativas e declaradas para a restrição na frequência foi o difícil acesso (Tabela 24). Os respondentes que mencionaram essa justificativa consideram que os deslocamentos para chegar ao *shopping* são extensos para a maioria da população. Além disso, o transporte coletivo não atende à demanda, dificultando a locomoção para quem não possui veículo próprio. Não apenas a população se ressentia com esta deficiência, mas os empresários do empreendimento e seus funcionários também, pois o transporte coletivo funciona no horário comercial, e o *shopping* tem um horário diferente, o que dificulta o acesso para consumidores e trabalhadores.

[...] o superintendente do Mossoró *West Shopping*, Ferdinando Genduso, procurou a Prefeitura para requisitar mais linhas de ônibus em direção ao seu estabelecimento. Além da perda de clientes, funcionários também reclamam que têm dificuldade de ir trabalhar por causa do problema. ‘Nunca resolveram isso. Às vezes, para não perder o emprego, a gente tem que pagar um absurdo para os moto táxis’, reclama Mércia Elissandra, que trabalha numa das lojas do MWS desde 2011. (FIGUEIREDO, 2014).

Além do difícil acesso (54,2%), outras questões foram citadas pelos respondentes para explicar a limitação da ida ao *shopping*, como a falta de condições financeiras (47,5%) e por ele ser um espaço seletivo (15,8%) (Tabela 22). Nesses dois aspectos, podemos identificar uma questão socioeconômica e um aspecto simbólico, a de que o *shopping* não é um “lugar de todos”, ensejando, sobretudo, a diferenciação socioespacial. Vê-se aqui fortemente evidenciada na perspectiva dos respondentes com relação ao *shopping center*.

⁸⁷ O bairro Bela Vista não foi contemplado na amostra porque quando foi realizado o censo demográfico do IBGE, em 2010, ele ainda não existia. Compreende a região da Universidade Potiguar, o *shopping*, novos condomínios residenciais, hipermercados e flat que ocupam aquela área da cidade.

Tabela 22 - Mossoró/RN. Motivos mencionados pelos respondentes para o *Shopping Center* da cidade não ser um local frequentado por todos os moradores, por agrupamento de bairros, 2013.

Motivo ¹	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Difícil acesso	71,4	50,0	55,7	51,8	54,2
Falta de condições financeiras	57,1	50,0	54,4	40,0	47,5
Espaço seletivo/status	28,6	-	15,2	16,5	15,8
Conhece pessoas que nunca foram	-	-	-	4,7	2,3
Não sabe	-	16,7	3,8	9,4	6,8

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

¹Informações de múltiplas respostas, ultrapassam 100%.

Quando perguntados se a família frequenta o *shopping center* 70,4% afirmaram que sim, no entanto, ao serem questionados se o *shopping* é um local frequentado por todos os moradores de Mossoró, 61,7% da amostra considera que não (Tabela 23). Houve uma resposta bem discrepante em relação ao centro de Mossoró, ou seja, o centro é visto como um espaço de todos, mas o *shopping* somente de uma parcela da população.

Nos grupos 1 e 2, agrupamentos em que os chefes de família auferem maiores rendas, os respondentes consideraram que o *shopping* é um local frequentado por todos. Os grupos 3 e 4, com menores rendas, entendem o contrário e justificam afirmando que conhecem pessoas do seu bairro ou amigos e parentes próximos que nunca foram ao local.

Tabela 23 - Mossoró/RN. O respondente considera que o *shopping center* da cidade é um local frequentado por todos os moradores de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.

Resposta	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Sim	53,3	53,8	20,0	27,8	27,2
Não	46,7	46,2	68,7	59,0	61,7
Não sabe	-	-	8,7	13,2	10,1
Não respondeu	-	-	2,6	-	1,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Para estes respondentes, no *shopping*, todos os serviços são pagos e caros. Paga-se até pelo estacionamento, por isso, nem todos possuem condições de consumo para frequentar o local que, na opinião desses, está destinado aos consumidores do segmento de renda média e alta. Essas colocações estão associadas à outra consideração acerca do *shopping*, a de que é um ambiente seletivo, um ambiente elitizado, onde a aparência das pessoas é diferente, o aspecto do local é mais luxuoso e foi feito para um público específico. Por isso, é considerado também um ambiente intimidante, onde muitos não se sentem à vontade, por considerarem que é um espaço para frequência de ricos e não de pobres. Ou seja, o aspecto “diferenciado” do lugar se impõe no imaginário das pessoas.

Durante a aplicação dos formulários, a fala de muitos nesse aspecto foi contraditória. Esse fato pode ser percebido na Tabela 24, onde 57,8% dos respondentes expressaram que o *shopping* não é um local de consumo de todos. No entanto, quando perguntados se costumam ver pessoas de todos os segmentos de renda frequentando o local, 85,3% afirmam que sim. Somente no Grupo 2, há coerência entre as respostas.

Essa contradição advém do entendimento diferenciado do consumo, tomando o *shopping* como espaço de lazer e como espaço de compras. No que tange aos grupos representados por chefes de família com menor poder aquisitivo, os fatores que limitam o consumo estão relacionados, principalmente, aos seus recursos materiais para consumir os bens e os serviços disponibilizados pelo centro comercial. Embora exista a dificuldade de acesso, com a utilização do transporte coletivo devido à localização do empreendimento, não significa que essas pessoas não frequentem o *shopping*, utilizando-o tão somente como espaço de lazer, com práticas restritas ao passeio, ao encontro com os amigos para momentos de descontração, com ou sem consumos pontuais relativos ao cinema e/ou à praça de alimentação.

Nesse sentido, o consumo do espaço, enquanto equipamento de lazer, pode ser mais generalizado se comparado ao consumo do shopping como espaço de compras, restrito a poucas pessoas com maior poder aquisitivo e, por isso, considerado como espaço de consumo de poucos.

Tabela 24 - Mossoró/RN. O respondente considera que o *shopping center* da cidade é um local de consumo de pobres e ricos, por agrupamento de bairros, 2013.

Variável	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Local de consumo de pobres e ricos					
Sim	40,0	53,8	38,3	36,1	38,0
Não	60,0	46,2	56,5	59,7	57,8
Não respondeu	-	-	5,2	4,2	4,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Costuma vê-los por lá?					
Sim	83,3	71,4	84,1	88,5	85,3
Não	16,7	28,6	11,4	11,5	12,8
Não respondeu	-	-	4,5	-	1,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

O texto de Góes (2013) traz aspectos que podem ser esclarecedores dessas contradições, dos quais aqui se destacam dois: o primeiro diz respeito ao uso do *shopping* pelos segmentos de renda em cidades médias. Segundo o autor:

Do ponto de vista das diferenças socioeconômicas, é importante levar em conta que cidadãos de classe média e alta têm maior mobilidade e podem circular intensamente pela cidade, não necessitando filiar-se a nenhum espaço específico. Contudo, não podemos perder de vista que, em cidades médias, ao mesmo tempo em que as distâncias são mais curtas, as opções são bem mais limitadas. A falta de opções é um dos fatores para que se imponha uma maior mistura social, revelando uma particularidade desse conjunto de cidades ao compará-las com as outras (GÓES, 2013, p.7).

Isso também se dá em Mossoró, pois as opções de lazer são limitadas, a exemplo das salas de cinema da cidade estarem localizadas somente no *shopping*. Assim, se as pessoas não frequentam os mesmos espaços, restam poucas opções para consumo do entretenimento.

Outro aspecto citado no texto de Góes (2013) é a frequência dos jovens nos *shopping centers*, ao mencionar que, em pesquisa desenvolvida com moradores pobres de bairros periféricos das cidades de Presidente Prudente-SP, Marília-SP e São Carlos-SP, a frequência ao *shopping* comparecia nas respostas dos entrevistados. As respostas surgiam quando chefes de família falavam em relação à prática dos seus filhos e, de forma mais destacada, quando os entrevistados eram os próprios jovens.

Em Mossoró, algumas respostas características dos questionados jovens em relação à frequência de moradores, de todos os segmentos de renda, ao *shopping* foram que: “pobre vai a todo lugar” ou “pobre também vai, porque pobre é ‘bicho metido’, vai a todo lugar, eu, por exemplo, sou pobre e vou”.

O aspecto da faixa etária e a adesão aos novos espaços das cidades são analisados por Góes (2013, p.7), realidade que se entende ocorrer também em Mossoró:

Do ponto de vista etário, na dimensão do consumo do espaço urbano, é possível argumentar, por um lado, que as juventudes correspondem a sujeitos sociais, cuja pouca profundidade do horizonte temporal os coloca numa sintonia mais fina com as imposições do presente. Enquanto para as gerações mais velhas, o processo de reestruturação da cidade é acompanhado, muitas vezes, de critérios como perdas, ganhos, progressos, para as juventudes, a cidade transformada é seu ambiente natural. É nela que elas tecem suas redes de sociabilidade (as quais se materializam nos espaços que lhes são disponíveis), numa fase de vida em que “ganhar a cidade” se impõe para além dos trajetos e projetos de suas famílias.

No entanto, nem todos os respondentes entendem que o *shopping* não é um lugar onde pode ser vista a frequência de todos. Dos 27,2% (Tabela 23) que expressaram essa compreensão, 23,1% (Tabela 25) declararam que percebem isso pelo perfil dos usuários. Em seu entendimento eles conseguem distinguir pobres e ricos no espaço e afirmam que todas as classes podem frequentar, pois existem produtos mais populares e, além disso, as pessoas não são “obrigadas” a consumir. Novamente o local está mais associado ao consumo de lazer do que de produtos e de serviços, pois 32,1% fazem a relação da frequência ao local com atividades lúdicas, enquanto apenas 7,7% ao consumo; ser o único *shopping center* da cidade é a justificativa de 11,5% dos respondentes, que afirmam que a frequência ocorre por não ter outros espaços com as mesmas características em Mossoró, sendo a opção disponível para a população ter acesso a alguns produtos e serviços que estão localizados apenas neste local (Tabela 25).

Tabela 25 - Mossoró/RN. Motivos mencionados pelos respondentes para o *shopping center* da cidade ser um local frequentado por todos os moradores, por agrupamento de bairros, 2013.

Motivo ¹	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Espaço de lazer	25,0	14,3	34,8	35,0	32,1
Frequência/perfil dos usuários	12,5	-	39,1	20,0	23,1
Único <i>shopping</i> na cidade	12,5	28,6	8,7	7,5	11,5
Consumo	-	14,3	4,3	10,0	7,7
Diversidade	12,5	14,3	-	7,5	6,4
Não sabe	25,0	14,3	-	5,0	6,4
Local público	-	-	4,3	7,5	5,1
Fácil acesso	-	-	8,7	2,5	3,8
Fluxo de pessoas	-	14,3	4,3	-	2,6
Outros	12,5	14,3	4,3	7,5	7,7

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

¹Informações de múltiplas respostas, ultrapassam 100%.

Tabela 26 - Mossoró/RN. Relação das variáveis acerca da frequência do *shopping center* da cidade pelo Teste Exato de Fisher, 2013.

Local de consumo de pobres e ricos	Frequenta o <i>Shopping</i>		Valor de p ¹
	Sim	Não	
Sim	33,5%	6,2%	< 0,01
Não	38,5%	21,8%	

¹ Teste Exato de Fisher. Não existe relação entre as afirmações.

Quanto à análise das variáveis realizadas pelo teste exato de Fisher (Tabela 26), neste caso, diferente do centro da cidade, não existe relação entre as afirmações, ou seja, as variáveis não se comportam de maneira semelhante e não possuem dependência entre as mesmas. No caso, pode-se inferir que o *Partage Shopping Mossoró* não é visto como um local que é frequentado por todos, pelos motivos que já foram expostos nesta seção. Se considerarmos, porém, que a amostra é constituída por respondentes que estão associados a todas as faixas de renda do formulário, isto é, que estão classificadas desde sem rendimento até acima de 20 salários mínimos, a maioria declarou ser usuário do *shopping*, sendo pobre ou rico.

Com isso, o *shopping* deveria ser, igualmente considerado um local para habitantes de todos os segmentos de renda, entretanto, não é essa a representação associada ao espaço que está no imaginário coletivo dos questionados, que o

percebem como um ambiente excludente ou, no mínimo, segmentado desde o acesso ao consumo de bens e serviços.

Os respondentes de todos os agrupamentos de bairros identificam o *shopping* com algumas características que podem ser verificadas no Quadro 7. Algumas já foram citadas nesta seção e estão relacionadas às motivações de o *shopping* ser ou não frequentado por todas as pessoas, tais como “consumo”, “espaço seletivo/*status*”, “preços elevados” e “lazer”. Dentre esses argumentos que foram mencionados por todos os agrupamentos, destaca-se, com uma conotação negativa, o do “estacionamento”, por ele ser pago.

Outros atributos citados relacionam o espaço a um local agradável, que proporciona “sensação de bem-estar”, “segurança” – neste ponto foi comum haver uma comparação com o centro da cidade –, “comodidade” e “diversidade de lojas e produtos”. Essa sensação de comodidade e segurança está associada ao controle que é exercido no espaço coletivo e gerenciado pela iniciativa privada, diferentemente das respostas emitidas em relação ao espaço público, que é gerenciado pelo Estado.

Góes (2013, p.9) afirma que “grande parte do sucesso dos *shopping centers* se deve à capacidade de exercer um férreo controle sobre seus espaços, frequentadores..., sem que isso se evidencie, ou seja, mantendo-se a ilusão de independência e liberdade”.

Alguns aspectos foram apontados por pelo menos três grupos, como: “alimentação” (em referência à praça de alimentação e à qualidade, à diversidade e ao valor dos itens comercializados); “clima” (ambiente climatizado, neste ponto também eram recorrentes as comparações com o centro); “fluxo de pessoas” (intenso) e “aspecto estético e estrutural” (os respondentes julgaram a beleza e a estrutura do local).

A característica acerca do difícil acesso foi mencionada em todos os grupos, com exceção do Grupo 1, que apresenta a maior faixa de renda e onde 86,7% dos respondentes se locomovem de carro próprio⁸⁸. Além disso, o aspecto “atendimento” foi mencionado pelos grupos 3 e 4, menores faixas de rendas dos agrupamentos, julgando-o bom ou ruim. Salienta-se que, apesar de os dados da pesquisa apresentarem o *shopping* consoante a um ambiente elitista, o atendimento no mesmo não foi citado como melhor ou pior em função da “aparência do cliente”, como foi

⁸⁸ Tabela 4.

revelado no centro.

O que pôde ser observado de forma geral, durante a aplicação dos formulários, foi que, embora o *shopping* seja um espaço elitizado, e de alguma forma “intimidante”, isso não está expresso nas falas dos respondentes. Apesar disso, o sentido dessas falas representam que os inquiridos compreendem que o local é um espaço privado e possui uma racionalidade diferente da do centro, que é um espaço público nas áreas de circulação.

A racionalidade do privado atribui aspectos negativos e positivos, mas, se comparados aos atribuídos ao centro, a conotação dos atributos do *shopping* é mais positiva e a do centro, mais negativa. Mesmo com as críticas expressas nas respostas, o espaço da elite é melhor avaliado do que o centro de Mossoró, que é apresentado na interpretação dos dados como um “espaço de todos”.

Essa valorização do *shopping* em relação ao centro pode ser entendida como mais uma expressão da apropriação desigual do espaço, imbuída de representações de conforto, comodidade e segurança. A preferência material e simbólica pelo espaço privado em detrimento do espaço público, que é compreendido como o espaço da ausência/deficiência de amenidades, é proporcionada pelo shopping e se apresenta como um indício que denota a diferenciação socioespacial, produzida historicamente. Isso se evidencia nas duas últimas décadas com mais vigor, tomando como referência os novos usos do espaço urbano.

Quadro 7 - Mossoró/RN. Características mais lembradas acerca do *shopping center* da cidade, por agrupamento de bairros, 2013.

Grupos	Características	Grupos	Características
GRUPO 1	- Alimentação - Consumo - Clima - Comodidade - Diversidade de lojas e produtos - Espaço seletivo/status - Estacionamento - Fluxo de pessoas - Lazer - Preços elevados - Referência a produtos - Referência a tamanho/organização - Segurança - Sensação de bem-estar	GRUPO 2	- Aspecto estético e estrutural - Comodidade - Consumo - Difícil acesso - Diversidade de lojas e produtos - Espaço seletivo/status - Estacionamento - Fácil acesso - Insegurança - Lazer - Preços elevados - Segurança - Sensação de bem-estar
GRUPO 3	- Alimentação - Aspecto estético e estrutural - Atendimento - Consumo - Comodidade - Clima - Difícil acesso - Diversidade de lojas e produtos - Espaço seletivo/status - Estacionamento - Fácil acesso - Fluxo de pessoas - Lazer - Poluição sonora - Preços elevados - Referência a produtos - Referência a tamanho/organização - Segurança - Sensação de bem-estar	GRUPO 4	- Alimentação - Aspecto estético e estrutural - Atendimento - Consumo - Comodidade - Clima - Difícil acesso - Diversidade de lojas e produtos - Espaço seletivo/status - Estacionamento - Fácil acesso - Fluxo de pessoas - Lazer - Preços elevados - Segurança - Sensação de bem-estar

Fonte: Dados da pesquisa.

4.3.4. Avenida Rio Branco/Corredor Cultural de Mossoró

A Avenida Rio Branco compreende o Corredor Cultural de Mossoró, que é constituído por praças, museu, parque e teatro. O estabelecimento desses equipamentos naquela área originou mudanças no entorno, mudança nos usos, aumento do comércio de produtos e de serviços e valorização imobiliária.

As intervenções em centros urbanos costumam ser permeadas por um apelo à adoção dos projetos pelos habitantes, o que alguns autores chamam de sentimento de pertencimento. Esta demanda e a dos empreendedores precisam ser conquistadas para diversos usos, pois são essas funções, novas e antigas, que dão “vida” e visibilidade ao local e aos agentes produtores daquele espaço.

A importância da participação popular pode ser verificada nas citações de Sánchez (2001) e Vaz e Silveira (2009).

Para Sánchez (2001, p.41):

A participação dos cidadãos, o sentido de pertencimento à cidade, a adesão aos novos projetos ou aos serviços oferecidos, o elevado grau de aceitação e de aprovação pública dos “projetos de cidade” e, principalmente, a aparente unanimidade que alguns projetos têm alcançado são elementos reiteradamente apresentados pelos governos municipais[...] para mostrar o êxito de seus projetos.

Por conseguinte, Vaz e Silveira (2009), argumentando acerca da criação de distritos culturais ou de entretenimento⁸⁹, destacam que as características desse tipo de intervenção urbana contêm os mesmos princípios que são pertinentes aos projetos urbanos, sobretudo aos que são intermediados pela cultura. Nesta descrição, o sentimento de pertencimento também foi considerado.

De acordo com Wansborough e Maggeean, (2000 *apud* VAZ; SILVEIRA, 2009, p.96):

[...] a localização central, de maior acessibilidade; as ofertas culturais, tanto em termos de consumo quanto de produção (estúdios, escolas, centros culturais, etc.); e os usos mistos (que permitem diversidade econômica, conferem escala humana e contribuem para o sentimento de pertencimento da população), incluindo-se o residencial (que garante a presença de pessoas 24 horas por dia).

⁸⁹ “[...] área espacialmente distinta e limitada que contém alta concentração de ofertas culturais” (WANSBOROUGH; MAGGEEAN, 2000 *apud* VAZ E SILVEIRA, 2009, p. 96).

Percebendo que essa participação é relevante no processo de compreensão do espaço do Corredor Cultural de Mossoró, procurou-se apreender como os cidadãos, de um modo geral, percebem e utilizam os equipamentos e as praças daquela área.

A primeira observação diz respeito à identificação da Avenida Rio Branco como Corredor Cultural de Mossoró. Percebeu-se que as pessoas não identificaram aquele espaço por esse adjetivo, a referência mais forte ainda é ao próprio nome da avenida. Na verdade, a nomenclatura “Corredor Cultural” não existia oficialmente para esse projeto da avenida Rio Branco, e sim para o antigo, citado no capítulo anterior. Porém, na gestão da prefeita Fátima Rosado (2009-2012), os novos espaços construídos passaram a integrar o que foi denominado “Corredor Cultural de Mossoró”, espaços para a promoção dos eventos culturais.

Essa denominação foi oficializada somente em data recente, por meio da Lei Municipal Nº 3.132, de 10 de março de 2014, a qual designa toda a área destinada aos eventos culturais do município, ou seja, na Avenida Rio Branco, no trecho compreendido da rua Prudente de Moraes até a rua Coelho Neto, “Corredor Cultural Professor Antônio Gonzaga Chimbino”.

Considera-se importante frisar que o distanciamento e o não uso desses espaços pelos habitantes, os quais conhecem a avenida e o projeto apenas de passagem, através de seus deslocamentos cotidianos ou eventuais, como pode ser verificado na Tabela 27⁹⁰, certamente é a razão de não identificarem o local pelo seu adjetivo, que já era utilizado mesmo antes de a denominação do trecho não ser oficial.

Comparando a frequência dos pesquisados (Tabela 27) em relação ao *shopping center* (70,4%) e ao Corredor Cultural (58,2%), constata-se que essa é maior no espaço privado do que no espaço público. Alguns indicativos dos motivos apresentados para o não uso dos espaços do Corredor Cultural estão na Tabela 31, que será discutida mais adiante.

Do ponto de vista da produção do espaço urbano, temos mais uma vez o consumo como indicativo da diferenciação socioespacial, que pode adquirir maior representatividade ao levarmos em consideração aspectos como o perfil socioeconômico dos consumidores, suas motivações e sua leitura material e simbólica. Os consumidores utilizam o espaço privado em detrimento do espaço

⁹⁰ De acordo com a qual nem todas as famílias frequentam as praças e equipamentos culturais da Avenida Rio Branco.

público, levando em consideração aspectos como segurança, comodidade de realizar várias atividades ao mesmo espaço (compras, cinema, jogos, alimentação), sensação de bem-estar em permanecer em um local fechado, mas sem se sentir confinado. Ao optar por esses espaços na reprodução da vida cotidiana, os indivíduos geram segmentação socioespacial em suas práticas de lazer e de consumo, o que se expressa no espaço da cidade.

Ainda em relação à frequência ao Corredor Cultural, dos pesquisados que afirmaram utilizar aquela área da cidade, observa-se que o local de moradia e o rendimento do chefe de família não são fatores determinantes para a frequência, pois a porcentagem entre os grupos, à exceção do Grupo 2 (46,2%), são próximas. Ainda assim, o maior índice está no Grupo 1 (66,7%), no qual os rendimentos dos chefes de família são maiores.

Tabela 27 - Mossoró/RN. Frequência da família do respondente ao Corredor Cultural de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.

Resposta	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Sim	66,7	46,2	59,1	57,6	58,2
Não	33,3	53,8	40,9	41,7	41,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

A imagem do corredor está associada ao entretenimento. Percebe-se isso ao verificar a Tabela 28, na qual o lazer é objetivo de 84,4% dos respondentes que são usuários do espaço, seguido por “alimentação” (28,7%) e “compras” (6,6%). Vale ressaltar que a apresentação dessas porcentagens se mostra equilibrada em todos os grupos.

Tabela 28 - Mossoró/RN. Objetivos da frequência da família do respondente ao Corredor Cultural de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.

Motivo ¹	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Lazer	80,0	83,3	86,8	83,1	84,4
Alimentação	50,0	33,3	32,4	22,9	28,7
Compras	-	-	7,4	7,2	6,6
Trabalho	-	16,7	4,4	1,2	3,0
Esporte	-	-	-	4,8	2,4
Apresentação teatral/cultura	10,0	-	-	2,4	1,8
Atividades de escoteiros	-	-	-	1,2	0,6
Outros	-	-	1,5	3,6	2,4
Não sabe/não respondeu	-	-	8,8	8,4	7,8

Fonte: Dados da pesquisa

Legenda:

¹Informações de múltiplas respostas, ultrapassam 100%.

A Tabela 29 demonstra que a porcentagem dos respondentes, que considera que o local seja ou não frequentado por todos os moradores de Mossoró, é bem próxima (40,1% responderam que sim e 39,4%, não). Dos espaços abordados no formulário (centro, *shopping* e corredor), foi onde se expressou o maior índice de imprecisão quanto à questão, pois 18,5% dos questionados disseram não saber se aquela área é ou não frequentada por todos os mossoroenses, indicando que ela é uma parte da cidade que não é conhecida por todos.

Tabela 29 - Mossoró/RN. O respondente considera que o Corredor Cultural é um local frequentado por todos os moradores de Mossoró, por agrupamento de bairros, 2013.

Resposta	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Sim	60,0	53,8	38,3	38,2	40,1
Não	33,3	23,1	42,6	38,9	39,4
Não sabe	6,7	-	17,4	22,2	18,5
Não respondeu	-	23,1	1,7	0,7	2,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Nos grupos 1 e 2 estão os maiores percentuais relacionados ao corredor ser um local frequentado por todos. O motivo mais citado foi o fato de se tratar de um espaço público e o acesso ser facilitado por estar na área central da cidade. Além

disso, mencionaram que a cidade tem poucas opções de lazer e que o corredor agrega algumas alternativas para diversos públicos; foi destacado por eles que todos podem frequentar, mesmo que de maneira limitada, pois têm opção para todas as faixas de renda, como foi dito pelos respondentes “acessível a todos os bolsos”, ou “tem coisas para pobres e ricos” (Tabela 30).

Tabela 30 - Mossoró/RN. Motivos enunciados pelos respondentes para o Corredor Cultural ser um local frequentado por todos os moradores, por agrupamento de bairros, 2013.

Motivo ¹	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Espaço público	22,2	57,1	36,4	34,5	35,7
Fácil acesso	22,2	14,3	25,0	20,0	21,7
Espaço de lazer	22,2	-	20,5	10,9	14,8
Aspecto financeiro	22,2	14,3	13,6	9,1	12,2
Frequência/Perfil dos usuários	-	-	4,5	10,9	7,0
Diversidade	-	14,3	4,5	7,3	6,1
Sensação de bem-estar	-	-	4,5	1,8	2,6
Condicional a períodos festivos	-	-	4,5	-	1,7
Outros	11,1	-	2,3	10,9	7,0
Não sabe/Não respondeu	11,1	-	-	7,3	4,3

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

¹Informações de múltiplas respostas, ultrapassam 100%.

Dos 39,4% que consideraram que nem todos os mossoroenses frequentam o Corredor Cultural, os maiores percentuais estão nos grupos 3 e 4, bem como dos 18,5%, que mencionaram não saber responder à questão. Cabe lembrar que nesses grupos estão os bairros em localização periférica e com as menores faixas de renda. Esses fatores influenciaram no seu julgamento, uma vez que os motivos mais apontados, na opinião dos respondentes, referem-se à falta de condições financeiras, ao espaço ser seletivo, ao difícil acesso e à falta de interesse das pessoas, de forma geral, por locais que apresentem atividades culturais, como é o caso de alguns equipamentos da Avenida Rio Branco (Tabela 31). Esse dado é representativo de uma fragmentação que se verifica na forma como a cidade é apropriada. De modo seletivo, os diferentes consumos que se realizam no urbano vão se concretizando e dando sentido à produção desigual e fragmentada do espaço.

Levando em consideração a variedade de opções/atividades sediadas pelo Corredor Cultural, essas se direcionam a um público que encontra facilidade no seu acesso, seja do ponto de vista do deslocamento, seja das condições financeiras e/ou das motivações socioculturais e de lazer. Muitas dessas opções/atividades são acessíveis a um padrão de poder aquisitivo elevado e se associam à maior formação educacional, fato constatado por ocasião das entrevistas. Embora os respondentes dos Grupos 3 e 4 afirmem frequentar o Corredor Cultural, não se pôde constatar pelos dados da pesquisa a frequência ao local, o que permite inferir que eles sejam usuários ocasionais.

Tabela 31 - Mossoró/RN. Motivos enunciados pelos respondentes para o Corredor Cultural não ser um local frequentado por todos os moradores, por agrupamento de bairros, 2013.

Motivo ¹	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Falta de condições financeiras	22,2	-	34,1	30,9	29,6
Espaço seletivo/Status	11,1	-	31,8	23,6	24,3
Difícil acesso	-	-	13,6	23,6	16,5
Falta de interesse	11,1	-	18,2	5,5	10,4
Divulgação/Informação	-	14,3	4,5	3,6	4,3
Insegurança	-	-	4,5	3,6	3,5
Outros	-	28,6	4,5	1,8	4,3
Não sabe/Não respondeu	22,2	-	11,4	14,5	13,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda:

¹Informações de múltiplas respostas, ultrapassam 100%.

O aspecto “espaço seletivo/status” apareceu associado ao corredor, assim como foi relacionado ao *shopping* nesta mesma questão. Percebe-se nas respostas que o “incômodo/desconforto” neste espaço é mais acentuado, e que algumas dimensões não foram apontadas em relação a este aspecto no *shopping*, que é um local privado. Foram mencionados, no entanto, os seguintes itens a respeito do corredor, que é um espaço público: “mesmo sendo popular, algumas pessoas não se sentem bem com outras de nível financeiro mais alto do que o seu”, “pessoas desconfortáveis por se sentirem diferentes no ambiente”, “o próprio ambiente causa bloqueio social”, “seguranças não permitem entrada de pessoas fora dos supostos padrões”, “sabe de pessoas que nunca foram, não se sentem à vontade”.

Além disso, outras respostas expressam que a divisão dos ambientes ocasiona, igualmente, uma segmentação nos usos e nos públicos: “locais para a elite que pobre não frequenta”, “praça de convivência mais seletiva”, “classe média e alta, somente alguns espaços são frequentados por todos”, “divisão de classes sociais”.

Verifica-se, por outro lado, que o “incômodo” não está presente somente em quem se sente “deslocado”, mas acontece ao usuário que se identifica com o público de algum dos ambientes. Uma das respondentes, do Grupo 2, de 49 anos e faixa de renda entre 10 e 20 salários mínimos, expressa bem esta perspectiva em relação à Praça da Convivência, ao afirmar que, em uma das vezes que estava no local, identificou uma pessoa “diferente”, um rapaz que se “destacava” dos demais por estar mal vestido, ter os cabelos pintados, o que dava ao mesmo um “aspecto de marginal”. Ela não se sentiu bem com a presença dele e afirmou ter ficado tranquila e mais à vontade somente quando a pessoa se retirou do ambiente.

A colocação acima denota que a razão da estranheza manifestada pela respondente está associada não apenas ao “diferente” no local, mas ao diferente vinculado ao “estereótipo de bandido”, ou seja, relacionando conseqüentemente sua resposta ao sentimento de insegurança urbana.

A despeito desse fato, o corredor, é percebido por 51,6% dos respondentes como um local de lazer de pobres e de ricos (Tabela 32). Há um consenso destes dados com os da Tabela 29, na qual os maiores índices de respostas afirmativas a esta questão estão nos grupos 1 e 2, e as menores, nos grupos 3 e 4.

Os dados confirmam, mais uma vez, que no processo de reprodução da vida no contexto capitalista tem-se um uso desigual, representado por uma produção desigual do espaço urbano, dado o fato de que ao viver, a sociedade produz espaço. Tanto material quanto simbolicamente, essa reprodução respalda a diferenciação em sua dimensão socioespacial. Nesse caso, Carlos assevera que (2011, p.24):

O sentido do espaço está, portanto, associado à ação humana, à produção, ligado à noção de atividade e de trabalho, o que o situa no âmbito do processo de produção, do modo como o trabalho se divide a partir da hierarquização do grupo, de sua orientação, das relações de propriedade que comandam a divisão de seus frutos, a técnica e o conhecimento.

Tabela 32 - Mossoró/RN. O respondente considera que Corredor Cultural da cidade é um local de lazer de pobres e ricos, por agrupamento de bairros, 2013.

Variável	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Geral
	%	%	%	%	%
Local de consumo de pobres e ricos					
Sim	80,0	61,5	49,6	49,3	51,6
Não	13,3	7,7	40,9	39,6	37,3
Não respondeu	6,7	30,8	9,6	11,1	11,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Costuma vê-los por lá?					
Sim	91,7	87,5	87,7	84,5	86,5
Não	8,3	12,5	12,3	15,5	13,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Assim como no *shopping*, as variáveis testadas não se comportaram de maneira semelhante no Teste de Fisher (Tabela 33) em relação ao Corredor Cultural. Neste caso, particularmente, tem-se vários espaços, como um conjunto de praças e equipamentos, que constituem o projeto e devido a essa característica os respondentes consideraram que existe opção de lazer para todos os públicos. No entanto, alguns desses respondentes afirmaram que não utilizam um ou outro espaço por ser pago, caro e elitizado. Ou seja, a frequência é parcial, o espaço é utilizado de forma segmentada.

Tabela 33 - Mossoró/RN. Relação das variáveis acerca da frequência do Corredor Cultural pelo Teste Exato de Fisher, 2013.

Local de Consumo de Pobres e Ricos	Frequenta o Corredor Cultural		Valor de p ¹
	Sim	Não	
Sim	43,3%	14,6%	< 0,01
Não	21,7%	20,5%	

(1) Teste Exato de Fisher. Não existe relação entre as afirmações.

Observa-se, portanto, que mesmo sendo um local público, nem todos se sentem “à vontade” em todos os espaços do Corredor Cultural. Esse entendimento revela que os respondentes compreendem que o espaço pode ser frequentado por todos, devido à sua natureza pública, embora não seja utilizado por todos, pois consideram que, nos ambientes em que o lazer é pago, o espaço foi “privatizado” e é frequentado somente por pessoas que têm maior poder aquisitivo. Os respondentes

afirmaram que a configuração do Corredor Cultural, sendo dividido em praças e equipamentos culturais, proporciona o desenvolvimento de atividades diversas e para diferentes segmentos de renda. Devido a esse posicionamento, percebe-se que há uma representação deste espaço como um local elitizado.

Sánchez (2010, p.489), ao refletir sobre os novos conjuntos urbanísticos provenientes dos processos de requalificação urbana, coloca que a representação mais recorrente associada a essas intervenções e que “acompanha as práticas espaciais – não parece ser um termo apropriado para aquilo que de fato qualifica os processos atuais: a gentrificação⁹¹, a definição de fronteiras de classe por meio da intervenção espacial”. Esses espaços requalificados passam por mudanças nos usos e nos usuários e há uma indução à prática do consumo do e no espaço, além de fomentar práticas de consumo cultural.

Leite (2007, p.63) também discute que as práticas de gentrificação não estão relacionadas apenas ao aspecto econômico como a valorização do solo para investimentos em áreas centrais, mas abrangem aspectos simbólicos que “referem-se, sobretudo à afirmação simbólica do poder, mediante inscrições arquitetônicas e urbanísticas que representem visualmente valores e visões de mundo de uma nova camada social, que busca apropriar-se de certos espaços da cidade.”

Essa apropriação por uma camada social que impede, mesmo que simbolicamente, o acesso de outros habitantes é contrário à natureza do espaço público que, “é o lugar das indiferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio, as diferenças, quaisquer que sejam, deve se submeter às regras da civilidade” (GOMES, 2002, p.162).

Levando em consideração o Corredor Cultural, os dados e as observações desta pesquisa, entende-se que é um espaço de uso múltiplo no qual diversas atividades são promovidas pela prefeitura, a exemplo do projeto Viva a Rio Branco. Outras atividades culturais foram desenvolvidas ao longo da existência do espaço e foram encerradas. Atualmente, além dos eventos do calendário municipal, há apresentações musicais: na Praça da Convivência às quintas, às sextas e aos sábados (pagos pela prefeitura); apresentação da Orquestra Arthur Paraguai na Praça Cícero Dias (na parte frontal do teatro) na última quarta feira de cada mês; Recital no

⁹¹ Não foi nosso objetivo debater o conceito de gentrificação que mostra-se como um processo não central em nossa análise. Seja como for, sua vinculação com processos tais como requalificação, refuncionalização e renovação são frequentes. Ver: Smith (2006); Reina e Whitacker (2015).

Memorial, acontece no espaço Cafezal⁹², com duas apresentações por mês, nas noites de sextas e sábados (pagos pela prefeitura). Além disso, há o projeto “Terça Nossa”, cujo espaço do Teatro Dix Huit Rosado é cedido para companhias de teatro e dança locais a custo zero. Isso faz parte do intuito de contribuir para a divulgação do trabalho dos artistas da cidade.

Outros usos são promovidos pela sociedade ou por organizações sociais e, também, entram na programação do Corredor Cultural, como o “Canto de Fé”, desenvolvido no Memorial da Resistência por igrejas locais, em sistema rotativo, a cada sábado. Tal como essa, algumas atividades são gratuitas, a exemplo das aulas de violão para iniciantes e intermediários, desenvolvidas por uma organização sem fins lucrativos no Memorial da Resistência, duas vezes por semana.

Acontecem ainda atividades esportivas as quais são desenvolvidas nas quadras da Praça dos Esportes (tênis, basquete, vôlei e futebol) (Figura 26); caminhadas/pedaladas/corridas em torno de uma das praças do corredor ou em forma de circuito⁹³; prática de *skate* na Praça dos *Skates*; circuito de aeróbica e dança, promovidos pela prefeitura no Largo Francisco Heronildes da Silva, assim como prática de patins.

Diversos são os exemplos em que as atividades são pagas. Na Praça da Criança, administrada por uma empresa privada escolhida por meio de licitação, paga-se R\$ 2,50 (dois reais e cinquenta centavos) por brinquedo para uso. No Teatro Dix Huit Rosado, as apresentações são pagas, pois o teatro é locado por empresas privadas, e o ingresso custa em média R\$ 60,00 (sessenta reais), com desconto de cinquenta por cento para estudantes. Na Praça da Convivência, os bares e restaurantes que foram escolhidos, também por meio de licitação, ocupam todos os pontos comerciais, todas as mesas e cadeiras ficam destinadas à utilização dos consumidores dos estabelecimentos.

⁹² Espaço de alimentação do Memorial da Resistência.

⁹³ Tem pessoas que caminham/correm/pedalam/patinam no entorno de quatro praças ou no perímetro de todas as praças do Corredor Cultural. (Observações *in loco*).

Figura 26 - Mossoró/RN. Praça dos Esportes no Corredor Cultural, 2014.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Legenda:

Foto acima à esquerda – Quadra de tênis; Foto acima à direita – Quadra de basquete; Foto abaixo à esquerda – Academia da terceira idade; Foto abaixo à direita – Equipamentos para exercícios e alongamento. Fonte: Dados da pesquisa.

Mesmo durante os eventos públicos como o Mossoró Cidade Junina, em que o acesso é livre, existem camarotes de empresas na Estação das Artes, onde o acesso só é possível por meio de pagamento ou convite. As praças de Eventos e Cícero Dias são utilizadas no horário entre 17h e 22h para locação de “pula, pula” e carrinhos elétricos para crianças. O aluguel desses brinquedos custa R\$ 3,00 (três reais) por cinco minutos e R\$ 5,00 (cinco reais) por dez minutos. Ademais, há os vendedores ambulantes comercializando brinquedos (bolas, balões), alimentos (churrasquinho, batata frita, crepe, algodão doce, pipoca) e bebidas (água, refrigerante e cerveja) (Figura 27).

Figura 27 - Mossoró/RN. Aluguel de brinquedos e comercialização de alimentos e bebidas no espaço público, 2014.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Diante do exposto e dos dados da pesquisa, depreende-se que os públicos são diferentes nos espaços do Corredor Cultural, e essa diferença pode estar atrelada à atividade, ao espaço ou até mesmo ao horário. No mesmo Memorial da Resistência, onde é realizado o “Recital no Memorial”, também acontece o “Canto de Fé”, quando se reúnem grupos diversos: alunos de violão, “roqueiros”, “emos”, entre outros. Ocorre que essa presença se dá em horários diferentes, ou mesmo quando esses grupos estão no mesmo ambiente ao mesmo tempo, há a questão da barreira simbólica, pois um grupo não invade o território do outro, como coloca Serpa (2007, p.36):

Em verdade, os usuários privatizam o espaço público através da ereção de barreiras simbólicas, por vezes invisíveis. O espaço público transforma-se, portanto, em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é compartilhado, mas sobretudo, dividido entre os diferentes grupos. Consequentemente, a acessibilidade não é mais generalizada, mas limitada e controlada simbolicamente. Falta interação entre esses territórios, percebidos (e utilizados) como uma maneira de neutralizar o “outro” em um espaço que é acessível a todos.

Nas aulas de aeróbica, por exemplo, ou no Viva a Rio Branco, vê-se pessoas simples no vestir, no falar, bem como depara-se com pessoas com vestuário, calçados, patins e bicicletas mais sofisticadas. Nesses casos, percebe-se que, em alguns momentos, há a “mistura social”, característica do espaço público. Porém, há os espaços e horários em que o “acesso” ao entretenimento só é permitido por meio

do pagamento, não estando disponível a todos. Além do aspecto financeiro, é nítida a presença de pessoas bem vestidas, que chegam para atividades físicas ou para o momento de lazer de automóvel, o que caracteriza para os respondentes dos formulários o aspecto elitizado do Corredor Cultural.

Foi igualmente perguntado aos respondentes quais características associavam ao Corredor Cultural. Algumas peculiaridades foram citadas nos quatro agrupamentos de bairros, tais como o “aspecto estético e estrutural” e o “aspecto simbólico e cultural” (Quadro 8). O primeiro diz respeito ao julgamento da beleza, utilidade e aproveitamento do espaço, que era a antiga linha férrea da cidade e foi desativada na década de 1980. O segundo atribui ao local um caráter cultural, informativo acerca da história e cultura locais.

O acesso facilitado pela localização, o entretenimento e o lazer, além do sentimento de insegurança urbana nos ambientes do corredor, foram igualmente mencionados por todos os grupos.

Outras características que destacam o corredor positivamente e foram apontadas por pelo menos três grupos, estão associadas às opções de bares e de restaurantes concentrados em um único local, a Praça da Convivência e seu entorno. Os respondentes identificam-na como um local agradável, ao ar livre, amplo e limpo que, por isso, proporciona aos usuários sensação de bem-estar.

Algumas características estão presentes apenas nos grupos 3 e 4, que abrangem os bairros que possuem as menores faixas de renda. Estes respondentes associam o espaço a trabalho, ao emprego e à renda; fazem referência aos eventos que ocorrem ao longo e no entorno da Avenida Rio Branco, como o Mossoró Cidade Junina, a apresentação dos espetáculos Chuva de Bala no País de Mossoró e o Auto da Liberdade, e julgam o local seguro pela mudança no perfil dos usuários após a intervenção na área, antes associado à marginalidade e ao uso de drogas (Quadro 8).

Quadro 8 - Mossoró/RN. Características mais lembradas acerca do Corredor Cultural, por agrupamento de bairros, 2013.

Grupos	Características	Grupos	Características
GRUPO 1	- Alimentação - Aspecto estético e estrutural/ - Bom aproveitamento do espaço - Aspecto simbólico/cultural - Atendimento - Diversidade - Fácil acesso - Insegurança - Lazer - Revitalização - Sensação de bem-estar - Sociabilidade	GRUPO 2	- Aspecto estético e estrutural/ - Bom aproveitamento do espaço - Aspecto simbólico/cultural - Atendimento - Consumo - Equipamentos - Fácil acesso - Insegurança - Lazer - Sensação de bem-estar - Trânsito
GRUPO 3	- Alimentação - Aspecto estético e estrutural/ - Bom aproveitamento do espaço - Aspecto financeiro - Aspecto simbólico/cultural - Atendimento - Consumo - Diversidade - Emprego e renda - Equipamentos - Espaço seletivo/status - Estacionamento - Fácil acesso - Fluxo de pessoas - Frequência/perfil dos usuários - Insatisfação - Insegurança - Lazer - Referência a eventos - Segurança	GRUPO 4	- Alimentação - Aspecto estético e estrutural/ - Bom aproveitamento do espaço - Aspecto simbólico/cultural - Atrações musicais - Consumo - Diversidade - Emprego e renda - Equipamentos - Estacionamento - Fácil acesso - Fluxo de pessoas - Insegurança - Lazer - Referência a eventos - Referência a turismo - Segurança - Sensação de bem-estar - Sociabilidade - Trânsito

Fonte: Dados da pesquisa.

Esta mudança na área, nos usos, nas funções e no perfil dos usuários, foi mencionada por respondentes de todos os grupos quando lhes foi questionada a sua opinião acerca da transformação ocorrida na Avenida Rio Branco - questão elaborada para apreender, especificamente, a avaliação dos respondentes em relação a este tema (Quadro 9).

Quadro 9 - Mossoró/RN. Opinião sobre a transformação/refuncionalização da Avenida Rio Branco, 2013.

Grupos	Opinião
GRUPO 1	- Aspecto estético e estrutural/bom aproveitamento do espaço - Aspecto simbólico/cultural - Espaço de lazer - Melhoria da infraestrutura - Mudança na área/uso/perfil do usuário - Positiva para a cidade - Positiva para a população - Referência ao turismo
GRUPO 2	- Aspecto econômico - Aspecto estético e estrutural/bom aproveitamento do espaço - Aspecto simbólico/cultural - Ecletismo do espaço - Espaço de lazer - Mudança na área/uso/perfil do usuário - Positiva para a cidade - Positiva para a população - Referência ao turismo
GRUPO 3	- Alimentação - Aspecto econômico - Aspecto estético e estrutural/bom aproveitamento do espaço - Aspecto financeiro - Aspecto simbólico/cultural - Ecletismo do espaço - Equipamentos - Espaço de lazer - Espaço seletivo/status - Esporte e atividades físicas - Estigma - Fácil acesso - Falta de continuidade do projeto - Imagem - Insatisfação - Local com estacionamento - Melhoria da infraestrutura - Mudança na área/uso/perfil do usuário - Positiva para a cidade - Positiva para a população - Referência ao turismo - Sensação de bem-estar - Trânsito

(Continuação)

Grupos	Opinião
GRUPO 4	- Aspecto econômico - Aspecto estético e estrutural/bom aproveitamento do espaço - Aspecto financeiro - Aspecto simbólico/cultural - Divulgação/informação - Ecletismo do espaço - Equipamentos - Espaço de lazer - Espaço seletivo/status - Esporte e atividades físicas - Fácil acesso - Fluxo de pessoas - Imagem - Insatisfação - Insegurança - Melhoria da infraestrutura - Mudança na área/uso/perfil do usuário - Positiva para a cidade - Positiva para a população - Referência ao turismo - Sensação de bem-estar - Trânsito

Fonte: Dados da pesquisa.

A maior parte das avaliações emitidas pelos respondentes a essa questão, nos quatro grupos, foi positiva e fizeram menção, também, ao bom aproveitamento do espaço para a construção de espaços de lazer, para todos os públicos, e à transformação urbanística, com a melhoria das vias de acesso, espaço para tráfego de bicicletas, para o trânsito e com estacionamento. Salientaram em suas falas a questão simbólica e cultural, destacando o corredor como sendo um espaço que valoriza a história e a cultura locais. Sendo assim, elegeram-no como o “cartão postal da cidade”, portanto, local favorável à visita de turistas e positivo para a população pelo ecletismo das atividades de entretenimento, de esporte e de cultura desenvolvidas no local.

Na verdade, em sua concepção, o projeto foi pensado para ser mesmo uma área de destaque, o “cartão postal de Mossoró”, como pode ser verificado na fala de

uma das arquitetas da prefeitura, que fez parte da elaboração dos projetos para a Avenida Rio Branco.

Mossoró é uma cidade de poucas belezas naturais [...] não é verdade? Você teria o rio [Rio Mossoró], o rio infelizmente encontra-se no estado em que se encontra [poluído] [...] então uma coisa que norteou, uma vez que nós somos autores da maioria dos espaços da Avenida Rio Branco [...] foi exatamente criar uma paisagem dentro da monotonia da cidade [...]. (Entrevista com Arquiteto 2).

Porém, o “cartão postal da cidade” também sofre com a falta de manutenção. Alguns espaços apresentam deterioração e não têm sido restaurados. Além disso, são alvos de vandalismo e de usos que restringem a aproximação de outras pessoas, tal como o consumo de drogas. Esse assunto foi matéria do Jornal O Mossoroense (2015b, p.3).

Um dos pontos turísticos mais visitados do município, o Memorial da Resistência de Mossoró tem sido objeto de constantes ações de vandalismo e insegurança. [...]

A lojinha do Memorial da Resistência de Mossoró, que vende artigos para turistas, foi arrombada na madrugada de ontem. "Quando o jardineiro chegou, encontrou a porta estilhaçada", informou a diretora do Memorial, Marjoreen Paiva. Os criminosos levaram apenas o geláguia do estabelecimento. [...]

Os atos de vandalismo, entretanto, não se resumem apenas aos arrombamentos dos estabelecimentos comerciais do Memorial. Parte da estrutura do museu a céu aberto vem sendo deteriorada por ações de vândalos. Além disso, o espaço tem servido de abrigo para moradores de rua e ponto de consumo de drogas.

Os turistas que vão ao Memorial da Resistência de Mossoró, para conhecer a história do povo que expulsou o bando do cangaceiro Lampião, encontram um cenário de total abandono. Portas de banheiros quebradas, painéis rasgados e quebrados, luzes danificadas, mau cheiro e pichações fazem parte do cenário do museu que exalta a bravura do povo mossoroense. [...].

Ocorre que, como afirmou Carlos (2008; 2011), é no nível social, na escala da vida cotidiana que as contradições e os conflitos se revelam, trazendo à tona os outros dois níveis: o econômico (que compreende as necessidades do capital) e o político (que trata das ações do Estado). Este último, realiza-se por meio de políticas que priorizam o investimento em algumas áreas da cidade, promovendo uma hierarquização dos espaços, que ocasionam, portanto, valorização e diferenciação dessas parcelas do tecido urbano. Essa diferenciação está relacionada aos usos e às práticas espaciais. E, mesmo quando “indesejados”, os usuários que não pertencem ao “cartão postal”, simbolicamente, terminam por “encontrar” seu espaço e delimitar

barreiras também simbólicas.

Ainda em relação à transformação pela qual passou a Avenida Rio Branco, alguns fatores negativos foram igualmente mencionados e estão expressos nos dados dos grupos 3 e 4. Novamente, a seletividade do espaço foi abordada pelos respondentes, que consideram o poder aquisitivo um imperativo para a frequência ao Corredor Cultural. Igualmente, alguns respondentes manifestaram insatisfação em relação ao projeto, pelos investimentos destinados a este tipo de urbanização estarem vinculados somente à área central da cidade e não ocorrer, também, nos bairros. Eles pensam que os recursos poderiam ter sido investidos em saúde, em educação e em transporte, que são prioridades para a população.

Tal pensamento corrobora com a análise de Elias e Pequeno (2010, p.223-224) sobre a área do Corredor Cultural em Mossoró.

Como ocorre na cidade capitalista, o espaço é organizado de forma fragmentada, fazendo-se a opção por realizar os investimentos de forma seletiva, ficando o restante da cidade à margem das grandes inversões públicas e privadas, denotando a natureza da reestruturação da cidade, marcada pela ampliação das desigualdades socioespaciais. No caso de Mossoró, a área central da cidade foi escolhida para receber os portentosos investimentos inerentes à reestruturação urbana.

Essas desigualdades se mostram não apenas no espaço, mas nas práticas dos habitantes, nos locais que são escolhidos por esses sujeitos para suas atividades e deslocamentos cotidianos, em seus trajetos para o trabalho, em seus momentos de lazer, em seus atos de consumir.

O consumo foi outra variável designada para investigar as práticas dos residentes em Mossoró. Para tanto, foram escolhidos o consumo de vestuário, de calçados e de eletrodomésticos, além do consumo de lazer. Desse modo, teríamos como avaliar como estão distribuídos na cidade esses espaços de consumo e quem são os consumidores de cada espaço. Para tanto, foram elaborados “perfis” que estão detalhados no próximo tópico.

Tomando como referência a prerrogativa do espaço enquanto mercadoria, observam-se valorações diferenciadas que ensejam usos também diferenciados ao longo do tempo. Vemos que o significado desigual da produção do espaço urbano, expresso na heterogeneidade das formas espaciais, está intrinsecamente relacionado aos grupos que se apropriam no contexto da reprodução da vida. A expressão dessa

desigualdade, conforme vimos no capítulo 2, fundamenta-se historicamente no desenvolvimento da propriedade privada, no valor de troca e no valor de uso quando da apropriação dos lugares em diferentes escalas, desvendando conteúdos e práticas socioespaciais também diversificados (CARLOS, 2007).

Isso respalda nossa tese de que o processo de diferenciação socioespacial em Mossoró ocorre desde a gênese do seu espaço urbano, e é marcado por continuidades e descontinuidades, mudanças e permanências.

4.4 Práticas de consumo e diferenciação

A partir da tabulação dos dados obtidos com os formulários, foram elaborados 20 perfis⁹⁴ levando-se em consideração a faixa etária, a escolaridade e a faixa salarial dos respondentes, com o intuito de apreender características mais específicas dos usuários/consumidores em relação ao uso e ao consumo do/no espaço urbano de Mossoró. Nesse caso, a análise proposta para estes dados é do tipo qualitativa e será demonstrada em mapas temáticos, que representam os espaços de frequência e os locais de consumo de vestuário, de calçados e de eletrodomésticos desses sujeitos que estão relacionados ao seu perfil.

O ponto de partida para a obtenção desses perfis foi a faixa etária, que tentou levar em consideração as “fases da vida” (jovens – 15 a 21 anos; jovens adultos – 22 a 28 anos; adultos – 29 a 49 anos; pré-aposentadoria – 50 a 63 anos; aposentados – acima de 64 anos) e fazer o cruzamento com a renda. A escolaridade não foi um critério para a escolha dos indivíduos, mas um dado que os caracteriza de forma mais qualificada.

De acordo com o Ministério da Educação, a divisão do sistema de educação brasileiro divide-se em educação infantil (3 a 5 anos), ensino fundamental (6 a 14 anos), ensino médio (15 a 17 anos) e ensino superior (a partir dos 18 anos). Se observarmos o Quadro 10, verifica-se que, quanto maior a renda, menor os anos de atraso de estudo em relação à idade escolar, principalmente nas três primeiras faixas etárias (parte em destaque no Quadro 10), que correspondem aos jovens e aos adultos dos segmentos de média e de alta renda. Assim, a divisão ficou definida como

⁹⁴ Esses perfis foram elaborados a partir da tabulação dos 287 formulários aplicados durante a pesquisa. Dentre estes, aqueles que coincidiram com o critérios preestabelecidos para os perfis (idade/ “fases da vida” e renda) foram considerados. Os que não coincidiram foram ignorados. Para cada perfil estão associados um número entre 6 formulários (mínimo) até 12 formulários (máximo).

apresentada no Quadro 10.

Quadro 10 - Mossoró/RN. Perfis socioeconômicos, 2013.

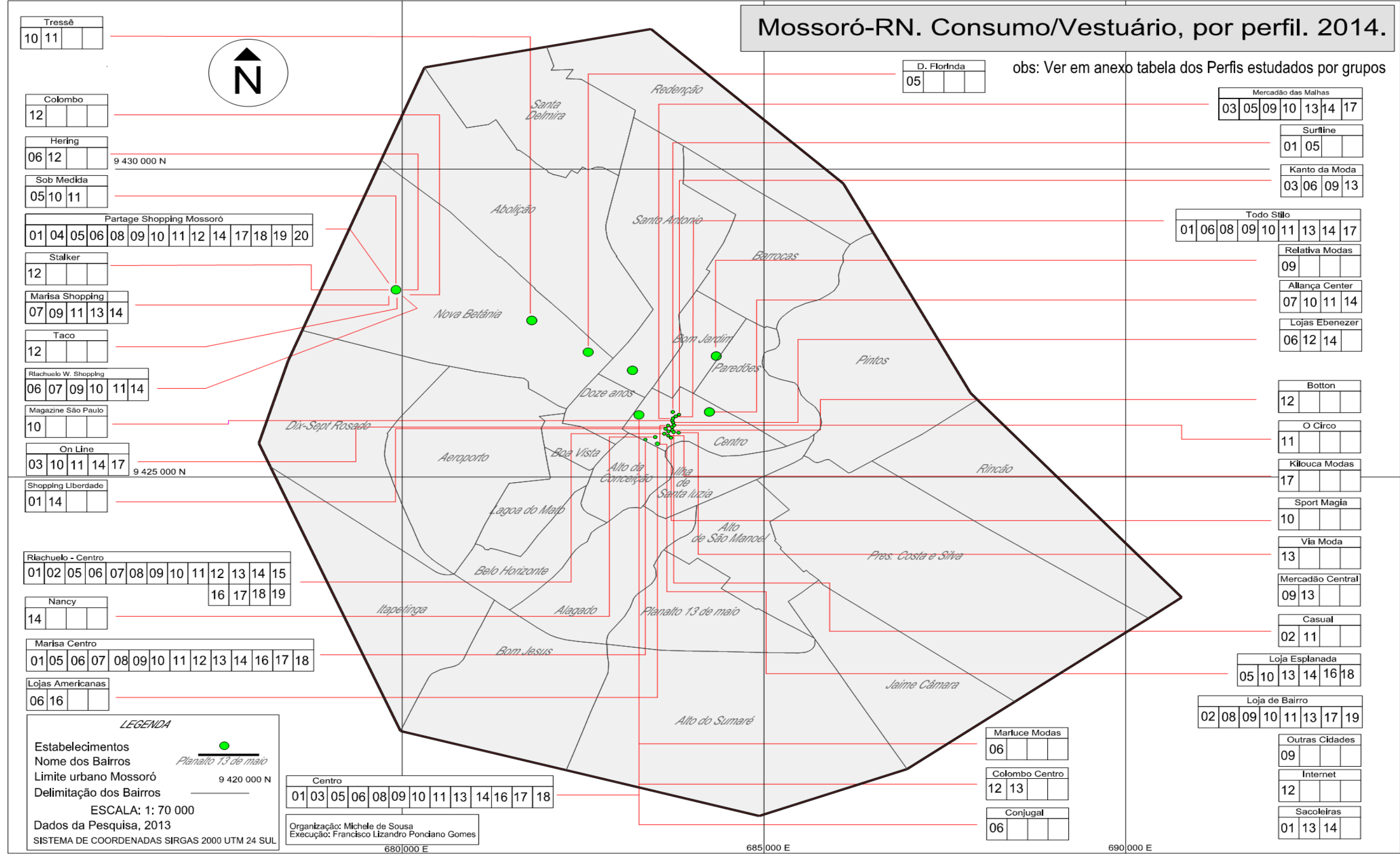
Faixas Salariais Faixas Etárias	Até 21 anos	22 a 28 anos	29 a 49 anos	50 a 63 anos	64 anos acima
Sem rendimento até R\$ 1.356,00 (dois salários mínimos¹)	<u>Perfil 1</u> Ens. Fundam./ Ens. Médio	<u>Perfil 5</u> Ens. Fundam./ Ens. Médio	<u>Perfil 9</u> Ens. Fundam./ Ens. Médio	<u>Perfil 13</u> Ens. Fundam./ Alfabetizado/ Sem Escolaridade	<u>Perfil 17</u> Ens. Fundam./ Alfabetizado/ Sem Escolaridade
De R\$ 1.356,01 a R\$ 3.390,00 (cinco salários mínimos)	<u>Perfil 2</u> Ens. Fundam./ Ens. Médio	<u>Perfil 6</u> Ens. Médio/ Sup. Incomp.	<u>Perfil 10</u> Ens. Médio/ Superior Comp./ Superior Incomp.	<u>Perfil 14</u> Ens. Fundam./ Ens. Médio/ Superior Comp.	<u>Perfil 18</u> Ens. Fundam./ Ens. Médio/ Superior Comp.
De R\$ 3.390,01 a R\$ 6.780,00 (dez salários mínimos)	<u>Perfil 3</u> Ens. Médio/ Superior Incomp.	<u>Perfil 7</u> Superior Comp./ Superior Incomp.	<u>Perfil 11</u> Superior Comp./ Superior Incomp./ Pós-grad.	<u>Perfil 15</u> Ens. Médio/ Superior completo	<u>Perfil 19</u> Ens. Médio/ Superior completo
De 6.780,01 a acima R\$ 13.560,00 (20 salários mínimos)	<u>Perfil 4</u> Ens. Médio/ Superior Incomp.	<u>Perfil 8</u> Superior Comp./ Superior Incomp.	<u>Perfil 12</u> Superior Comp./ Pós-grad.	<u>Perfil 16</u> Ens. Médio/ Superior completo/ Pós-grad.	<u>Perfil 20</u> Ens. Médio

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

¹ Salário mínimo vigente no ano de 2013 no valor de R\$ 678,00.

Com as informações obtidas sobre os perfis e seus locais de consumo, foram elaborados mapas temáticos que demonstram o consumo de vestuário, de calçados e de eletrodomésticos dos respondentes dos formulários. Em todos esses aspectos há muito de novo no mercado mossoroense. Novas lojas e novas marcas de abrangência regional, nacional e internacional, novos espaços de consumo. Os mapas contribuem para demonstrar a espacialidade do consumo, o perfil desses consumidores e, mostram ainda, a aceitação dos novos espaços e dos empreendimentos, além da permanência do consumo no centro tradicional.

Figura 28 - Mossoró/RN. Consumo de Vestuário, por perfil, 2014.



Ao observar o mapa do consumo de vestuário (Figura 28), o que se pode identificar é a distribuição das lojas que estão concentradas no *shopping center* e no centro tradicional. Das lojas fora dessa abrangência, somente duas foram citadas pelo nome, Florinda⁹⁵ e Tressê. Ambas saíram do centro tradicional e se estabeleceram no bairro onde habita a elite de Mossoró, o Nova Betânia. A primeira está no segmento de roupas e acessórios femininos, localizada na Avenida João da Escóssia, eixo que expressa centralidade comercial recente, como já foi descrito no capítulo 3. A Tressê é uma loja multimarca que comercializa marcas nacionais e importadas e que atende, além do público feminino, aos públicos infantil e masculino, também com vestuário e acessórios. As lojas estão direcionadas a um público com maior poder aquisitivo, pois as peças comercializadas não têm valor acessível a todos os segmentos de renda. Por conseguinte, são produtos com valor agregado por suas marcas, por sua qualidade e pela busca de inovação em novos conceitos, design e tecidos.

Esperava-se que as lojas fossem citadas por perfis com maior poder aquisitivo, no entanto, a loja D. Florinda foi citada pelo perfil 5, jovens adultos com anos de atraso escolar e com faixa salarial do chefe de família até dois salários mínimos. A Tressê foi citada pelos perfis 10 e 11, adultos cujo chefe de família, na faixa salarial destes perfis, recebe a partir de dois e vai até dez salários mínimos. Esse resultado pode ser um indício do consumo de vestuário associado a marcas por jovens adultos e adultos, que estão em idade economicamente ativa e podem ter seu próprio rendimento, já que o uso dessas peças está relacionado a uma distinção ou a um prestígio social, a uma identificação com os segmentos de renda mais elevada.

Independente da idade, da escolaridade e da renda, quase todos os perfis consomem vestuário nas lojas do *shopping center*, mesmo estando associado a um local elitizado onde nem todos podem ir ou consumir. Poucos foram os perfis que não citaram esse espaço de consumo, tais como os perfis 2, 3, 15 e 16. Os perfis 15 e 16 estão relacionados com pessoas entre 50 e 63 anos (faixa salarial do chefe de família a partir de cinco salários mínimos até mais de 20 salários mínimos). Este resultado não causa tanta estranheza, pois algumas pessoas que possuem o hábito de consumir no centro tradicional, principalmente as que estão em faixa etária mais avançada, por vezes não se adaptam ao novo espaço, porque em Mossoró, antes da instalação do *shopping center*, o centro tradicional era o espaço de consumo de

⁹⁵ Na verdade o nome da loja é D. Flor, que revende a marca D. Florinda. Por isso, a divergência entre o nome real e o nome citado da loja.

roupas, de calçados e de eletrodomésticos. Com a inauguração do *shopping*, as lojas permaneceram no centro tradicional, e a maioria delas abriu filial no novo espaço, onde os produtos comercializados são os mesmos, bem como os preços e as formas de pagamento.

Nesse ponto, é importante ressaltar que há lojas no *shopping* que atendem a todos os segmentos de idade e de renda, a exemplo das lojas de departamento, como as varejistas Marisa, Riachuelo e Renner. O *mix* de produtos dessas lojas identifica isso, pois são roupas para crianças, para jovens, para esportistas, femininas e masculinas. Além desses itens, comercializam roupas de cama, de mesa e de banho, calçados e acessórios. Essas empresas procuram oferecer produtos ou modelos que estejam em conformidade com as tendências da moda, algumas vezes até assinadas por estilistas conhecidos, porém por um preço mais acessível. Como atendem a diversos públicos dentre seus produtos, existem algumas marcas que se identificam com as fases da vida dos clientes ou com seu segmento de renda. Entretanto, o que torna possível o consumo pelos segmentos que auferem baixos rendimentos é o crédito. Para tanto as lojas têm financiamento próprio e parcelam as compras em diversas prestações no cartão da loja. Sendo assim, os consumidores que compram nesses estabelecimentos, no centro tradicional, também podem consumir no *shopping center*.

Outro aspecto interessante que deve ser ressaltado é que algumas lojas de departamento, como as Lojas Americanas e Marisa inauguraram junto com o *shopping center* em Mossoró, no ano de 2007, para, posteriormente, inaugurarem suas filiais no centro tradicional, o que é um indício que esta localidade permanece como um espaço de consumo importante para o mercado mossoroense.

Retomando os perfis que não mencionaram comprar roupas no *shopping*, o resultado em relação aos jovens (perfis 2 e 3) não era esperado, pois esse espaço apresenta identidade com o público jovem, porque se configura como um local não apenas de consumo de produtos, mas também de entretenimento e, os jovens, em todos os segmentos de renda, correspondem aos sujeitos sociais que vivem o processo de reestruturação da cidade (GÓES, 2013). Esses novos espaços, tornam-se, portanto, parte de seu ambiente natural, nos quais estabelecem sua rede de relações sociais, que se materializam nos espaços que estão disponíveis e, no caso de cidades médias, são opções limitadas.

No entanto, isso também revela o caráter plural da juventude, o qual está associado a diversos fatores, como observa Dayrell (2003, p.41-42), que devem ser considerados para compreender o seu comportamento enquanto sujeito social.

[...] a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. [...] É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes.

Para além do que já foi dito sobre o *shopping*, frisa-se ainda que é um espaço com o qual os segmentos de renda média e alta se identificam, por ser de uso coletivo, mas privado e controlado, e por ser um ambiente seletivo, onde esses segmentos da sociedade podem estar entre seus iguais.

Entretanto, como afirma Góes (2013), esse controle não se evidencia, o que dá uma sensação de autonomia aos seus usuários, aspecto que, segundo a autora, contribui para o êxito desses estabelecimentos comerciais. Este aspecto pode ser um indicativo de o centro tradicional não ter sido mencionado pelos perfis 4 e 20 como local de compra de vestuário. O que há em comum entre os dois perfis é a faixa de renda, a partir de 10 até mais de 20 salários mínimos. Porém, o primeiro diz respeito a jovens até 21 anos, e o último está relacionado a pessoas na faixa etária dos 64 anos em diante.

Ainda em relação aos locais e aos perfis de consumo, observa-se na Figura 28 que alguns pontos de venda não foram possíveis localizar, tais como: as lojas de bairro, outras cidades, internet e sacoleiras. A *Internet* foi citada apenas pelo perfil 12, no qual se percebe que se trata de um consumidor mais qualificado, composto por adultos de 29 a 49 anos, com nível superior completo ou pós-graduação, com rendimento a partir de dez até mais que 20 salários mínimos. Já os consumidores das lojas de bairros pertencem a todas as faixas etárias, faixas de escolaridade e faixas de renda, porém, há a predominância de menções feitas por respondentes cuja renda do chefe de família varia de sem rendimento até cinco salários mínimos. As sacoleiras foram mencionadas por jovens de até 21 anos e por pessoas de 50 a 63 anos, cujos

chefes de família auferem rendimentos de até dois salários mínimos.

Há aspectos em comum entre as lojas que atendem ao público do próprio bairro e as sacoleiras: comumente as roupas são compradas em feiras⁹⁶ ou lojas de fábrica na região Nordeste, principalmente em Fortaleza-CE e Caruaru-PE. Entre esses pequenos comércios de bairro e as sacoleiras, a relação que se estabelece com os consumidores é mais próxima, as formas de pagamento são facilitadas de acordo com a disponibilidade dos clientes, é um crédito que não requer comprovação de renda, mas proximidade e confiança, o que possibilita o consumo de pessoas com rendimentos mais baixos.

Já o consumo de calçados, espacialmente, diverge pouco do que foi apresentado para vestuário. Ao observar a Figura 29, percebe-se que o comércio é ainda mais concentrado no centro tradicional e no *shopping center*, sem nenhuma loja citada fora dessas localizações. Entretanto, neste quesito há uma diferença: as lojas mais antigas e conhecidas no ramo do comércio, e que estão no centro tradicional, não foram para o novo espaço de consumo, ao passo que outras lojas, que são direcionadas para um público-alvo mais seletivo, se instalaram no *shopping*. Dentre elas estão as lojas de abrangência regional (Couro Fino, Sagian, Dahab), e as lojas de consumo especializado, que vinculam suas marcas a segmentos de média e de alta renda, como a *City Shoes*⁹⁷ (abrangência nacional) e a Carmen Stefens (abrangência internacional).

Assim, o hábito de comprar nas mesmas lojas, locais que comercializam diversas marcas e oferecem crédito parcelado em cartão de crédito e cheques pré-datados, pode justificar a ausência de diversos perfis (2, 3, 6, 13, 15, 16, 17, 18, 20) para o consumo de calçados no *shopping center*. Esses perfis são caracterizados por jovens e jovens adultos com faixa salarial do chefe de família, de zero a cinco salários mínimos e, também, por pessoas na faixa etária a partir de 50 anos, em todas as faixas de renda. Já para o consumo de calçados no centro tradicional, o único perfil que não mencionou este local foi o perfil 4, que se caracteriza por jovens de 15 a 21 anos, cujo chefe de família recebe a partir de 10 salários mínimos. Esse público também afirmou consumir calçados pela internet, acompanhados pelos perfis 6, 12 e 14, que são caracterizados por adultos com graduação ou pós-graduação, faixa

⁹⁶ Comércio informal de fabricantes de roupas a preços populares.

⁹⁷ A *City Shoes* localizava-se no centro tradicional, porém, com a abertura do *shopping center*, mudou-se para este novo espaço, pois a marca só permite que a loja esteja em outro local quando não houver um *shopping center* na cidade.

salarial do chefe de família acima de 10 salários mínimos, bem como jovens e adultos em idade pré-aposentadoria, na faixa etária dos 22 a 28 anos e 50 a 63 anos, respectivamente, com faixa salarial do chefe de família de dois a cinco salários mínimos.

Houve, ainda, menção às lojas de bairro, a compras em outras cidades e a ambulantes (comércio informal localizado no centro tradicional). Novamente, como no consumo de vestuário, as pessoas que afirmaram consumir em lojas de bairro e dos comerciantes informais vão de jovens a indivíduos em idade de pré-aposentadoria. O que esses perfis têm em comum é a renda do responsável pela manutenção da família, de zero a cinco salários mínimos.

Figura 29 - Mossoró/RN. Consumo de Calçados, por perfil, 2014.

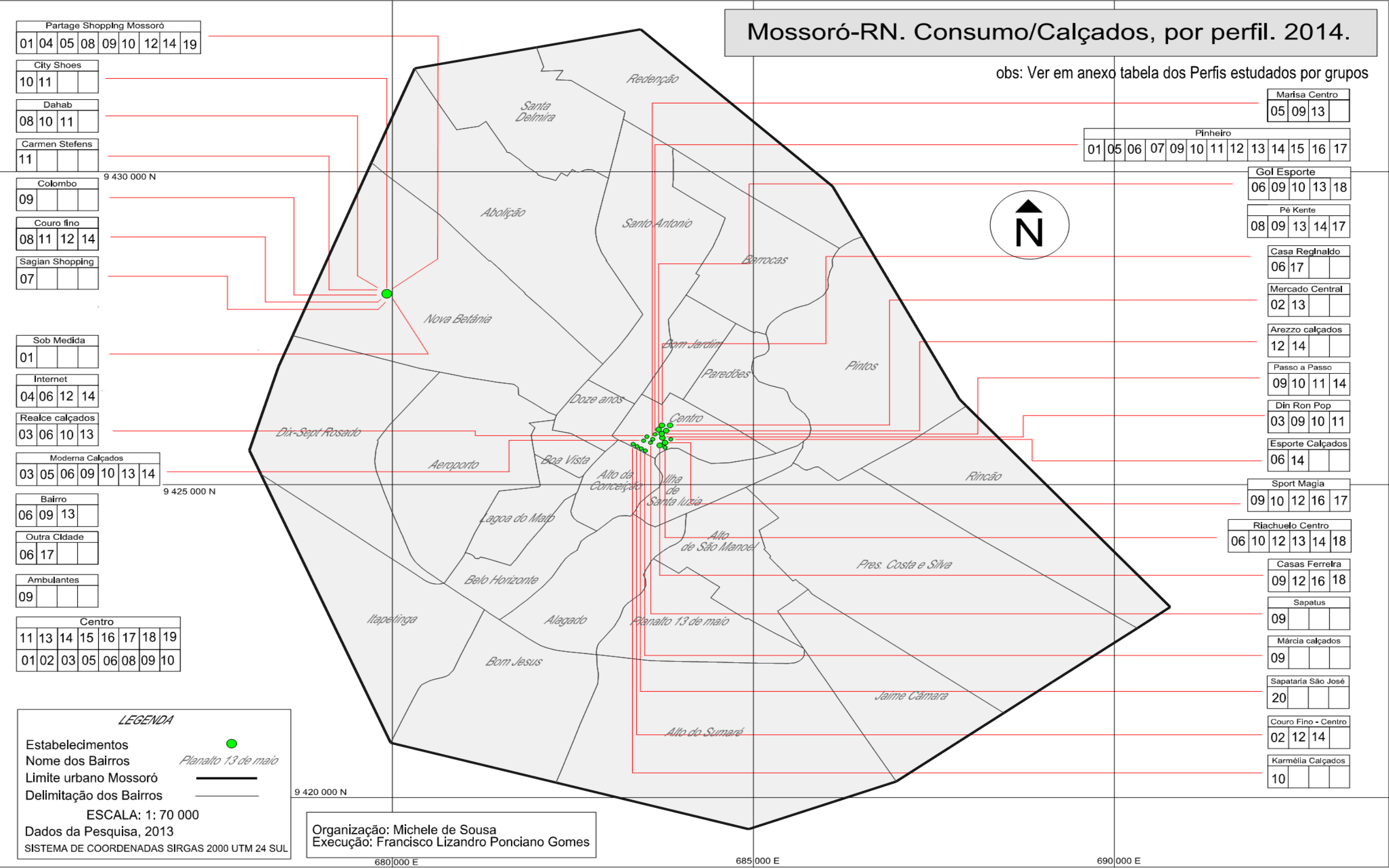
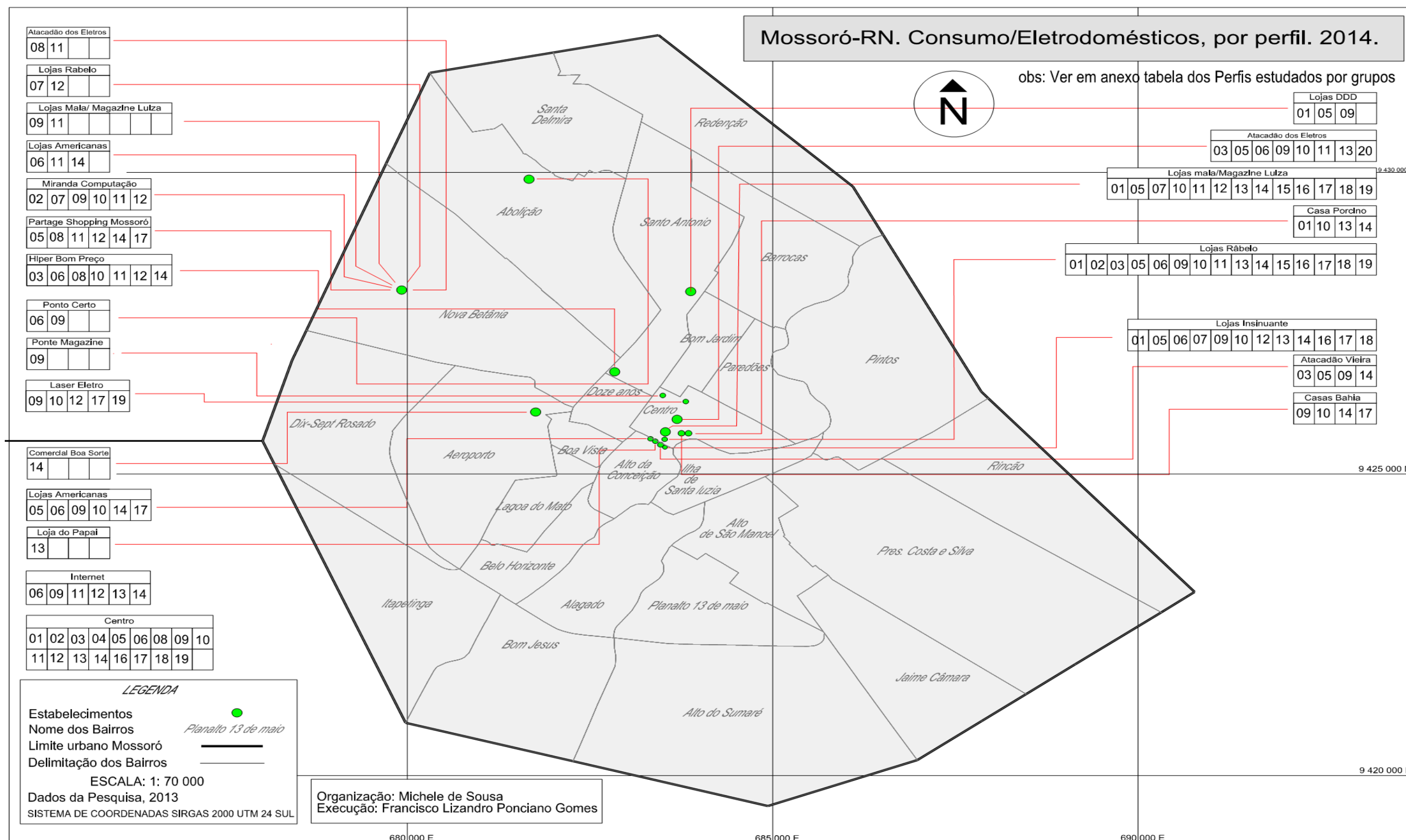


Figura 30 - Mossoró/RN. Consumo de Eletrodomésticos, por perfil, 2014.



Outro mercado analisado foi o de eletrodomésticos. A concentração das lojas desse tipo de produto também está representada na Figura 30, localizada no centro tradicional e no *shopping center*. Entretanto, aqui algumas lojas de bairro foram mencionadas, tais como a Ponto Certo (bairro Abolição), Comercial Boa Sorte (bairro Aeroporto) e DDD (bairro Santo Antônio). Elas são lojas do mercado local, que acabam se estabelecendo e ganhando os clientes do bairro, onde estão localizadas, por existirem relações mais próximas entre comerciante e consumidor assim como facilidade de crédito.

A Loja DDD, por exemplo, teve início quando seu proprietário atuou como comerciante informal⁹⁸ no bairro Santo Antônio. Esse, após aumentar e consolidar sua clientela, estabeleceu-se naquele local como loja física, atendendo aos moradores do bairro. Da mesma forma que no consumo de vestuário e de calçados, o perfil do consumidor, do tipo de estabelecimento vinculado a um bairro, é o de faixa salarial que varia de zero a cinco salários mínimos, em todas as faixas etárias, à exceção do público acima de 64 anos, com anos de atraso escolar.

No ramo de eletrônicos, as empresas que estão no centro tradicional, em sua maioria, também estão no *shopping center*. Nesse caso, os produtos e as formas de pagamento são os mesmos. Logo, o local em que vai ser efetuado o consumo é uma escolha do cliente. Assim, o único perfil que não mencionou o centro tradicional foi o perfil 4, jovens de 15 a 21 anos, em que o responsável pela família auferia rendimentos a partir de 10 salários mínimos.

Para o *shopping center*, a quantidade de perfis que não citou consumir no local foi bem maior, nove perfis (perfil 1, 3, 4, 13, 15, 16, 18, 19, 20), os quais são caracterizados por jovens de 15 a 21 anos e por adultos em fase de pré-aposentadoria ou aposentados a partir dos 50 anos, com faixa salarial do chefe de família que varia de sem rendimentos a dez salários mínimos, representados por todas as escolaridades.

A concorrência neste ramo aumentou com a chegada, principalmente nos últimos dez anos, de novas empresas que atuam neste setor, exclusivamente ou não. São empresas varejistas que vendem móveis e eletrodomésticos, outras são especializadas, outras são hipermercados, lojas de departamento, lojas de informática. Dentre as que foram mencionadas pelos respondentes dos formulários,

⁹⁸ “Galego”, como é chamado popularmente no Nordeste o comerciante que vende produtos de porta em porta e recebe o pagamento dentro das condições dos clientes (semanalmente, quizenalmente, mensalmente).

citam-se o Atacadão Vieira e a Miranda Computação (capital regional), a Casas Bahia e a Lojas Americanas (capital nacional) e o HiperBompreço (capital internacional - Grupo Walmart).

Os consumidores de eletroeletrônicos que realizam compras pela internet ficam evidenciados pelos perfis 6, 9, 11, 12, 13 e 14. No caso, os perfis são bem heterogêneos e representam pessoas em idade adulta, de 22 a 63 anos, com salários do chefe de família em todas as faixas de renda e em todas as faixas de escolaridade. Diferente do produto, se vestuário ou calçado, no qual a experimentação tem um aspecto diferenciado e que pode implicar a efetivação da compra, os eletroeletrônicos geralmente são conhecidos por suas marcas que “atestam” qualidade, podendo serem comprados em lojas físicas ou *online*, ou seja, na empresa que ofereça melhores preços e condições de pagamento.

Além disso, a maioria das lojas físicas também possui lojas virtuais. São empresas já conhecidas do consumidor e, não raro, o preço proposto pela internet é menor do que nas lojas físicas para este tipo de produto. Isso pode justificar a heterogeneidade dos perfis para esse tipo de produto em ambiente virtual.

Assim, em relação ao consumo de vestuário, calçados e eletroeletrônicos pode-se inferir que estão concentrados predominantemente no *shopping center* e no centro tradicional. Algumas lojas de bairro, direcionadas aos habitantes do próprio bairro, comercializam produtos mais populares e possuem relações de consumo mais próximas com seus clientes. No caso das roupas e dos sapatos, há, também, os comércios mais especializados, voltados a um público de segmento de média e de alta renda, localizados nos eixos de nova centralidade, como a Avenida João da Escóssia e a Avenida Rio Branco. Esses empreendimentos podem ser mais facilmente identificados estando associados ao comércio de roupas. Entretanto, começam a surgir também no ramo de calçados, a exemplo da loja Santa Lolla (abrangência nacional), na avenida Rio Branco.

Na verdade, quase todos os perfis são formados por consumidores do *shopping center* e do centro tradicional, seja de um ou outro produto. No entanto, percebe-se que, para eletroeletrônicos e para sapatos, o consumo ainda predomina no centro tradicional para um maior número de perfis. No caso dos calçados, em Mossoró, devido às especificidades do seu consumo, este é mais habitual no centro tradicional, mas apresenta novas lojas e marcas, destinadas a um público mais elitizado, no *shopping*.

O tradicional espaço de consumo consegue manter todos os tipos de perfis como seus consumidores, ou seja, dos mais jovens aos mais maduros, de todas as faixas de escolaridade e de renda. Já para vestuário entendemos que o comparecimento de um maior número de perfis consumindo no *shopping center* se deve a popularização do consumo ensejada pelas lojas de departamentos, que são acessíveis a vários públicos e que oferecem crédito facilitado com sistema de financiamento da própria empresa.

Alguns perfis que não mencionaram o consumo no *shopping center* e no centro tradicional são coincidentes para vestuário, calçados e eletroeletrônicos. Alguns se repetem em apenas duas destas variáveis (Quadro 11). Os perfis 3, 15 e 16 não mencionaram consumir em nenhuma variável no *shopping center*. Salienta-se que perfil 3 é caracterizado por jovens de 15 a 21 anos, com ausência de atraso escolar e com faixa de renda do chefe de família de cinco a dez salários mínimos. Já os perfis 15 e 16 são formados por pessoas na faixa etária de 50 a 63 anos, com pelo menos 12 anos de estudo, o que corresponde ao ensino médio, e com renda do chefe de família que varia de no mínimo cinco a mais de 20 salários mínimos.

É interessante observar que, para o *shopping center*, há uma predominância dos perfis a partir do número 13 (perfis 13, 15, 16, 18, 20), com pelo menos duas ocorrências no Quadro 11, que são definidos por indivíduos de faixa etária de 50 anos em diante, em todas as faixas de renda, com anos de atraso ou não na escolaridade. No Quadro 11, percebe-se ainda, o registro dos jovens de 15 a 21 anos, cujo chefe de família tem rendimento entre dois e 10 salários mínimos. Não é nosso objetivo identificar as razões que justificam esses resultados, tendo em vista que os dados não contêm informações suficientes para esta análise. Por isso, delinea-se apenas o perfil destes consumidores em cada espaço.

Quadro 11 - Mossoró/RN. Perfis que não consomem nesses espaços.

PERFIS QUE NÃO CONSOMEM NESSES ESPAÇOS														
	Shopping Center												Centro Tradicional	
Vestuário		2	3				15	16					4	20
Calçados		2	3		6	13	15	16	17	18		20	4	
Eletroeletrônicos	1		3	4		13	15	16		18	19	20		20

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

Legenda

- Duas ocorrências do mesmo perfil para os segmentos pesquisados.
- Três ocorrências do mesmo perfil para os segmentos pesquisados.

Em relação ao centro tradicional, nenhum perfil se repete para as três variáveis. No entanto, apenas dois se destacam, o Perfil 4 e o Perfil 20. O primeiro está representado por jovens na faixa etária dos 15 aos 21 anos, e o último por pessoas com idade acima de 64 anos, sendo que os dois têm em comum a faixa de renda do responsável pela família, a partir de dez salários mínimos, e a opção por consumir vestuário em outros espaços, que não seja no centro tradicional.

Percebe-se no geral, que o *shopping center* tem mais “restrição” de consumidores do que o centro tradicional, que, de fato, como já havia sido mencionado ao longo desse capítulo, também se caracteriza como um “espaço de todos”, que resiste e se mantém forte no mercado de Mossoró, mesmo com a chegada do novo espaço de consumo que, como citado pelos respondentes dos formulários em relação às características desse local, consideram-no mais agradável, esteticamente mais interessante e mais seguro.

Entretanto, dependendo do público-alvo das empresas, elas se estabelecem somente no centro tradicional, como foi o caso da Casas Bahia, cujo segmento que mais oferece oportunidades são os consumidores de baixo poder aquisitivo, aqueles que podem efetuar suas compras em um número maior de parcelas de baixo valor, facilitando assim o acesso deste segmento ao consumo de bens, já que de outra forma não seria possível. Outras como as lojas de departamento, que atendem a um público pertencente a todos os segmentos, estabeleceram-se nos dois locais, como a Lojas Americanas, a Riachuelo e a Marisa. No caso das empresas do mercado local, dependendo da sua clientela, permaneceram no centro tradicional.

Algumas empresas abriram filiais no *shopping center* e, nesse caso, a maioria está no segmento de eletroeletrônicos. O comércio de vestuário e calçados do *shopping center*, à exceção das lojas de departamento, estão direcionadas aos segmentos de média e de alta renda. São organizações locais, regionais e nacionais que, mesmo algumas sendo recentes na cidade, foram mencionadas nos dados da pesquisa, podendo-se inferir que estes estabelecimentos foram incorporados ao comércio local.

Além de espaço de consumo, o *shopping center* se configura como espaço de lazer. Foi dessa forma que os respondentes o identificaram, conforme já analisamos neste capítulo e, também, como ficou caracterizado no Quadro 12. Foi mencionado em todos os perfis como opção para os momentos de lazer, à exceção do Perfil 19, qualificado por pessoas a partir de 64 anos, pelo menos com 12 anos de estudo e cujo

responsável pela família recebe de 5 a 10 salários mínimos.

Além do empreendimento em si, foram mencionados o boliche e as salas de cinema, que estão instaladas em seu interior. Estes foram citados pelos perfis que vão de 15 a 49 anos, compostos por jovens e adultos. Para os perfis dos jovens de 15 a 21 anos, a faixa de renda do chefe de família vai desde sem rendimento até mais de 20 salários mínimos. Já para os perfis que contemplam os adultos, os responsáveis pelo sustento familiar recebem até dez salários mínimos.

Quadro 12 - Mossoró/RN. Perfis dos usuários do *shopping center* como espaço de lazer.

PERFIS DOS USUÁRIOS DO SHOPPING CENTER COMO ESPAÇO DE LAZER																				
ESPAÇOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Faixa Etária	15 a 21 anos				22 a 28 anos				29 a 49 anos				50 a 63 anos				A partir de 64 anos			
Shopping Center																				
Cinema																				
Boliche																				

Faixa de renda (Em salários mínimos)	0 a 2 sm	2 a 5 sm	5 a 10 sm	10 a 20 sm	0 a 2 sm	2 a 5 sm	5 a 10 sm	10 a 20 sm	0 a 2 sm	2 a 5 sm	5 a 10 sm	10 a 20 sm	0 a 2 sm	2 a 5 sm	5 a 10 sm	10 a 20 sm	0 a 2 sm	2 a 5 sm	5 a 10 sm	10 a 20 sm
--------------------------------------	----------	----------	-----------	------------	----------	----------	-----------	------------	----------	----------	-----------	------------	----------	----------	-----------	------------	----------	----------	-----------	------------

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

O Corredor Cultural de Mossoró também foi apontado como espaço de lazer, no todo ou em suas partes isoladamente (Quadro 13). Observando o quadro a seguir percebe-se que há predominância da menção do uso desses espaços pelo público jovem e adulto. Embora a Praça da Convivência, mais especificamente, e o Corredor Cultural, como um todo, tenham sido citados como locais elitizados pelos respondentes dos formulários desta pesquisa, assim como o *shopping center*, é utilizado por quase todos os perfis.

Poucas foram as menções feitas pelos respondentes à Estação das Artes. Encontram-se, porém, representadas em todos os perfis e estão vinculadas à faixa de renda mais baixa, “sem rendimento até dois salários mínimos”. A exceção está no perfil de jovens de 15 a 21 anos que citaram frequentar esse espaço e pertencem às famílias cujo chefe recebe entre cinco até mais de 20 salários mínimos.

Outros espaços mencionados foram o Parque da Criança e a Praça Cícero Dias, conhecida como Praça do Teatro. Estas estão associadas a programas em família com

crianças, pois, além dos brinquedos do parque, na Praça do Teatro há diversos trabalhadores informais que alugam carros e motos elétricas após as 17h. Camas elásticas para crianças a partir de um ano de idade são alugadas no mesmo local. Esses espaços foram citados por jovens e adultos. Os jovens estão na faixa de renda mais elevada, acima de cinco até mais de 20 salários mínimos. Os adultos estão na faixa das rendas menores, nas quais o chefe de família auferia no máximo cinco salários mínimos.

Quadro 13 - Mossoró/RN. Perfis dos usuários do Corredor Cultural como espaço de lazer.

PERFIS DOS USUÁRIOS DO CORREDOR CULTURAL COMO ESPAÇO DE LAZER																				
ESPAÇOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Faixa Etária	15 a 21 anos				22 a 28 anos				29 a 49 anos				50 a 63 anos				A partir de 64 anos			
Corredor Cultural																				
Praça da Convivência																				
Estação das Artes																				
Praça do Teatro																				
Parque da Criança																				

Faixa de renda (Em salários mínimos)	0 a 2 sm	2 a 5 sm	5 a 10 sm	10 a 20 sm	0 a 2 sm	2 a 5 sm	5 a 10 sm	10 a 20 sm	0 a 2 sm	2 a 5 sm	5 a 10 sm	10 a 20 sm	0 a 2 sm	2 a 5 sm	5 a 10 sm	10 a 20 sm	0 a 2 sm	2 a 5 sm	5 a 10 sm	10 a 20 sm
--------------------------------------	----------	----------	-----------	------------	----------	----------	-----------	------------	----------	----------	-----------	------------	----------	----------	-----------	------------	----------	----------	-----------	------------

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

Alguns espaços não foram citados, a exemplo do Teatro Dix Huit Rosado, a Praça de Eventos e o Largo Francisco Heronildes da Silva, sendo os dois últimos também utilizados pelos trabalhadores informais para o aluguel de brinquedos para crianças, além da Praça do Skate e o Memorial da Resistência.

O que se pode inferir sobre o *shopping center* e o Corredor Cultural de Mossoró é que, na verdade, eles são frequentados por quase todos os perfis, isto é, a única exceção seria o Perfil 19 para ambos. Entretanto, a diferença de usos está nas especificidades. No caso do *shopping*, o entretenimento está mais associado aos jogos e as salas de cinema. Além disso, apresentou mais menções também ao público a partir de 50 anos.

Já no Corredor Cultural, as especificidades estão relacionadas a cada praça ou a cada equipamento cultural, de acordo com as atividades desenvolvidas nas mesmas, que objetivam públicos diferentes. Pelas menções que foram feitas ao uso desses espaços, pode-se inferir que os mesmos foram incorporados ao lazer dos habitantes da cidade, mesmo que este ocorra de forma segmentada pela oferta de serviços, atividades ou mesmo em função da renda das famílias, pois, embora quase todos afirmem utilizar, os dados não possibilitam avaliar a frequência deste uso.

Diante do exposto nos últimos subcapítulos e a partir dos procedimentos metodológicos utilizados, que consideram a divisão da população de Mossoró em grupos, os quais foram delimitados pela faixa de renda e pelo local de moradia, bem como pela organização dos dados em perfis socioeconômicos, podemos elaborar algumas considerações.

Primeiramente, a análise das práticas espaciais advinda dos formulários levamos a compreender uma imagem da cidade associada de forma mais acentuada aos aspectos culturais e imateriais, aos eventos que ocorrem na cidade e que estão relacionados à história de Mossoró. Eles são portadores de elementos identitários para os habitantes, tal como foram mencionados os espaços onde esses eventos ocorrem. A exemplo, cita-se o espaço da festa, espetacularizado pelas gestões municipais, como o Mossoró Cidade Junina, em sua 19ª edição no ano de 2015.

Ocorre que os eventos se dão no Corredor Cultural de Mossoró, na avenida Rio Branco, eixo que após o investimento público na obra de intervenção, vem se configurando como área de atração de empreendimentos em diversos ramos de produtos e de serviços, assim como o comércio informal. Percebe-se pela entrevista com os arquitetos responsáveis pelos projetos que, desde a sua concepção, o Corredor foi pensado para ser um espaço de uso múltiplo, com uma “qualidade” que atraísse pessoas de todos os segmentos de renda. No entanto, os usos são segmentados.

Como afirmou Serpa (2007), os espaços públicos são privatizados pela instituição de barreiras físicas e simbólicas, que não permitem que eles sejam compartilhados, mas parcelados, espaços justapostos, utilizados pelos diferentes grupos sociais.

Em segundo lugar, compreende-se que o surgimento dos novos espaços de consumo e de lazer, *shopping center* e Corredor Cultural, não anularam a importância do centro tradicional como espaço de consumo de produtos e de serviços, como

espaço do trabalho, bem como da leitura simbólica que os residentes fazem deste local, ou seja, como um “espaço de todos”. Ao passo que, os novos espaços são lidos como espaços de lazer, os quais não são acessíveis a todas as pessoas, sendo a maior frequência a esses locais, segundo os dados, diretamente proporcional aos grupos com maior renda.

Os dados manifestaram que, dependendo do local de moradia, do acesso ao transporte para locomoção, da renda da família, além de fatores subjetivos, como explicitaremos a seguir, o uso desses novos espaços demonstram a existência de diferenciação, pois a desigualdade social é, cerne explicativo para a diferenciação socioespacial “[...] tanto em seu sentido real e concreto (vivido, percebido praticamente, gerando segregações), quanto possível (a ideia de que a desigualdade vivida pode produzir a diferença como negatividade)” (CARLOS, 2007, p.48).

Por outro lado, são eles uma segmentação, apontando para um processo de fragmentação em curso, que se respalda em indícios como a apropriação diferenciada do espaço para habitação, para o trabalho, para os estudos, para o lazer, para a cultura e para o consumo de produtos e serviços, tudo isso se realizando no plano da vida cotidiana.

Um terceiro ponto que foi observado é que alguns estigmas foram evidenciados em relação à interpretação que esses sujeitos têm do espaço urbano e em suas práticas espaciais. É possível apreender a diferenciação socioespacial e o evitamento social que estão revelados, por exemplo, na rejeição ao uso ou frequência de espaços da cidade considerados periféricos, a exemplo dos bairros de moradia dos segmentos de baixa renda, considerados perigosos e midiaticamente estigmatizados. O esquivamento ao uso dos espaços públicos dos bairros representa, sobretudo, um processo claro de segmentação.

Ainda considerando o mesmo aspecto, as leituras que foram feitas pelos respondentes dos usuários dos espaços, se distinguem de forma negativa quando associadas a aparência de alguns, os quais para os sujeitos da pesquisa não se “encaixam” nesses locais. Para eles, o acesso de forma plena ao *shopping center* e ao Corredor Cultural, independente de serem espaços públicos ou privados, dá-se se o usuário tiver a possibilidade de consumir os produtos e os serviços que são ali comercializados. Caso contrário, se ele não utilizar o espaço da maneira para o qual foi concebido, “qual seria o objetivo de ir a uma praça de alimentação e não poder se alimentar? Ou de levar o filho a um parque e a criança não ter a possibilidade de

brincar?”.

Essa perspectiva elucida a ideia de que o homem, em sua condição de cidadão, declina em favor de sua condição de consumidor. Seu modo de vida é mediado por valores materialistas, sendo o poder de consumo seu grande referencial, marcando, por sua vez, a produção do espaço em sua natureza material e orientada em valores econômicos. Esse fato dá ao espaço urbano um crescente significado de mercadoria.

Outro aspecto da leitura dos novos espaços de consumo e lazer pelos habitantes é que estes são vistos como ambientes seletivos e elitizados, de maneira que algumas pessoas se sintam desconfortáveis ou não integradas nesses lugares. Nesse ponto, entretanto, ressalta-se uma contradição, os dados mostraram que o incômodo se mostrou mais evidente em relação ao Corredor Cultural, que é um espaço público do que em relação ao *shopping center*, que é um espaço privado.

O primeiro, o espaço público, conceitualmente deveria ser comum a todos, sem impedimento de acesso e participação de toda e qualquer pessoa, como afirma Gomes (2002) e o segundo, o privado, é um espaço controlado, mesmo que este controle não se evidencie ou procure não se evidenciar, como já colocado por Góes (2013), mas é exercido caso a administração dos empreendimentos veja necessidade, além disso é visto pelos respondentes da amostra de maior poder aquisitivo como espaço de lazer e compras, por conseguinte, o espaço onde estão entre seus “iguais”.

Um quarto aspecto depreendido dos dados é que os pesquisados absorveram a ideia do Corredor Cultural como “cartão postal” da cidade e avaliam de forma positiva a edificação das praças e os equipamentos culturais. Isto acontece, também, em relação a construção do *shopping center*, especialmente como opção de lazer, segmento no qual a cidade é carente e possui poucas alternativas, característica das cidades médias, como colocado por Góes (2013).

Por fim, entende-se, então, que o advento desses novos espaços na cidade é encarado de modo otimista, vistos como símbolos de crescimento econômico e modernização de Mossoró. No entanto, locais que nem todos têm acesso por falta de condições materiais ou por barreiras simbólicas, por não se sentirem parte ou não estarem em um perfil que os questionados atribuem a esses locais, fatores que denotam o uso diferenciado ou parcial, pois não realizado de forma plena desses espaços.

Conforme visto na discussão teórica que fundamenta nossa análise, a diferenciação socioespacial ganha materialidade no âmbito do espaço urbano, tendo como característica inerente a divisão social e espacial do trabalho, expressando, por sua vez, um importante aspecto temporal que indica a coexistência de processos e formas, presentes e pretéritos, se conformando em um mesmo espaço e acentuando as marcas de diferenciação. A produção desse espaço se revela nos níveis econômico, político e social (CARLOS, 2007; CORRÊA, 2007b).

No nível econômico, compreende-se as necessidades do capital, revelando-se em Mossoró, por exemplo, no investimento em infraestrutura de algumas áreas em detrimento de outras, favorecendo a produção de empreendimentos privados para segmentos específicos, denotando novas formas de circulação e consumo. Já no nível político, o poder público produzindo e normatizando o espaço, por meio de políticas, promovendo usos, espaços com segregação imposta, hierarquizando lugares que, na ação do Estado, sofrem valorização e são apropriados pelos proprietários dos meios de produção, pelos agentes do mercado imobiliário, a exemplo do que ocorre nas avenidas Rio Branco e João da Escóssia.

No nível social, manifesta-se nas práticas cotidianas, nos movimentos de ir e vir dos cidadãos para desenvolverem seus deslocamentos para o trabalho, para o lazer e para a satisfação de suas necessidades, constituindo-se como espaço da circulação. Nesse movimento, estabelecem relações com o espaço, as quais lhe atribuem significado, mudam seus usos e podem, também, atribuir-lhes valor.

No Corredor Cultural, com a intervenção urbana, houve uma mudança de usos e de usuários, estabelecendo novas lógicas locais e de apropriação que lhe atribuíram novos sentidos e valorização. Isso fica revelado nas práticas espaciais e em outros níveis de determinação do espaço, pois estão imbricados e desvendam a produção desigual do espaço urbano.

Ademais, toda essa análise revela como os espaços são intencionalmente programados, produzidos para serem consumidos conforme os interesses majoritariamente capitalistas, fato que dá à propriedade privada um sentido público com um intuito de expandir e de justificar a reprodução do capital. A exemplo, é o que acontece com o espaço do *shopping center*. Em conjunto com os demais espaços de reprodução da vida, temos um contexto complexo que evidencia uma divisão social do espaço cada vez mais acentuada, marcando, dessa forma, a diferenciação socioespacial, que guarda como características, as típicas contradições e as

desigualdades da sociedade capitalista.

Outrossim, elas se estendem no espaço de forma material ou simbólica e se reproduzem ao longo do tempo, base para o entendimento da tese aqui defendida no contexto de Mossoró.

5 CONCLUSÃO

A leitura de uma cidade pode ser feita por perspectivas diversas. Sánchez (2010) afirma que, para realizar essa leitura, faz-se necessário construir uma imagem de cidade, interpretá-la e sintetizá-la por ser um objeto de estudo complexo.

Diz, ainda, que esse objeto não pode ter uma única representação possível, pois o que “se vê depende do lugar de onde se olha e de para onde se olha [...]”, portanto, a análise deve contemplar “de quem são os olhares ou quem realiza essas leituras” (SÁNCHEZ, 2010, p.108).

Assim, para se compreender a produção do processo de diferenciação socioespacial em Mossoró, procurou-se olhar a cidade na perspectiva da produção do espaço urbano ao longo do tempo e, mais recentemente, por meio das novas formas de moradia, dos novos espaços de lazer, de consumo e das práticas espaciais, pois, essas diferenciações se revelam nas lógicas espaciais, econômicas e nas práticas espaciais (SPOSITO, 2013).

Para tanto, procurou-se identificar os agentes produtores do espaço que, por meio de suas ações, engendraram esses processos, os quais, em período mais recente, manifestaram-se através da expressão de novas centralidades, da segmentação socioespacial e das novas práticas espaciais, havendo novos significados e representações acerca desses novos locais. Dessa forma, há a amplificação do processo de diferenciação socioespacial, historicamente produzida, que se complexifica à medida que a cidade cresce e apresenta processos mais intensos de clivagem, como, por exemplo, segregação socioespacial e indícios de fragmentação socioespacial.

Essa diferenciação socioespacial tem sido confirmada espacialmente, ao longo do tempo, em Mossoró. O processo de produção da cidade foi constituindo um espaço urbano desigual, que hoje carrega marcas de vários períodos históricos e de processos específicos, curtos ou longos, que culminaram e culminam no atual quadro de diferenciação socioespacial, processo esse escolhido para fundamentar nossa análise.

Desde o século XIX, período em que Mossoró se estabeleceu como Empório Comercial, as atividades comerciais, os prédios, os espaços públicos e a moradia dos habitantes com maior poder aquisitivo, manifestas no padrão arquitetônico europeu, já denotavam uma diferenciação da elite daquela sociedade, bem como a sua

localização, o centro tradicional. A área central continuou sendo dotada de melhor infraestrutura urbana e abrigando o comércio e a elite mossoroense durante um longo período de tempo.

Alguns fatos foram representativos na expansão urbana de Mossoró e caracterizam diferenciação na cidade por meio de seus agentes, os quais diferem áreas por meio da divisão econômica e social do espaço. A implantação da linha férrea, no ano de 1915, foi um vetor de expansão da cidade no sentido nordeste-sudoeste. Ao longo de seus trilhos, foram inauguradas fábricas, armazéns e agroindústrias, o que ensejou a ocupação das áreas em seu entorno pelos trabalhadores desses estabelecimentos e pelos da estrada de ferro (SPOSITO, 2013).

Essa ocupação veio a formar os bairros operários, socialmente homogêneos, o que se caracterizou um espaço socialmente segmentado. Vemos, então, o espaço sendo produzido pelo Estado na dotação de infraestrutura, pelos donos dos meios de produção e pelos operários. Os bairros originados são hoje ocupados pelos segmentos médios de renda, que absorvem as áreas que ficam adjacentes à área central e, também, pelos segmentos de baixa renda, que ocupam as áreas mais distantes, algumas, inclusive, estigmatizadas por aspectos materiais e simbólicos, constantemente presentes nos dados da pesquisa, associados a espaços que não podem ser frequentados pela insegurança urbana veiculada pela mídia local, evidenciando um processo de segregação, pois não caracterizado apenas por sua natureza espacial, mas, também, evidenciado em uma perspectiva temporal e vinculado a aspetos objetivos e subjetivos das representações sociais desses locais, nos termos de Sposito (2013).

A edificação da ponte Jerônimo Rosado, na década de 1940, dá início a ocupação da parte sudeste da cidade e a implementação do primeiro conjunto habitacional para moradia popular, Conjunto Walfredo Gurgel, que permanece como local de habitação para cidadãos dos segmentos de baixa renda. Deu-se naquele momento, provavelmente, a primeira diferenciação socioespacial promovida pelo poder público por meio do financiamento de residências para um segmento social específico.

A implantação da Zona Universitária, na década de 1970, foi um vetor de expansão, também na porção da sudeste da cidade, sendo que as áreas do entorno das instituições de ensino foram ocupadas por professores universitários e por funcionários públicos. Eles tiveram suas habitações financiadas pela política

habitacional federal. Essa parcela do tecido urbano hoje forma parte do bairro Costa e Silva, na qual estão as moradias de alto padrão. O bairro, em lógica recente, vem sendo apropriado pelos incorporadores imobiliários para a construção de espaços residenciais fechados, destinados aos segmentos de renda média e baixa. Além de prédios corporativos, em virtude do estabelecimento próximo à universidade federal, às instituições do poder judiciário presentes no município, também está atraindo para lá escritórios advocatícios. Infere-se, portanto, que o bairro tem sido produzido pelo Estado e pelos promotores imobiliários com processos de diferenciação socioespacial. Essas questões aparecem expressas na divisão social do espaço e por meio de áreas que são mais valorizadas em detrimento de outras mais afastadas do centro tradicional. Estas últimas, apresentam problemas de infraestrutura e tem perfil socioeconômico característico dos segmentos de renda baixa.

O desemprego estrutural com a mecanização das salinas, na década de 1960 e, posteriormente, com a seca de 1979, ocasionou uma proliferação do número de moradias subnormais em Mossoró. Ela aconteceu na continuação dos bairros operários, dando origem ao Barrocas e parte do Paredões. Em sua constituição, esses bairros surgiram segregados, produzidos pelos grupos sociais excluídos, tais como os desempregados e os retirantes da seca. Ainda hoje, são bairros qualificados como perigosos, violentos e estigmatizados, como pudemos verificar em nossa pesquisa. Habitar nessas áreas estigmatiza também o morador, a exemplo do bairro Santo Antônio onde os habitantes, que pertencem aos segmentos de renda média, anseiam por uma separação formal de bairros com medo da desvalorização de seus imóveis. Tal fato reitera a diferenciação socioespacial em seu processo mais avançado, produzindo segregação socioespacial em seus aspectos materiais e simbólicos.

A implantação de conjuntos habitacionais, na década de 1970, expandiu a cidade a noroeste da área central, constituindo os bairros Nova Betânia e Abolição. O primeiro surgiu com o crescimento dos serviços especializados, que ocuparam mais espaços no centro tradicional, o que demandou por meio da elite outras áreas de moradia. Isso aconteceu por meio do programa de financiamento habitacional INOCOOP, o qual subsidiou a construção de residências destinadas aos segmentos de renda médio e alto, denominadas por Felipe (1982) de mansões.

Em período recente houve o investimento público municipal para a implantação do *shopping center*, que atraiu outros empreendimentos, como os hipermercados de atacarejo de capital internacional, uma universidade privada, além

de condomínios verticais, horizontais e loteamentos fechados. A produção desse espaço, em princípio, deu-se por meio das políticas habitacionais do Estado e, em período recente, o poder público tem investido em dotação de infraestrutura, de acordo com o modelo de empreendedorismo urbano. Isso ocorre por meio da instalação de empresas de segmentos diversos que estão direcionadas para o consumo da elite. Essa expressão de nova centralidade ocasionou valorização desta porção do espaço, redefinindo os fluxos no interior da cidade.

Além do mais, os agentes do mercado imobiliário, a partir de 2006, vêm construindo espaços residenciais fechados de alto padrão, nos quais os indivíduos se autossegregam com outros sujeitos sociais socialmente homogêneos, evitando, dessa forma, o convívio com o diferente. Essa postura enseja novas práticas espaciais, denotando indícios de fragmentação socioespacial, enquanto processo recente, na medida em que se desenvolve possibilitado por esses novos espaços de moradia e consumo.

Já o Abolição foi instalado para moradia popular em área sem infraestrutura, sem transporte coletivo e distante do centro tradicional, onde estavam concentrados o comércio e a prestação de serviços. Vê-se, nesse local, mais um produto das políticas habitacionais do Estado com diferenciação socioespacial. Tal área se expandiu em um conjunto de quatro etapas, suscitando a origem de outros bairros em suas imediações (CORRÊA, 2005).

Atualmente, são áreas que continuam sendo constituídas por habitação destinada aos segmentos de renda média e baixa. Ao estabelecer o conjunto habitacional distante da área central, possibilitou-se uma extensão de terras que pôde ser apropriada para a especulação imobiliária. Em período recente, também recebeu empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida, destinados à faixa 1.

Nisso se manifesta a ação do Estado, em parceria com os incorporadores imobiliários, para a produção de habitações populares, indicadas para indivíduos que não têm opção de escolha, a serem construídas em áreas periféricas da cidade, distantes da área central, da oferta de produtos e de serviços, das áreas de amenidades, isto é, reproduzindo historicamente a segregação imposta (CORRÊA, 2005).

A descoberta do petróleo em Mossoró e a instalação da sede da Petrobras na cidade, em 1980, deu início a uma grande transformação urbana, ensejada pela chegada dos funcionários e prestadores de serviços à empresa, que demandavam

moradia e serviços. Tal acontecimento dinamizou as atividades do mercado imobiliário, bem como da expansão territorial urbana, especialmente na direção sul, onde ficam os bairros Alto de São Manoel, Planalto 13 de Maio e Alto do Sumaré. O último, localizado nos arredores da multinacional, tem sido apropriado pelos incorporadores imobiliários para a produção de moradia de empreendimentos habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida, destinados aos segmentos de baixa e média renda. São loteamentos abertos e espaços residenciais fechados que, da mesma forma dos condomínios e loteamentos fechados de alto padrão, reproduzem a autossegregação e o esquivamento das relações de sociabilidade. As áreas ocupadas são carentes de infraestrutura, de equipamentos públicos e de transporte coletivo que atendam aos novos moradores.

Percebe-se, conseqüentemente, que os espaços historicamente ocupados pelos segmentos de menor e de maior renda mantêm-se quase os mesmos. O que mudou em tempo recente foram os investimentos públicos e privados, especialmente dos agentes do mercado imobiliário que produzem moradia nessas áreas. Em busca do lucro e da viabilidade para financiamento, procuram áreas periféricas, onde os terrenos sejam menos valorizados, para edificar moradias populares, voltadas aos segmentos de baixa renda viabilizados pelo financiamento federal do Programa Minha Casa Minha Vida. Já nas áreas privilegiadas, próximas à área central, perto do espaço de comércio e de serviços, são construídas as moradias da elite.

Igualmente, surgem os espaços residenciais fechados (nos termos de SPOSITO; GÓES, 2013) , tanto para os habitantes com maior poder aquisitivo como para os menos abastados. A produção de moradia para estes últimos mimetiza as características dos espaços residenciais dos segmentos de média e de alta renda, reproduzindo a representação de qualidade de vida e da segurança nesses espaços fechados e com controle de acesso. Embora o padrão construtivo e a localização sejam diferenciadas, a representação de qualidade de vida e da segurança existem, caracterizando, um processo de autossegregação.

Essas mudanças na moradia, que transformaram o cenário urbano de Mossoró, iniciaram no decênio de 2000-2010. Além dessas transformações, novos espaços de consumo, de lazer, de entretenimento, da oferta de produtos e de serviços, foram ensejados por meio de ações e investimentos do poder público – no prolongamento da avenida João da Escóssia, na doação de terreno para edificação do *shopping center*, na construção do Corredor Cultural e na avenida Rio Branco. Existe o

desenvolvimento de uma política urbana se que evidencia no plano econômico e político, na articulação entre os agentes público e privado e na sua atuação na produção do espaço, promovendo, por conseguinte, diferenciação socioespacial (CARLOS, 2007).

Além da valorização, esses novos espaços ensejaram a atração de empreendimentos diversos, que denotavam expressão de novas centralidades. Por conseguinte, sua localização em áreas que evidenciavam a reestruturação da cidade, através de construções e intervenções urbanas que demonstraram o quanto a cidade se modernizou, agregando também empreendimentos cujo público-alvo foi constituído por segmentos de renda médio e alto. Portanto, o uso desses espaços é segmentado por aspectos materiais e simbólicos, clivagens por vezes invisíveis, mas que, no entanto, restringem e delimitam o uso do espaço urbano por todos e para todos.

Os dados da pesquisa demonstraram que houve o uso dos novos espaços por indivíduos pertencentes a todos os grupos da amostra, indicando a coexistência desses habitantes nesses locais. Contudo, suas práticas espaciais podem se diferenciar dependendo da sua renda, do seu nível de escolaridade, da sua disponibilidade de tempo livre, do seu acesso ao transporte, distância de sua área de moradia, entre outros fatores que denotam a diferenciação socioespacial nas formas de apropriação do espaço. Além desses itens, os dados revelaram, ainda, que a maior frequência a esses novos espaços é diretamente proporcional à maior renda dos chefes de família, aos que têm maior nível de escolaridade, aos que são proprietários de automóveis e podem usufruir dos espaços da cidade, em deslocamentos relativamente curtos e de forma seletiva, ou seja, aspectos associados aos indivíduos com maior poder aquisitivo.

Em contraponto, o centro tradicional ainda é percebido como um espaço de todos, como espaço de consumo de produtos e de serviços, por vezes, exclusivos da área central. Portanto, esse fato denota que ele não perdeu sua expressão diante dos novos espaços de consumo.

Assim, percebe-se que a diferenciação socioespacial em Mossoró se revelou em processos que foram se modificando historicamente, acompanhando as mudanças da cidade ao longo do tempo, estando associados a fatores de âmbito local, nacional ou até global, a exemplo do desenvolvimento de suas principais atividades econômicas: extração de petróleo, indústria salineira e produção de fruticultura

irrigada. Esses foram os principais vetores de mudanças e de expansão urbana de Mossoró. Em período recente, percebe-se um declínio da extração de petróleo e uma expansão das atividades terciárias, que já estão ocasionando redefinições por meio das novas expressões de centralidade.

Assim, a construção desta tese, com base nas reflexões produzidas por intermédio das leituras, da observação direta, dos trabalhos de campo, dos dados secundários, das entrevistas e dos procedimentos de organização e de tratamento das informações obtidas, com a aplicação dos formulários, leva-nos a compreensão de que o processo de diferenciação socioespacial em Mossoró ocorre desde a gênese do seu espaço urbano. Ele está marcado por continuidades e descontinuidades, mudanças e permanências. Esses fatores espelham relações na escala e no tempo, que trazem transformações, tanto quanto demonstram permanências.

Mudanças e permanências combinando-se, ora mantendo, ora alterando lógicas e dinâmicas de diferenciação na cidade, aprofundando-as, em processos de segregação, de autosegregação e de segmentação socioespaciais, mas tendo aquele processo maior como sua característica. Processos e formas que são possibilitados pelo que está construído no espaço, possuindo uma temporalidade que evidencia as singularidades no espaço urbano de Mossoró e se fazem presentes no espaço da festa, no Corredor Cultural e em seus múltiplos usos que ensejam práticas e espacialidades.

Fatores advindos de um processo de reestruturação recente que, acelerados pelos agentes da produção do espaço, inauguram formas, lógicas e processos singulares, demonstrando que a leitura dessas transformações pelos cidadãos levou-nos a buscar compreender esta cidade em suas especificidades.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Patrícia. O Modelo Barcelona: um exame crítico. **Finisterra**, Lisboa, v. 14, n.90, p.211-213, 2010.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

BESSA, Kelly. Diferenciação espacial como elemento próprio à natureza da geografia. **Mercator**, Fortaleza, v.9, n.20, p.43-56, 2010.

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**, UERJ/RJ, n.23, p.7-18, jan./jun. 2008.

_____. **Pelas margens da cidade e no meio da festa: a (re) invenção das festas e da identidade no espaço urbano de Mossoró-RN**. 2006. 208 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2006.

BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. As cidades como atores políticos. Tradução do espanhol de Omar Ribeiro Thomaz. **Novos Estudos** (CEBRAP), São Paulo, n.45, p.152-166, jul. 1996.

BRANCO, Maria Luiza Castello. Cidades médias no Brasil. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar. (Orgs.). **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p.245-271.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 2.ed. São Paulo: 34/Edusp, 2000.

CÂMARA, Fernando C. **Um corredor de memória: a utilização histórico arquitetônico de Mossoró como justificativa de mando (1938-2007)**. Monografia (Especialização em História da Região Nordeste) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Mossoró/RN, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Diferenciação socioespacial. **Cidades**, Presidente Prudente, v.4, n.6, p.45-60, 2007.

_____. **A (Re) Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Espaço público e “nova urbanidade” no contexto do direito à cidade. **Confins**, v.18, n.18, p.2, 2013.

CASTRO, Carla Yara Soares de Figueirêdo. **O Corredor Cultural**: espaço de materialização da exclusão social em Mossoró-RN. 2012. 171f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2012.

COIMBRA, Aline Fernanda. **Análise comparativa do mercado imobiliário em cidades médias**: a oferta de apartamentos, casas e terrenos urbanos em Campina Grande/PB, Mossoró/RN e Passo Fundo/RS. 2013. 126f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2013.

COMPANS, Rose. **Empreendedorismo urbano**: entre o discurso e a prática. São Paulo: UNESP, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da C. CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p.49 -76.

_____. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 4.ed. 2005.

_____. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, Maria Encarnação B. (org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007a.

_____. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. **Cidades**, v.4, n.6, p.62-72, 2007b.

CORREIO DA TARDE. **Verticalização muda cenário de bairros mais periféricos**. Natal e Mossoró, 16 jul. 2011. Disponível em: <http://www.correiodatarde.com.br/editorias/correio_mossoro-63992>. Acesso em: 13 mar. 2015.

COSTA, Andréa Virginia Ferreira. **Lugares do passado ou espaços do presente?** Mossoró: Fundação Vingt Rosado, 2009.

COSTA, Maria Clelia Lustosa. Discurso médico-higienista e ordem urbana. 2013, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2013. Disponível em: <http://www.simpurb2013.com.br/wp-content/uploads/2013/11/GT8_1545_Maria-Clelia.pdf>. Acesso: 13 jan. 2015.

COUTO, Edna Maria Jucá. **Redefinições espaciais do comércio de Mossoró – RN**. (2011. 221f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

_____. Redefinições espaciais nas cidades médias brasileiras: a expansão do consumo e a produção do espaço urbano em Marília-SP e Mossoró-RN. In: XIII Seminário Internacional RII. **Anais...** Salvador/BA, 2014.

CRISPINIANO NETO, Joaquim. **Auto da liberdade**. Mossoró: Queima Bucha, 2005.

CRUZ, Cosme D. **Programa Genes**: biometria. Viçosa (MG): UFV, 2006.

CUNHA, José Marcos Pinto. Redistribuição espacial da população: tendências e trajetórias. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.17, n.3-4, p.218-233, 2003.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p.40-52, set./out./nov./dez. 2003.

DIAS, Patrícia Chame; LOPES, Diva M. Ferlin. A propósito do planejamento e gestão nas cidades médias e pequenas: uma breve introdução. In: DIAS, Patrícia Chame; LOPES, Diva M. Ferlin. (Org.). **Cidades médias e pequenas: desafios e possibilidades do planejamento e gestão**. Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2014. v.95, p.9-20.

DUTRA, Wescley Rodrigues. Teorizando o cangaço: o “Rei Lampião” e a questão do banditismo social. In: MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (Orgs.). 3º Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história. **Anais...** Ouro Preto/MG: Edufop, 2009.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Mossoró: um novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais. In: SPOSITO, Maria E. B.; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz R. (Orgs.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p.101 - 273. (Coleção Geografia em Movimento).

FELIPE, José L. A. **A (re) invenção do lugar: os Rosados e o “país de Mossoró”**. João Pessoa: Grafset, 2001.

_____. **Organização do espaço urbano de Mossoró**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1982. (Coleção Mossoroense).

FERREIRA, Diocleide L. **A (re)invenção de uma cidade: Cid marketing e a requalificação urbana em Sobral-CE**. 2013. 296 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

FERREIRA, João S. W. **O mito da cidade-global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: UNESP; Salvador, BA: Anpur, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

FIGUEIREDO, Natan. Pressão cresce por melhor transporte coletivo em Mossoró. **Jornal De Fato**, Mossoró, 10 fev. 2014. Notícias. Disponível em: <<http://www.defato.com/noticias/31667/pressao-cresce-por-melhor-transporte-coletivo-em-mossoro>>. Acesso em 14 fev. 2014.

GAZETA DO OESTE. **Fim dos estacionamento oficiais cria 84 novas vagas**. Mossoró, 11 fev. 2014b. Disponível em: <<http://www.gazetadooeste.com.br/mossoro-fim-dos-estacionamentos-oficiais-cria-84-novas-vagas-19903#>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

GAZETA DO OESTE. **Mossoró cidade junina terá policiamento reforçado.**

Mossoró, 08 jun. 2013. Polícia. Disponível em:

<<http://www.gazetadooeste.com.br/noticias-mossoro-cidade-junina-tera-policiamento-reforcado-12120>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

_____. **População aprova edição 2014 do Mossoró Cidade Junina.** Mossoró, 20 jul. 2014a. Mossoró. Disponível em:

<<http://gazetadooeste.com.br/populacao-aprova-edicao-2014-do-mossoro-cidade-junina/>>. Acesso em: 16 ago. de 2014.

GÓES, Eda. Entre fragmentos e continuidades: os enclaves fortificados e os novos conteúdos da vida urbana, 2013, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: XIII simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2013. Disponível em:

<http://www.simpurb2013.com.br/wp-content/uploads/2013/11/GT09_Eda.pdf>. Acesso em: 14 de fev. 2015.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana:** ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 304p.

_____. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da C. CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Geografia:** conceitos e temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p.49 -76.

GRIGIO, Alfredo M.; DIODATO, Marco Antônio. Dimensões físico-ambiental. In: PESSOA, Zoraide *et al.* (Orgs.). **Como anda Mossoró:** análise da conjuntura sociourbana, ambiental e político-institucional. Natal: UFRN, 2011.

GUERRA, Amanda Estela Breve histórico da configuração político-administrativa brasileira. In: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE**, [s/d]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm>. Acesso em: 18 set. 2014.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. Do gerenciamento ao empresariamento e transformação da administração urbana ao capitalismo tardio. **Espaços & Debates:** Revista de Estudos Regionais e Urbanos, São Paulo, v.14, n.39, p.48-64, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: 02 mar. 2016.

_____. **Mossoró/RN:** população. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/mossoro/panorama>> Acesso em: 02 mar. 2016.

JORNAL DE FATO. **Estacionamentos privados crescem.** Mossoró, 8 fev. 2014c. Mossoró. Disponível em: <<http://www.defato.com/noticias/31593/estacionamentos-privados-crescem>>. Acesso em 12 fev. 2014.

_____. **Financiamentos pelo programa crescem 73% em 2012.** Mossoró, 26 fev. 2013a. Disponível em: <<http://www.defato.com/noticias/11126/financiamentos-pelo-programa-crescem-73-em-2012>>. Acesso em 26 out. 2014.

JORNAL DE FATO. **João da Escóssia se transforma em nova área comercial.**

Mossoró, 19 abr. 2014a. Mossoró. Disponível em: <<http://www.defato.com/noticias/34249/joa-o-da-esca-ssia-se-transforma-em-nova-area-comercial>>. Acesso em: 20 abril 2014.

_____. **Novas áreas urbanas começam a se definir.** Mossoró, 07 abr. 2011.

Disponível em: <http://www.defato.com/07_04_2011/mossoro.php>. Acesso em: 13 mar. 2012.

_____. **Projeto de convivência vai fechar avenida Rio Branco em Mossoró.**

Mossoró, 30 ago. 2013b. Mossoró. Disponível em: <http://issuu.com/jornaldefato/docs/30_08_2013>. Acesso em: 08 de jan. 2015.

_____. **Palácio do Sal pede licença ambiental, mas falta projeto.** Mossoró, 31 out 2014b. Disponível em: <<http://www.defato.com/noticias/41492/pala-cio-do-sal-pede-licena-a-ambiental-mas-falta-projeto>>. Acesso em: 13 de jan. 2015.

JORNAL O MOSSOROENSE. **Estatísticas da segurança pública apontam que**

Mossoró vivencia o ano mais violento de sua história. Mossoró, 14 abr. 2013.

Polícia. Disponível em: <<http://omossoroense.com.br/index.php/policia/49095-estatisticas-da-seguranca-publica-apontam-que-mossoro-vivencia-o-ano-mais-violento-de-sua-historia>>. Acesso em: 4 fev. 2014.

_____. **Transporte público circula com 37,5% do previsto pelo Plano de**

Mobilidade Urbana. Mossoró, 03 maio 2015a. Disponível em: <

<http://omossoroense.uol.com.br/index.php/o-jornal/cotidiano-mobile/66216-transporte-publico-circula-com-37-5-do-previsto-pelo-plano-de-mobilidade-urbana>>. Acesso em: 17 de maio 2015.

_____. **Memorial da Resistência tem sido objeto de constantes ações de**

vandalismo. Mossoró, 10 jan. 2015. Disponível em:

<http://p.download.uol.com.br/omossoroense/mudanca/pics/pdf/EDICAO_100115.pdf> f> Acesso em: 02 mar. 2015b.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4.ed. Paris: Anthropos, 2006.

_____. **O pensamento marxista e a cidade.** Lisboa: Ulissea, 1972.

_____. **The production of space.** Blackwell: Oxford, 1991.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos da cidade:** lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2. ed. Campinas: Unicamp; Aracaju/SE: UFS, 2007.

MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira. **Vidas em enclaves:** Imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos. 2013. 482f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, SP, 2013.

MELO, Emanuele R. da S. **Nova centralidade em Mossoró (RN): expansão urbana e o bairro Bela Vista**. 2013. 95f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2013.

NASCIMENTO, Eduardo A. do. **A expansão do mercado imobiliário em Mossoró: acumulação capitalista e o aprofundamento das contradições socioespaciais**. 2013. 176f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2013.

NASCIMENTO, Eduardo A. do; BESERRA, Fábio Ricardo Silva. Espaço e lugar: metamorfoses das formas e das funções na avenida Rio Branco, Mossoró-RN. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral-CE, v.13, n.1, p.38-46, 2011.

OLIVEIRA, Jionaldo P. de. **Mossoró: espaço urbano e questões habitacionais. Análises sobre a dinâmica urbana mossoroense e a inserção da questão habitacional na atualidade**. Mossoró: UERN, 2014.

OLIVEIRA, Ludimilla C. S. de. **De repente, tudo mudou de lugar: refletindo sobre metamorfose urbana e gentrificação em Mossoró-RN**. 2011. 192f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2011.

OTRANTO, Celia Regina. O neoliberalismo como proposta hegemônica. **Caderno de Textos**, Rio de Janeiro, v.1, n.10, p.11-18, 1999.

PEIXOTO, Alexis. **Cine Pax fecha as portas às vésperas de completar 65 anos de existência**. Nominuto.com, Natal, 7 jan. 2008. Notícias- Ciência e Saúde. Disponível em: <<http://nominuto.com/noticias/ciencia-e-saude/cine-pax-fecha-as-portas-as-vesperas-de-completar-65-anos-de-existencia/10360/>>. Acesso em 14 fev. 2014.

PINHEIRO, Karisa Lorena Carmo Barbosa. **O processo de urbanização da cidade de Mossoró: dos processos históricos à estrutura urbana atual**. 2006. 227f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2006.

PORTAL ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Perfil RMs**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/mossoro_rn>. Acesso em: 02 mar. 2015.

PORTAL CANINDÉ SOARES. **Memorial da resistência em Mossoró**. Disponível em: <<http://canindesoares.com/memorial-da-resistencia-em-mossoro>> Acesso em: 02 mar. 2015.

PORTAL PESSOA COMUNICAÇÃO E RELACIONAMENTO. **Shoppings localizados em polos regionais em crescimento no Brasil viabilizam negócios para franqueados**. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://www.pessoacomunicacao.com.br/archives/artigos/shoppings-localizados-em-polos-regionais-em-crescimento-no-brasil-viabilizam-negocios-para-franqueados>>. Acesso em; 15 fev. 2014.

PORTAL ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. Mossoró. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/rgn/mossoro.htm> > Acesso em: 02 mar. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. **Lei N. 148/83**, de 18 de novembro de 1983. Cria a Zona Especial do Corredor Cultural, de preservação paisagística e ambiental do centro da cidade de Mossoró e dá outras providências. Prefeitura Municipal de Mossoró. Mossoró, 1983.

_____. **Plano Diretor de Mossoró. Mossoró: PMM**, 2006.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, Marie France. Fragmentación espacial y social: conceptos y realidades. **Perfiles Latinoamericanos**, Cidade do México, n.19, p.33-56, 2001.

QUADROS, Waldir; GIMENEZ, Denis Maracci; ANTUNES, Daví. Afinal, somos um país de classe média? Mercado de trabalho, renda e transformações sociais no Brasil dos anos 2000. In: BARTELT, Dawid Danilo (Org.). **A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.

REINA, Michelly Lima; WHITACKER, Arthur Magon. Gentrificação: em busca de conceituação nos países periféricos. In: XI Encontro Nacional da Anpege - Enanpege, 2015, Presidente Prudente. **Anais do XI Enanpege**. Presidente Prudente: Anpege, 2015. v.1. p.1-12.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão urbana de Mossoró (período de 1980 a 2004): geografia dinâmica e reestruturação do território**. Natal: EDUFRN, 2005. 292f.

RODRIGUES, Andreia de Souza Ribeiro. **A produção do espaço urbano de Juiz de Fora/MG: dinâmicas imobiliárias e novas centralidades**. 2013. 291f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2013.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n.16, p.31-49, jun. 2001.

_____. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2010. 555p.

SANFELIU, Carmen B.; LLOP TORNÉ, Josep Maria. Miradas a otros espacios urbanos: las ciudades intermedias. **Scripta Nova**, Barcelona, v.8, n.165, 2004.

SANTOS, Camila Dutra dos. A cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte: processo de formação e produção do espaço urbano. **Mercator**, Fortaleza, v. 8, n.17, p.97-108, fev. 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5.ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. 176p.

SARAIVA, Ana Luiza Bezerra da C.; VALE, Cláudia C.; GRIGIO, Alfredo Marcelo. O clima local da cidade de Mossoró- RN. In: XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2011, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte: SIMPURB, 2011. Disponível em: <<http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/155820686db40f6616431bc1588d20d7.pdf>>. Acesso: 16 fev. 2014.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Henrique Alves da. **Transformações do planejamento urbano em cidades de porte médio e em cidades médias brasileiras**. 2013. 245 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente/SP, 2013.

SILVA, Vanessa N. da. **Diagnóstico do processo de Berliner, comportamento elementar e modo de erro que são causadores das maiores interrupções de energia elétrica**. 2013. 75f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2013.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global. In: BIDOUE-ZACHARIASEN, Catherine (coord.) **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas públicas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006. p.59-88.

SOBARZO, Oscar A. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n.19, p.93-111, 2006.

SOBARZO, Oscar A.; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Urbanizaciones cerradas: reflexiones y desafíos. **Ciudades**, Puebla/México, n.59, p. 37-43, jul./set. 2003.

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, Pedro de A.; CORRÊA, Roberto L.; PINTAUDI, Silvana M. (Orgs.). **A cidade contemporânea**: segregação socioespacial. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Orgs.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo, Brasil. **Investigaciones Geográficas**, Cidade do México, n.54, p.114-139, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista. In: IX Colóquio Internacional de Geocrítica, **Anais...** Porto Alegre, RS. 2007. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/9porto/encarna.htm>>. Acesso: 10 abr. 2015.

_____. Reflexões sobre a natureza da segregação espacial nas cidades contemporâneas. **Revista de Geografia**, Dourados-MS, n.4, p.71-85, set./dez. 1996.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GOES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Unesp, 2013.

SUZIGAN, Wilson. Estado e industrialização no Brasil. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v.8, n.4, p.5-16, out./dez. 1988.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Estratégias de desenvolvimento e discurso do “declínio” em políticas de requalificação urbana no Brasil e na Europa. **Cidades**, Presidente Prudente/SP, v.7, n.11, p.195-218, 2010.

VALE, Saulo. Projeto viva a vida é lançado nos abolições. In: **Prefeitura de Mossoró**. Mossoró, 2014. Disponível em: <<http://www.prefeiturademossoro.com.br/blog/prefeito-anuncia-dificuldades-financeiras-na-area-da-saude/1032/>>. Acesso em: 10 de mar. 2015.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luísa Howard de. Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados. In: VARGAS, Heliana C.; CASTILHO, Ana L. H. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORREA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013.

VAZ, Lilian F.; SILVEIRA, Carmen B. A Lapa boêmia na cidade do Rio de Janeiro: um processo de regeneração cultural? Projetos, intervenções e dinâmicas do lugar. In: VARGAS, Heliana C.; CASTILHO, Ana L. H. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: CSABA, Deák; SCHIFFER, Sueli R. (Orgs.). **O processo de urbanização no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2010. p.169-243.

WHITACKER, Arthur M. **Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto**. 2003. 237f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente-SP, 2003.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BOTELHO, Adriano. A produção do espaço e da moradia através das práticas do setor imobiliário: três casos paulistanos. **Cidades**, V. 4, N. 6, p.11-43.

BRITO, Fausto. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. In: **Estudos Avançados**, São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, ano 20, N. 57, 2006.

CARLOS, Ana F. A. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

FERREIRA, Daniel F. Sisvar: a computer statistical analysis system. **Ciência e Agrotecnologia** (UFLA), V. 35, N.6, p.1039-1042, 2011.

JORNAL DE FATO. **Comércio em crise: vendas despencam mais que o esperado**. Mossoró, 14 dez. 2013. Notícias. Disponível em: <<http://www.defato.com/noticias/29137/coma-rcio-em-crise-vendas-despencam-mais-que-o-esperado>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

_____. **Crise do petróleo em Mossoró atinge rede hoteleira**. Mossoró, 20 mar. 2013. Notícias. Disponível em: <<http://www.defato.com/noticias/13454/crise-do-petroleo-em-mossoro-atinge-rede-hoteleira>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

JORNAL O MOSSOROENSE. **Construção civil é atingida por retração de investimentos da Petrobras na cidade**. Mossoró, 07 abril 2013. Cotidiano. Disponível em: <<http://www.omossoroense.com.br/index.php/cotidiano/48792-construcao-civil-e-atingida-por-retracao-de-investimentos-da-petrobras-na-cidade>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

MAIA, Doralice S. *et al.* Campina Grande: dinâmica econômica e reestruturação urbana, permanências e transformações. In: SPOSITO, Maria E. B.; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz R. (orgs.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**: Campina Grande e Londrina. São Paulo: Outras Expressões, 2013, p.27-192 (Coleção Geografia em Movimento).

PADILHA, Maria I. C. de S.; DA SILVA, Denise M. G. V.; COELHO, Maria S. Aspectos teórico-metodológicos das representações sociais e seu uso na enfermagem. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Florianópolis, V. 6, N. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br//index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2007.601/199>>. Acesso em: abr. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. **Prefeitura e diocese de Mossoró discutem construção de santuário de Santa Luzia**. Mossoró, 2014. Disponível em: <<http://www.prefeiturademossoro.com.br/blog/prefeitura-e-diocese-de-mossoro-discutem-construcao-de-santuario-de-santa-luzia/1100/>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

REBOUÇAS SILVA, Cleciano. **Simulação da frequência de atendimento e dos níveis tarifários do sistema de transporte público coletivo da cidade de Mossoró/RN**. 2013. Monografia (Graduação em Engenharia Civil), Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, RN, 2013.

SÁNCHEZ, Fernanda. Políticas urbanas em renovação: uma leitura crítica dos modelos emergentes. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, ANPUR, N. 1, 1999, p.115-132.

SANTOS, Camila D. dos. **Difusão do consumo produtivo**: reflexos na economia urbana de Mossoró (RN). 2010. 265f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2010.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Francisco Alves, 1979.

VALE, Fábio. Coordenação estima 150 mil pessoas na procissão de Santa Luzia 2013. **Jornal de Fato**, Mossoró, 14 dez. 2013. Notícias. Disponível em: <<http://www.defato.com/noticias/29115/coordenacao-estima-150-mil-pessoas-na-procissao-de-santa-luzia-2013>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

APÊNDICE A - PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Para apreender as práticas espaciais e os usos do espaço urbano de Mossoró, utilizou-se um formulário, que teve por base um instrumento de pesquisa utilizado no Projeto Temático “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo”, apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, no âmbito da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias – ReCiMe, sendo modificados alguns aspectos para atender aos objetivos desta pesquisa. O instrumento procurou apreender a diferenciação nas práticas e nos usos dos espaços pelos habitantes de Mossoró. Para isso, foram utilizados os seguintes procedimentos estatísticos detalhados a seguir.

Foram solicitados ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/Seção do Rio Grande do Norte, dados que tratam da população da área urbana do Município de Mossoró provenientes do Censo 2010, referentes a população residente nos bairros e sua renda média, por meio dos quais foi delimitada a amostra desta pesquisa que foi aplicada em cada bairro da cidade (Quadro 14).

Para tanto, foi utilizada uma metodologia de agrupamento dos bairros da qual foram extraídos quatro grupos básicos, de acordo com o procedimento estatístico detalhado a seguir.

Procedimento Estatístico

Em certos estudos, torna-se necessário conhecer algumas características de determinado grupo que formam um conjunto de elementos amostrais, principalmente quando é resultante de uma ou mais variáveis. Destarte, para a aplicação dos formulários referentes a esta pesquisa, houve necessidade de representar a cidade de Mossoró em grupos devido ao grande número de bairros da cidade. Para isso fez-se necessário obter amostras que dessem conta de representar proporcionalmente a população de todos os bairros da cidade.

Com esse objetivo, realizou-se uma Análise de Agrupamento (AA) com o *software* Genes⁹⁹, que estuda todo um conjunto de relações interdependentes. Ela pretendeu resolver o seguinte problema: dada uma amostra de n objetos, cada um

⁹⁹Aplicativo computacional na área de Genética e Estatística Experimental, que dentre seus componentes principais está a análise de agrupamento.

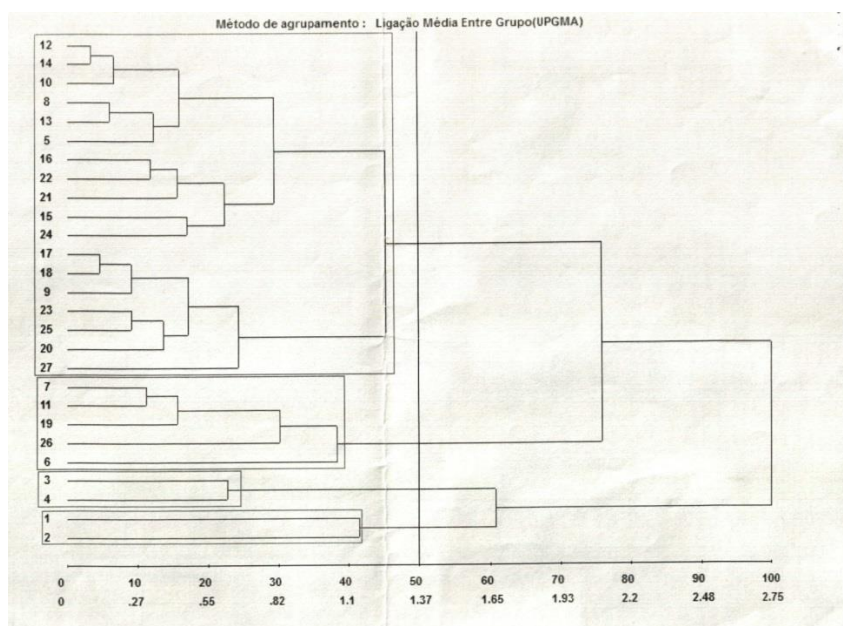
deles medindo segundo p variáveis, procurar um esquema de classificação que agrupe os objetos em g grupos. Deve ser determinado também o número de variáveis utilizadas na formação desses grupos, as quais nesta pesquisa foram: renda e população. Isso aconteceu por bairro onde os formulários foram aplicados. Portanto, a finalidade dessa técnica é reunir os objetos (bairros) verificados nos grupos em que exista homogeneidade, dentro do grupo, e heterogeneidade entre os grupos, objetivando propor classificações. Assim, poderá apreender-se como a população desses grupos veem e utilizam os espaços analisados. A saber, foram o centro tradicional, o *shopping center* e o Corredor Cultural (CRUZ, 2006).

Feito o agrupamento dos bairros, dividindo-os em grupos, foi necessário definir uma amostra representativa para cada um. Sendo assim, o tamanho da amostra em cada grupo foi definido considerando um nível de confiança de 90% e precisão (margem de erro) de 5% (Figura 31, Quadro 14). Em termos dos números acima, o tamanho da amostra n e a margem de erro E dados são definidos por:

$$x = Z\left(\frac{c}{100}\right)^2 \times r \times (100 - r) \quad E = \sqrt{\frac{(N - n) \times x}{n \times (N - 1)}} \quad n = \frac{N \times x}{((N - 1) \times E^2 + x)}$$

Onde: N é o tamanho da população, r é a fração de respostas em que está interessado, e $Z(c/100)$ é o valor crítico para o nível de confiança c .

Figura 1 - Análise de agrupamento de bairros da cidade, 2013.



Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 1 - Mossoró/RN. Plano amostral – variáveis utilizadas no agrupamento dos bairros, 2013.

População / Mossoró	237.241	100%	
	Amostra	268	
Grupo 1	Renda	População	Formulários por bairro
Nova Betânia	2.648,23	9.071	10
Centro	2.378,62	2.222	3
Grupo 2	Renda	População	
Costa e Silva	1.867,63	4.737	5
Doze Anos	1.551,47	5.003	6
Grupo 3	Renda	População	
Abolição	1.126,74	24.741	28
Alto de São Manoel	1.121,86	18.336	21
Santo Antonio	977,34	19.107	22
Aeroporto	847,34	17.889	20
Barrocas	594,72	20.372	23
Grupo 4	Renda	População	
Rincão	1.150,56	9.631	11
Paredões	1.045,96	8.348	10
Ilha de Santa Luzia	991,29	2.890	3
Alto da Conceição	979,68	5.543	6
Boa Vista	972,35	6.964	8
Planalto 13 de Maio	964,87	8.697	10
Alto do Sumaré	942,14	6.483	7
Santa Delmira	916,76	13.527	15
Bom Jardim	895,98	10.844	12
Pintos	894,91	2.469	3
Dix Sept Rosado	866,17	1.715	2
Alagados	786,98	164	0
Belo Horizonte	742,46	8.495	10
Dom Jaime Câmara	734,3	11.209	13
Redenção	690,38	2.954	3
Lagoa do Mato	685,67	14.223	16
Bom Jesus	664,8	1.289	1
Itapetinga	510,49	318	0
Total			268

Fonte: Censo Demográfico 2010 – IBGE/Dados da pesquisa.

As respostas dos formulários (modelo utilizado no final deste apêndice) foram tabuladas e tratadas de forma qualitativa e quantitativa, utilizando-se de uma planilha eletrônica como ferramenta para os procedimentos estatísticos descritivos, tais como

média e desvio padrão. A distribuição de frequência dos valores foi obtida por meio do *software* Sisvar, visando identificar os possíveis padrões de comportamento e tendências, sendo os resultados dessa análise representados por meio de tabelas para posterior análise (FERREIRA, 2011),.

Trabalho de campo

A aplicação dos formulários foi planejada e executada com a colaboração de alguns alunos do Grupo de Estudos Turísticos, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Foram realizadas duas reuniões com o propósito de conhecer o objetivo do projeto de pesquisa e o instrumento a ser aplicado. Posteriormente a essa etapa, foi realizado pelos colaboradores um novo pré-teste, o que ocasionou ainda algumas modificações no instrumento final.

Inicialmente, foi acordado que os dias de aplicação dos formulários seriam os sábados e os domingos, nos períodos matutino e vespertino. As pessoas foram abordadas em suas residências, mas, quando já se encontravam na parte externa, a aproximação era facilitada. Quando os moradores se encontravam dentro de seus domicílios, especialmente nos bairros não periféricos, raros foram os que se disponibilizaram a responder o formulário ou permitir o acesso ao interior de sua habitação.

Por este motivo, percebemos, após o primeiro final de semana, que os domingos se mostraram dias improdutivos, bem como o horário da manhã, devido à ausência de pessoas nas vias que percorremos. Ademais, as residências fechadas foi um fato que dificultou, sobremaneira, o desenvolvimento do trabalho. Assim, identificamos os horários e dias mais produtivos, sendo os formulários aplicados às sextas-feiras, no período da tarde, e aos sábados, ao longo de todo dia.

Após a primeira semana da atividade de campo, fizemos uma reunião para falarmos sobre as principais dificuldades na aplicação dos formulários, com a finalidade de encontrar soluções para os problemas. Além disso, houve uma preocupação em orientar os colaboradores no sentido de manter-se uma linguagem e uma abordagem uniformes, o que, na fase da tabulação e de análise, seria de fundamental importância.

Nos bairros com predominância da população de alta renda, a aplicação se deu por meio de contatos com pessoas conhecidas e por indicação de outras, da família

ou de amigos.

Alguns dias foram adicionados ou suprimidos dos acordados para a atividade de campo. Além disso, outros dias, em horários diversos, foram utilizados de forma a concluir amostra de algum bairro com pessoas indicadas ou conhecidas (estes não constam do Quadro 15).

Quadro 2 - Mossoró/RN. Cronograma de aplicação dos formulários da pesquisa, 2013.

Data	Horário	Bairros
01/6/2013	Manhã/Tarde	Rincão, Pintos, Costa e Silva, Alto de São Manoel
02/6/2013	Manhã	Planalto 13 de Maio, Dom Jaime Câmara
07/6/2013	Tarde	Alto do Sumaré, Planalto 13 de Maio
08/6/2013	Manhã/Tarde/Noite	Alto da Conceição, Ilha de Santa Luzia, Abolição I, Alto de São Manoel
13/6/2013	Manhã/Tarde	Redenção, 12 Anos, Boa Vista
14/6/2013	Manhã/Tarde	Centro, Abolição III, Abolição IV, Santa Delmira
15/6/2013	Manhã	Santa Delmira, Abolição II
20/6/2013	Tarde	Lagoa do Mato
21/6/2013	Tarde	Paredões
22/6/2013	Manhã	Bom Jardim
27/6/2013	Tarde	Barrocas
28/6/2013	Noite	Dix Sept Rosado, Nova Betânia
29/6/2013	Manhã/Tarde	Aeroporto I
30/6/2013	Tarde	Aeroporto II
02/7/2013	Tarde	Lagoa do Mato
03/7/2013	Tarde	Belo Horizonte, Bom Jesus
03/7/2013	Manhã/Tarde	Santo Antônio

Fonte: Dados da pesquisa.

Obs.: Os bairros Itapetinga e Alagados não constam no Quadro 15. Quando calculada a amostra por bairro, estatisticamente a população se mostrou pequena em relação à população urbana de Mossoró, resultando em amostra zero nestas localidades.

O número total de formulários da amostra seria 268. No entanto, devido a algumas circunstâncias encontradas durante o trabalho de campo, houve uma alteração no número final. Isso se deu, principalmente, em razão de dois fatores. O primeiro: formulários em que obtivemos pouquíssimas respostas, fruto da indisponibilidade ou falta de compreensão dos respondentes. Para não eliminar propositamente esses instrumentos, decidiu-se mantê-los na amostra por se entender que fazem parte do universo. Contudo, para não prejudicar uma apreensão

melhor da realidade, especialmente em bairros onde a amostra proporcionalmente era menor, optou-se por aplicar formulários excedentes.

O segundo fator que contribuiu para a alteração do número de formulários foi a peculiaridade de alguns bairros, os quais possuíam delimitações extensas, ocupando áreas distintas na cidade, inclusive em relação ao acesso de transporte coletivo. Apesar da sua extensão, nesses bairros a população, em alguns casos, era menor do que nos demais, o que gerou uma amostra de menor proporção. Como a pesquisa visa uma “representação” da cidade como um todo, por meio da população dos seus bairros, decidiu-se pelo excedente de formulários, de modo que todas as áreas pudessem estar contempladas, especialmente em relação à maneira como veem os espaços pesquisados e como o utilizam, ou seja, habitando áreas periféricas da cidade. Assim, o número total ao final resultou em uma amostra de 287 formulários.

Sempre que possível, dependendo da localidade e das condições encontradas no momento da aplicação dos formulários, foi feito um registro fotográfico das ruas e das residências pesquisadas, como seguem alguns exemplos na Figura 2.

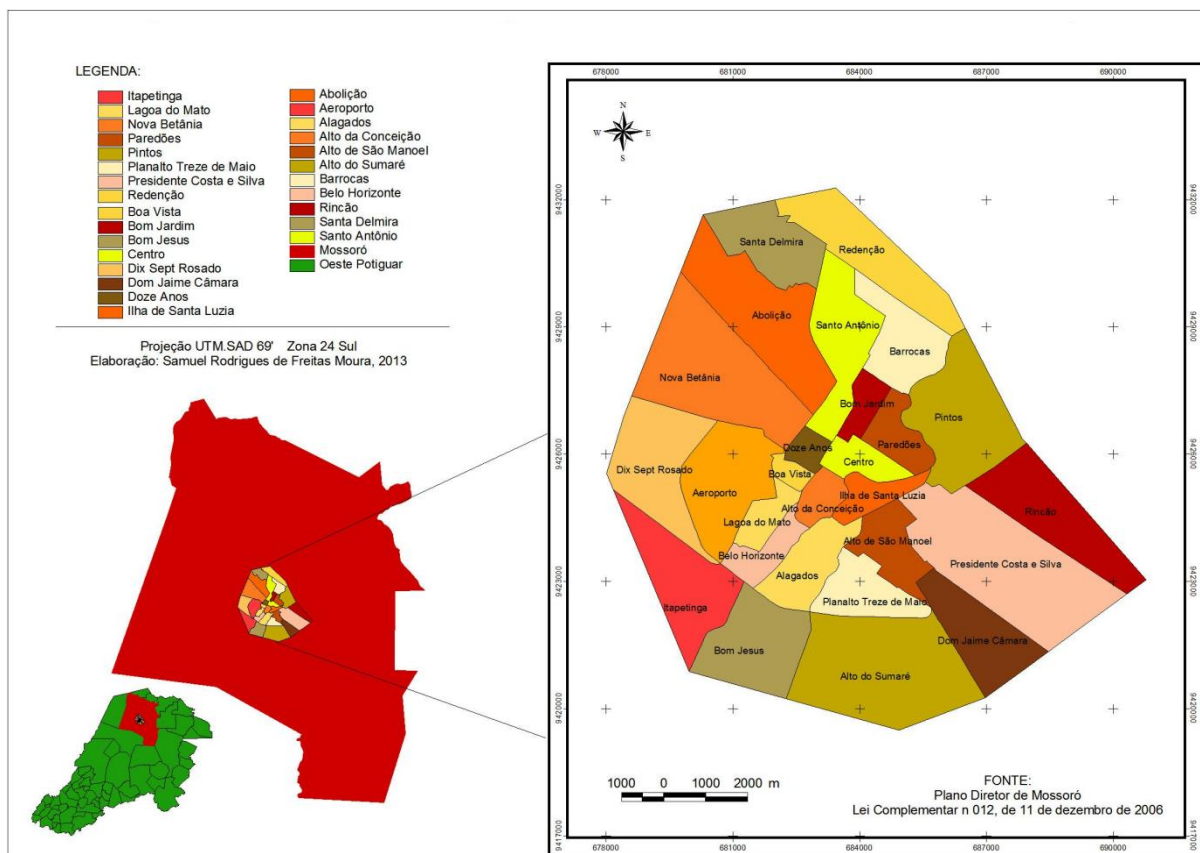
Figura 2 - Aplicação dos formulários nos bairros Alto do Sumaré, Abolição, Rincão e Santa Delmira, 2013.



Fonte: Dados da pesquisa.

Para se ter uma melhor visualização da área pesquisada e como ela está distribuída na cidade, pode-se observar a Figura 3.

Figura 3 - Delimitação dos bairros da área urbana de Mossoró onde foram aplicados os formulários, 2013.



Após a finalização do trabalho de campo, os formulários foram organizados e numerados por bairros, de acordo com a divisão dos grupos do plano amostral e lidos, um a um, questão por questão, várias vezes. As respostas qualitativas dadas às perguntas abertas dos formulários foram agrupadas por semelhança, em padrões de categorias que deram origem aos dados analisados nesta tese, ao longo do capítulo 3.

QUESTIONÁRIO – REPRESENTAÇÃO SOCIAL e CONSUMO MOSSOROENSE (BAIRRO: _____)

Esclarecimento: pesquisa realizada para tese de doutorado da professora Michele de Sousa, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, sobre mudanças no consumo e representação social da cidade de Mossoró, sem identificação dos respondentes do questionário.

Número de Membros da Família: _____ Quem respondeu?: () Chefe de família () Outro _____

Idade: _____ Profissão: _____

Escolaridade:

1- () Sem escolaridade	2- () Alfabetizado	3- () Ensino Fundamental Completo/Incompleto
4- () Ensino Médio Completo/Incompleto	5- () Ensino Superior Incompleto	6- () Ensino Superior Completo
7- () Pós-graduação – Especialização	8- () Pós-graduação – Mestrado	9- () Pós-graduação – Doutorado

Faixa de renda do responsável pelo domicílio:

1- () Sem rendimento	2- () Até R\$ 339,00	3- () De R\$ 339,01 a R\$ 678,00
4- () De R\$ 678,01 a R\$ 1,356,00	5- () De R\$ 1,356,01 a R\$ 3,390,00	6- () De R\$ 3,390,01 a R\$ 6,780,00
7- () De 6,780,01 a R\$ 13,560,00	8- () Acima de R\$ 13,560,00	9- () Sem declaração

Há quantos anos reside no bairro? _____

Mora em: () Casa () Apartamento () Condomínio () Loteamento fechado

O imóvel é: () Próprio () Alugado Se o imóvel for próprio, possui mais de 1 imóvel residencial? () Sim () Não

Gostariam de mudar de bairro? () Sim () Não Se sim, para qual bairro? _____

Se fosse possível, gostariam de mudar o tipo de habitação em que vivem? () Sim () Não

Se sim, para que tipo? 1- () Casa 2- () Apartamento 3- () Condomínio 4- () Loteamento fechado 5- () Imóvel maior

Como a família se locomove? (pode marcar mais de uma opção)

1- () A pé 2- () Bicicleta 3- () Moto 4- () Carro próprio 5- () Ônibus 6- () Táxi 7- () Moto táxi

O (a) senhor(a) ou alguém de sua casa sofreu algum furto ou roubo do ano de 2006 até hoje? () Sim () Não <u>Se sim, onde?</u>
Considera Mossoró uma cidade perigosa? () Sim () Não () Outros:
Por quê?

A- IMAGEM E SIGNIFICADO DO ESPAÇO URBANO

Sua família frequenta o centro da cidade?	() Sim () Não	Com qual objetivo?	() Compras () Serviços () Trabalho () Lazer () Alimentação () Outros:
Quando pensa no centro da cidade o que lhe vem à mente? Poderia citar, pelo menos, 3 características?			
1-			
2-			
3-			
4-			
Acha que o centro da cidade é um local frequentado por todos os moradores de Mossoró? () Sim () Não			
Por quê?			
Pensa que é um local de consumo de pobres e ricos? () Sim () Não <u>Se sim, costuma vê-los lá?</u> () Sim () Não			

Sua família frequenta o shopping center da cidade?	() Sim () Não	Com qual objetivo?	() Compras () Serviços () Trabalho () Lazer () Alimentação () Outros:
Poderia citar, pelo menos, 3 características do shopping center?			
1-			
2-			
3-			
4-			
Acha que o shopping da cidade é um local frequentado por todos os moradores de Mossoró? () Sim () Não			
Por quê?			
Pensa que é um local de consumo de pobres e ricos? () Sim () Não <u>Se sim, costuma vê-los lá?</u> () Sim () Não			

Sua família frequenta o Corredor Cultural da cidade (Av. Rio Branco)?	☐ Sim ☐ Não	Com qual objetivo? ☐ Compras ☐ Serviços ☐ Trabalho ☐ Lazer ☐ Alimentação ☐ Outros:
Poderia citar, pelo menos, 3 características do Corredor Cultural?		
1=		
2=		
3=		
4=		
Acha que é um local frequentado por todos os moradores da cidade? ☐ Sim ☐ Não		
Por quê?		
Pensa que é um local de lazer de pobres e ricos? ☐ Sim ☐ Não <u>Se sim, costuma vê-los lá?</u> ☐ Sim ☐ Não		

Qual a sua opinião sobre a transformação/revitalização da Avenida Rio Branco? <u>(Construção de praças, teatro, museu)</u>
<u>Se o entrevistado não disser que foi boa ou ruim, não souber responder ou se não citar a cidade ou a população, perguntar:</u>
Pensa que a mudança daquela área foi boa para a cidade e para a população?
☐ Sim – Por quê?
☐ Não – Por quê?

Tem algum local em Mossoró, ou mesmo no seu bairro, que o(a) senhor(a) ou as pessoas de sua casa não gostem de utilizar/frequentar <u>(loais de lazer, espaços públicos, lojas, etc.)</u> ? Gostaria de comentar o motivo?

Para o(a) senhor(a) qual é o símbolo da cidade de Mossoró? <u>(Podem ser locais, características, aspectos culturais, etc.)</u>

Além do símbolo, o que ou quais locais ou características, o(a) senhor(a) acredita que poderia descrever ou representar a cidade de Mossoró? <u>(Podem ser locais, características, aspectos culturais, etc.)</u>

Em sua opinião a cidade de Mossoró mudou nos últimos anos? ☐ Sim ☐ Não
<u>Se sim, quais foram as mudanças?</u>

O quê, na cidade, o(a) senhor(a) acha que representa ou caracteriza melhor essa mudança? (Símbolo da mudança)

O que o(a) senhor(a) gosta em Mossoró?

Se até aqui não citou utilizar/frequentar nenhum espaço público do bairro, perguntar.

O(a) senhor(a) ou as pessoas de sua família utilizam algum espaço público do seu bairro?
<u>Se sim</u> , qual (is)? Com que finalidade? _____
<u>Se não</u> , por quê? _____

Saúde, Medicamentos e Cuidados Pessoais	Em caso de doença, procura:	Localização (rua ou bairro)	Observações
	() Posto de saúde		
	() Hospital		
	() Médico		
	() Outro - Especificar: _____		
	Para adquirir remédios, procura:	Qual?	Localização
	() Posto de saúde		
	() Farmácia		
	() Outro - Especificar: _____		

Em sua opinião quais foram as principais lojas ou empresas de serviços que chegaram a Mossoró do ano de 2006 até hoje?
<u>Por quê?</u>

O (a) senhor(a) ou as pessoas de sua casa adquirem produtos/serviços fora de Mossoró (<u>outras cidades ou internet</u>)? Qual (is)?
Com que frequência?

Colaborador(a): _____

Data: _____/_____/2013

Rua: _____

APÊNDICE B - Quadros com a categorização das respostas qualitativas dos formulários aplicados

Sistematização das categorias das respostas qualitativas referentes à avaliação dos respondentes em relação a segurança urbana em Mossoró.

Categorias/códigos	Agrupamento por semelhança
O SENHOR OU ALGUÉM DA FAMÍLIA SOFREU ALGUM FURTO OU ROUBO?	
1 - Sim	
2 - Não	
SE SIM, ONDE?	
1 - Bairro de moradia	(rua, trabalho)
2 - Centro	(comércio)
3 - Local de trabalho	
4 - Outras áreas da cidade	(UERN, Walfredo Gurgel, Alberto Maranhão, Santa Delmira, próximo ao Vuco Vuco, Nova Betânia, Doze Anos, Vingt Rosado, Liberdade, Santo Antônio)
5 - Residência	
6 - Trânsito	
7 - Não respondeu	
CONSIDERA MOSSORÓ UMA CIDADE PERIGOSA?	
1 - Sim	
2 - Não	
3 - Mais ou menos	Respostas dos porquês do sim
4 - Em alguns bairros	
5 - Não respondeu	
6 - Violenta	
POR QUÊ?	
SIM	
1 - Aspecto temporal	(antes não existia)
2 - Assaltos	(assaltos - rotineiros, comentários de assaltos)
3 - Ausência de investimento na educação	(falta de investimento na educação, falta de emprego)
4 - Ausência de segurança pública	(falta de segurança, descumprimento das leis, menores fazem o que querem, não há controle de segurança, pouca segurança, falta de policial, descaso das autoridades, falta de providência das autoridades, falta policiamento, falta de investimento em segurança)
5 - Consumo de drogas	(rivalidades de gangues)
6 - Crimes sexuais	(estupro, pedofilia)
7 - Favelização	(crescimento desordenado da cidade)
8 - Homicídios	(homicídios - muitas mortes, constantes, assassinatos, morte de pessoas inocentes, morrem pessoas próximas com frequência)
9 - Outras manifestações de violência	(sequestro; acidentes; brigas; armas de fogo - tiroteios, adolescentes armados)

10 - Referência ao presídio federal	(aumentou após o presídio federal)
11 - Referência à localização	(alguns bairros mais perigosos que outros, bairros periféricos é mais frequente a ocorrência de assaltos, quanto mais afastado do centro pior fica, aumento da violência independente do bairro que more)
12 - Restrição da liberdade	(não senta mais na calçada, evita sair de casa por medo, não sai mais à noite, antes dormia de porta aberta)
13 - Violência	(aumento da violência, alto índice de marginalidade, aumento da criminalidade, muitos malandros, índice de criminalidade, só enxerga desgraça)
14 - Não respondeu	
15 - Tranquilidade relativa	(violenta nem pacata)
NÃO	
1 - Tranquilidade relativa	(ainda preserva certa tranquilidade, tem cidades mais perigosas que Mossoró, não é muito violenta)
2 - Ausência de ocorrências	(nunca foi assaltada, ninguém da família sofreu violência)
3 - Referência à localização	(em alguns bairros, no bairro é tranquilo)
4 - Não respondeu	

Fonte: Dados da pesquisa (Jun./2013).

Sistematização das categorias das respostas qualitativas referentes à opinião dos respondentes em relação ao centro de Mossoró.

Categorias/códigos	Agrupamento por semelhança
SUA FAMÍLIA FREQUENTA O CENTRO DA CIDADE?	
1 - Sim	
2 - Não	
COM QUAL OBJETIVO?	
1 - Compras	
2 - Serviços	
3 - Trabalho	
4 - Lazer	
5 - Alimentação	
6 - Não respondeu	
7 - Médicos/hospitais	
8 - Pagamentos	
9 - Estudar	
CARACTERÍSTICAS DO CENTRO	
1 - Não sabe	
2 - Alimentação	(lanchar, beber, sorvete, restaurante)
3 - Atendimento	(ruim, precário, atendimento pela aparência, falta de educação)
4 - Clima	(calor, quentura, sol)
5 - Concentração de comércio e de serviços	(tudo concentrado, resolver as coisas, conserto de objetos, poucas opções de serviços bancários)
6 - Consumo	(compras, lojas, lojas diversificadas, diversidade de produtos, estabelecimento para todas as classes sociais, dívidas, gastos, preço, preços mais acessíveis, comércio, promoções, novidades, opção de compras restritas - o que falta em uma falta em todas, falta de opção em compras)
7 - Difícil acesso	(distância, longe)
8 - Estacionamento	(precário)
9 - Expansão do centro	(expansão do centro)
10 - Fácil acesso	(fácil acesso, próximo de tudo, comodidade)
11 - Festas	(festa de Santa Luzia)
12 - Fluxo de pessoas	(filas, muita gente, filas, aglomeração, movimentado, lotado, tráfego humano)
13 - Insegurança	(medo, violência, assaltos, medo, perigo, perigoso, medo de sair com bolsa)
14 - Lazer	(diversão)
15 - Local de trabalho	(negócios)
16 - Pagamentos/recebimentos	(bancos)
17 - Pontos turísticos	(pontos turísticos)

18 - Prédios/espacos de uso público	(Corredor Cultural, mercado público, catedral, cobal, praças)
19 - Restrição de fluxo	(aperto, ambulantes, calçadas irregulares, ruas estreitas, muitas coisas impedindo a passagem, locomoção dos pedestres)
20 - Sensação de bem-estar	(prazer, olhar as lojas, lugar mais tranquilo, zelado, bonito, organizado e cuidado, bem cuidado)
21 - Sensação de desordem/descuido	(barulhento, caos, desorganizado, transtorno, tumulto, agitação, desconforto, falta fiscalização, mal estruturado, bagunça, bagunçado, ruas estreitas, mal planejado, buracos nas calçadas, esgoto exposto, sujeira, sujo, pombos, estresse, desorganização do espaço, propagandas inconvenientes - chip da oi, tim, claro; panfletos)
22 - Trânsito	(caótico, congestionamento, engarrafamento, desordem, muitos carros, acidente, falta de mobilidade)
23 - Transporte público	(precário)
24 - Vendedores ambulantes	(camelô)
25 - Segurança	
CENTRO - FREQUENTADO POR TODOS OS MORADORES?	
1- Sim	
2 -Não	
SIM - POR QUÊ?	
1 - Não sabe/não respondeu	Não sabe
2 - Concentração de lojas e produtos	(local do centro comercial, tem tudo que precisa, todas as lojas estão lá, ponto de vendas, variedade de comércio em um mesmo local, nos bairros, não têm lojas e produtos, concentração de lojas)
3 - Consumo	(área de consumo da cidade, centro comercial, todos fazem compras, qualidade dos produtos, referência de compras, diversidade de lojas)
4 - Exclusividade/variedade de serviços	(cartórios, bancos, casas lotéricas, tem locais que só tem no centro, alguns serviços estão indisponíveis nos bairros, tem coisas que só se resolve no centro, serviços médicos)
5 - Fácil acesso	(mais acessível, fácil, local público)
6 - Fluxo de pessoas	(aglomeração de pessoas)
7 - Frequência/perfil dos usuários	(frequente encontrar pessoas conhecidas, por mais pobre que seja frequenta o centro, diversidade de pessoas)
8 - Local de trabalho	(local de trabalho)
9 - Local dos eventos	(festas)
10 - Onde se resolve tudo	(diversos usos, resolver problemas, resolve tudo e faz compras, comodidade, única opção, parte principal da cidade)
11 - Preço	(preços mais acessíveis, preços mais baratos estão no centro)
12 - Segurança	(menos perigoso que os bairros)
13 - Tradição/hábito	(população não se adaptou ao shopping, popular, costume, mesmo tendo as mesmas lojas nas proximidades de sua residência)
14 - Local de lazer	

NÃO - POR QUÊ?	
1 - Descentralização do comércio	(produtos/serviços similares nos bairros, nos outros bairros já possuem serviços diversos/ prestação de serviços similares)
2 - Difícil acesso	(distante da periferia, pessoas moram distante, falta de transporte para as periferias mais distantes)
3 - Falta de condições financeiras	(falta de dinheiro, só quem tem condições)
4 - Pessoas que não vão ao centro	(somente as que utilizam seus serviços, cidade tem muitos idosos)
5 - Violência	Violência
6 - Não sabe/não respondeu	
PENSA QUE É UM LOCAL DE POBRES E RICOS?	
1 - Sim	
2 - Não	
SE SIM, COSTUMA VÊ-LOS LÁ?	
1 - Sim	
2 - Não	

Fonte: Dados da pesquisa (Jun./2013).

Sistematização das categorias das respostas qualitativas referentes à opinião dos respondentes em relação ao Mossoró *West Shopping*.

Categorias/códigos	Agrupamento por semelhança
SUA FAMÍLIA FREQUENTA O SHOPPING CENTER DA CIDADE?	
1 - Sim	
2 - Não	
COM QUAL OBJETIVO?	
1 - Compras	
2 - Serviços	
3 - Trabalho	
4 - Lazer	
5 - Alimentação	
6 - Não respondeu	
CARACTERÍSTICAS DO SHOPPING	
1 - Não sabe/não respondeu	
2 - Alimentação	(lanchonetes, boa praça de alimentação, serviços ruins, bons serviços, alimentação, paga, cara, jantar, praça de alimentação, novidades na alimentação, <i>fast food</i> , má gastronomia, bom local para alimentação, sorvete)
3 - Espaço seletivo/status	(elitizado, riqueza, chique, alinhado, pessoas com dinheiro, ambiente excludente, desfile de moda/exclui as pessoas de baixo poder aquisitivo, pessoas se auto excluem, só para classe média, local da elite, lojas diferenciadas, pessoas vão para se exibir, "gastar sem ter")
4 - Aspecto estético e estrutural	(bonito, diferente, estrutura bonita, amplo)
5 - Atendimento	(ruim, bom, pessoas recebem bem)
6 - Clima	(frio, ar refrigerado, ventilado, temperatura)
7 - Conforto	(praticidade)
8 - Consumo	(lojas, compras, comércio, gastar, lojas que não tem no centro, supermercado, mesmas lojas do centro, facilidade de compras, bons preços em algumas lojas)
9 - Dificil acesso	(difícil, inacessível, dificuldade de deslocamento, contramão, distância, longe do centro, longe demais dos bairros)
10 - Diversidade de lojas e produtos	(variedade, diversificado, diversidade, qualidade dos produtos, americanas, diferente do comércio popular, lojas que não têm no centro)
11- Falta de opções/diversidade	(escassez de opções para crianças, não tem de tudo, pouca diversidade de lojas, mesmas lojas do centro)
12 - Estacionamento	(pago, falta de bom estacionamento, privado)
13 - Fácil acesso	(acessível a todos, fácil acesso, boa localização)
14 - Fluxo de pessoas	(menos gente, muitas pessoas, movimentado, lotado, filas)
15 - Insegurança	(assalto, perigoso)

16 - Lazer	(cinema, entretenimento, diversão/divertimento, jogar, boliche, parque)
17 - Referência a produtos	(roupas, <i>milk shake</i> Bob's, eletrodomésticos)
18 - Referência a tamanho/organização	(pequeno, praça de alimentação pequena, mal estruturado, mesas insuficientes na praça de alimentação, mal organizado)
19 - Poluição sonora	(barulho)
20 - Preços elevados	(caro, carestia, mais caro, roupas caras, dinheiro, preço)
21 - Segurança	(seguro, tranquilidade, anda bem a vontade)
22 - Sensação de bem-estar	(ambiente agradável, conforto, local agradável, relaxamento, distração, local bom para o lazer da família, tranquilo, limpo, amplo, espaço grande, tudo de bom, tranquilidade)
23 - Sociabilidade	(namoro, encontro de amigos)
24 - Único shopping da cidade	Único shopping da cidade
FREQUENTADO POR TODOS OS MORADORES? (SHOPPING)	
1 - Sim	
2 - Não	
3 - Não sabe	
NÃO	
1 - Conhece pessoas que nunca foram	(própria pessoa não frequenta)
2 - Difícil acesso	(poucas opções de locomoção, quem não tem carro não tem como ir, por quem tem transporte, não tem transporte, dificuldade de locomoção, não acessível, transporte público, difícil acesso, distância)
3 - Espaço seletivo/status	(coisa de rico, elitizado, local de ricos, visual das pessoas é diferente do centro, diferença social, não se sente bem, exclui parcela da população, muitos acham que é frequentado somente por ricos, aparenta ser um local de pessoas selecionadas, desigualdade social, local intimidante, ambiente restringe, tudo mais elitizado, intimida pelo luxo, público mais específico e classes mais divididas)
4 - Falta de condições financeiras	(serviços caros, nível econômico alto, exclusão/todos os serviços são pagos, nem todos possuem padrão de consumo para frequentar, produtos caros, falta de condições, renda, caro, custo alto, falta de condições, preços elevados, poder aquisitivo, recursos para locomoção, pessoas não tem condição de pagar transporte, valor dos produtos, condições financeiras, renda baixa não vai ao shopping, classe média alta, falta de renda, periferia não tem acesso, paga até para estacionar, estacionamento pago)
5 - Tradição/hábito	(as pessoas não perderam o hábito de comprar no centro, pessoas que não tem afinidade com o shopping)

6 - Não sabe	
7 - Insegurança	Violento
SIM	
1 - Clima	(local climatizado)
2 - Consumo	(lojas com preços acessíveis para todos, ofertas, novidades, promoções facilitam o acesso)
3 - Diversidade	(concentra oferta variada de produtos, variedade de lojas, variedade de serviços)
4 - Espaço de lazer	(único local de passeio para todos, local de lazer da cidade, opção de lazer)
5 - Fácil acesso	(fácil acesso, todos que possuem transporte)
6 - Fluxo de pessoas	(muitas pessoas, muito movimento)
7 - Frequência/perfil dos usuários	(vê pobres e ricos; gente de todos os lugares está lá; todas as classes frequentam; atende a todas as classes sociais; todas as classes, seja a compras ou a passeio; "onde está o rico entra o pobre"; muitos querem aparecer; "os pobres querem se mostrar"; nem todos vão para comprar; nem todo mundo vai comprar)
8 - Local de trabalho	(primeiro emprego)
9 - Local público	(aberto ao público)
10 - Relatos	(relato em sala de aula, muitos dizem que vão ao shopping)
11 - Único shopping na cidade	(falta de opção, novidade para a cidade, curiosidade de conhecer, um lugar mais social, status)
12 - Não sabe	
NÃO SABE	
1 - Sim	
2 - Não	
3 - Não sabe	

Fonte: Dados da pesquisa (Jun./2013).

Sistematização das categorias das respostas qualitativas referentes à opinião dos respondentes em relação ao Corredor Cultural de Mossoró (Avenida Rio Branco).

Categorias/códigos		Agrupamento por semelhança	
SUA FAMÍLIA FREQUENTA O CORREDOR CULTURAL DA CIDADE/AVENIDA RIO BRANCO?			
1 - Sim			
2 - Não			
COM QUAL OBJETIVO?			
1 - Compras			
2 - Serviços			
3 - Trabalho			
4 - Lazer			
5 - Alimentação			
6 - Não sabe/Não respondeu			
7 - Atividades de escoteiros			
8 - Esporte			
9 - Apresentação teatral/Cultural			
10 - Atividades escolares			
CARACTERÍSTICAS DO CORREDOR CULTURAL			
1 - Não sabe/não respondeu			
2 - Fácil acesso		(fácil acesso, acessibilidade, comodidade)	
3 - Alimentação		(comida, bebida, bares, restaurantes, praça de alimentação com diversas opções, opção de cardápio, oferta gastronômica, melhor opção de bares e restaurantes, comidas típicas)	
4 - Espaço seletivo/status		(elitizado, chique, excludente, classes sociais divididas, opção de lazer para a classe média)	
5 - Aspecto estético e estrutural/Bom aproveitamento do espaço		(bom, bonito, interessante, legal o espaço, beleza, bem estruturado, boa iluminação, melhorou a infraestrutura, grande, amplo, adequado as festas, moderno, colorido)	
6 - Aspecto simbólico /cultural		(patrimônio cultural, interessante, legal, importante, conhecimento, acesso a cultura, história de Mossoró/informativo, teor histórico, educativo para os mossoroenses, informação sobre a cultura local, lampião, artesanato, riqueza cultural)	
7 - Atrações musicais		(música, oportunidades para os artistas da terra, boa música, música ambiente, mpb)	
8 - consumo		(lojas, compras, diversidade de produtos, qualidade dos produtos)	
9 - Emprego e renda		(trabalho)	
10 - Equipamentos		(praças, estação das artes, memorial da resistência, praça da convivência, praça da criança, praça dos esportes, teatro)	

11 - Esporte e atividades físicas	
12 - Estacionamento	
13 - Aspecto financeiro	(acessível a todas as classes sociais, gratuito, preços acessíveis, explora as pessoas, lazer pago - praça das crianças)
14 - Fluxo de pessoas	(intenso, movimentado, frequentado por muitas pessoas, diversidade de pessoas)
15 - Horário de funcionamento/uso	(noturno)
16 - Insatisfação	(investimento sem necessidade, pouca variedade, podia andar com segurança no espaço antigo)
17 - Insegurança	(pouca segurança, assaltos, arrastão, violência, perigo, ausência de guardas armados, medo de assalto, perigoso, falta de polícia, pessoas armadas no ambiente, brigas)
18 - Lazer	(diversão, festas, balada, lazer com os filhos, passear com os filhos, bom espaço para crianças brincarem, distração, concentração de atividades de lazer, referência como espaço de diversão, passeio bom, adequado para o lazer)
19 - Frequência/perfil dos usuários	(famílias, gente bonita, drogados, frequência de jovens, popular, gays)
20 - Positivo para a cidade	(bom para a cidade, não poderia deixar de ter, movimentação a economia da cidade)
21 - Referência a eventos	(cidadela, chuva de balas, espetáculo, cidade junina, festas, pinga da mei dia, auto da liberdade)
22 - Referência ao turismo	(ponto turístico)
23- Revitalização	
24 - Segurança	(seguro, mudança de perfil - marginalidade)
25 - Sensação de bem estar	(espaço agradável, prazer, local agradável, aconchegante, tranquilidade, coisas boas, limpeza, organização, ar livre, banheiros públicos higienizados, ambiente satisfatório, vento, espaço amplo, boas condições de higiene, praças limpas, ambiente agradável/familiar)
26 - Sensação de desordem/descuido	(praça da criança, mau cheiro, barulho)
27 - Sociabilidade	(ponto de encontro, encontro com amigos)
28 - Trânsito	(muito trânsito)
29 - Diversidade	(variedade, estabelecimentos, ambientes, diversas atividades, diversificado, novidade)
30 - Atendimento	(bom, qualidade no atendimento, qualidade atendimento e serviços)

FREQUENTADO POR TODOS OS MORADORES? (CORREDOR CULTURAL)	
1- Sim	

2 - Não	
3 - Não sabe	
SIM	
1 - Não sabe/não respondeu	
2 - Aspecto financeiro	(acessível a todos os bolsos, opção para todo tipo de renda, lazer para pessoas que não tem condições financeiras, ricos e pobres podem frequentar mesmo que limitadamente, espaço aberto/dividido - tem coisas para pobres e para ricos)
3 - Aspecto simbólico/cultural	(cultura, retrata a história da cidade, espaço cultural)
4 - Condicionado a períodos festivos	(principalmente nas festas)
5 - Diversidade	(curiosidade, espaço para todos os públicos, opção de lazer que atinge todos os públicos, diversidade de coisas, diversidade de serviços, várias atrações, diversidade de elementos para lazer)
6 - Espaço de lazer	(cidade tem poucas opções lazer; tem equipamento que só tem lá, como o teatro; única opção de lazer; lazer para crianças)
7 - Espaço público	(gratuito, aberto ao público, usuários gastam somente se desejarem; não vai se não quiser; lugar organizado e público; local público que não tem como objetivo a lucratividade em si; espaços separados/públicos; apesar de ser público, todos gostam)
8 - Esporte e atividades físicas	
9 - Fácil acesso	(acessibilidade, central, acessível a toda a população, acessível a todos, localização central)
10 - Fluxo de pessoas	(quantidade de pessoas, muito lotado, local que todos frequentam)
11 - Frequência/perfil dos usuários	(maioria são jovens, vê pessoas do seu bairro lá, pessoas de todas as classes sociais, todo tipo de gente, ricos e pobres podem frequentar mesmo que limitadamente, atende a diversas classes, todas as classes podem ir, vê pessoas de todas as classes, espaço aberto/dividido - tem coisas para pobres e para ricos)
12 - Referência a eventos	(eventos no local)
13 - Sensação de bem-estar	(organizado, ambiente agradável apesar de ser público, todos gostam)
14 - Sociabilidade	(atividades sociais, muitos só para conversar)
NÃO	
1 - Não sabe/não respondeu	

2 - Espaço seletivo/status	(elitizado; sabe de pessoas que nunca foram, não se sentem à
----------------------------	--

	vontade; espaço sofisticado, exclui as pessoas das classes mais baixas; locais para a elite que pobre não frequenta; desconforto pelo público que frequenta ser arrumado/roupas mais formais; mesmo sendo popular algumas pessoas não se sentem bem com outras de nível financeiro mais alto do que o seu; local para classe média alta; pessoas que gostam de locais mais simples; elitizado; praça de convivência mais seletiva; pessoas desconfortáveis por se sentirem diferentes no ambiente; classe média e alta, somente alguns espaços são frequentados por todos; próprio ambiente causa bloqueio social; pessoas com poder aquisitivo; seguranças não permitem entrada de pessoas fora dos supostos padrões; divisão de classes sociais)
3 - Falta de condições financeiras	(poder aquisitivo, falta de condições, produtos caros, falta de poder aquisitivo, condições financeiras, renda, preços elevados/caros, falta de dinheiro)
4 - Divulgação/informação	(pouca divulgação, falta de informação, eventos que acontecem por lá ninguém fica sabendo, não existe incentivo)
5 - Falta de interesse	(não dá valor à cultura, muitos não se interessam pela cultura, não valoriza o espaço, programação musical não é popular, nem todos gostam)
6 - Falta de opções/diversidade	(produtos que não são oferecidos)
7 - Falta de tempo	
8 - Condicionado a espaços e períodos festivos	(só a estação é frequentada por todos)
9 - Frequência/perfil dos usuários	(frequência noturna, mais jovens e artistas, população mais carente frequenta durante festas juninas)
10 - Insegurança	(violência, medo, não se sente seguro, marginalidade)
11 - Dificil acesso	(falta de transporte, difícil acesso, alguns bairros tem dificuldade de acesso, distante, locais próximos às residências nos bairros para lazer, distante das periferias)
3 - NÃO SABE/NÃO RESPONDEU	
1- Sim	
2 - Não	
3 - Não sabe/não respondeu	

Fonte: Dados da pesquisa (Jun./2013).

Sistematização das categorias das respostas qualitativas referentes à opinião dos respondentes em relação a transformação da Avenida Rio Branco.

Categorias/códigos	Agrupamento por semelhança
QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A TRANSFORMAÇÃO/REVITALIZAÇÃO DA AVENIDA RIO BRANCO?	
1 - Não sabe	(não soube identificar a área)
2 - Alimentação	(local de gastronomia e lazer)
3 - Aspecto econômico	(geração de emprego e renda proporcionou crescimento econômico, movimentou a economia da cidade, benefício para o comércio, investimento trouxe retorno para muitas famílias de Mossoró, projeto bom para economia, atrai pessoas - economia)
4 - Aspecto estético e estrutural/bom aproveitamento do espaço	(transformação urbanística, moderno, bonito, deu vida a área, trouxe referência a cidade, bom projeto, utilidade ao local, local grande e bem aproveitado, precisava de um espaço como aquele - como é próximo pode ser destinado a ampliação do centro, fantástico, não existia um espaço desses na cidade, valorização da área, não tinha parque para as crianças, boa ideia para o local, deveria desenvolver desta forma em mais aspectos, não tinha espaço para promoção de festas, não tinha espaços de lazer na cidade, apoio a construção de espaços públicos)
5 - Aspecto simbólico/cultural	(ótima, bom, louvável, maravilhoso, ecológico, música, inteligente, Corredor Cultural, cidade mais alegre, história da cidade, resgate da história, polo cultural, trouxe cultura, valorização da cultura, representa cultura, mostra a história e dá acesso para todas as pessoas conhecerem, valorização e divulgação da cultura local, incentiva a preservação do patrimônio cultural, espaços culturais bons para a cidade, propagação de eventos culturais)
6 - Demanda melhores serviços e opções de consumo	
7 - Divulgação/informação	(falta divulgação - população tem pouco estímulo para frequentar)
8 - Ecletismo do espaço	(diversidade, espaço para atividades artísticas e esportivas; espaço para todos os públicos; incentivo ao esporte, lazer e cultura; fortalece as opções de entretenimento, lazer e esporte)
9 - Equipamentos	teatro, memorial, praças

10 - Espaço de lazer	(propagação de eventos culturais, festas, lazer para a família, opção de espaço de lazer, positivo para o lazer, divertimento para as pessoas, local de lazer, bom para crianças)
11 - Espaço seletivo/status	(foi bom para quem pode frequentar; muito bom, mas exclui pelo poder aquisitivo; segregação - nem todos podem frequentar; bom para quem tem renda alta; mesmo que todos não tenham acesso para quem pode é um local de lazer)
12 - Esporte e atividades físicas	bom para esportes
13 - Fácil acesso	(facilidade de acesso, localização central)
14 - Falta de continuidade do projeto	(revitalização em outras áreas da cidade, terminar o restante para ficar melhor)
15 - Imagem	(melhora a imagem da cidade, melhora visibilidade da cidade, divulga a cidade, ótima visibilidade para a cidade, valoriza a cidade)
16 - Insatisfação	(não gostou da mudança ainda era para existir a ferrovia; deveria ter investido nos bairros e não apenas no centro; poderia ter utilizado o investimento na educação e saúde; gostaria que fosse melhor dividido, estacionamento para que todos possam usufruir do local existente com mais conforto; boa em parte, partes inúteis que poderiam investir em outros lugares; poderia ter investido em upa's; boa obra, mas existem prioridades como educação, saúde e transporte; perdeu a identidade; não preservou completamente a história da cidade; bom para quem gosta de festas e lazer, melhor manter a via férrea; coisas melhoram e outras pioram; se tornou privado, útil a prefeitura; precisa melhorar o atendimento; precisa fortalecer as opções de entretenimento e esporte; agregar opções para transformar em local turístico e gastronômico)
17 - Insegurança	(deveria ter mais segurança, arrastão, frequentado ultimamente por pessoas com pouco caráter - bandidinhos, falta segurança; bom, mas inseguro)
18 - Local com estacionamento	bom por ter estacionamento)
19 - Melhoria da infraestrutura	(melhorou as vias de acesso, espaço para ciclistas/diminuiu acidentes)

20 - Mudança na área/uso/perfil do usuário	(espaço de lazer para jovens, usuários de drogas, antes consumo de drogas, nova função ao espaço, mudou um local abandonado, melhorou a frequência, mudança radical, ocupou terrenos baldios que acumulavam lixo, diminuiu o vandalismo, inibe usos inadequados, marginalização, melhorou a segurança, melhorou o ambiente, melhorou a violência, mudança boa, minimizou o perigo no espaço)
21 - Positiva para a cidade	(importante para o desenvolvimento da cidade, precisava a cidade, grande investimento para cidade, algo diferente para a cidade, trouxe mais vida para a cidade, melhorou o aspecto da cidade, bom para a cidade, bom para a cidade ter um espaço bonito, turismo e desenvolvimento da cidade, nova estrutura para a cidade, espaços culturais bons para a cidade)
22 - Positiva para a população	(melhorou para os usuários)
23 - Referência ao turismo	(atrativo turístico, atrai muitas pessoas, área cultural e turística concentrada, ambiente para visitar, mais opções para a cidade e visitantes, turismo e desenvolvimento da cidade, incentiva o turismo, atrai turistas, cartão postal da cidade, visibilidade para o turismo, incentiva o turismo local)
24 - Sensação de bem-estar	(muito gostoso, limpo e asfaltado, árvores, tranquilidade)
25 - Trânsito	(melhorou o trânsito, melhorou o trânsito com a via de mão dupla, melhorou o acesso para os bairros da zona sul)
26 - Aspecto financeiro	(acessível a todas as classes)
27 - Estigma	praça é espaço de aglomeração de vagabundo
28 - Fluxo de pessoas	(aumentou o fluxo de pessoas, frequenta muita gente, ambiente bem frequentado pela sociedade)
PENSA QUE FOI BOM PARA A CIDADE? POR QUÊ?	
SIM	
1 - Aspecto simbólico/cultural	(mostra a história da cidade, trouxe referência a cidade)
2 - Emprego e renda	(ofereceu emprego e renda para a população, aumento dos empregos)
3 - Fluxo de pessoas	
4 - Positiva para a cidade	(mudou a cara do local que era abandonado, deu vida a cidade, revitalização da área central da cidade)
5 - Referência ao lazer	(lazer da população, trouxe mais lazer para a cidade)
6 - Referência ao turismo	(melhorou o turismo, atraiu turistas, turismo na cidade)
NÃO	
1 – Estigma	Praça é espaço de aglomeração de vagabundo

Fonte: Dados da pesquisa (Jun./2013).

Sistematização das categorias das respostas qualitativas referentes à opinião dos respondentes em relação aos locais que não frequentam na cidade e o motivo.

Categorias/códigos	Agrupamento por semelhança
LOCAL QUE A FAMÍLIA NÃO FREQUENTA? POR QUÊ?	
1 - Não há	
2 - Bairros	(Nova Betânia, Santa Delmira)
3 - Bares	(bar todas as caras, bar das almas, Junior's bar) (agitação, insegurança)
4 - Beco das frutas	(perigoso)
5 - Beira do rio	(perigoso)
6 - Cidade como um todo	(insegurança, até na calçada de casa tem medo, todos os locais)
7 - Centro	(muito carro, abafado)
8 - Clubes	(perigosos)
9 - Espaços elitizados	(shopping, praça da convivência, bares elitizados) (condição financeira, por não sentir-se bem - preconceito de alguns, distância, pessoas "bestas")
10 - Estação da artes	(aglomeração de pessoas nas festas, perigoso, medo, violência, falta de segurança no trajeto)
11 - Favelas	(Favela do Fio, Tranquilim, ouro negro) (medo da violência)
12 - Hospitais	(Hospital Regional Tarcísio Maia) - (atendimento)
13 - Igrejas	(evangélicas; igreja do bairro) – (pessoas olham quem está bem vestido)
14 - Locais alimentação abertos	(lanchonetes, barracas)
15 - Locais periféricos	(bairros perigosos, Malvinas, Abolição IV, Aeroporto, Carnaubal, Redenção, Paredões, Barrocas, Santo Antônio, Santa Helena, Macarrão, Belo Horizonte, Alto da Pelonha) (medo da violência, perigoso)
16 - Mercado público	(falta de estrutura)
17 - Museu	(violência)
18 - Penitenciárias	
19 - Posto de saúde	(atendimento precário)
20 - Praça do Skate	(drogas)
21 - Praças dos bairros	(violência, assaltos, falta de segurança, drogas, local violento, abandonadas)
22 - Restaurantes	(laçador - lotado; trattoria centro - inseguro)
23 - Festas	(medo)
24 - Vias públicas	(sem espaço para pedestre)
25 - Vuco-vuco	(objetos comercializados de origem duvidosa)
26- Vizinhança	(casa do vizinho)

Org.: Michele de Sousa. Fonte: Dados da pesquisa (Jun./2013).

Sistematização das categorias das respostas qualitativas referentes à opinião dos respondentes sobre o que gostam e o que não gostam em Mossoró.

Categorias/códigos		Agrupamento por semelhança
O QUE O(A) SENHOR(A) GOSTA EM MOSSORÓ?		
1.	Não sabe/Não respondeu	
2.	Abastecimento de água	
3.	Acessibilidade/Mobilidade	(locais são próximos, facilidade de deslocamentos, sem longos trânsitos, não exige grandes deslocamentos, fácil acesso trabalho e escola, deslocamentos próximos, pequenos deslocamentos, tudo perto)
4.	Acomodação/Localismo	(acostumou porque sempre viveu no local, familiaridade, nasceu e se criou, porque é a minha cidade, gosta da cidade dela)
5.	Aspectos naturais	(boa temperatura; céu; não tem vulcão, terremoto, enchente; água quente, calor, rio melancia-pesca)
6.	Atendimento da saúde	(médicos particulares)
7.	Bairro/Rua de moradia	
8.	Bairros da cidade	(Baixinha, Belo Horizonte, Boa Vista)
9.	Bares	
10.	Centro	
11.	Cidade boa para morar	(ótima para se viver, qualidade de vida, custo de vida baixo, tem de tudo, muita coisa bonita; se comparado a outras cidades limpa, tranquila e organizada; proporciona possibilidade de renda para viver; cidade pequena tem tudo que tem uma cidade maior/interior possui tudo de uma capital; praticidade)
12.	Cidade como um todo/tudo	(tudo um pouco, cidade em si)
13.	Cidade pólo	(centro econômico - atrai dinheiro)
14.	Consumo	(comércio maior, preços acessíveis em grande parte dos estabelecimentos, variedade do comércio)
15.	Cultura/Espaços culturais	(valorização da cultura, atrativos culturais, museus, teatro, aspecto cultural da cidade)
16.	Desenvolvimento	(cidade desenvolvida)
17.	Empregos	(facilidade de empregos, oferta de trabalho, oportunidade de emprego)
18.	Espaços do Corredor Cultural	(Praça da Convivência - Praça de alimentação, Teatro, Praça de Eventos, Estação das Artes, Praça dos Esportes)
19.	Espaços de lazer/Alimentação	(locais de alimentação, restaurantes, tenda, shopping, cinemas, Aspetro, Sesc, parque de vaquejada, bares)
20.	Esporte	(academia, futebol, academia de jiu jitsu)
21.	Eventos	(calendário da cidade, festas, Festa do bode, Festa de Santa Luzia, Oratório de Santa Luzia, Chuva de Balas no País de Mossoró, Festa da Igreja São João Batista)
22.	História	(História da cidade e raízes do local, História da resistência ao bando de Lampião)
23.	Hospitalidade do povo	(pessoas acolhedoras, povo alegre, receptividade das pessoas)
24.	Igrejas/Religiosidade	(Igreja São João Batista, Catedral, Templo Sede Assembleia de Deus, visitar igrejas, Igreja Santo Antônio, Missa Catedral, Novenas de Santa Luzia)
25.	Liberdade	
26.	Limpeza	(governantes que tem cuidado com a limpeza, limpa)
27.	Localização da cidade	(entre duas capitais, proximidade de duas capitais,

	proximidade às praias)
28. Mossoró Cidade Junina	(Festa Junina, São João)
29. Nada	
30. Opções de lazer	(incremento de opções de lazer, passear, estabelecimentos de lazer, diversidade de coisas para fazer, participação da população nos eventos, passear pela cidade)
31. Oportunidade de estudo	(Acesso à educação)
32. Possibilidade de empreender	
33. Praças	(Praça Vigário Joaquim)
34. Relações pessoais	(família, familiares, amigos, trabalho, conhece muitas pessoas, companheirismo e amizade, pessoas e vizinhos, familiaridade das pessoas, facilidade de acesso às pessoas, passar fim de semana na casa de amigos)
35. Residência	
36. Segurança/Tranquilidade	(não tão violenta como uma cidade maior, calma, pacata, tranquila, poder sentar na calçada, bairro tranquilo, gosta de andar despreocupada, mais calma comparada a outras cidades, conserva característica de interior)
37. Serviços	
38. Turismo	(pontos turísticos, hotéis)
39. Universidades	
40. Shopping	
O QUE NÃO GOSTA EM MOSSORÓ?	
1. Não sabe/Não respondeu	
2. Aspectos naturais	(água quente, clima, quente, temperatura, falta de arborização)
3. Atendimento	(atendimento ao público, atendimento dos órgãos públicos e privados)
4. Ausência de conselho comunitário	
5. Bares	(bar das almas)
6. Comércio desleal	
7. Comportamento das pessoas	(hábitos interioranos, falta de educação (lixo, poluição), má educação das pessoas, cidade atrasada, cultura atrasada, não se interessa pelo trabalho, bairrismo, falta de visão de longo prazo)
8. Custo de vida/Preços	(aumento do custo das casas, preços das coisas)
9. Desemprego	(falta de emprego)
10. Divisão de classes sociais	
11. Espaços do Corredor Cultural	(Estação das Artes, Praça da Convivência)
12. Estacionamento	(estacionamento precário)
13. Falta de água	
14. Falta de arborização	
15. Festas	(Mossoró Cidade Junina, festas juninas)
16. Filas	(filas - pagar contas)
17. Insegurança/Violência	(bairros violentos, falta de segurança, criminalidade, malandragem, assaltos, não poder andar livremente, mudar de casa por medo, marginalidade, mortalidade de jovens, sair e não saber se vai voltar, drogas, bandidagem, falta de policiamento nos bairros)
18. Mosquitos	

19. Nada	
20. Não tem carnaval	(carnaval)
21. Estádio Manoel Leornado Nogueira - Nogueirão	
22. Opções de lazer	(poucas opções para crianças, falta de opções de lazer)
23. Opções de produtos e serviços	(dificuldade para encontrar produtos e serviços)
24. Penitenciária	(presídio federal)
25. Política/políticos	(políticos, corrupção, desunião política - queda da cidade, tirania de uma família, ausência de organização política, privilégios para certas famílias, descaso das autoridades, falta de compromisso do poder público, pensamento pequeno classe política, falta de assistência do governo, locais esquecidos, governantes)
26. Rio Mossoró poluído	(cheiro do rio)
27. Serviços públicos precários	(serviço público, falta de infraestrutura, iluminação deficiente, educação, saúde, saneamento, pavimentação, limpeza pública, rodoviária longe e com pouca estrutura, ônibus escolar)
28. Shopping	
29. Trânsito/Engenharia de trânsito	(falta de respeito no trânsito)
30. Transporte público	(falta de mobilidade urbana, deslocamentos difíceis, ônibus, passagem de ônibus cara)
31. Vias	
32. Ir ao centro	
33. Alguns bairros	
34. Tudo	

Org.: Michele de Sousa. Fonte: Dados da pesquisa (Jun./2013).